

Escândalo em Gibraltar

Christina Laffeaty

NOVA CULTURAL

Título original: *Illicit obsession*

Copyright: Christina Laffeaty

Publicado originalmente em 1987 pela Worldwide Romance, Toronto, Canadá

Tradução: Vera M. D. Renoldi

Copyright para a língua portuguesa: 1989

Editora Nova Cultural LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar

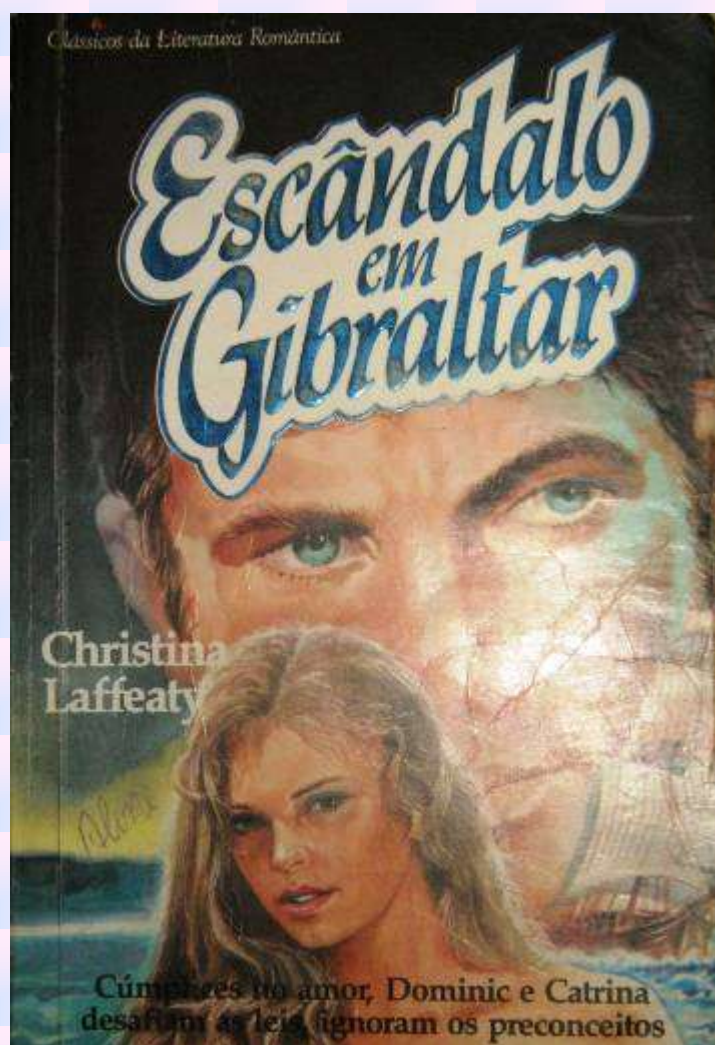
Cep 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.



Digitalização: Aline Patti & Palas Atenéia

Revisão: Aline Patti



**Cúmplices no amor, Dominic e Catrina
desafiam as leis e ignoram os preconceitos**

Agarrando-se com desespero a uma esperança, Catrina refugia-se nas rochas de Gibraltar. Sem poder dispor de sua fortuna nem viver abertamente com o homem que ama, ela se propõe a resistir contra tudo, contra todos! É renegada pela sociedade e pela Igreja, que vê na sua paixão proibida por Dominic, seu cunhado, uma afronta imperdoável. Querem castigar a jovem disposta a manchar a própria honra, cuja alma rebelde desconhece as fronteiras da lei, respeita apenas os impulsos do coração. Dominic tenta evitar que um escândalo a destrua, porém... como proteger sua amada se ela não deseja segurança, apenas o amor a qualquer preço?

CAPÍTULO I

A última manhã a bordo não se apagaria por muito tempo da mente de Catrina e, todas as vezes que relembrava os detalhes do final da viagem, revivia a mesma sensação de surpresa e incredulidade. Parecia-lhe impossível que nenhum acontecimento insólito ou pressentimento vago perturbasse aquelas horas de expectativa, alertando-a sobre as armadilhas cruéis que o destino já havia colocado em seu caminho.

Um raro momento de calma ocorrera ao despertar, quando se sentira inesperadamente bem disposta. Durante a noite o navio penetrara as águas protegidas do Mar Mediterrâneo e agora deslizava suavemente em direção ao porto de chegada. Como por encanto, as náuseas violentas que a haviam perturbado desde a partida tinham desaparecido. O enjôo incontável provocado pelo costumeiro mau tempo do Canal da Mancha e da baía de Biscaia, uma prova de fogo até para experientes marujos, dera lugar a uma aliviante sensação de bem-estar. Nem mesmo os habituais e repugnantes cheiros típicos de um navio como o Oriole causavam-lhe agora nada além de irritação.

Infelizmente, ao levantar-se, Catrina percebeu que o milagre não fora completo. Estava fraca e precisava lutar contra a tontura para continuar em pé. No entanto, não ignorava que iria necessitar de todas as suas reservas de energia a fim de preparar-se para o desembarque bastante próximo.

Cambaleante, ela conseguiu chegar até a cômoda e a imagem refletida no espelho a desanimou profundamente. A cabeleira cor de cobre, uma moldura ideal para sua pele alva, só intensificava a palidez do rosto mais magro acentuando as olheiras fundas sob os olhos de um verde intenso. Havia feito essa viagem imaginando provocar admiração e Inveja com sua aparência atraente. Agora sentia vontade de chorar ao ver a figura patética que desembarcaria em Gibraltar! Sua fraqueza era tanta que não conseguiria sequer pentear-se e muito menos vasculhar os baús à procura de um traje adequado, quanto mais vesti-lo sem ajuda de ninguém. Se não tivesse sido tão teimosa e aceitado a sugestão do Sr. Stanmore que insistira na necessidade de uma criada para acompanhá-la, não estaria nessa situação!

Mas Catrina tinha motivos bastante fortes para não aceitar os conselhos do advogado. Depois de anos servindo como criada de Lady Prudence, ela desenvolvera uma profunda revolta contra qualquer tipo de servidão e jamais aceitaria que alguém ficasse à sua disposição para satisfazer caprichos. Além disso, era forte, saudável e capaz de cuidar de si. Como iria supor que as náuseas a transformariam numa criatura dependente e sem energia?

Parecia-lhe uma injustiça ter sido uma das poucas a sentir aquele enjôo debilitante quando a maioria dos passageiros continuava bem disposta apesar das ondas violentas que agitavam o navio. Uma dessas bem-aventuradas criaturas, invulneráveis a tudo, era Violet, a garota que conhecera enquanto ambas contemplavam o porto de Denver perder-se a distância.

Bem... não voltarei a ver a Inglaterra tão cedo — murmurou a jovem que se colocara ao lado de Catrina na amurada.

— Está indo para Gibraltar a fim de casar-se com um soldado?

— Deus do céu! — Violet deu uma gargalhada sonora. — Sou uma atriz... canto para as tropas estacionadas lá. E você? Vai se “amarrar”?

— “Amarrar”? Oh... casar-me? Não, não é esse o motivo de minha viagem, pretendo visitar meus pais e uma irmã casada que moram lá há anos. Meu pai é oficial do exército inglês e...

Catrina não pôde continuar, pois um enjôo incontrollável a fez perder a respiração.

— Céus moça! Você ficou branca! Deixe-me ajudá-la a ir até seu camarote!

E aquele cubículo abafado e pouco confortável se tornou uma cela da qual Catrina não pôde se libertar durante toda a viagem. Se não fosse a dedicação daquela desconhecida sempre alegre e disposta a ajudá-la, Catrina teria enlouquecido. Três vezes por dia, Violet chegava trazendo a bandeja das refeições, obrigando-a a alimentar-se e animando-a com seu inalterável bom humor.

A jovem de expressão maliciosa e riso fácil mantivera as faces coradas e os olhos brilhantes desde o primeiro dia em que haviam se encontrado nas costas da Inglaterra até agora, quando entrava no camarote de Catrina trazendo a última refeição a ser tomada a bordo.

Como sempre, colocou a bandeja sobre a mesa e virou-se para Catrina com um sorriso irradiante.

— Então? Está perfeitamente curada, querida? Vejo que já se levantou sozinha e...

— ...e fiquei sentada pensando em você, Violet! Como pôde manter essa aparência saudável enquanto eu queria morrer por causa do balanço do navio?

— Não sou uma marinheira de primeira viagem, querida... Eis a única diferença! Se soubesse quantas vezes já fiz esse percurso entre a Inglaterra e Gibraltar! Bem, nada disso é importante agora! Você precisa se alimentar, ou não terá forças para desembarcar, certo?

Automaticamente, Catrina começou a tomar o leite, habituada com a voz autoritária de Violet que a obrigara a dominar as náuseas e comer a fim de não ficar em jejum absoluto!

— Se eu fosse você, querida — continuou Violet, sentando-se ao lado de Catrina —, iria dar uma volta pelo convés para tomar um pouco de ar. O mar parece um lago, e se continuar dentro do camarote é capaz de sentir-se muito mal quando sair. Se desmaiar, vai matar seus pais de susto!

— Eles não estarão à minha espera. — Catrina não pretendia explicar a ignorância da família a respeito de sua chegada nem a fria indiferença sobre seu bem-estar. — Você tem razão, Violet... pode ir comigo?

A hesitação da jovem foi breve, mas suficiente para que Catrina percebesse seu egoísmo.

— Desculpe-me... não tenho direito de ocupar todo o seu tempo com minhas exigências irracionais, Violet. Você deve estar fazendo suas malas e eu posso muito bem ir sozinha até o convés.

— Não é esse o problema, querida. Os “emproados” do navio vão torcer o nariz quando virem uma dama, como você, em companhia de alguém cuja profissão não é bem aceita e...

— Não fale mais nada! — interrompeu Catrina, com energia. — Você permaneceu ao meu lado cada minuto desta maldita viagem, trocando minhas

roupas, alimentando-me e me dando forças para resistir. Forçou-me a fazer exercícios para evitar que eu afundasse na mais completa depressão e...

— Isso não faz a menor diferença, querida.

— Está sugerindo que o fato de ser uma atriz anula toda a sua dedicação? Pois ouça bem: se não fosse você, eu provavelmente teria morrido de fraqueza e não me importo a mínima com a opinião alheia. Vou ficar ao seu lado até desembarcarmos, e quem quiser fazer críticas maldosas... que fique à vontade!

— Agradeço o seu apoio, querida, mas... eu dourei a pílula, sabe? Não sou uma atriz, apenas canto e danço para as tropas.

— Ora! Eu nunca imaginei que seu repertório incluísse Shakespeare — brincou Catrina. — Posso imaginá-la contagiando os soldados com sua alegria através de canções. E nada disso muda o fato de que me orgulho em ser sua amiga.

Disfarçando a emoção causada pelo elogio de Catrina, Violet foi buscar água quente, necessária para que a jovem, ainda fraca demais, pudesse se lavar sem ter de ir ao banheiro do corredor

Sozinha no camarote, Catrina abriu o diário que comprara antes de deixar a Inglaterra. Tinha se proposto a manter um relato detalhado de seus dias de viagem, mas o enjôo a impossibilitara sequer de segurar a caneta.

"Logo desembarcarei em Gibraltar, após uma viagem terrível e que espero nunca mais repetir. Terei a coragem de enfrenta minha família com a cabeça erguida e sem remorsos tolos? Ah Lady Prudence! A senhoria iria se virar no túmulo se pudesse ver como a sua criada para todo serviço se transformou após a sua morte! Não se deve falar nem pensar mal dos mortos, eu sei... mas sempre desejei ir contra essas convenções rígidas, e agora posso fazê-lo. Devia agradecer-lhe por ter-me aberto as portas de um futuro maravilhoso, porém, como isso aconteceu independentemente de sua vontade, não me sinto obrigada sequer a lembrar-me de minha benfeitora... involuntária!"

O retorno de Violet forçou Catrina a enfrentar os problemas relativos ao desembarque, entre os quais o mais importante era escolher um vestido especial para causar uma boa impressão]

— Não sei ainda o que vou vestir — lamentou-se ela, guardando o diário.

— Bem, sorte de quem pode escolher... como você! — exclamou Violet, sem esconder a inveja. — Precisei abrir suas malas para procurar uma camisola e vi os vestidos maravilhosos que você trouxe!

— Pois não me serviram para nada! Fiquei de cama a viagem inteira! Quer que eu a ajude a escolher? — perguntou Violet com um entusiasmo quase infantil. — Há tantos e tão lindos... que tal o cor-de-rosa?

A jovem tirou da mala um vestido de seda macia e, colocando-o à sua frente, aproximou-se do espelho.

— Este é o mais bonito!

— Talvez seja, mas já decidi usar o verde — Catrina acrescentou impulsivamente. — Quero que você use esse vestido, Violet. Cor-de-rosa fica melhor em morenas do que em ruivas.

Catrina quase se arrependeu daquela atitude irrefletida ao perceber a emoção da jovem cujos olhos se encheram de lágrimas. Temendo que Violet recusasse o presente, apressou-se em lhe fazer um pedido,

— Vamos fazer uma troca! Você fica com o vestido, mas me ajuda a não parecer tão pálida e com ar de doente! Olhei-me no espelho e quase desmaiei

de susto. Vai ser preciso um milagre...

— Que tolice, querida! Pensa que o meu corado é um dom da natureza? — gargalhou Violet. — Espere até eu trazer a “minha caixa de mágicas”!

Uma hora mais tarde, ao se fitar novamente no espelho, Catrina foi obrigada a admitir que Violet conseguira realmente um milagre!

As olheiras profundas haviam desaparecido sob uma fina camada de pó-de-arroz e o rouge devolvia o corado suave que desaparecera das faces de Catrina durante a viagem. Para disfarçar o rosto mais magro, Violet prendeu a cabeleira ruiva em um coque elaborado, deixando apenas algumas mechas displicentemente soltas, caindo sobre os ombros.

Também a conselho de Violet, Catrina dispensou o espartilho, Recuperando a aparência voluptuosa e saudável.

O vestido verde-esmeralda fora feito por uma renomada modista de Londres, que copiava as últimas criações da alta-costura francesa. Várias camadas de gaze diáfana se superpunham, sugerindo leveza, acentuada pela ausência de crinolinas volumosas. Deus do céu! — exclamou Violet, fascinada. — Você vai matar as mulheres de inveja com esse vestido! E garanto que regera milhares de pedidos de casamento! Aliás, não entendo como uma garota tão linda ainda na está noiva! Deve ter deixado corações despedaçados na Inglaterra, aposto!

Mais uma vez, Catrina evitou explicar sua verdadeira situação aquela jovem curiosa. Violet jamais acreditaria que ela nunca fora apresentada a ninguém a não ser como criada de Lady Prudence.

— Bem... vou ajudá-la a ir até o convés e a deixarei apreciá-lo à vista enquanto vou até o camarote fechar as minhas malas

Catrina apoiou-se no braço firme de Violet, lutando contra a tontura. Com passos hesitantes, chegou até a amurada, certa de que não conseguiria se manter em pé por muito tempo.

— Respire fundo, querida! — insistiu Violet, solícita. — O ar fresco lhe fará bem e logo se sentirá mais forte.

Agarrando-se à murada, Catrina deu um sorriso fraco para a amiga que se afastava apressadamente. Sentir-se bem era uma questão de disciplina e ela não se deixaria vencer pela fraqueza. Nunca mais seria olhada com comiseração, recusava-se a ser considerada uma criatura dependente e digna de dó!

Desde que planejava aquela viagem, Catrina sonhava com o momento do desembarque em Gibraltar. Queria exibir a imagem de uma jovem sofisticada, com o desembaraço natural de quem ; está acostumado a viajar pelo mundo sem se preocupar com nada. Seria preciso um esforço quase sobre-humano para dar a todos a impressão de bem-estar e descontração, mas evitaria qualquer custo olhares de piedade. Desejava ser admirada. As malas, novas e luxuosas, estavam abarrotadas de presentes para a família. Nas melhores lojas de Londres escolhera o que havia de mais requintado e caro em toda a Inglaterra, mas na fora amor filial que a levava a comprar frutas cristalizadas, chocolates suíços, perfumes franceses e latas de chá da mais alta Qualidade.

Com o coração cheio de ódio, Catrina entregaria à mãe a caixa de marfim onde repousavam, sob cetim branco, os apetrechos de costura em ouro e madrepérola. Ela aguardava ansiosamente o momento de ver a expressão contrafeita de Millicent ao receber o suntuoso corte de seda lavrada e o olhar

embaraçado pai ao ser presenteado com um raro conhaque francês!

Que prazer Catrina sentia só em imaginar a cena! Como seria doce a vingança!

Por anos a fio os pais haviam ignorado sistematicamente as suas súplicas, recusando-se a acolhê-la no aconchego familiar onde sua irmã vivia cercada de amor. Suas queixas sobre a vida de trabalho e miséria ao lado de Lady Prudence, que a tratava como a mais desprezível das criadas, eram consideradas um exagero fruto de um egoísmo imaturo.

Pois agora ela iria impor sua presença, forçaria a família a recebê-la! Mesmo sabendo não ser querida, enfrentaria todos, desafiando-os com presentes luxuosos.

Nada porém conseguiria diminuir a distância entre Catrina e a irmã. Aquela jovem desconhecida que a tratara com carinho durante a viagem se tornara muito mais próxima e querida do que Millicent jamais seria!

Recordar a infância só lhe trazia sofrimento. Com a percepção intuitiva das crianças, ela sentira muito cedo que a irmã caçula era a filha predileta. Millicent jamais perdia a chance de demonstrar o quanto era amada, ao passo que Catrina representava apenas uma lembrança incômoda na vida dos pais. As raras visitas durante as férias do pai significavam o cumprimento de um dever familiar desagradável mas obrigatório.

Talvez a ofensa mais grave tivesse sido ao convite para comparecer ao casamento de Millicent com o capitão Dominic Ross. Seus pais não ignoravam que ela não tinha um centavo sequer e Lady Prudence jamais lhe ofereceria os meios necessários para essa viagem excessivamente cara!

A chegada providencial de Violet, já com o vestido novo, impediu Catrina de ficar ainda mais deprimida. Precisava esquecer-se das amarguras do passado e recuperar a autoconfiança, ou não teria coragem de enfrentar a família.

— Fale-me sobre Gibraltar, Violet...

— Bem, a classe alta é formada pelos oficiais e suas esposas. São convidados para as recepções na mansão do governador e se esmeram ao recebê-lo em suas casas imponentes no alto da colina. Eu e as outras garotas... moramos perto do quartel...

— Que garotas?

— As... bem... as participantes do grupo que se apresenta para distrair as tropas. Nós nos revezamos para tirar férias e estou retornando de uma longa visita aos meus pais. Não é mesmo uma coincidência? Você está indo visitar os seus pais e eu voltando...

— É verdade! Temos quase a mesma idade e...

— e a semelhança acaba! A senhorita é uma dama e eu olhe, srta. Beaumont...

— Já lhe disse para não me tratar com tanta formalidade Violet!

— Mas não posso chamá-la de Catrina. Não seria certo!

— Pois não me importo com isso! O que ia me dizer quando a interrompi?

— Nada de importante. Logo os seus pais a apresentarão a todas as pessoas do seu nível e... você será um sucesso! Sem dúvida eles a deixaram em Londres para debutar como as outras jovens e ser apresentada à rainha, não é?

— Está completamente enganada, minha cara! Eles me entregaram nas

mãos de uma madrinha pouco amorosa quando eu era bem pequena. Cresci numa enorme casa no luxuoso bairro de Belgravia, mas não era um verdadeiro lar. Ali tudo cheirava a mofo e decadência, e fui hostilizada por Lady Prudence, que me obrigou a servir-lhe de criada. Meus pais jamais se preocuparam em verificar se minha vida era confortável ou uma espécie de escravidão.

— Deus do céu! — Violet não escondia o seu espanto. — Pensei que fosse uma dessas jovens mimadas, cheias de vestidos luxuosos, sempre indo a festas!

— Poderia ter sido assim, mas eu só soube disso recentemente. Lady Prudence enganou todo o mundo, acredita? Ela vivia como se estivessemos à beira da miséria, poupando cada centavo e economizando até fósforos! Após sua morte descobriu-se que era uma velha milionária e eu a sua única herdeira.

— Céus! A sua história mais parece um conto de fadas. Agora você está indo ao encontro de seus pais para cobri-los de presentes, não é? Eu vi os pacotes em suas malas...

— Mais uma vez você se engana, Violet. Amor não se compra e, há muito tempo, descobri que eles sempre amaram apenas Millicent. Deixaram-me na Inglaterra sem remorsos enquanto eu a mantida no aconchego familiar. Eu vim visitá-los, mas não para pedir-lhes amor. Quero que sintam inveja da minha situação.

Agora sou muito rica, vou deixar Millicent com tanto ciúme de mim quanto eu sempre tive dela!

Perturbada com a intensidade da emoção demonstrada por Catrina, Violet procurou distraí-la, apontando o porto já bem próximo.

Navios e barcos de todos os tipos se abrigavam naquela baía serena, sob a sombra imponente do rochedo de Gibraltar. A parede imensa de rocha escarpada parecia desafiar todos que quisessem ocupá-la.

Então Catrina viu os canhões no alto da plataforma de pedra e compreendeu por que os ingleses consideravam Gibraltar uma fortaleza inexpugnável.

O vilarejo, à sombra do rochedo, mais parecia um presépio onde centenas de pessoas de todos os tipos se aglomeravam a beira do cais.

— O movimento do porto é sempre tão intenso? — perguntou Catrina, surpresa com a agitação. — Ou será que a chegada de um navio da Inglaterra é um acontecimento único?

— Oh, não! Deve haver um grande número de navios que irá zarpar hoje. Percebe como o cais está cheio de malas? Sempre há uma multidão chegando e partindo deste porto. Portugal, Gênova e Marrocos são bastante próximos e a população da cidade é formada por indivíduos de várias nacionalidades, mas, mesmo assim, o movimento me parece um tanto excessivo! — Violet franziu a testa, preocupada, e logo procurou mudar de assunto. — Seus pais estarão à sua espera?

— Não... eu não quis obrigá-los a perder seu precioso tempo para me receber.

— Bem... eu tenho uma das garotas à minha espera no cais e tão logo a encontre ajudarei você a alugar uma carriola.

O que é isso?

— Violet? — perguntou Catrina à amiga que já voltara ajudá-la. — Quem é

aquele homem?

— Deve ser um dos oficiais, querida — respondeu a jovem sem muito interesse. — Preciso encontrar uma condução para você. Espere mais um pouco, está bem?

Enquanto Violet se afastava, o desconhecido foi se aproximando e Catrina ouviu a voz grave e sensual com que ele se despedia da jovem morena.

— Acho melhor você embarcar logo, amor. Suas malas já foram levadas para o camarote e...

O movimento da multidão, que tentava chegar até o navio, arrastou Catrina para longe de suas bagagens e, sem que ela percebesse, foi levada de encontro ao desconhecido atraente. Braços fortes a seguraram, impedindo-a de cair, e a mantiveram segura por mais tempo do que seria necessário.

— Obrigada por ter evitado uma queda desastrosa — murmurou Catrina, tentando livrar-se daquele contato perturbador.

A risada maliciosa do desconhecido e seu olhar insolente chocaram Catrina, que se esforçou ainda mais para afastar-se dele.

— Ora! Já está de volta para ajudar sua amiga, Violet? Perguntou ele à jovem que se aproximava. — Infelizmente vocês duas estão em má situação! A casa próxima ao quartel foi fechada por ordem do governador e as garotas todas já embarcaram. Vocês perderam a viagem e vai ser difícil encontrar um único lugar nos últimos navios que ainda estão aqui! Não receberam notícias?

— Deus do céu! Que notícias, capitão?

— A Espanha declarou guerra à Inglaterra e a França se uniu aos espanhóis. Eles querem Gibraltar!

Completamente perturbada pelo contato das mãos que continuavam sobre seus braços, Catrina mal ouvia a conversa entre o desconhecido e Violet. Só voltou à realidade quando percebeu, pelo tom quase histérico da amiga, que algo muito grave acontecera.

— Ai! Eu preciso ir embora desse lugar! Não pretendo levar um tiro à toa e... será que ainda vou conseguir uma passagem?

Sem lembrar-se de mais nada, Violet correu novamente para o meio da multidão, desesperada para escapar dali. Catrina, porém, estava mais abalada pelo efeito causado pela presença perturbadora daquele homem do que pela iminência de uma guerra.

— Você não me parece tão assustada quanto sua amiga — murmurou ele, curioso. — Por acaso pretende ficar aqui? Se for esse o caso, tenho uma excelente proposta a lhe fazer.

— Como? — Catrina o fitou, confusa. — Não entendo.

— A situação vai se tornar difícil até mesmo para uma garota tão linda como você. A sua amiga já percebeu que não poderá ganhar a vida como costuma fazer e...

— Oh! O senhor está enganado! Eu não sou uma atriz...

— Nem pensei que fosse, minha cara! Aliás, seria tão ridículo como imaginar Violet num palco! Mas, apesar de os homens apreciarem os talentos das... "damas da noite", vai sobrar muito pouco dinheiro para eles quando um quilo de farinha custar o mesmo que ouro puro. Por esse motivo quero lhe fazer a minha proposta... se pretende mesmo ficar em Gibraltar, é claro.

Só então Catrina entendeu o verdadeiro sentido das palavras daquele homem insolente.

— Além de grosseiro, você é mentiroso! — explodiu ela. — Violet não é esse tipo de... nem eu sou uma... O meu pai é o coronel...

— Que piada! — gargalhou o capitão. — Bem, você tem um estilo diferente, minha cara! Vai se fingir de filha de um oficial que foi deserdada pelo pai?

— Não seja idiota! Eu sou realmente filha de um coronel e pretendo queixar-me de sua insolência e...

— Vocês têm mesmo uma imaginação fértil! — zombou ele, divertindo-se com a situação. — A filha de um coronel! Pintada e penteada como uma prostituta, com um decote que deixa os seios à mostra e se jogando nos braços do primeiro homem que vê? Além disso... sua dama de companhia é a garota mais conhecida do bordel deste porto. Deixe de bancar a importante, mulher!

Enfurecida, Catrina deu-lhe um pontapé, mas o desconhecido, prevendo sua reação, soltou-a subitamente, afastando-se com rapidez.

— Se você for mesmo a filha de um coronel, nós nos encontraremos em algum salão requintado! Mas... se a verdade for como penso ser... eu a verei na minha cama tão logo seu dinheiro se acabe!

Imóvel, Catrina o viu desaparecer entre a multidão, agora ainda mais frenética por se aproximar dos navios ainda ancorados. Uma fúria incontável se mesclava a sensações desconhecidas e assustadoramente perturbadoras. Ela jamais se sentira tão atraída por homem algum nem odiara tanto uma criatura a quem sequer conhecia!

Incapaz de analisar suas emoções, Catrina forçou-se a recuperar o senso prático e procurar Violet. Mais tarde pensaria em como se vingar daquela humilhação!

CAPÍTULO II

O choque de saber a verdadeira profissão de Violet tinha de ser superado. Aquela jovem fora uma amiga leal durante a viagem e sua bondade merecia ser paga na mesma moeda: ela ia precisar de auxílio e Catrina não se recusaria a ajudá-la!

Antes porém de começar a procurá-la, Violet chegou, em lágrimas, ao lugar onde haviam se separado.

— Estou perdida! — Soluçou a jovem, desesperada. — O preço de uma passagem de volta para a Inglaterra aumentou, custa três vezes mais agora! O que vou fazer?

— Violet... é mesmo verdade que você... bem, não é uma atriz como disse?

— Sinto muito, querida... essa é a dura realidade. Eu e minhas companheiras de trabalho escondemos a sordidez de nossa profissão dizendo que somos atrizes. Soa mais respeitável, não acha? Só menti porque não quis ser desprezada por você, como costuma acontecer com todas as pessoas logo que sabem qual é o meu trabalho.

— Não há nada que possa destruir a sua amizade e dedicação. — Catrina retirou um saquinho de veludo da bolsa e contou várias moedas de ouro. — Será que isto é suficiente para pagar a sua passagem?

— Oh! Querida.... — as lágrimas corriam livremente pelo rosto de Violet. — Eu jamais esquecerei sua bondade...

— Nem eu deixarei de lembrar como você cuidou de mim! Mas, por favor, corra, ou não encontrará mais lugar no navio!

Sem tempo para despedidas, Violet abandonou Catrina no cais, solitária e exausta. Se não fosse a chegada de um homem moreno e atarracado, ela sequer encontraria uma condução que a levasse à casa dos pais.

O cocheiro tomou todas as providências, reunindo a bagagem da jovem e colocando as malas sobre a rústica charrete puxada por um burrico. Loquaz, ele logo contou que nascera em Gênova e estava indeciso se devia voltar com a família para sua cidade

A senhora não precisa se preocupar, pois é inglesa. O Exército logo enviará as famílias dos oficiais com toda a segurança para a Inglaterra em seus navios de guerra.

Catrina se empolgou com a possibilidade de receber a mãe e Millicent na mansão que herdara de Lady Prudence. Elas iriam; corroer-se de inveja ao ver como a menina rejeitada transformara aquela casa lúgubre e decadente em um ambiente de luxo e requinte! Mais uma vez seria a vingança que a levaria a ser hospitaleira, e não o amor filial!

No entanto, não pretendia partir de Gibraltar antes de encontrar novamente aquele oficial de olhos que brilhavam como prata polida. Depois de uma descrição detalhada o pai sem dúvida o reconheceria e o apresentaria à filha. Ah! Então ele seria obrigado a tratá-la como uma dama, rebaixando-se diante de sua altivez!

Mas, quando a charrete avançou, entrando através de um arco no centro do vilarejo, Catrina esqueceu-se de tudo o mais, fascinada com o cenário exótico. Construções tipicamente inglesas se misturavam a casas em estilo

mourisco e severas fachadas de influência espanhola.

Logo a estrada estreita se tornou íngreme e, à medida que subiam a montanha logo abaixo da rocha nua, casas maiores e luxuosas foram surgindo, rodeadas de jardins onde se viam estátuas e fontes. Uma delas, muito imponente, pertencia a seus pais!

Trêmula e com o coração batendo forte, Catrina criou coragem para bater à porta. Sentia-se como se voltasse a ser a criança carente e rejeitada!

Uma criada morena e de expressão sombria a atendeu, pedindo— lhe que esperasse no vestíbulo enquanto avisava a dona da casa. Para aliviar a tensão crescente, Catrina forçou-se a observar a decoração estranha daquele enorme aposento. O chão de ladrilhos e os arcos que se abriam para diversas salas eram nitidamente orientais, mas os móveis, pesados e severos, só podiam ter vindo da Inglaterra.

O coração de Catrina se apertou ao perceber-se uma estranha naquela casa. Os móveis tinham um toque característico e por certo haviam acompanhado a família nas diversas mudanças ao redor do mundo. No entanto, jamais vira nenhum deles.

Finalmente, a criada retornou e conduziu-a através de inúmeros aposentos até uma sala cujas portas se abriam para um pequeno pátio. O chão também era recoberto por ladrilhos portugueses e colunas de mármore esculpido suportavam os arcos mouriscos, embora a mobília fosse tipicamente inglesa.

E, em uma das confortáveis e deselegantes poltronas, estava sentada uma jovem que fitava Catrina com perplexidade.

A surpresa foi mútua. A irmã caçula não passava de uma criatura de ar etéreo, cabelos dourados e faces rosadas, de quem Catrina tanto sentira ciúmes durante a infância e a adolescência. Os lábios bem desenhados pareciam ter-se tornado mais finos, com um rictus amargo, e os olhos brilhantes não refletiam a costumeira vivacidade. Até o cabelo, sempre bem cuidado, fora preso displicentemente num coque malfeito.

Millicent estava grávida e vestida de preto. Sua expressão distante e indiferente demonstrava que não reconhecia a moça bem vestida que viera até sua casa.

— A senhorita deve ter sido enganada pelo cocheiro — murmurou Millicent, sem levantar-se da cadeira. — Há um tenente Beaumont que pertence à Marinha Real, mas seu endereço é outro. Não ser reconhecida pela irmã teria causado uma intensa satisfação em Catrina, quando planejava sua chegada triunfal ao lar. Mas, diante daquela criatura descuidada e indiferente, não se sentia triunfante nem regozijava-se com a eficácia de sua vingança. Agora, uma tristeza profunda a envolvia, apesar de seus propósitos.

Fora tola demais ao imaginar que Millicent saberia estar diante de sua irmã mais velha. As duas não se viam há mais de seis anos, quando Catrina tinha dezesseis e usava os vestidos ordinários e gastos que Lady Prudence só substituíra por outros quando já não havia mais condições de remendá-los.

— Sou Catrina... sua irmã, Millicent.

— Mas... é claro... — balbuciou a jovem, agora irritada. — O que veio fazer aqui?

— Lady Prudence morreu e, para a surpresa de todos, até do seu advogado, deixou uma herança fabulosa. O sr. Stanmore não sabia que ela

possuía tantos bens e só tomou conhecimento da extensão de sua fortuna após a morte dela.

— E você veio até aqui só para me contar essas besteiras, Catrina?

— Não, eu... bem, apesar do modo com que ela sempre tratou, deixou tudo para mim.

Novamente Catrina se surpreendeu ao sentir-se despojada da sensação de vitória, vendo a inveja estampada no rosto amargo da irmã.

— Pois veio ao lugar errado para esbanjar a sua fortuna, minha cara! Realmente não entendo por que escolheu este fim de mundo para desfilar como herdeira milionária.

— Então é porque não quer entender, Millicent. Tão logo tive condições financeiras para pagar esta viagem, quis vir ao encontro de meus pais. É compreensível, não?

— Infelizmente, chegou tarde demais! — Uma expressão de tristeza suplantou a indiferença da fisionomia de Millicent. — papai morreu há dois meses... teve um enfarte. A pobrezinha da minha mãe não resistiu à dor e se juntou a ele três semanas depois. Chocada, Catrina apoiou-se sobre o espaldar de uma poltrona para vencer a tontura.

— Mas... por que não me avisou? Por que não me escreveu?: — Tenho estado muito mal de saúde — a voz de Millicent tornou aguda e queixosa. — Essa maldita gravidez! Se os homens! soubessem o que as mulheres sofrem...

— Mas... ao menos uma carta!

— Eu ia escrever-lhe... um dia qualquer. — O desafio era nítido na postura da irmã mais jovem. — Não havia a menor urgência porque você nunca teria chegado a tempo.

Catrina abaixou a cabeça para evitar que a irmã percebesse sua frustração. Sabia que Millicent não pensara em avisá-la da morte dos pais e nunca o teria feito. Essa indiferença era mais uma prova de que jamais pertencera ao círculo afetivo da família que sempre a excluía de seu convívio.

Lembrou-se das malas cheias de presentes, dádivas nascidas do ódio e através das quais pensara em humilhar aqueles que a haviam apagado de suas vidas. Violet fora perspicaz, logo compreendera o motivo de sua viagem. Viera a Gibraltar para comprar o que jamais lhe fora dado: o amor dos pais e da irmã! E chegara tarde demais... os pais não receberiam seus presentes e um corte de seda jamais apagaria a hostilidade intensa, evidente nos olhos frios de Millicent.

Se você me indicar uma hospedaria decente na cidade, eu a pouparei de minha presença, Millicent.

— Ora! Pode ficar aqui, se quiser. Só a avisei que se pretende usar vestidos luxuosos e jóias, este não é o local propício. Em primeiro lugar, estamos de luto. Além disso, minha gravidez está sendo terrivelmente penosa e por isso não recebo ninguém nem vou a festas!

— Se realmente não a incomodar com a minha presença, gostaria de ficar. Pelo menos até conseguir uma passagem de volta à Inglaterra. Segundo o cocheiro que me trouxe, os espanhóis vão bloquear a baía e nenhum navio poderá sair.

— Por enquanto, estão apenas nos assustando com seus navios poderosos, mas Dominic, o meu marido, acha que logo iniciarão as hostilidades.

— Você não quer voltar comigo? Poderia levar sua filha para Londres e...

— Nunca! — exclamou Millicent, revoltada com a sugestão. — Já me sinto com vontade de morrer em terra firme... em um barco, eu morreria de enjôo. Além disso, posso até perder o bebê durante as tempestades desse percurso pavoroso.

Sem dar oportunidade a Catrina de insistir, Millicent tocou uma sineta chamando a criada e deu-lhe ordens para levar a visitante até o quarto de hóspedes.

— Você deve estar exausta... e eu também estou. Até mais tarde, Catrina.

Tão logo entrou no aposento ao qual a criada a conduziu, Catrina percebeu que aquele tinha sido o quarto de Millicent quando solteira. O ninho dourado da filha predileta dos pais era, como constatava Catrina, feminino e frívolo.

Sobre a cômoda de madeira clara havia um enorme espelho. Imaginou a jovem Millicent fitando faceira antes de descer para os salões onde dezenas de convidados a aguardavam. Soluços incontroláveis sacudiram Catrina ao pensar em sua juventude amarga e sem nenhum prazer.

Por um longo tempo ela chorou pelos pais que perdera antes de conseguir conquistá-los, pela adolescência feliz que poderia ter sido a sua e por todas as tristezas de um passado ainda muito vivo e doloroso. Finalmente a exaustão venceu a tristeza e ela adormeceu ainda soluçando.

Catrina acordou angustiada, sem saber por quanto tempo dormira nem onde se encontrava ao despertar. Ainda a atormentavam imagens do sonho perturbador em que fora perseguida por um homem insolente, mas inegavelmente sedutor.

Sentando-se na cama, ela olhou à sua volta e reconheceu o quarto de Millicent. Subitamente, conseguiu identificar também o homem que atormentara seu sono: o desconhecido que a ofendera com uma proposta indecorosa! Então, toda a sua situação penosa voltou-lhe à mente. Seus pais estavam mortos e ela era uma hóspede indesejada na casa de uma irmã que nunca a amara.

Suspirando desanimada, Catrina levantou-se da cama e viu que a criada já desfizera suas malas. Era melhor escolher logo um vestido para o jantar, pois a irmã não mencionara a hora da refeição e não queria causar-lhe mais aborrecimento, atrasando-se para descer.

Enquanto lavava o rosto, retirando a pintura, lembrou-se da, amigável Violet. Apesar de ser uma prostituta, aquela jovem tinha sido a única pessoa a tratá-la com carinho. Mas a vida lhe ensinara muito cedo que a autopiedade é um sentimento nefasto e Catrina começou a se preparar, disposta a enfrentar aquela noite com otimismo.

As poucas horas de sono lhe tinham suavizado as olheiras e a palidez. Mesmo assim, ela escolheu um vestido cor de pêssego, que acentuaria o leve rosado de suas faces. Com dois corações de topázio prendeu os cabelos, afastando-os do rosto a fim de disfarçar os malaras mais salientes devido aos quilos que perdera; durante aquela terrível viagem.

Embora não pretendesse mais humilhar sua família com seus trajes luxuosos, Catrina sentiu um prazer intenso ao se ver refletida no espelho. Depois de uma vida de trabalho e miséria, era gratificante usar um belo colar de topázios circundados por brilhantes e vestir um traje da mais fina seda,

feita pela célebre modista que atendia aos caprichos da aristocracia européia!

O som de tambores e cometas tocando uma marcha militar a fez pensar na amiga de viagem. Esperava que os soldados se lembrassem de Violet e suas companheiras de profissão com mais respeito do que aquele abusado desconhecido!

Uma batida à porta interrompeu seus pensamentos, que pareciam voltar sempre àquele momento embaraçoso no cais. Por sorte era a criada, avisando-a que o seu anfitrião a convidava para tomar os aperitivos no salão, evitando assim que continuasse a se torturar.

Agora, pela primeira vez, ela pensava em como seria o marido de Millicent. Durante os preparativos para a viagem nem sequer sonhara em imaginar como seria o cunhado. A irmã devia ter escolhido um homem especial entre seus inúmeros pretendentes. Curiosa, Catrina parou sob o arco que se abria para o salão e observou a cena familiar sem ser notada.

Se Millicent trocara o vestido ou penteara os cabelos, a diferença não era perceptível. Sentada na mesma poltrona em que a vira chegar, ela continuava tão apática e descuidada quanto antes. Essa falta de ânimo diante d chegada do marido em casa levou Catrina a pensar na pouca importância que esse homem devia ter na vida da irmã.

Millicent parecia estar sozinha na sala, mas ao perceber a chegada de Catrina, voltou à cabeça para o ponto mais distante do aposento.

— Dominic? — a voz era fria e sem qualquer sugestão de amabilidade. — Esta é minha irmã, Catrina. Ela chegou hoje da Inglaterra.

Então Catrina o viu. Do fundo da sala surgiu um homem alto e atraente que a fitava com um olhar zombeteiro.

— Nós já nos conhecemos antes — declarou Catrina com voz firme e expressão controlada. Seu coração, porém, batia freneticamente. Estava diante do desconhecido de olhos cinzentos que a ofendera de manhã, tão logo pusera os pés em Gibraltar!

CAPÍTULO III

A surpresa teve um efeito arrasador sobre Catrina. Como vingar-se do homem que a ofendera com insolência se ele era justamente o marido de sua irmã? Como obrigá-lo a se retratar sem destruir um casamento?

A voz de Millicent, inesperadamente alerta, rompeu o silêncio constrangedor em que os dois se avaliavam como inimigos mortais.

— Já se encontraram? Quando? Onde?

— Eu confundi sua irmã com uma pessoa muito parecida com ela, hoje cedo, no porto.

Catrina cerrou os dentes, controlando a raiva. Aquele miserável tinha a ousadia de persistir com sua insolência! O que mais a enfurecia, porém, era a calma inabalável diante de alguém capaz de denunciá-lo! Parecia seguro de que ela não magoaria irmã mencionando a mulher de quem Dominic se despedira ou a proposta que recebera!

Completamente à vontade, ele serviu a esposa e Catrina da bebida que a criada trouxera e só então se dignou a fitar a hóspede inesperada.

A senhorita veio correndo para depositar suas flores no túmulo de seus pais, não é? Não havia como ignorar o sarcasmo daquela voz cortante, e Catrina pretendia explicar que não fora avisada da morte dos pais quando Millicent a fitou desafiadoramente.

Seria uma grande hipocrisia se Catrina desembarcasse usando luto fechado. Afinal ela só viu Papai e mamãe umas duas vezes em vinte anos!

Por algum motivo, Millicent não pretendia revelar ao marido que negligenciara sua obrigação de avisar a irmã sobre a morte dos pais.

Esse assunto porém não interessava a Dominic que logo passou a ignorar Catrina, voltando sua atenção para a esposa.

— Como eu cheguei excepcionalmente cedo hoje, gostaria que você pedisse à babá para trazer Lucy à sala.

— Oh! Não! — Millicent fez um gesto de irritação. — Estou com uma terrível dor de cabeça e o barulho de uma criança só irá piorar o meu estado.

— Estão ficando freqüentes demais... “terríveis” dores de cabeça, não acha? Já que a presença de sua filha a perturba tanto, irei até o quarto dela.

— Por favor! — exclamou Catrina, impulsivamente. — Eu gostaria de conhecer minha sobrinha.

Mal acabou de falar, Catrina enrubesceu pela própria mentira. As cartas da irmã falando sobre o amor das avós pela pequena Lucy sempre lhe despertaram forte ciúme. No entanto, nada seria pior do que ficar a sós com Millicent.

Consciente de que ela percebera a tensão existente entre o casal, Millicent tentaria explicar os motivos de um pequeno desentendimento em seu casamento feliz. Será que conseguiria disfarçar a expressão de incredulidade quando talvez soubesse mais sobre a farsa daquele casamento do que a própria irmã?

— Está bem! — resignou-se Millicent. — Peça à criada para trazer Lucy.

Quando a garotinha de três anos entrou na sala, Catrina reprimiu uma exclamação. Tinha voltado ao passado e diante dela estava Millicent ! As

mesmas faces rosadas, cachos dourados e olhos brilhantes. Podia até ouvir a frase predileta da irmã!

Papai e mamãe só gostam de mim! Eles não gostam nem um pouco de você!

Mas as palavras de Lucy foram outras e não havia maldade naquela voz infantil.

— Então é mesmo minha tia? O que é uma tia? Você é tão rica quanto à rainha da Inglaterra?

Catrina tentou responder às perguntas de Lucy com delicadeza, lutando para esconder a rejeição instintiva que aquela criança inocente lhe provocara. Era injusto sentir raiva da sobrinha só porque ela se parecia tanto com a mãe, mas a semelhança era tão incrível que a emoção crescia e escapava de seu controle. Por sorte, Dominic pegou a filha no colo, salvando-a de uma situação insustentável. O carinho com que tratava a criança fazia um contraste gritante com a indiferença dispensada à esposa. Catrina sentiu ainda mais pena da irmã.

— Se essa moça bonita é irmã de mamãe, porque eu não tenho uma?

— Quem sabe você terá um irmãozinho — brincou Dominic.

— Será que assim você fica mais contente?

— Chega — explodiu Millicent, inexplicavelmente irritada

A garota está ficando excitada demais e não dormirá bem à noite. Leve-a para o quarto, babá.

Apesar de não sentir nenhum amor pela sobrinha, Catrina constrangeu-se. Como Millicent podia rejeitar tão rudemente garotinha? A irmã parecia repetir a detestável atitude dos pais incapazes de amar a primeira filha. Ou talvez sentisse ciúme á evidente afeição do marido por Lucy?

No entanto, ao notar o carinho com que Millicent beijou a menina, Catrina deduziu que a irritação da irmã com certeza resultou do mal-estar causado pela gravidez. Aliás, a aparência descuidada, os cabelos sem brilho e as roupas deselegantes provavelmente eram consequência disso. Algumas mulheres sofriam muito no período da gestação.

O jantar foi servido logo após a saída da menina e um silêncio tenso prolongou-se até o momento em que Millicent se manifestou.

— Catrina quer partir de Gibraltar antes que os espanhóis bloqueiem a baía, Dominic...

— Bastante compreensível — murmurou ele, seco. — Sua irmã não contava com uma guerra para atrapalhar seus planos.

Enrubescendo de raiva, Catrina controlou-se para não dar uma resposta atravessada. Não entendia o que ele queria dizer com “seus planos”, mas reconhecia perfeitamente bem o motivo do ódio de Dominic. Não era o fato de ela ter chegado a Gibraltar na companhia de uma prostituta nem a ausência de luto fechado que o tornavam tão hostil.

Ela sabia demais! Esse era o problema!

— Já que mencionou a guerra... — Catrina dispôs-se a irritá-lo o mais possível —, parece-me que os espanhóis têm grande vantagem no caso de Gibraltar. Como a Inglaterra pode justificar sua presença em pleno território espanhol?

— Os únicos com direitos legais e morais sobre este lugar são os ingleses — respondeu Dominic, fitando-a com desprezo. — Caso não saiba, Gibraltar

nos foi doado em 1713 por Sua Majestade Católica... e para sempre. Agora que nosso poderio militar está enfraquecido, pois lutamos com os americanos, os espanhóis decidiram aproveitar-se da situação. A França, como de hábito, aliou-se a eles, contra a Inglaterra.

— Oh! Deus! — exclamou Millicent, exasperada. — Essa conversa de guerra piorou minha dor de cabeça. Não vou mais poder jantar, mas precisarei de ajuda. Não consigo mais desabotoar o vestido devido ao meu estado...

Catrina ficou à espera da reação de Dominic, que deveria oferecer seus préstimos à esposa. Mas ao perceber que ele continuava servindo-se calmamente da sopa, levantou-se para ajudar a irmã.

Seguindo Millicent pelo corredor, tentou imaginar os motivos que teriam desgastado de tal modo aquele casamento. Inexplicavelmente, pensou nas mãos bronzeadas de Dominic desabotoando o seu vestido e estremeceu, tomada pelo sentimento de culpa. A estranha relutância em entrar no quarto do casal se intensificou ao ver a enorme cama no centro do quarto. No entanto, não havia sinal algum de presença masculina naquele aposento frio. Então, Catrina notou um biombo, atrás do qual se entrevia uma porta.

Pela posição do biombo, era possível deduzir que há muito tempo ninguém passava por ali e as aparências não eram mantidas nem para iludir os criados.

— Tenho muita prática em fazer penteados caprichados. — Catrina procurava um modo de despertar a vaidade da irmã. — Sempre precisei cuidar-me sozinha e aprendi rapidamente a dispensar uma criada de quarto. Se você quiser, posso ajudá-la a se pentear e...

— Você não ficará muito tempo aqui — interrompeu Millicent, áspera. — Além disso, a última das minhas preocupações a esta altura são penteados, elaborados ou não!

A tentativa de iniciar um relacionamento mais amistoso com Millicent fora rudemente rejeitada. Catrina ajudou a irmã a despir-se, com eficiência e rapidez, aflita por sair daquele ambiente opressivo. A opção de voltar ao salão de jantar e terminar a refeição ao lado de Dominic também não a atraía, porém não pretendia passar fome só por causa de seu desagradável anfitrião!

Os criados já haviam servido o segundo prato, retirando-se para a cozinha, e Dominic estava sozinho à mesa. Polidamente, ele ergueu-se e puxou a cadeira para Catrina sentar-se, esbarrando nos ombros descobertos.

Com gestos bruscos, Catrina serviu-se de rosbife, fitando os pratos à sua frente para esconder a perturbação que aquele roçar de dedos provocara nela. Sentia-se furiosa consigo mesma ao constatar o quanto era vulnerável àquele homem. Por que justamente Dominic lhe despertava sensações tão intensas, quando o único sentimento que ele deveria inspirar era o desprezo?

Ao erguer os olhos, sentiu como se tivesse sido fisicamente ferida. Sabia que inspirava em Dominic emoções de natureza muito diversa, que nada se relacionavam com o fato de tê-lo flagrado com a amante. O desprezo profundo estampado naquela fisionomia dura era tão violento que chegava a provocar-lhe arrepio!

— Sabe de uma coisa? — perguntou ele, rompendo abrupta mente o silêncio pesado. — Julguei-a muito mais digna de respeito hoje de manhã quando a tomei por uma prostituta, disposta a ganhar honestamente a vida do único modo ao seu alcance.

— Como? — Catrina deixou cair o garfo sobre o prato, chocada com aquela afirmação insultante. — O que quer dizer com isso?

— Ora! Seja sincera! Você adora chocar a sociedade, desprezando as convenções para chamar atenção, não é verdade? Quem pretendia envergonhar e ofender quando desceu do navio pintada e penteada como uma mulher vulgar e de braços dados com uma prostituta?

Por alguns segundos, Catrina foi incapaz de se recuperar do ataque verbal de inesperada violência. Aquele homem arrogante se dava ao direito de atirar pedras quando ele próprio vivia sob; um telhado de vidro! Ousava apelar para a moral a fim de; condená-la, esquecendo-se de seu comportamento censurável.

— Para começar... — explodiu Catrina, recuperando a voz e disposta a extravasar seu ódio — ...eu não tinha a menor idéia de qual fosse a profissão de Violet! Mas, mesmo que já soubesse, a verdade, não a repudiaria no momento de desembarcar.

— Isso ficou bastante evidente, minha cara cunhada! Afinal, comportou-se como se fossem amigas de infância! No entanto,; se você sabia ou não, é secundário, pois não responde à minha pergunta. A quem queria ferir, comportando-se de um modo tão escandaloso? A memória de seus pais? Millicent?

— A minha irmã não precisa de mim para se sentir humilhada

— Interrompeu Catrina, enfurecida. — Afinal, você aperfeiçoou a arte de feri-la no mais alto grau, concorda?

— Esse assunto não é da sua conta, moça! O meu relacionamento com Millicent não lhe diz respeito. Aliás, você me parece perita em fugir de explicações incômodas, sabia? Responda de uma vez por todas à minha pergunta! Qual o seu verdadeiro objetivo ao vir para Gibraltar? Foi por causa da filha de Lady Prudence? Por acaso está cumprindo algum desejo perverso de uma velha moribunda e irracional?

— O quê? — Catrina estava atônita. — Lady Prudence não tem filhos ou filhas, ela...

— Não me julgue um completo idiota, moça! Está tentando me convencer de que, depois de viver quase vinte anos como a predileta mimada de Lady Prudence, não sabia da existência da filha única de sua madrinha? Alice é...

— Predileta mimada? — explodiu Catrina, ignorando tudo o mais. — De onde tirou essa conclusão absurda e completamente falsa, capitão Ross?

— Mas... é tão óbvio, srta. Beaumont! — O sarcasmo de Dominic se intensificou. — Em primeiro lugar pelo seu comportamento, típico de uma jovem caprichosa, e também pelo fato de ter sido escolhida por Lady Prudence como sua única herdeira. Além disso, seus pais me informaram sobre seu alto nível de vida.

— Não diga! E o que eles lhe disseram sobre a existência de uma filha sobre a qual nada sabiam? Por acaso o informaram por que me abandonaram?

— Não seja melodramática, senhorita! Está desperdiçando o seu talento com alguém cínico como eu! Você não foi abandonada, mas por ser uma criança difícil e intratável não havia condições de mantê-la em casa. As freqüentes mudanças exigidas pela profissão de seu pai — que devia seguir o seu regimento pelos mais diversos pontos da Europa — piorou muito o seu temperamento tempestuoso e eles não puderam mais controlá-la. Sua

madrinha se ofereceu para recebê-la por algum tempo e, quando você ficou mais velha, recusou-se a deixá-la e voltar para o seio da família que a esperava ansiosamente.

Respirando fundo, Catrina lutou para vencer o ódio destrutivo que a invadia. Como os seus pais podiam ter deturpado tanto a verdade? Mas talvez tivesse sido esse o único modo de ocultar sua rejeição! Jamais confessariam ao genro que não sentiam a menor afeição pela filha mais velha e não a queriam por perto.

A filha de Lady Prudence vive aqui em Gibraltar não é? — perguntou Catrina, decidida a tomar uma atitude que esclareceria muitos mistérios.

— Não finja que não sabe! Alice é a esposa do general Ridgeway, meu comandante também de seu finado pai!

— Leve-me até a casa dela!

— De modo algum! — a expressão de Dominic se tornou mais dura. — Não a ajudarei a criar problemas.

— Pois então irei sozinha! — declarou ela, levantando-se. — Não deve ser difícil achar a casa.

Catrina já estava chegando à porta quando Dominic a segurou pelos ombros e virou-a de frente para ele. Apesar das notícias chocantes e inesperadas, ela não conseguia controlar as sensações perturbadoras causadas pelo contato daquelas mãos sua pele.

— Eu a levarei, mas... se disser uma única palavra ofensiva ou se vangloriar de ter roubado a afeição da mãe de Alice Ridgeway, torço o seu pescoço!

Os dois saíram da casa em silêncio, ambos concentrados em seus próprios pensamentos. Catrina não entendia por que Lady Prudence escondera a existência de uma filha e não resistiu à necessidade de justificar-se.

— Se eu era mesmo a “predileta mimada” de minha madrinha, não acha que estaria usando luto por ela?

— Você não é do tipo convencional, já percebi. Gosta de provocar escândalos, e tem inegável talento teatral. Essa história de abandono dos pais é uma amostra evidente de seus dotes de atriz. Infelizmente, há uma falha grave em seu “romance”! Lady Prudence a colocou acima da própria filha, tornando-a sua única herdeira, e, para ocultar esse detalhe incriminador, você jura desconhecer a existência de Alice! Quanto ao luto... sua vaidade é excessiva, srta. Beaumont. Duvido que se resignasse a esconder seu físico exuberante com trajes pretos e recatados!

Desde o início daquela conversa desagradável Catrina ouvira os insultos de Dominic sem reagir, tentando apenas esclarecer sua situação. A raiva porém foi crescendo assustadoramente até chegar a um ponto além do suportável

— Você é um hipócrita desprezível! — gritou ela, descontrolada. — Passou a noite toda me ofendendo com seus comentários insolentes e completamente sem fundamento. Não sabe nada sobre minha vida, não tem idéia do meu lado da questão porque só ouviu a versão de meus pais. No entanto, parece ter-se esquecido de que, minutos após nos encontrarmos, fez-me uma proposta indecorosa e insultante!

— A oferta já foi retirada, minha cara. Mesmo se você não fosse a irmã de minha esposa eu jamais a consideraria como uma possível amante. Sei demais

a seu respeito para aceitá-la!

Aquele último insulto foi à gota d'água. Fora de si Catrina ergueu o braço para agredi-lo com fúria. Mas o luar, muito claro, iluminou os movimentos dela, alertando Dominic, que segurou a mão erguida.

O impulso necessário para dar o golpe jogou-a de encontro ao peito de Dominic que continuou prendendo-a em seus braços. Por um longo tempo, os dois permaneceram imóveis, sem falar e muito próximos.

A irreabilidade do momento foi rompida pela voz sensual de Dominic, agora nem fria nem irônica.

— Estamos quase chegando à casa dos Ridgeway, srta. Beaumont. Por favor, arrume seus cabelos e recomponha-se depressa. Quero perder o menor tempo possível nessa visita que tanto me desagrada.

Trêmula, Catrina o viu se afastar e foi tomada por uma intuição estranha. Parecia-lhe que ele também estava tendo dificuldades em se recompor!

Os últimos metros foram percorridos num silêncio tenso e carregado de maus presságios. Entre eles havia ódio, desprezo e uma total incompreensão, mas... por que os contatos físicos, por mais breves que fossem, faziam Catrina esquecer-se de todos os defeitos daquele homem?

A mansão do general Ridgeway era talvez a mais encantadora de todas as que Catrina já vira até então. O estilo espanhol, gracioso e elaborado, não fora deturpado por um jardim tipicamente inglês, simétrico e bem cuidado. Arbustos floridos e plantas tropicais orlavam a galeria de arcos que dava acesso a um pátio interno, forrado de mosaicos multicoloridos.

Quando o mordomo os levou até o salão onde seriam recebidos pelo general e sua esposa, Catrina notou a sensibilidade artística dos donos daquela residência acolhedora.

Os móveis haviam sido escolhidos para combinar com a arquitetura exótica, da casa e nenhum tapete cobria os magníficos desenhos formados pelos ladrilhos preciosos.

U senhor de cabelos brancos lia um jornal inglês e a mulher, bem mais jovem, estava sentada diante do piano. Apesar de alguns fios brancos na espessa cabeleira presa em um coque gracioso a pele era jovem e bem cuidada. A entrada dos visitantes| os dois se ergueram, recebendo-os com um sorriso que evidenciava um relacionamento íntimo e de amizade entre eles e

Dominic.

Para grande surpresa de Catrina, a sorridente senhora a envolveu num abraço, beijando-a carinhosamente.

— Você não se lembra de mim, não é?

— Não, senhora... realmente...

— Bem, não é de admirar. Na última vez que nos vimos, você era bem pequena.

Perplexa, Catrina examinou aquele rosto que lhe parecia vagamente familiar, embora não se assemelhasse em nada aos traços duros de Lady Prudence. Sem dúvida, a sra. Rídgeway fora bela quando jovem e seria impossível não se recordar de alguém com uma presença tão marcante.

Embora todos sorrissem, era evidente a tensão reinante e foi o general quem quebrou um desconfortável silêncio ao tomar as mãos de Catrina nas suas.

— Céus! Quem poderia imaginar que você se tornaria uma jovem tão

bela!

Catrina mal agradeceu o elogio, disposta a esclarecer o mistério que a perturbava. Aproximando-se de Alice Ridgeway, fitou— a bem nos olhos.

Por favor senhora... É verdade que sua mãe era Lady Prudence Welles?

-Lógico que sim! — Alice parecia perplexa com a pergunta. Mas você já sabia disso há muito tempo, com certeza!

— Infelizmente, não soube de nada. Até hoje, nunca tive a menor noção de sua existência.

— Oh, Deus! — Uma expressão de dor transformou a fisionomia de Alice Ridgeway. Ela... jamais falou sobre mim? Apagou-me completamente de sua vida?

Catrina ouviu uma exclamação de raiva vinda de Dominic. Sem dúvida, achava que ela pretendia magoar aquela amável senhora com mentiras maldosas! Mas desde o início deixara claro que a julgava capaz de qualquer desonestidade para atingir seus objetivos. Melhor não tomar conhecimento das críticas de alguém que a odiava.

— Sinto muito dizer-lhe que sua mãe morreu há alguns meses. Ela não sofreu nada...

— Quando o mordomo anunciou seu nome, eu imaginei que isso tivesse acontecido. Você jamais a deixaria sozinha...

Percebendo a perturbação da esposa, o general mais uma vez tomou as rédeas da situação e convidou-os a se sentarem. A situação se tornava mais tensa e desconfortável a cada minuto, mas Catrina forçou-se a superar o nervosismo e dirigiu-se novamente a sra. Ridgeway.

— Ela me deixou tudo, senhora...

— Por favor... me chame de Alice, sim? Quanto à sua herança, fico feliz por você.

— Mas... sabia que sua mãe era muito rica?

— Creio que ninguém jamais teve noção dos negócios de minha mãe. Seja quanto for, acredito que você mereça cada centavo! Afinal... -

— Pode me responder a uma pergunta? — interrompeu Catrina, abruptamente. — Por que minha mãe me entregou a lady Prudence?

Alice levantou-se do sofá e foi até a janela, evitando olhar para a jovem que a fitava com ansiedade.

— Você sempre foi uma criança difícil e as mudanças constantes, inevitáveis devido à profissão de seu pai, a perturbavam ainda mais. Além disso, a vida de minha mãe ficou muito vazia depois da minha... do meu casamento. Sua mãe, Mary Beaumont,, e eu éramos amigas de infância, por isso Lady Prudence se tornou sua madrinha, Catrina. Naquela época, a solução pareceu satisfatória e...

— Satisfatória? — explodiu Catrina, incapaz de se controlar. — Eu jamais fui consultada e Lady Prudence...

— Chega, srta. Beaumont! — ordenou Dominic, pálido de raiva.

— Não! Não chega! — continuou ela, descontrolada. — Tenho direito de ser ouvida! Não acredito que eu tenha sido uma criança tão problemática como vocês afirmam. Só sei que tive uma infância infeliz sob a autoridade fria de Lady Prudence. Pedi, implorei a meus pais que me recebessem de volta ao achonchego do meu lar!

Cobrindo o rosto, a sra. Ridgeway saiu correndo da sala e Catrina, exausta

após sua explosão de raiva, sentiu remorsos por seu desabafo.

— por favor, desculpe a minha falta de polidez, general. Mas magoei sua esposa, mas não consegui conter uma mágoa que carrego há anos.

— Você não devia ter aberto a boca! — Dominic censurou, furioso. — Nós vamos embora daqui neste minuto, antes que continue a...

— Por favor, Dominic! Ela ficaria ainda mais magoada se vocês nos deixassem agora. Dêem-lhe a chance de se recompor. Na verdade, Alice não se ofendeu com as palavras dessa jovem e sim pelo fato de a mãe jamais ter se reconciliado com ela, de ter esquecido a existência de uma filha...

Se ao menos fosse possível saber qual fora o motivo que separara mãe e filha, Catrina poderia descobrir a razão de seu afastamento do ambiente familiar. No entanto, não tinha esperanças de decifrar um mistério guardado zelosamente pelo general.

— Quanto a você, jovem Catrina — o senhor a fitava com um sorriso afetuoso —, talvez não acredite que tenha sido uma criança difícil, mas... poderá negar o seu temperamento forte? O motivo mais importante, de acordo com a minha opinião, foi a sua segurança financeira. Sua família não ignorava que Lady Prudence tinha condições de lhe dar uma vida confortável e até mesmo luxuosa. Seu pai não tinha um centavo além do seu soldo de oficial e a situação da família nunca foi abastada...

— Pois garanto-lhe que a minha vida foi ainda mais árdua interrompeu Catrina, agora com uma voz desprovida de emoção.

— Lady Prudence acreditava que a rígida economia era um meio eficiente de fortalecer o espírito. Ninguém imaginaria que ela tivesse um centavo guardado, nada além daquela mansão tão decadente para deixar de herança!

— Então ela era avarenta? Bem a maioria dos milionários vive poupando os vinténs! Mas acredite em mim, jovem! Seus pais sabiam o quanto ela era rica.

— Ou pelo menos... você sabia — interferiu Dominic, irônico. Não terá sido esse o motivo para ficar até agora ao lado dela? |

— Só Permaneci porque meus pais não respondiam às minhas cartas, pedindo-lhes que me recebessem em sua casa.

— Talvez eles não quisessem privá-la de uma possível herança — explicou o general. — Se você a abandonasse, Lady Prudence poderia fazer um novo testamento, deixando sua fortuna a alguma instituição de caridade.

Catrina ia descrever a vida miserável que levava quando a sra. Ridgeway retornou à sala.

— Desculpe-nos por tanta mágoa... — murmurou Dominic, segurando-lhe as mãos.

— Não se preocupe comigo, caro amigo. — Alice voltou-se para Catrina com um sorriso contrafeito. — Eu é que devo pedir-lhe desculpas por ter sido tão rude. Posso imaginar como minha mãe se transformou ao envelhecer. Aliás, ela já era bem intolerante na meia-idade...

Incapaz de perturbar ainda mais aquela mulher que ainda sofria com os problemas do passado, Catrina decidiu não descrever as mesquinhas e a maldade de Lady Prudence. No entanto, a existência de uma filha verdadeira a obrigava a tomar uma decisão quanto à herança.

— Eu gostaria de dividir tudo com a senhora. Sua mãe não tinha idéia de quanto dinheiro havia acumulado durante uma vida de economia espartana.

Ela acabou se convencendo de que era realmente; muito pobre!

— Minha querida Catrina... não quero nem preciso dessa herança que lhe pertence de direito! Meu marido não é pobre e não tenho filhos a quem deixar bens materiais. Você merece cada centavo, pois representou o único conforto de minha mãe em sua velhice solitária — a voz de Alice Ridgeway se tornou quase suplicante. — Volte para a Inglaterra e procure ser feliz. Esqueça e perdoe seus pais... eles fizeram o que acreditavam ser o melhor para você.

O significado daquelas palavras era muito claro. Sua presença em Gibraltar se transformara em uma ameaça. Catrina fazia perguntas demais e acusações penosas a todos, representava um transtorno a mais numa época já conturbada, pois a guerra parecia iminente. ..

Dominic também compreendeu a intenção de Alice Ridgeway e apressou-se em tranquilizá-la.

— A srta. Beaumont partirá no primeiro navio.

— Isso talvez demore várias semanas — declarou o general — Todos os barcos partiram hoje e só haverá lugar quando chegarem os primeiros navios de provisões para nos abastecerem durante o cerco.

— Oh! Ela precisa sair daqui! — falou em desespero.

— John! Use sua influência!

Calma querida. Os espanhóis não nos atacarão enquanto não terminarem sua Linea... — Ele voltou-se para Catrina a fim de explicar-lhe a situação. — Os nossos inimigos construíram uma muralha que corta o istmo através do qual temos contatos com o continente. Agora, eles estão colocando canhões e reforçando as torres, mas vai demorar muito tempo até terminarem tudo. Enquanto isso, levaremos a mesma vida de sempre. Aliás, na semana próxima, o governador oferece o seu tradicional baile de gala e você, Dominic, será obrigado a comparecer. Como Millicent tem passado mal... leve sua encantadora cunhada. Ah! mostre a ela todos os pontos pitorescos do nosso mundo restrito, está bem?

As palavras do general indicavam que a visita chegara ao fim. Alice despediu-se de Catrina como se sofresse com a presença dela em Gibraltar, mas esforçou-se por ser gentil, acompanhando-os até a porta.

Dominic e Catrina caminharam um longo tempo em silêncio! Mas quando já estavam bem longe da casa ele finalmente explodiu.

— Você é ainda mais diabólica do que eu supunha! Conquistou a admiração do general, oferecendo-se para dividir sua preciosa herança... mas antes se certificou de que sua oferta não seria aceita ao afirmar que Lady Prudence tinha renegado a filha!

— Existe uma ligação entre a briga das duas e a minha presença naquela casa! — declarou Catrina, ignorando os insultos de Dominic. — Não vou desistir enquanto não descobrir a verdade!

— Então pretende criar mais problemas?

— Se for preciso...

— Eu a impedirei! Não permitirei que lance mão de sua maldade para magoar ninguém! Isso é uma promessa!

— Pois devia preocupar-se mais com os seus problemas, Dominic! Eu posso atrapalhar a sua vida e muito!

Deixe de tolices! Você?

— Parece-me bastante óbvio! E se eu contar a Millicent que o vi se

despedindo de sua amante no cais?

— Vai perder seu tempo. Tenho certeza de que ela sabe de tudo.

— E se atreve a me chamar de diabólica? Você é inescrupuloso, imoral... por acaso sua esposa também sabe que já está à procura de uma substituta?

— Millicent seria muito tola se não desconfiasse.

— Talvez você não sinta remorsos em magoar sua esposa, mas a julgar pelos insultos que dirige a mim, não é indiferente à opinião da sociedade em que vive. Como reagiriam seus colegas oficiais se eu contasse às esposas deles que você me fez proposta para ser... sua amante?

Com um movimento rápido, Dominic voltou-se para Catrina e colocou as mãos em torno do pescoço alvo e esguio. Ela estremeceu, certa de que tinha ido longe demais, mas logo sentiu os dedos tocarem seu queixo e ergueu o rosto para o beijo que parecia inevitável. Jamais fora beijada, mas ansiava pelo momento em que os lábios de Dominic tocariam os seus.

Subitamente, ele a empurrou e desapareceu na escuridão. Sozinha, Catrina entrou na casa silenciosa. As velas de seu quarto estavam acesas e, ao ver-se refletida no espelho, percebeu algo muito vago que tentava vir à tona em sua mente. Ao tentar defini-lo, a sensação desapareceu e foi logo esquecida.

CAPÍTULO IV

O sol forte entrando pelas janelas entreabertas alertou Catrina de que ela dormira demais. Após as emoções intensas da véspera, o seu sono fora agitado por sonhos confusos em que predominava a figura enigmática de Dominic. Procurando não pensar naquele homem exasperante, escolheu o vestido mais sóbrio, um traje em branco e preto, pois pretendia ir ao cemitério colocar flores no túmulo de seus pais.

Na verdade, ter se atrasado talvez fosse uma bênção! Quem sabe o casal já tivesse tomado o seu café da manhã e assim ela ficaria livre de suas presenças desagradáveis.

Infelizmente, ao chegar ao jardim de inverno onde era servida a primeira refeição do dia, Dominic estava à cabeceira da mesa, fatiando um presunto, e Millicent o fitava, apática.

Sua irmã parecia ainda mais descuidada do que no dia anterior. O cabelo não fora escovado e mechas sem brilho escapavam do coque malfeito. O vestido preto, severo e deselegante, não tinha os requintes habituais do guarda-roupa sempre luxuoso de Millicent. Teria ela perdido toda a vaidade? E por quê?

Dominic se dirigia à esposa como se não visse a mulher à sua frente.

— Tente comer ao menos uma fatia, Millicent.

Não posso! Só de olhar esse... pedaço horrível de carne fico enjoada!

— Se você me permite uma sugestão... procure dominar essas náuseas constantes, ou ficará fraca demais. Pense no bebê e se esforce para...

— O bebê! É só isso que importa a você? — O tom de Millicent deixava transparecer uma nota de histeria. — Só peço a Deus que essa criança seja um menino, pois não suportaria passar por esse martírio outra vez!

Preocupada com o rumo tomado pela conversa do casal, Catrina achou melhor revelar sua presença e, tossindo discretamente, aproximou-se da mesa.

— Bom dia: Desculpem-me o atraso, mas o cansaço da viagem foi excessivo e dormi demais.

Sem olhar para Dominic, ela serviu-se apenas de ovos mexidos e torradas. Havia uma infinidade de pratos quentes sobre o aparador, mas o prato de Millicent estava vazio. Por que ela comparecia ao ritual da refeição matinal se não pretendia comer nada? Estaria tentando despertar a compaixão do marido ao demonstrar-lhe o quanto sofria por causa da gravidez? Seria a única maneira que encontrara para atrair a atenção daquele homem intratável? A voz fria e desdenhosa de Dominic rompeu o silêncio, dirigindo-se a Catrina sem erguer os olhos do prato.

— Recebi uma comunicação do general Ridgeway hoje cedo. Ele me dispensou esta manhã para que eu a acompanhe em seu primeiro passeio por Gibraltar e lhe mostre os pontos turísticos, srta. Beaumont.

O tom carregado de desprezo deixou Catrina furiosa.

— Prefiro ir sozinha, capitão Ross. Não julgo necessária a sua companhia. Pretendo ir apenas até o cemitério e...

— O general pode ter-lhe parecido ser um amigo pessoal, senhorita, mas

ele é, antes de tudo, o meu superior. Pediu-me para servir-lhe de cicerone e seus desejos são ordens. Além disso, conhecendo seus modos, prefiro estar a seu lado para evitar mais... situações desagradáveis.

Contendo a raiva Catrina voltou-se para a irmã, que, como sempre, parecia indiferente à discussão acalorada.

— Talvez fosse mais... adequado se você nos acompanhasse, Millicent! Sua presença evitaria comentários.

— Que tolice! Por que iriam comentar se a vissem com Dominic? Não terá problemas com sua reputação se for vista na companhia do seu cunhado.

Lembrando-se das mãos daquele homem sedutor tocando seu rosto, Catrina sentiu o coração disparar. Precisaria de muito controle para não demonstrar o quanto a companhia de Dominic a perturbava!

— Estou pensando na reputação do seu marido, Millicent! — ela replicou irônica, disfarçando a apreensão. — Ele ficou ofendido ao me ver chegar sem estar coberta de negro da cabeça aos pés! Deve estar apavorado só em pensar que alguém me considerar algo além de uma... cunhada!

— Pode ficar tranqüila, srta. Beaumont. Meu comportamento indicará a todos que encontrarmos qual é o nosso relacionamento.

— Por que não diz logo que irá demonstrar o quanto minha presença o desagrada? — Catrina voltou-se para a irmã. — Já deve ter notado que não existe a menor simpatia entre mim e marido, Millicent. Sua companhia seria um alívio para nós dois e um pouco de ar fresco só lhe fará bem.

Antes que a esposa pudesse responder, Dominic levantou-se da mesa.

— Millicent prefere sofrer as torturas da gravidez encerrada entre quatro paredes — falou no tom inexpressivo de sempre quando se dirigia à esposa. — Vamos cumprir logo as ordens do general, srta. Beaumont. Espero-a em meia hora, com uma charrete na porta de casa!

Após a saída de Dominic, Catrina teve vontade de ajudar a irmã, pedindo-lhe que dividisse suas mágoas em relação a um casamento tão claramente infeliz. No entanto, pressentia que seria rejeitada e, além disso, havia algo mais importante a ser esclarecido.

Você. Sabia que a Sra. Ridgewa era filha de Lady Prudence, Millicent?

Lógico! Sempre soube...

E porque jamais mencionou esse fato em nenhuma de suas visitas a Londres? Nem você nem nossos pais disseram nada sobre isso.

— Não falamos? Eu não me lembro... havia tantos assuntos mais importantes que talvez esse detalhe não nos tenha ocorrido.

A lembrança daquelas visitas provocou uma onda de amargura em Catrina.

Os assuntos "importantes" eram as festas magníficas, os vestidos luxuosos e os presentes caros que Millicent recebia dos pais e descrevia minuciosamente com um sorriso triunfante.

— Provavelmente nunca lhe disse nada porque não pensava nela como filha de Lady Prudence e sim como tia Alice, a melhor amiga de mamãe. Mas você tinha de saber disso, Catrina!

— Realmente devia, mas só fui informada sobre esse parentesco ontem à noite. Qual foi o motivo da briga entre mãe e filha?

Ah! Esse assunto jamais foi discutido na minha presença.

— Ao menos, sabe qual o verdadeiro motivo de terem me confiado à tutela de Lady Prudence?

— Mamãe dizia que você era uma criança extremamente difícil. — Millicent repetia a explicação geral com um tom vingativo. — Talvez por isso papai e mamãe não conseguissem amar você...

Por uma fração de segundo a expressão de Millicent voltou a ser a mesma do passado. Triunfo e satisfação se mesclavam ao desdém que sempre demonstrara pela irmã afastada definitivamente do círculo familiar.

Lutando contra o ressentimento, Catrina pediu licença e deixou Millicent sozinha. Precisava recompor-se para enfrentar Dominic, que, sem dúvida, iria tratá-la com o mesmo desprezo que a esposa!

O passeio começou mal. Numa tentativa de estabelecer um diálogo informal, Catrina ofendeu Dominic ao fazer a primeira pergunta.

— Por que não usa peruca ou talco em seus cabelos, capitão Ross?

— Sente-se ofendida com a visão de cabelos em estado natural, senhorita?

— Não seja ridículo!

— Ridículo é seguir essa mania sem sentido! Recuso-me a cobrir os cabelos com farinha de trigo como é costume aqui em Gibraltar. Talvez minha atitude seja incompreensível para alguém capaz de se sacrificar só para estar na moda como você!

— Se pretende transformar uma pergunta inocente em algo ofensivo e reiniciar a discussão... devo lhe dizer que estou horrorizada com as condições de minha irmã. O casamento transformou uma jovem bonita, cuidadosa com sua aparência, em uma mulher desleixada e...

— Cale a boca! — explodiu Dominic, enfurecido. — Não vou discutir meu casamento com você.

— Ah! Não tenho a menor dúvida sobre isso! Você prefere me ofender e condenar, não é? Como pode ser tão hipócrita? Disse-me que Millicent não ignora a existência de outras mulheres e não demonstra um mínimo de preocupação com o mal-estar causado pela gravidez. No entanto, preocupa-se com o fato de que seus amigos saibam de sua proposta indecorosa!

— Ouça bem! Não estou escondendo nada por sua causa! Quero evitar que saibam sobre uma proposta feita à irmã da minha esposa! Agora, fique quieta ou não responderei mais pelos meus atos, entendeu?

Amedrontada, Catrina calou-se. A sua volta começavam a surgir as primeiras casinhas da cidade e ela concentrou-se no cenário exótico.

— Conforme a explicação de Dominic, dada em voz fria, havia uma mescla muito grande de raças no vilarejo ao sopé do Rochedo de Gibraltar: judeus, genoveses, mouros, portugueses e, logicamente, espanhóis e vestimentas típicas.

Havia um grande número de mulheres, com cestas volumosas, transformando as ruas num mercado. Tentavam comprar o máximo possível para reunir um bom suprimento a fim de sobreviverem à ameaça do bloqueio espanhol.

— Todos parecem acreditar num ataque iminente.

— Não há motivo para preocupações, no momento, senhorita. Quando os espanhóis construíram sua Linea, nós aumentamos a quantidade de canhões e cavamos um fosso do nosso lado do istmo. Esse fosso continua sob o mar e

impedirá uma invasão por terra. Os espanhóis só poderão nos desalojar usando seus navios para nos matar de fome.

— Então, se não existe perigo de um ataque por terra, nós estamos a salvo da infantaria?

— “Nós”, senhorita? — zombou ele. — Quando a luta começar já estará na Inglaterra, sã e salva! E, sem dúvida, seduzido os jovens da alta sociedade londrina, que ficarão fascinados com sua beleza e... sua fortuna.

— Então admite que me acha bonita, Dominic? — perguntou Catrina impensadamente, arrependendo-se tão logo falou.

— É melhor discutirmos a guerra iminente, senhorita — ele disse de modo frio e impessoal. — Nosso ponto fraco é o mar...

Catrina forçou-se a prestar atenção nas explicações de Dominic. Precisava abafar por completo a atração que sentia por um homem cujo desprezo era evidente, chegando às raias da crueldade!

Minha primeira impressão foi de que Gibraltar era uma fortaleza inexpugnável.

— Infelizmente há dois grandes obstáculos a isso, senhorita. A água potável é totalmente obtida através de reservatórios que captam a chuva... não existem fontes limpas na rocha Além disso, como predomina o solo pedregoso, só nos resta uma área restrita para agricultura.

— Então dependemos de suprimentos vindos em navios certo?

— Exatamente! Se espanhóis e franceses tiverem sucesso ao bloquear a entrada da baía, estaremos perdidos. Como a nossa força marítima se divide entre a guerra na América e a defesa de Gibraltar, teremos pouco apoio externo e a luta será árdua.

— Não é fantástico! — interrompeu Catrina, impulsivamente. — Percebeu que não discutimos nem nos insultamos mutuamente pelo menos há cinco minutos?

— Verdade? Então devemos nos restringir ao único assunto pacífico entre nós! — zombou Dominic, irônico. — Falemos só sobre guerra!

Naquele momento, a charrete entrava por uma ampla alameda orlada de árvores frondosas por trás das quais se avistava uma torre.

— Estamos entrando nos jardins da igreja de Santa Maria La Coronada — explicou Dominic. — Construída sobre as ruínas de um templo pagão, esta construção foi uma mesquita árabe até que Ferdinando e Isabela, os reis católicos, a transformassem em uma igreja. Todas as árvores, inclusive as da alameda, são muito antigas e já não dão mais frutos, porém deram o nome ao magnífico Pátio das Laranjeiras. Apesar de as tropas britânicas terem se comportado muito mal ao tomar Gibraltar em 1704, um padre corajoso defendeu os tesouros deste local que foi poupado pelos soldados. Gostaria de vê-la por dentro?

— Claro!

Ao entrar, Catrina não conteve a emoção. O interior do recinto era magnífico e ela não pôde furtar-se a imaginar a cena de um casamento a que não assistira. Visualizou os bancos cheios de parentes e amigos, reunidos para assistir à cerimônia que uniria Dominic e Millicent para sempre... Se ao menos tivesse sido ela a garota trêmula a receber como marido aquele homem alto e atraente!

A voz de Dominic, indicando os detalhes mais significativos, obrigou-a a

mudar o rumo de seus pensamentos. Estava se descontrolando demais, permitindo que sua imaginação a levasse a caminhos pecaminosos justamente dentro de uma igreja!

— Gostaria de ir logo ao cemitério. É longe daqui?

Por que prolongar ainda mais aquela tortura? Nem ela nem Dominic, por motivos diferentes, sentiam-se à vontade juntos era melhor encerrar logo aquele passeio formal!

Os dois permaneceram em silêncio durante o percurso até o túmulo dos pais de Catrina. Procurando controlar a perturbação que a proximidade de Dominic lhe causava, ela apressou-se em se afastar. Na sua urgência, pisou numa laje solta.

Os braços musculosos de Dominic impediram sua queda e, novamente, os dois ficaram a se olhar, presos por uma sensação de irrealidade. Foi ele quem se recompôs primeiro, afastando-a como se o mero contato de suas mãos sobre Catrina lhe fizesse mal. — Pode me deixar a sós por alguns minutos, capitão Ross? Sozinha, Catrina ajoelhou-se para rezar pelos pais. Eram duas pessoas cujo amor recíproco se fortalecera e resultará em duas filhas, mas apenas uma fora recebida com carinho. Tinham lhe dado a vida e o Home, jamais uma migalha de atenção! Suspirando, ela retirou as duas rosas de seda que ornavam seu delicado chapéu, colocando-as sobre o túmulo frio.

Lentamente, Catrina voltou até os portões do cemitério, lutando contra as lágrimas. Mas o sorriso sarcástico de Dominic ajudou-a a dominar a emoção.

— Que gesto emocionante, senhorita! Emocionante, mas fútil, não acha? Deve ter centenas de frivolidades para adornar seu chapéu agora despido de enfeites!

Surpresa, Catrina imaginou o motivo daquela nova agressão. Será que Dominic poderia ter imaginado que ela forjara a queda para forçar a proximidade com ele e agora a punia? Entre eles existiam apenas breves momentos de trégua, a guerra nunca teria fim, concluiu desanimada.

Durante o resto da manhã, enquanto Dominic a levava aos locais mais importantes da cidade, ambos se limitaram a falar sobre a iminência de um bloqueio. Como entre a Inglaterra e seus inimigos, a paz entre eles era falsa e mantida durante breves intervalos apenas por conveniência.

Os dois estavam admirando o ponto mais alto do rochedo quando um jovem oficial aproximou-se deles. O rapaz fitava Catrina com uma admiração evidente e uma insistência quase grosseira. Mas foi a Dominic que ele se dirigiu. — Você é mesmo malandro, Ross! E também muito rápido, concorda? Foi o primeiro a ver a nova companheira de Violet e já a tomou para si, liquidando as nossas chances'

— Retire o que disse! — explodiu Dominic, enfurecido — E peça desculpas!

— Como? Ora meu amigo... deixe de bancar o idiota. Não pretendo voltar atrás e...

— Então escolha as armas e o local para o duelo, Price!

— Chega! — interrompeu Catrina, alarmada. — Recuso-me a ser o motivo de uma loucura como essa! Sou Catrina Beaumont irmã da esposa do capitão Ross, e creio que assim se desfaz esse ridículo mal-entendido, não?

Rubro de vergonha, o oficial recuou.

— Peço desculpas a ambos. — Voltou-se para Catrina, com um sorriso contrafeito. — Sou o capitão Henry Price, senhorita.

— Acho melhor explicar-lhe a situação, capitão Price. Fiz uma viagem terrível a bordo do Oríole e, se não fosse a dedicação de Violet, creio que teria morrido de inanição, pois o enjôo me impedia de suportar até o cheiro de comida. — Fitou Dominic, desafiante. — Não sabia qual era a profissão dela, mas ao descobrir não iria maltratar a pessoa que me salvou a vida, desprezando-a diante de todos.

— Compreendo bem, senhorita. Violet tem um coração de ouro. — Olhando para Dominic, o jovem oficial estremeceu e despediu-se rapidamente. — Adeus e... desculpem-me.

Catrina mal ouviu as últimas palavras enquanto era puxada de volta à charrete.

— Sinto muito também... — murmurou ela, timidamente. — Por favor, não vá desafiar mais ninguém para me defender, pois centenas de pessoas me viram desembarcar ao lado de Violet e...

— Não se iluda, senhorita — interrompeu ele, rudemente. — Sua honra não me preocupa nem um pouco, mas se alguém quiser arrastar o seu nome na lama, a reputação de Millicent será atingida. Foi por ela que desafiei o capitão Price... não por você!

— Oh! Mas que código de honra mais estranho! Você negligencia sua esposa, traindo-a com outras mulheres, e pouco se importa com o sofrimento e a infelicidade que ela demonstra tão claramente. No entanto, se alguém faz um comentário que afete a honra de seu nome, é capaz até de matar! Não posso esquecer de contar sua atitude heróica a Millicent. Tenho certeza de que ficará comovida e grata!

— Já lhe disse mais de uma vez, moça! — Dominic segurou! lhe o braço com violência. — Não se meta neste assunto. Meu relacionamento com minha esposa não é da sua conta!

— Está bem! Mas... fique sabendo que jamais conheci uma pessoa tão desprezível quanto você!

— Pois o sentimento é recíproco, cara senhorita! — Soltando o braço de Catrina, Dominic afastou-se em direção da charrete. — Não agüento servir-lhe de guia nem mais um minuto. Vamos voltar para casa, está na hora do almoço...

CAPÍTULO V

Dando tempo para a raiva de Dominic diminuir, Catrina esperou que chegassem à estradinha de terra para tentar, ainda mais uma vez, convencê-lo de sua sinceridade.

— Talvez você não queira acreditar em mim, mas juro-lhe que disse a verdade ao capitão Price sobre meu relacionamento com Violet. Minha chegada a Gibraltar não foi um ato deliberadamente planejado para escandalizar a sociedade, como me acusa.

— O enjôo não pode tê-la privado de todo o bom senso. Deve ter imaginado que chamaria a atenção de todos usando um vestido tão decotado, maquiando o rosto e penteando os cabelos como quem vai a um baile. Como não pensou que provocaria comentários maliciosos, apresentando-se assim, logo após a morte de seus pais?

Catrina não pretendia criar mais um problema para Millicent. Se revelasse a verdade, iria desviar a cólera de Dominic para a esposa. Não, decidiu, não acusaria a irmã para se defender.

— Como meus pais jamais se importaram comigo em vida, também não serão afetados pelo meu comportamento após a morte. A atitude deles com relação a mim sempre foi de completa indiferença.

— Que teimosia! Você continua insistindo nessa história absurda?

— Não, eu acabo de desistir, capitão Ross — Catrina declarou com frieza.

— Pouco me importa no que acredite ou não!

Os dois chegaram em casa sem trocar mais nenhuma palavra e, ao entrar, a criada os informou de que Millicent estava no salão com uma visita, a sra. Dinah Forest. Imediatamente, Catrina correu para o quarto a fim de se trocar antes de ir juntar-se à irmã.

Ao deparar com Millicent, sentada na habitual poltrona, Catrina suspirou desanimada. A presença de uma convidada para o almoço não incentivara a moça a se arrumar nem a alterar sua expressão de indiferença. Foi Dominic quem se encarregou de apresentar a Cunhada à visitante.

Dinah Fores era uma criatura encantadora, de olhos azuis e cabelos muito loiros que caíam em cachos displicentes sobre os ombros descobertos. Aparentando menos de vinte anos, a jovem trajava-se com a liberdade permitida a uma mulher mais velha usando um vestido bastante decotado que evidenciava a cintura fina.

— Seja bem-vinda a Gibraltar, srta. Beaumont. Tenho certeza de que sua visita irá alegrar nossa pobre Millie!

Surpresa, Catrina fitou a jovem cuja voz melodiosa soava falsa a seus ouvidos. Seria Dinah maliciosa ou simplesmente tola? Qualquer um perceberia que sua chegada não alterara a apatia da irmã!

— É um prazer conhecê-la, sra. Forest. — Catrina forçou um sorriso polido. — Seu marido também é um oficial sob o comando do general Ridgeway?

— Ah! Infelizmente, meu marido morreu — murmurou Dinah, baixando o olhar.

— A sra. Forest casou-se por procuração com um oficial da Marinha —

explicou Dominic. — Ela estava a caminho de Gibraltar quando uma tempestade destruiu o navio de seu marido.

— Que tragédia...

— A vida tem de continuar, srta. Beaumont! — comentou a jovem viúva com uma expressão resignada. — Consegui finalmente superar a dor dessa perda com a ajuda de inúmeros amigos, entre eles John e Alice. Aliás, John Ridgeway é meu primo, e, apesar do parentesco distante, é a única família que tenho!

Catrina não sabia como continuar aquela conversa, mas Dinah não parecia esperar por um comentário. Sua atenção concentrou-se em Dominic, com quem retomou a conversa que fora interrompida, sem se preocupar com a hóspede do casal.

— Eu sei que não é prudente dançar mais de uma vez com o mesmo cavalheiro, mas não o encorajei, juro! Apesar de minha indiferença, ele não me deixa em paz. Imagine, tem me enviado bilhetes de amor dos mais ridículos. Precisa falar com ele, Dominic!

Está bem. Vou salvá-la mais uma vez das confusões que você mesma cria!

A expressão de ingênua ofendida parecia sincera, mas Catrina pressentiu que o comportamento juvenil e inocente escondia um temperamento voluntarioso. Podia estar enganada, mas tinha quase certeza de que a moça pretendia conquistar Dominic!

— Por falar em danças... você será meu par no baile de gala do governador, não é?

O tom de Dinah era deliberadamente casual, mas Catrina não teve dúvidas de que esse evento social fora o único motivo daquela visita. Então, justificando sua atitude como um ato de proteção à irmã, ela interferiu na conversa.

— Oh, meu Deus! Temo ter estragado os planos de vocês todos com minha chegada! Se eu soubesse... não teria deixado que o general exigisse a minha presença no baile... ao lado de meu cunhado!

A expressão de Dominic não se alterou diante da ousadia de Catrina.

— Você nem sentirá minha falta, Dinah. Escolha um dos seus inúmeros admiradores.

Catrina não se iludiu com a aparente indiferença da bela viúva ao receber aquela notícia. O interesse de Dinah por Dominic era indisfarçável, assim como sua estratégia de colocar-se ao lado da esposa pouco atraente para evidenciar os próprios encantos.

Furiosa, Catrina decidiu falar com a irmã naquela mesma tarde. Iria instá-la a reagir contra a apatia destrutiva, demonstrando que não reconquistaria o marido provocando nele sentimentos de culpa. Millicent não podia continuar a se apresentar como uma mulher apagada e doentia, não apenas por causa da atraente rival, mas por ela mesma.

No entanto, era impossível negar que sua raiva não se fundava apenas na vontade de defender Millicent. Por algum motivo que se recusava a analisar, enfurecia-se ao pensar em um romance entre Dinah e Dominic.

— Não sabia que o general tinha uma prima tão jovem — comentou Catrina, esforçando-se por estabelecer uma conversa polida.

— Oh! Na verdade, somos primos distantes. Aliás, John ficou fascinado

com você, srta. Beaumont! Se não fosse evidente o amor entre ele e a esposa, seria até o caso de Alice ficar com ciúmes. Ele sempre teve uma predileção por ruivas! — A risada de Dinah era melodiosa e quase infantil. — Duvido que se lembre de suas lições de história... há séculos as egípcias usam hena para criar esse tom de cobre nos cabelos! Nós aprendemos muitos artifícios estudando civilizações antigas, não é?

As duas jovens se entreolharam sorrindo, mas seus olhares não escondiam a hostilidade.

Durante o almoço, a habitual relutância de Millicent em se alimentar provocou a insistência de Dominic, mas desta vez Dinah não permitiu que a cena penosa se prolongasse. Ela aproveitou, a situação para chamar as atenções sobre si.

— Sempre me compararam com um passarinho ao notarem que como tão pouco. Dizem que sou frágil

— O problema de Millicent é outro, sra. Forest — interferiu Catrina. — Ela precisa se alimentar.

Chega! — explodiu Millicent, levantando-se da mesa. — Basta o cheiro da comida para me enjoar. Por favor, desculpeme Dinah... Vou para meu quarto.

— Oh! Não se preocupe comigo, querida. Preciso mesmo voltar para casa logo depois do almoço e pedirei a seu marido que me acompanhe. Detesto ir sozinha.

Após o término da refeição os dois saíram e Catrina correu para o quarto da irmã. Estava decidida a ter uma conversa séria com Millicent e, como não ouviu resposta ao seu chamado, entrou no quarto. Não havia ninguém à vis e ela foi até a porta que se escondia atrás do biombo, quando viu a gaveta da cômoda entreaberta. Ali, entre lenços de linho bordados, havia uma caixa de chocolates além de biscoitos e frutas secas!

Perturbada com a descoberta involuntária da dissimulação de Millicent, Catrina saiu apressada do quarto, mas no corredor, uma outra surpresa a esperava.

Decidida a fazer uma visita à sobrinha, ela dirigiu-se até o quarto de Lucy, porém uma risada alegre e familiar a fez parar. Mãe e filha riam e brincavam com uma espontaneidade que jamais presenciara. A infeliz e apática Millicent só refreava seu amor maternal diante de Dominic!

Voltando para o seu quarto, Catrina fitou por um longo tempo o diário que continuava a ser seu único confidente.

-Minha irmã detesta, de modo quase irracional, o fato de estar grávida. Será que Dominic começou a traí-la com outras mulheres durante a gravidez de Lucy? Se foi assim, ela deve estar se vingando dessas humilhações, rejeitando a filha quando o marido está presente!

-Sinto pena da pobre garotinha! Num momento a mãe a cobre de afeição e no outro a repudia friamente!

Fechando o diário com um suspiro de desânimo, Catrina admitiu que não poderia fugir de uma conversa terrivelmente penosa com a irmã. Havia muitas vidas envolvidas naquela farsa!

Infelizmente, não surgiu nenhum momento propício nos dias que se seguiram para essa conversa íntima com a irmã. Não só a atitude hostil de Millicent impedia qualquer aproximação, como as atividades programadas pelo general a forçavam a sair constantemente de casa.

Dominic não se arriscou mais a ficar sozinho com a cunhada. Um soldado do regimento dele passou a acompanhá-los, guiando a charrete que os levava a conhecer os recantos mais distantes da imensa fortaleza de rocha.

Um dos locais que mais impressionou Catrina foi o portão de pedra, situado na parte mais estreita do istmo, o único ponto de ligação entre Gibraltar e o continente. Uma muralha guarnecida por canhões defendia a entada da cidade, além do fosso profundo que impedia a passagem de exércitos também pelo mar.

Após alguns dias de conversa sobre a guerra iminente, Catrina começou a ficar deprimida. Sem poder confiar seus temores a ninguém, só lhe restou o consolo de desabafar escrevendo.

"Eu nunca deveria ter vindo para cá! Se ao menos chegasse um navio para me salvar dessa situação terrível! Surpreendo-me, constantemente, a observar o rosto de Dominic, admirando seus cílios longos e muito negros, a boca sensual, e então sinto remorsos e ódio de mim mesma. Quando penso em Millicent, desejo sumir da face da Terra.

"Na noite de minha chegada, jurei a ele que faria o impossível para descobrir o motivo do meu abandono nas mãos de Lady Prudence. Agora percebo como fui precipitada! Ainda acredito que a briga entre mãe e filha esteja ligada à atitude de meus pais, pois a sra. Ridgeway não esconde seu desconforto ao me ver.

"No entanto, a colocação de Dominic à minha disposição como guia, aparentemente determinada pela evidente afeição do general Ridgeway por mim, não passa de um pretexto. Ele quer ocupar o meu tempo a fim de que eu não incomode sua esposa com perguntas desagradáveis.

Catrina parou de escrever ao ouvir a sineta anunciando o jantar e, mais uma vez, presenciou a farsa penosa de Millicent recusando-se a comer. Era difícil conter a piedade da irmã diante dessa batalha fútil e infrutífera.

— Você está se punindo de propósito! — explodiu finalmente Dominic, ao ver a esposa levantar-se da mesa. — Mas... essa autopunição prejudica o nosso filho, pense nisso! Quanto a mim, nada me atinge mais!

— Não entendo! — Millicent enrubesceu. — Eu não estou fazendo nada de errado, só me sinto mal... muito mal!

Catrina ergueu-se de um salto ao ver a irmã oscilar como se fosse cair, mas um brado de Dominic a impediu de segui-la.

Deixe-a em Paz. — Pôs-se à frente de Catrina bloqueando-lhe a passagem. — Millicent ficaria furiosa se você descobre o seu segredo... ela se alimenta às escondidas, no quarto.

— Então... você também sabia?

— É lógico que sim! Pensa que sou bobo! Como ignorar essa farsa ridícula se a vida de meu filho está em jogo?

Você é o homem mais Cruel...mais insensível... — gaguejou Catrina, enraivecida. — Não percebe que ela procura atrair sua atenção e não comer é o único modo de conseguir isso?

Para surpresa de Catrina, ele soltou uma gargalhada amarga.

— Ah! Eis a srta. Beaumont, a maior perita em problemas conjugais do Reino Unido! Você deve ter resolvido crises terríveis em sua vida de luxo e conforto! Fico contente...

A criada entrou na sala, interrompendo a discussão que se tornava mais e

mais acalorada. Olhando o cartão sobre a salva de Prata, Dominic franziu a testa.

O general Ridgeway e a esposa vieram nos visitar. Querem falar com você.

Ansiosa, Catrina seguiu-o até a sala de visitas e mal conteve sua impaciência até que todos se cumprimentassem para finalmente poderem iniciar a conversa tão esperada.

— Vim contar-lhes a verdade, antes que ouça uma versão deturpada dos fatos, Catrina. Eu mesma vou revelar a ligação entre a minha briga com mamãe e o motivo pelo qual os seus pais a deixaram nas mãos dela. Há uma ligação e você já deve ter suspeitado disso, não?

CAPÍTULO VI

Catrina observou o casal sentado no sofá da sala. Havia uma certa semelhança nos dois, talvez adquirida através dos anos de vida em comum. No entanto, algo na fisionomia ainda bela de Alice a forçava a se lembrar de um detalhe perdido nas brumas de sua mente.

— Soube que você tentou falar sobre os anos vividos ao lado de Lady Prudence, srta. Beaumont, mas o meu marido não quis me repetir essa conversa, por isso...

— Só tentei poupá-la, querida...

Alice fitou o marido com ternura e depois voltou-se novamente para Catrina.

— Tem certeza de que é realmente necessário? — o general tentou evitar a situação embaraçosa. — A sua mãe estava muita velha e tudo pertence a um passado que já não deve mais magoar ninguém.

— Por favor, quero saber tudo... eu insisto!

Sem outra saída, Catrina tentou afastar a amargura que as recordações lhe causavam, não querendo deixar transparecer na voz ou na expressão o quanto sofrera ao lado de Lady Prudence.

— Desde que cheguei fui entregue aos cuidados dos criados. No início tive uma babá e quando cheguei à idade escolar Lady Prudence contratou uma professora para me ensinar... Eu não a via quase nunca e, nas raras ocasiões em que ela vinha verificar minhas atividades, era nítida a aversão em seu olhar. Até os quinze anos tive dezenas de governantas. Elas não permaneciam muito tempo pois Lady Prudence forçava-as a esperarem durante meses a fio até pagar-lhes o salário, e quando conseguiam receber iam embora procurar outra casa onde recebessem um tratamento melhor. Com o tempo, ela passou a não substituir mais os criados que nos deixavam.

— Oh, Deus! — murmurou Alice. — Pobre criança...

— Claro que o serviço se acumulava e os que permaneciam não recebiam nenhum aumento de salário, pois Lady Prudence nunca tinha dinheiro. Finalmente, só três ficaram conosco para cuidar daquela imensa casa. Eram pessoas que reconheciam sua impossibilidade de conseguir trabalho em outro lugar e por isso aceitavam o salário baixo e o excesso de serviço. A cozinheira vivia bebendo, todo o seu salário era gasto em gim barato. Havia um velho trôpego cuja função incluía cuidar do jardim e cortar lenha e a terceira era uma jovem surda. Aos poucos, tudo foi se deteriorando... mas ninguém nos visitava por notar a decadência! Se Lady Prudence tinha parentes ou amigos, jamais os vi.

— Todos ficaram do meu lado quando nós duas brigamos — explodiu Alice. — Isso só tornou minha mãe ainda mais amarga!

— Passei a cuidar dela dia e noite. Se lhe faltava sono, eu devia ler até a madrugada. Lavei e costurei minhas roupas e as dela para evitar que as criadas as destruíssem. Assim mesmo, quando uma das peças se desfazia, Lady Prudence me culpava. Não me lembro de que ela tenha comprado um único vestido desde minha chegada até o dia de sua morte.

— E para você? — Alice quis saber.

— Eu comprava roupas usadas e as reformava. Lady Prudence afirmava que era bobagem cuidar de aparência se ninguém vinha me ver.

— Se tudo isso é verdade — interrompeu Dominic, perplexo —, por que nunca escreveu contando a verdade a seus pais?

— Cansei de enviar-lhes cartas sem nunca receber resposta. Além disso, eles viam pessoalmente a situação quando se dignavam me visitar. Por melhor que eu agisse, Lady Prudence sempre encontrava um motivo para me criticar diante deles.

— Pobre menina! — murmurou o velho Ridgeway enxugando disfarçadamente os olhos.

— O senhor acredita nesta história absurda, general? — perguntou Dominic, incrédulo. — Sem dúvida, a mulher se tornou excêntrica e cheia de manias, mas os outros fatos me parecem um exagero grotesco! Se Lady Prudence detestava a afilhada, por que lhe deixou uma herança tão fabulosa?

— Está deliberadamente se recusando a entender, capitão Ross! Minha madrinha não tinha mais ninguém no mundo e eu só soube da existência de sua filha há poucos dias; jamais a ouvi mencioná-la. Ela nunca deixaria nada para uma instituição de caridade ou para a Igreja e se agiu com tanta bondade foi porque não imaginava o quanto possuía. Passou tanto tempo dizendo que precisava poupar cada tostão que acabou acreditando ser pobre.

Dominic não escondia sua irritação. Não queria acreditar em Catrina, como se relutasse em abandonar a opinião que havia formado sobre ela. Preferia manter idéias preconceituosas a aceitar um erro de julgamento.

— Se Lady Prudence a odiava como diz... por que aceitou recebê-la em sua casa? — insistiu Dominic, desconfiado. — ela não precisava ajudar seus pais...

— Eu posso explicar esse lado da história — interrompeu Alice, com voz trêmula.

Desde o início Catrina notara a relutância de Alice Ridgeway em falar sobre o assunto, pedindo-lhe que antes contasse os detalhes de sua vida ao lado da mãe. Mas agora, finalmente, saberia o motivo da rejeição de seus pais.

Aquele momento crucial para Catrina foi interrompido pela entrada intempestiva de Dinah Forest, que não dera tempo à criada de anunciar sua chegada.

Depois de um cumprimento seco, a jovem viúva ignorou Catrina que estava prestes a romper em um choro desesperado. Dinah concentrou, como sempre, sua atenção em Dominic embora se dirigisse não só a ele, mas também ao casal Ridgeway.

— O major Seymour foi me visitar outra vez e a única desculpa que encontrei para escapar de suas melosas declarações de amor foi ir para a casa de vocês. — Ela desviou o olhar para o general por alguns segundos. — Como soube que estavam aqui, vim procurá-los.

O general Ridgeway a fitava com a afetuosa indulgência de um pai encantado com as conquistas da filha sedutora.

— Alice e eu praticamente imploramos que viesse morar em nossa casa, querida. Por que insiste em viver sozinha naquele mausoléu vazio?

Catrina notou uma reação rapidamente dissimulada por Alice Ridgeway. A intuição lhe dizia que a esposa do general não tinha ilusões a respeito da jovem viúva e sentiu que encontrara uma aliada.

A presença de Dinah, sempre determinada a ser atenções, transformou o diálogo geral num monólogo onde ela descrevia suas inumeráveis conquistas, todas sem nenhum encorajamento de sua parte. Após meia hora de conversa superficial o general chamou a esposa e convidou a prima para acompanhá-los até sua casa.

— Oh! Fica completamente fora do caminho que vocês costumam fazer, queridos. Tenho certeza de que Dominic não se incomodará de me prestar esse pequeno serviço. — Ela o fitou faceira. Você me levará em segurança até minha casa, não é?

Todos partiram deixando Catrina sozinha e à espera de um ruído que indicasse a volta de Dominic. Ela dormiu antes, e já era quase dia claro!

O som dos sinos a despertou lembrando-a de que era domingo. Sem saber quais eram os hábitos da família naquele dia, ela vestiu-se rapidamente e foi para o jardim de inverno tomar o desjejum. Naquela manhã, a discussão do casal não começou, como de costume, na relutância de Millicent em se alimentar.

— Você não pode deixar de ir à igreja, Millicent!

— Não fará a menor diferença para você.

— Mas é importante para Lucy! A pobrezinha merece uma vida normal, sem ser prejudicada por seus caprichos. Não quero que as pessoas se compadeçam dela porque sua mãe se comporta como uma eremita, mergulhando na autopiedade e se comprazendo em anunciar seu martírio ao mundo!

Preferindo tomar chá frio, deixado pela criada bem cedo, a testemunhar mais uma briga conjugai, Catrina voltou ao quarto para se arrumar. Na capela da residência do governador se reunia toda a comunidade inglesa de Gibraltar e haveria muita curiosidade a respeito dela depois de sua chegada pouco convencional. Como a maioria já deveria ter formado opiniões pouco lisonjeiras sobre ela por não estar usando luto, não iria se preocupar com comentários maldosos; iria se apresentar à sociedade como uma jovem elegante e requintada!

O vestido de gaze branca e diáfana ondulando em torno do corpo esbelto era preso abaixo do busto por uma guirlanda de delicadas flores azuis que também ornava o chapéu, muito simples, mas inegavelmente vindo da França.

Se Catrina tivesse visto a irmã antes de selecionar seu traje, talvez escolhesse um outro, menos sofisticado. As duas formavam um contraste chocantemente triste! Millicent, a caçula, estava vestida como uma matrona e parecia ter bem mais do que vinte anos. Sem dúvida ela reformara as roupas usadas pela mãe durante os meses de luto pelo pai. O que acontecera com aquela jovem vaidosa?

Millicent... — a oferta de Catrina foi impulsiva e ela falou sem avaliar o efeito de suas palavras. — Eu sei costurar muito bem e, em segundos, posso colocar uma gola de renda branca que suavizará o negro do vestido...

— Sinto-me perfeitamente bem assim!

— Não precisa se chatear comigo... só queria ajudá-la!

— Além de dispensar a sua... "ajuda", não vejo por que eu precisaria dela!

Naquele momento, Dominic entrou na sala acompanhado pela filha, ambos com seus trajes domingueiros.

— Oh! Como tia Catrina é linda! — exclamou a garotinha, fascinada. —

Não acha, papai?

Sem responder, ele as apressou a sair, pois a charrete já os esperava. O percurso, muito curto, foi marcado pelas lamúrias de Millicent sobre o calor, a poeira e os buracos da estrada. Se ela pretendia comover o marido com seu sofrimento, iria se frustrar, pois Dominic manteve-se mudo e sequer a fitou.

A residência do governador fora no passado um convento dominicano e a capela tinha mais de trezentos anos. Quando Dominic mostrou a Catrina o mirante de onde se podia avistar a baía de Algeciras, foi rudemente interrompido por Millicent.

— Isto não é um passeio turístico! — explodiu ela. — Vamos sair logo deste sol infernal!

Embora tivesse inúmeras perguntas a fazer sobre aquele local interessante, Catrina não queria piorar o evidente mau humor da irmã. Mais tarde, descobriria o nome da imensa árvore no centro do pátio do antigo convento e admiraria as fontes de pedra esculpida.

Após o serviço, o general Ridgeway a tomou sob seus cuidados apresentando-a ao governador George Augustus Elliott e ao resto da comunidade inglesa, a nata da sociedade de Gibraltar. Todos a trataram com gentileza, mas sem esconder a evidente curiosidade em torno de uma recém-chegada pouco convencional. Catrina sorriu mecanicamente, sem gravar a maioria dos nomes.

Procurando um lugar entre aquele grupo fechado de amigos, Catrina aproximou-se de Alice Ridgeway, que, ansiosa, a fitava no meio da multidão. Teria ela mudado de idéia a respeito da conversa interrompida tão inconvenientemente por Dinah? — A prima de meu marido está muito feliz hoje, não acha?

— Ela sempre está! — Catrina arriscou-se a confiar em sua intuição. — A senhora também não gosta dela, não é?

— Meu marido a vê como a filha que nunca tivemos — suspirou Alice. — Eu me irrito com sua artificialidade e com seu comportamento juvenil, inadequado para uma viúva. John tentou convencê-la a voltar para a Inglaterra, mas ela declarou que não abandonaria os amigos na hora do perigo. Na verdade, Dinah adora ser o centro das atenções e só por isso não se casou de novo.

Catrina não podia dizer que a determinada Dinah Forest já escolhera um homem: Dominic Ross!

Quando Catrina soube que iriam almoçar na casa dos Ridgeway, deduziu que a conversa interrompida teria continuidade. Entretanto, logo descobriu que havia muitos convidados e não haveria oportunidade de retomarem um assunto íntimo.

Foi uma tarde longa e monótona para ela. Frustrada em suas expectativas, viu-se confinada ao grupo de mulheres que falavam sobre os filhos, as criadas e discutiam seriamente qual o modelo dos vestidos que usariam no baile de gala. Essa separação do grupo masculino — que debatia o iminente ataque espanhol — revelou-lhe uma Millicent diferente da habitual. Por estar longe do marido ela alimentou-se muito bem e conversou animadamente com as outras senhoras.

Na hora do chá a frustração de Catrina chegou às raias do desespero. Era como se a noite anterior não tivesse acontecido, pois nada indicava que

houvera uma conversa séria entre ela e Alice Ridgeway.

A noite começava a cair quando Dominic as chamou para se despedirem. Tão logo se afastaram da mansão do general, Millicent reassumiu sua postura apática. Pretextando uma insuportável dor de cabeça, gritou com a filha que queria sentar-se em seu colo e não parou de se queixar até chegarem em casa.

— Os criados têm folga no domingo, mas deixam um jantar frio para quem tiver fome — explicou ela, com uma voz de mártir. — Eu vou me retirar agora, pois foi um dia torturante... se Quiserem comer, sirvam-se!

A babá de Lucy agarrou a garotinha que insistia em falar com a mãe, retirando-a imediatamente da sala. Catrina viu-se a sós com Dominic e, sem fitá-lo, oferecesse para preparar-lhe um lanche.

— Não, obrigado. Não tenho fome, mas...

Então, peço licença para me retirar. Também me cansei...

— Espere! Ficou combinado quê eu a levaria até a casa do Ridgeway ainda hoje. Desta vez não seremos interrompidos por ninguém!

Trêmula de ansiedade, Catrina acompanhou Dominic. O casal os esperava na sala e Alice parecia ainda mais tensa do que na noite anterior. Como Catrina, ela se ressentira com a interrupção e a longa espera a deixara nervosa ao extremo.

— Quando nós dois ficamos noivos — Alice mal esperou que todos se sentassem para iniciar sua penosa revelação —, meu pai ainda vivia e a alegria diante de nossa união foi geral. Mas, papai morreu subitamente durante uma viagem de John e tudo mudou! Logo que mamãe se recuperou do choque, exigiu a nossa separação, pois agora meu lugar seria ao lado dela. Queria que rompêssemos o noivado! Se eu permanecesse solteira lhe serviria de conforto durante os anos de velhice, e, de acordo com sua opinião, eu lhe devia esse sacrifício. Seria um egoísmo imperdoável de minha parte levar adiante os planos de casamento e acompanhar um homem, deixando a mãe sozinha entre estranhos. Senti pena dela, mas não achei que estivesse agindo racionalmente ou não me pediria para sacrificar minha vida inteira e...

— Era exatamente assim que ela pensava e agia! — explicou Catrina, com raiva. — Ninguém quer acreditar, mas é verdade!

— Eu também custei a perceber, querida. É difícil ver os defeitos de nossos pais quando somos muito jovens, por isso fiquei bastante chocada ao ouvir o ultimato... se eu deixasse aquela casa para me casar, nunca mais poderia voltar. — Alice balançou a cabeça como se ainda não aceitasse aquela verdade dolorosa. —; Não acreditei em suas palavras, pois julgava serem efeito do choque causado pela morte de papai. Saí de casa e procurei abrigo junto de minha melhor amiga, Mary Beaumont... sua mãe, Catrina. Ela se casara com um oficial do mesmo regimento que John estava grávida. A pobre Mary sofreu muito durante a gravidez e o parto foi terrível... eu estava lá...

Alice se calou, nitidamente perturbada em falar sobre um passado que ainda a magoava. O general, percebendo a angústia da esposa, levou-lhe um cálice de vinho do Porto e só depois de todos serem servidos ela recomeçou o relato.

— Sua mãe passou muito mal nos primeiros meses após o parto e uma enfermeira foi contratada para cuidar de você. Sinto dizer, mas... é verdade, houve uma rejeição materna. Tente compreender, Catrina! — implorou Alice, à

beira das lágrimas. — Ela a viu poucas vezes durante um longo tempo e não se estabeleceu a costumeira relação entre mãe e filha. Sua existência era uma lembrança viva do sofrimento e da dor sofridas para trazê-la ao mundo.

— Então... ela me rejeitou desde o dia em que nasci! — murmurou Catrina, amargurada. — Eu sempre culpei Millicent, pois a julgava o motivo principal dessa... falta de amor. Eles a amavam pois era mais bonita, mais simpática...

— Você também foi um bebê lindo, querida. Infelizmente, Mary só via o quanto sofrimento você tinha lhe causado.

— Mas meu pai não sofreu nada e nem por isso demonstrou carinho ou afeição!

— Ele estava fora do país quando você nasceu e só a viu depois de meses. Geralmente os homens não se relacionam bem com crianças de colo... a não ser que seja um ansiado herdeiro do sexo masculino. Além disso, sua mãe determinou um padrão ao qual ele logo se acostumou, refletindo a atitude dela. — Alice virou-se para Dominic. — Diga-me... gostava de Lucy logo que ela nasceu?

— Bem, eu não me sentia à vontade com aquela criaturinha que só chorava. Tinha medo de derrubá-la, jamais a pegava no colo. Além disso, discordo da opinião geral sobre a beleza de minha filha, pois eu a achava muito feinha. Comecei a me interessar quando ela completou seis meses e não posso acreditar que Roger Beaumont também não se encantasse com cada gesto de sua primeira filha nessa idade encantadora.

— Isso não aconteceu porque ele não queria vê-la. Mary a deixava nas mãos da babá, que a mantinha longe do casal.

— Por que Lady Prudence foi escolhida para ser a minha madrinha? — perguntou Catrina. — Sua mãe deve ter se ressentido com minha mãe quando ela a recebeu, não?

— A promessa fora feita após o casamento de Mary, muito antes de nossa briga. Eu achei que esse fato ajudaria a criar o clima ideal para uma reconciliação entre nós, mas fui deliberadamente ignorada durante o batizado. Foi a última vez em que a vi... — Nunca mais se encontraram?

— Bem, John e eu nos casamos duas semanas após o seu batismo, Catrina, e partimos para a América do Norte, onde seu pai e John lutavam sob o comando do general Wolfe, em Quebec. Sua mãe ficou grávida novamente, mas desta vez sentia-se muito bem e o parto foi fácil. Mary e Roger estiveram juntos durante a gravidez, o parto e os primeiros meses da vida de Millicent. Tornou-se mais fácil para ambos demonstrar seu amor pela filha recém-nascida e você, logicamente, ficou muito enciumada e perturbava o bebezinho com suas brincadeiras maldosas. Não houve nada de grave, mas seus pais acharam melhor separar as duas e pediram lady Prudence que a acolhesse na Inglaterra. Ela aceitou e, como sua mãe não queria se afastar de Millicent, fui eu quem a levou. Imaginei que seria um modo de ao menos conversarmos sobre nossa briga, mas fui recebida pelos criados que me impediram de entrar em casa.

— Por que Lady Prudence me aceitou? Não faz sentido.

— Não entende? Você seria o conforto de sua velhice... a companhia que eu tinha lhe recusado!

— Conforto? Ela mal me suportava!

— E realmente difícil compreender, mas creio que a morte de meu pai, seguida por nossa briga, perturbou-a demais. Pelo seu relato, percebe-se que ela não estava em seu juízo perfeito e deve ter mudado o testamento quando você foi entregue a seus cuidados, uma espécie de vingança final contra mim.

— Por Deus! — exclamou Dominic, revoltado. — Como Roger e Mary puderam abandonar a filha nas mãos de uma velhota senil e vingativa? Eu os conheci, não eram pessoas más...

— Mas não amavam Catrina e essa impossibilidade de aceitar a filha mais velha os envergonhava muito — explicou Alice. — Faziam as visitas obrigatórias, mas fechavam os olhos à realidade, persuadindo-se de que haviam feito o melhor. Se admitissem a verdade, a culpa se tornaria insuportável.

As batidas do relógio alertaram Dominic de que duas horas já se haviam passado. Alice parecia esgotada, a ponto de desmaiar. — Vamos embora... já é tarde e...

Catrina ergueu-se e, aproximando-se de Alice, tomou as mãos dela entre as suas.

— Muito obrigada, senhora... eu...

— Sinto muito por tudo que passou nas mãos de minha mãe, querida. Quanto a seus pais, tente desculpá-los... eles também sofreram.

Pouco convicta, Catrina sorriu contrafeita. Se seus pais tinham, alguma vez, sofrido por ela, a dor não passara de um lampejo momentâneo.

A volta dos dois foi feita no mais profundo silêncio. Ao entrarem em casa, Catrina foi até a biblioteca. Pegou um livro sobre Gibraltar para se distrair, sabendo que o sono não viria logo.

— Por favor, espere — pediu Dominic que a seguira. — Preciso lhe fazer uma pergunta.

— Ainda não está satisfeito?

— Responda, por favor! Millicent escreveu-lhe uma carta avisando-a da morte de seus pais, Catrina?

Aquela era a primeira vez que ele a chamava pelo nome e o som ecoou em seus ouvidos como uma melodia. Ela demorou para responder e sua hesitação confirmou as suspeitas de Dominic.

— Compreendo — murmurou ele, sombrio. — Eu devia ter desconfiado desde o início.

— Não a culpe. — Catrina tentou defender a irmã, justificando aquela negligência imperdoável. — Ela deve ter se chocado demais com a morte de nossos pais, acabou esquecendo...

— E por que não me disse nada? Deixou-me acreditar que desembarcou aqui sabendo da morte de seus pais. Esse "esquecimento" não tem nenhuma justificativa.

— Por Deus! Como culpá-la? — Catrina reuniu coragem para abordar mais uma vez um assunto desagradável. — Tenho presenciado, desde a minha chegada a esta casa, os esforços desesperados de Millicent para atrair sua atenção, para despertar uma migalha de seu interesse. Ela não podia se colocar em uma posição reprovável ou...

Está redondamente enganada a respeito deste assunto! — A gargalhada de Dominic soou sinistra no silêncio absoluto da casa. — Millicent não quer atenção ou interesse da minha parte! Seu único desejo é me provocar

remorsos!

Surpresa, Catrina pensou um momento antes de continuar a defesa de Millicent. As Palavras de Dominic talvez fossem verdadeiras! As atitudes da irmã poderiam ser vistas como o comportamento de uma mulher alterada pelos efeitos da gravidez, disposta a punir o marido infiel e culpado por sua situação penosa. E, em especial, naquele caso a esposa sabia que o único interesse do marido era ter um herdeiro!

— Você sente remorsos? — perguntou Catrina, ainda em dúvida. — Admite alguma culpa?

— Absolutamente não — replicou ele com veemência. — Considero-me isento de qualquer culpa!

— Mas... ainda ama a minha irmã, não é?

— Sinto muito, mas sua pergunta é de natureza íntima e já discuti demais o meu casamento, um assunto que prefiro evitar. Na verdade, procurei-a porque lhe devo desculpas e ... acho incrivelmente difícil fazê-lo.

— Gostaria de continuar preso ao conceito que fez inicialmente sobre mim, preferia continuar me desprezando, não é?

— O preconceito é uma defesa bastante eficaz — respondeu ele, enigmático. — Fui pouco hospitaleiro e até hostil quando você chegou a esta casa, Catrina. Quero oferecer-lhe as boas— vindas, que, embora atrasadas, são sinceras.

Dominic aproximou-se de Catrina e estendeu-lhe a mão num gesto de amizade. O sorriso, habitualmente zombeteiro, era espontâneo e bem humorado.

— Que tal esquecer tudo o que aconteceu antes? Vamos agir como se você estivesse desembarcando neste minuto e nos encontrássemos no porto. Eu fui recebê-la porque seria uma indelicadeza não recepcionar a irmã da minha esposa, certo?

Ser recepcionada é bem menos ofensivo do que receber uma proposta para substituir à amante prestes a embarcar para a Inglaterra!

— Sem dúvida! — Ele aceitou a crítica com bom humor. — Como eu estava à espera de minha cunhada, não me arriscaria a aparecer diante dela ao lado de uma mulher de má reputação para não ofender a recém— chegada, uma jovem de boa família e de respeito. Então quando a visse... lhe daria um beijo de boas— vindas, um beijo fraternal... como este.

Colocando o braço sobre o ombro dela, Dominic roçou levemente a boca na face delicada de Catrina, deslizando em busca dos lábios que se entrabriam à espera de um beijo. Então, recuando bruscamente ele se afastou, mas sem soltá-la continuou muito próximo, fitando-a com uma intensidade perturbadora.

Naquele momento, ele se despiu das defesas que o impediam de revelar o quanto a desejara desde o primeiro momento. Seus olhos demonstravam emoções tempestuosas, mas proibidas a ambos. Presa pelas mesmas sensações incontroláveis, Catrina sentiu que estavam sendo arrastados por uma corrente poderosa através de um caminho onde só havia perigos, dissimulações e muito sofrimento.

— Você me recebeu com todas as honras devidas a uma parente, Dominic. — Ela recuou diante do precipício para onde seus sentimentos a impeliam. — Tudo o que aconteceu entre nós antes deste minuto já foi

esquecido. Recomeçamos agora...

— Foi essa a minha intenção, mas duvido que seja possível. — Ele beijou a mão de Catrina. — Você e eu sempre saberemos que uma atração inegável e surgiu no primeiro olhar. Também não será fácil esquecer o meu desejo de que você fosse qualquer pessoa, menos a irmã de minha esposa.

Soltando a mão de Catrina, ele caminhou em direção à porta da biblioteca. Então, antes de sair da sala, voltou-se para fitá-la mais uma vez.

— Ainda há algo que precisa ser dito, Catrina. O major Peters, médico do meu regimento, tem vindo sistematicamente examinar as condições de saúde de Millicent. Receitou-lhe vários tônicos, remédios para aliviar as constantes dores de cabeça e uma poção especial para evitar as crises de fígado das quais ela tanto se queixa. Infelizmente, minha esposa jamais os usou e esse fato é bastante significativo, não acha? Além disso, foi avisada de que este parto será ainda mais fácil do que o de Lucy.

— Mas... ela não sofreu como minha mãe? — perguntou Catrina, perplexa. — Pensei que...

— Como já lhe disse, não acredite na farsa magistralmente desempenhada por sua irmã. O parto de Lucy foi rápido e sem nenhum problema secundário, portanto... — ele sorriu, novamente zombeteiro — não perca seu sono nem sua paz de espírito preocupando-se com o sofrimento de Millicent, está bem?

CAPÍTULO VII

Perturbada com a descoberta de que Dominic a desejava, Catrina não conseguia conciliar o sono, rememorando cada palavra do breve encontro na biblioteca. Indefesa contra a força de sensações novas e intensas, ela forçou-se a pensar em outro assunto. Afinal, aquela noite fora repleta de revelações!

Tantas incertezas que a atormentavam tinham sido esclarecidas por Alice Ridgeway! Depois de a rejeitarem ainda na infância, os pais não conseguiram escapar da situação que haviam criado, mesmo se assim o desejassem. Tendo afirmado que aí lha se recusava a abandonar a madrinha, não poderiam explicar; uma súbita mudança de idéia. Além disso, como ter certeza de que Catrina não contaria a verdade, desmascarando-os publicamente? Como impedi-la de revelar que fora esquecida durante tantos anos?

Mas nunca consideraram a hipótese de mudar uma situação que lhes era cômoda. Ela já não fazia parte do círculo familiar desde seu nascimento e seria ainda mais inconveniente depois de ter crescido longe deles. Então fecharam os olhos à realidade, julgando que sua vida ao lado de Lady Prudence não era tão má quanto parecia. Essa cegueira voluntária os levava a julgá-la queixosa e problemática e a abandonaram sem pensar mais no assunto. Todo o amor de que eram capazes foi dirigido a Millicent, a filha adorada que continuou a viver na casa paterna até mesmo depois de casada!

Como num círculo vicioso, seus pensamentos retornavam sempre a Dominic! O livro sobre Gibraltar, ressaltando os pontos turísticos, a lembrava das manhãs ao lado dele e...

Forçando-se a ser racional, Catrina tentou compreender a situação de Millicent em vez de pensar na do marido dela! As afirmações de Dominic sobre o dissimulado mal-estar causado pela gravidez, que, segundo o médico, corria dentro dos padrões normais, não a convencera por completo. Por que a irmã afirmara que não se submeteria novamente àquele "martirizante pesadelo"?

Talvez Millicent não suportasse as transformações em seu corpo esguio. Sempre muito vaidosa, ela provavelmente se revoltava ao perceber que a cintura se alargava, os seios cresciam e o ventre se distendia. Além disso, devia ter medo de não recuperar a antiga elegância, transformando-se numa mulher sem atrativos. Por considerar-se feia, Millicent evitava olhar o espelho, deixando de preocupar-se com a aparência. Quem sabe seria essa a explicação do aspecto lastimável dos cabelos agora sem brilho, da pele descuidada e dos vestidos deliberadamente grotescos? Um marido mais compreensivo e amoroso teria se esforçado para devolver-lhe a segurança, mas Dominic simplesmente a ignorara, procurando uma amante de corpo bem-feito e sempre sorridente!

A tentativa de descobrir qual dos dois teria iniciado aquela batalha destrutiva deixou Catrina confusa e, como sempre, sem respostas. Um sono leve a impediu de pensar mais sobre aquele mistério, mas seus sonhos giravam em torno de Millicent e Dominic.

Subitamente ela acordou com um barulho ensurdecedor ecoando em seus ouvidos. Aos poucos, Catrina percebeu que o vozerio não se limitava a casa, pois vinha de longe. Assustada, correu até a janela e abriu as cortinas.

Onde havia, na véspera, um punhado de galeões espanhóis estavam agora centenas de navios, todos com as bandeiras ao vento e colocando-se em posição de ataque.

Vestindo-se rapidamente, ela saiu do quarto e encontrou a casa em pleno caos. Os criados gritavam e choravam, correndo de um lado para o outro enquanto Lucy se agarrava à camisola de Millicent, que parecia não entender o motivo de tanta agitação. — Os espanhóis nos enganaram com muita astúcia — disse Dominic ao entrar em casa e acolher a filha apavorada em seus braços. — Distraíram nossa atenção para os trabalhos na Linea enquanto preparavam o bloqueio total da baía, destinado a nos derrotar pela fome.

— O que está acontecendo, Dominic? — choramingou Millicent. — os criados perderam o juízo e minha dor de cabeça... — Esqueça-se de suas mazelas, mulher! Se tivesse olhado pela janela veria que os espanhóis cercaram Gibraltar durante noite!

— Vá tomar seu desjejum, Lucy. — Ele esperou que a filha saísse da sala e então voltou-se para as duas. — Vou apresenta-me ao general imediatamente. No entanto, é preciso fazer lista detalhada de nossos mantimentos, pois será necessário poupar cada grão de farinha. Pode fazer isso agora, Catrina?

— Sim, é claro, mas... vai sair sem comer nada?

— Já me alimentei... não há tempo a perder, mexam-se! Quando ele as deixou sozinhas entre os criados, agora temerosos, Millicent voltou-se para a irmã, irritada e de olhar duro

— Ora! O que poderemos fazer? Ele pensa...

— Eu lhe direi exatamente o que é preciso fazer, minha cara! — explodiu Catrina e, agarrando-a pelo braço, levou a irmã até o quarto.

Jogando-se sobre a cama, Millicent começou a soluçar.

— Pare com isso! Você ouviu o aviso de Dominic sobre a necessidade de economizar nossas provisões, certo? Pois a primeira coisa a ser feita é confiscar sua reserva secreta de chocolates, biscoitos e frutas secas. Terá de abandonar sua atitude de donzela sem apetite e se alimentar como todos nós, pois não haverá mais petiscos para matar sua fome às escondidas.

— Então... você sabia? — Millicent parou de chorar e, espantada, fitou a irmã. — Mas... não contou nada a Dominic, não é?

Catrina não via como melhorar a situação revelando cruelmente que o marido já conhecia há muito tempo aquele segredo ridículo.

— A partir de hoje, vamos todos partilhar a mesma comida, e como a situação exige cooperação, quero que você me deixe ajudá-la também. Vamos tratar de sua aparência porque a gravidez não a torna repulsiva nem feia...

Gargalhando histericamente, Millicent levantou-se da cama para aproximar-se da irmã.

— De onde tirou essa idéia absurda? Acha que eu me importo em ficar feia e repulsiva?

— E não é esse o motivo de seu desleixo? Julguei que tivesse medo de perder a forma e...

— Está muito longe da verdade, cara irmã. Eu daria alguns anos de minha vida para ficar permanentemente disforme! Meu único desejo é que Dominic me ache repulsiva, assim jamais me tocará de novo!

— Deus do céu! — Catrina segurou as mãos da irmã e conduziu-a até a

poltrona. — Não pode estar falando a sério... não entendo!

— Ah! Se percebesse a sorte que tem, Catrina! — gritou Millicent, fora de si. — Sei que a sociedade zomba das solteironas e tem pena delas, mas... não imagina o que é ser casada!

— Bem, eu sempre pensei que fosse a união de duas pessoas, um ato de amor para criar uma família e...

— Amor? O que entende por... amor? Mamãe tentou me avisar, mas também não entendi quando ela me alertou. Eu achava que tudo se resumia aos beijos de Dominic em minhas mãos enquanto ele murmurava palavras de amor. Acima de tudo, imaginava... respeito e consideração de um marido. Mas a realidade é bem diferente, Catrina querida! Os homens são animais, têm instintos sórdidos e grosseiros! Só querem usar o corpo das mulheres para satisfazer a esses desejos repugnantes.

— Mas... com certeza Dominic não...

— Todos eles são iguais! Na noite de núpcias, quando Dominic me explicou a que horrores eu deveria me sujeitar, ameacei gritar até acordar meus pais e toda a criadagem. Por sorte, a casa prometida a ele não havia ficado pronta e assim iniciamos nossa vida de casados aqui. Quando chegou a hora de mudarmos daqui, recusei-me a abandonar o convívio familiar, pois sabia que só a presença de papai e mamãe em um quarto próximo me protegeria da bestialidade dele.

Envergonhada com aquele desabafo, Catrina cobriu o rosto com as mãos. Era verdade que tinha apenas uma noção muito vaga do ato realizado entre um homem e uma mulher, mas suas reações às carícias de Dominic tinham sido espontâneas e prazerosas. Não sentira medo, mas uma emoção inebriante, quase incontrolável.

— Millicent... — tentou ela, hesitante —... se todas as mulheres se sentissem como você, a raça humana desapareceria da Terra...

— Ah! É essa a mais terrível armadilha da natureza! As jovens têm fantasias românticas sobre o casamento, todas elas, sem exceção! Imaginam-se usando belas camisolas de seda enquanto escovam seus longos cabelos à luz de velas e o marido as fita, cheio de adoração. Então, ele coloca um braço sobre os ombros da esposa e a leva para a cama, dizendo que não merece uma Criatura tão perfeita... e vivem felizes para sempre!

Millicent deu uma risada amarga e fitou a irmã com maldade

— Aí você descobre a verdade! Todas as mulheres casadas unem em uma confraria secreta, mantendo silêncio sobre os abusos e a sujeição humilhante a que devem se submeter. Elas se envergonham de tocar nesse assunto... Mamãe também ficou sem jeito ao me explicar. Na verdade, embaraçou-se tanto que apenas falou sobre um dever conjugai, muito vago, ao qual eu deveria me conformar, pois só mulheres libertinas e sem moral aceitam de bom grado esse lado... animalesco dos homens. E só entendi mais tarde, muito tarde demais...

— Mas como foi possível que algo acontecesse se você o ameaçou?

— Dominic não desistia e tentou noite após noite, mas eu conseguia evitar o pior. Ele usou truques baixos como jurar que só queria me abraçar e me acariciar, quando no fundo seu objetivo era aquele martirizante pesadelo!

Então Catrina percebeu que as palavras da irmã não se referiam às dores do parto!

— E Lucy? Como ficou grávida se...

— Nós já estávamos casados há seis meses quando meus pais foram jantar com os Ridgeway e, por azar, era o dia de folga dos criados. Dominic ficou na biblioteca bebendo e, de repente, entrou no quarto e me forçou a...

— Seis meses? — Catrina tinha a impressão de estar mergulhada num sonho mau.

— Ele tentou se desculpar na manhã seguinte e jurou que a primeira vez era difícil e depois tudo seria muito melhor, e se eu o deixasse me ensinar... Como se já não bastasse aquela experiência degradante! Deixei bem claro que não haveria nenhuma "outra vez" e por sorte descobri que tinha ficado grávida. Com o apoio de mamãe, convenci-o a sair do meu quarto até o bebê nascer.

— E na segunda vez... ele também estava bêbado?

Não. Dominic foi frio, racional e estava completamente sono. Aliás, foi bem claro! Ele queria um filho, era imprescindível ter um herdeiro, e eu não podia fugir ao meu dever. A família Ross é muito rica, sabe? Dominic é filho único e entrou para o Exército contra a vontade dos pais, por isso devia dar-lhes um neto. Aceitei porque ele jurou que seria rápido e impessoal, mas quebrou sua promessa. Forçou-me a suportar carícias das quais me envergonho só de lembrar... Infelizmente, meu sacrifício foi em vão e precisei me submeter por noites sem fim a um ato bestial. Se este bebê não for um menino, como suportarei novamente aquele pesadelo? Por que Lucy não era um menino?

Penalizada, Catrina compreendeu finalmente a aparência desleixada da irmã e também sua rejeição à filha. Millicent queria alertar o marido que se ele a forcesse a ter mais um bebê, e fosse uma garotinha, ela também a rejeitaria!

— Deixe-me ajudá-la, Millie — murmurou Catrina, forçando a irmã a deitar-se. — Vou lhe trazer um bom café da manhã, pois não pode se arriscar a ter um filho fraco e sem forças, não é?

Alarmada, Millicent obedeceu sem reclamar e Catrina a deixou para organizar a casa. A manhã toda foi perdida em acalmar os criados e tratar das tarefas que eles haviam negligenciado. Por sorte, sua vida ao lado de Lady Prudence a preparara para enfrentar problemas piores!

Ela levou pessoalmente a bandeja com o desjejum ao quarto da irmã, ansiosa por dar-lhe apoio, mas foi recebida por uma mulher muito diferente da criatura descontrolada de momentos atrás.

— Se você repetir uma só palavra do que eu disse, a chamarei de mentirosa, Catrina — a voz era fria e distante como sempre. — Aliás, ninguém acreditaria porque as mulheres casadas jamais mencionam esse assunto diante das solteiras.

— Não contarei a ninguém, juro.

— Quero mais do que isso! Esqueça por completo as minhas palavras porque eram falsas. Eu estava descontrolada por causa do bloqueio e perdi o juízo por minutos apenas. É tudo mentira.

Catrina saiu do quarto, sem se espantar com a mudança de comportamento da irmã. Millicent, a filha adorada, a jovem bonita e cercada de admiradores, não suportava que a renegada irmã mais velha tivesse pena dela! Mas, se a atitude era compreensível, a situação mencionada a perturbava.

Onde estaria a verdade? Só as mulheres sem moral aceitavam o ato sexual que todas as esposas odeiam? E os casais felizes?

Alice Ridgeway e o general pareciam se amar, mas talvez por causa da idade a ligação passional já não existisse mais entre eles. Dinah Forest fora casada e desejava Dominic. No entanto, seu casamento não se consumara e ela podia viver naquele paraíso romântico descrito por Millicent!

Durante seus dias de trabalho duro ao lado de Lady Prudence, Catrina sonhara com um homem que a libertasse daquela escravidão, mas sempre fora uma figura vaga e sem contornos definidos. Seu primeiro encontro com Dominic dera forma a essa figura imaginária e, até ouvir a descrição de Millicent, não tinha como imaginar o que seria ter uma intimidade real com um homem.

Felizmente, havia muito a ser feito e Catrina não podia perder tempo com fantasias. Ela verificou e relacionou todos os mantimentos, deu ordem à cozinheira para fazer apenas um prato no almoço e separou os ingredientes a serem usados com maior rapidez, pois logo se estragariam.

Na hora do almoço, esperou que Millicent e Dominic se servissem para sugerir algumas mudanças que haviam ocorrido. A experiência de economia aprendida à duras penas em casa de Lady Prudence agora estava lhe servindo para algo!

— Se o bloqueio vai mesmo durar muito tempo, será difícil alimentar a família e os criados por um período prolongado.

— Esta sugerindo que dispensemos alguns, Catrina?

— Só os que têm parentes aqui em Gibraltar, Dominic. Ficaríamos apenas com três que não contam com amparo de seus familiares. A cozinheira deve ser dispensada pois seus pais moram na cidade e além disso ela tem roubado açúcar e farinha.

— A babá de Lucy não pode nos deixar! — interrompeu Millicent, furiosa. — E quem irá cozinhar?

— Eu estou disposta a isso. Quanto a babá de Lucy, você deve conversar com ela e decidir o assunto.

Quando Dominic expressou sua admiração pela eficiência de Catrina, ela mal conteve o orgulho. Passou o almoço observando-o disfarçadamente e, contra a sua vontade, via a cena descrita pela irmã e só sentia uma ansiedade indefinida. Seria mais uma tola romântica?

A vida da comunidade inglesa em Gibraltar mudou radicalmente após o início do bloqueio. O grande acontecimento, que ocupara por semanas as mentes femininas, o baile de gala do governador, fora cancelado. Agora havia problemas bem mais sérios do que a escolha de modelos de vestidos para uma noite festiva. Em todas as casas, a criadagem tinha sido reduzida e, sem dúvida, a maior preocupação era poupar mantimentos, que se tornavam valiosos como ouro.

Por sorte Catrina estava acostumada a trabalhar duro para compensar a ineficiência da arrumadeira. Uma das funções de Gina consistia em ir diariamente ao mercado e à feira para comprar peixe fresco. Essa tarefa lhe servia de pretexto para passear à vontade, fugindo do trabalho de limpeza da casa que recaía sobre os ombros de Catrina.

A dispensa da maioria dos criados provocou o ressentimento dos que ficaram, pois o trabalho aumentara. Sua maneira de demonstrar a raiva era

agir com extrema lerdeza e aparentar a mais completa incompreensão diante de ordens banais. A babá de Lucy, agora obrigada a cuidar da roupa e da limpeza do quarto da menina, evidenciava mais claramente seu aborrecimento batendo as portas dos armários da cozinha enquanto procurava a vassoura ou guardava os pratos que ela mesma usara.

O primeiro domingo após o bloqueio deixou Catrina aliviada. Os criados genoveses saíam cedo para ir a missa e só voltavam tarde da noite, dando-lhe um dia de liberdade, sem caras emburradas, queixas ou reclamações.

Entretanto, ao arrumar-se para ir à igreja, ela notou a falta de um belo broche de safiras que pretendia usar preso ao decote do vestido. Não queria revelar esse fato a ninguém, mas tinha certeza de que fora roubado por um dos criados que se revoltara ao ser dispensado.

Não adiantava se afligir, pois a essa altura o broche já teria sido desmontado, as pedras vendidas separadamente e o ouro, fundido. Além disso, não queria denunciar alguém que, mesmo sendo culpado, iria para as galés por sua causa.

Executando-se essas mudanças no estilo de vida das famílias inglesas, a vida continuou relativamente tranqüila nas primeiras semanas. Ainda não faltava comida e os navios não tinham disparado seus canhões. Mas, uma quinzena após o início do bloqueio, Catrina acordou com o eco de vozes alteradas, muito semelhantes às da primeira manhã no cerco.

Pela janela, avistou multidões correndo em direção aos cais, mas não notava nada de diferente na passagem habitual formada por uma barreira de galeões espanhóis. Preocupada, vestiu-se e foi até a cozinha, mas Gina já havia saído, sem dúvida mais curiosa do que preocupada em encontrar o peixe do almoço. Aliás não havia nenhum criado em casa!

Catrina foi até o quarto da irmã a fim de avisá-la que iria sair para descobrir o motivo de tanta agitação, Millicent, porém, parecia desacordada, um sinal óbvio de que tomara a costumeira dose de láudano, hábito bastante perigoso nesse estágio da gravidez.

Sem saber se devia deixá-la sozinha ou não, ela hesitou alguns instantes, mas a oportunidade de sair de casa em um dia de sol foi mais forte. A estradinha de terra para o vilarejo era encantadora e logo surgiram as primeiras casas. Acima delas, tremulava a bandeira holandesa no mastro de um navio que conseguira romper o bloqueio.

O cais estava cheio de pessoas que se acotovelavam para alcançar os marinheiros e comprar os suprimentos oferecidos a preços exorbitantes. Como Catrina não havia trazido dinheiro, resolveu voltar para buscá-lo. Enquanto lutava a fim de atravessar a massa de corpos que vinha em direção contrária, viu-se ao lado de uma figura vagamente familiar. Um rosto jovem e sem pintura, um corpo bem feito, porém vestido sobriamente... seria sua alegre companheira de viagem? .

— Violet?

— Oh! Céus! — Um ar de culpa transformou a fisionomia da jovem. — Eu nunca pensei que nos encontraríamos de novo.

— Mas o que houve? Você devia estar sã e salva na Inglaterra!

— Não foi por falta de vontade, querida. Olhe... vamos sair do meio dessa multidão e lhe explicarei tudo.

Catrina deixou-se levar pela jovem que a conduziu por um labirinto de

ruelas até alcançarem uma pracinha pitoresca com bancos de madeira sob árvores frondosas.

Conte o que aconteceu com você, Violet!

— Bem, deve estar pensando que roubei o seu dinheiro, pois me deu a quantia necessária para a minha passagem, não é? No fundo, é verdade. Não tive intenção de fazê-lo, mas depois de tentar inutilmente um lugar vago em qualquer navio desisti e não pensei em procurá-la para devolver...

— Deixe de tolices! Quero saber como está a sua vida!

— Fiquei numa situação péssima! Não havia como sair daqui e nem para onde ir porque fecharam o bordel e o transformaram num depósito de munições. Realmente eu estava me sentindo perdida quando encontrei Eddie Blake.

— Quem é ele?

— É... era um velho amigo... ou melhor, um cliente habitual da casa onde eu trabalhava. Não é um mau sujeito, sabe? Ele é soldado de um regimento de infantaria e... para encurtar a minha história, ofereceu-se para se casar comigo se eu lhe entregasse como dote o dinheiro que você me deu para pagar a passagem

— Pelo amor de Deus, Violet! Como pôde imaginar que eu faria objeções ao uso desse dinheiro? Foi um presente, era seu para usar como quisesse!

— Honestamente, não havia outra saída! Entreguei o ouro ao Eddie e nos amarramos. Agora estou morando ao lado do quartel.

Catrina ia cumprimentá-la pelo casamento e perguntar-lhe se era feliz, mas Violet não lhe deu tempo.

— Quando soube do navio holandês, vim correndo para ver se ainda havia uma passagem sobrando. Se eu conseguisse um lugar, obrigaria Eddie a me devolver o dinheiro nem que fosse preciso ameaçá-lo com uma faca! Mas não há mais vagas...

— Então você se arrepende de ter casado?

Eddie não é mau, mas... preferia a minha antiga liberdade. Ele escolhe esses vestidos horríveis, mas "decentes", não posso me maquiar... é uma verdadeira prisão!

Subitamente, Catrina lembrou-se da experiência de Millicent e decidiu consultar aquela jovem cuja vida livre oferecera inúmeras oportunidades de avaliar o comportamento masculino.

— Violet... — Ela hesitava, rubra de vergonha. — Como é... ser uma mulher casada? Na cama... é claro...

— Ora! Está pensando em se casar?

— Não, mas... sempre tive muita curiosidade e... a quem mais eu faria uma pergunta dessas?

— Talvez eu não seja a pessoa certa, querida. Para uma mulher como eu era, a cama sempre foi um local de trabalho. Agora que estou casada... cedo a Eddie em troca de favores como não engraxar as botas dele ou polir os botões do uniforme.

— É... muito desagradável ou... penoso?

— Não! Eu fico pensando em outras coisas, como a maneira certa de fazer um peixe ensopado, e, quando menos se espera, está tudo terminado.

— Entendo...

Até Violet, para quem o ato de amor fora escolhido como profissão, não

sentia prazer na união de seu corpo ao de um homem!

— Agora conte-me sobre sua vida querida.

— Eu descobri que meus pais tinham morrido há meses. Pretendia voltar imediatamente, mas houve o bloqueio e...

— Sinto pela morte deles. Afinal, você sofreu o diabo naquela viagem por nada.

— Pois é... foi tudo em vão — concordou Catrina sem jeito.

— Preciso ir embora, não avisei ninguém sobre minha saída e já devem estar preocupados com minha ausência. Ainda nos veremos antes que eu consiga voltar para a Inglaterra, Violet...

Preocupada com o tempo que perdera ao lado da companheira de viagem, Catrina correu pelas ruelas estreitas até alcançar o cais, agora mais intransitável. Forçando a passagem, ela conseguiu chegar até a porta da cidade quando sentiu que alguém a segurava pelo braço.

— Dominic! — exclamou ela surpresa. — Estava me procurando? Eu não avisei ninguém, mas...

— Vim conversar com o capitão do navio holandês e consegui uma passagem para você.

— Oh... eu...

— É melhor assim, Catrina.

— Sim... você tem razão. Gina fará o meu trabalho e...

— Vamos voltar logo, pois precisa fazer suas malas. O navio partirá tão logo o descarregamento termine.

Em silêncio, os dois iniciaram a subida que levava até a casa onde se despediriam. Ela rememorava momentos de sua breve estada em Gibraltar, como o dia em que contemplava a vista magnífica da baía de Aljeuras ao lado de Dominic, que nunca mais tornaria a ver. Estavam passando ao lado da alameda que levava à igreja de Santa Maria quando ela foi subitamente puxada para a sombra das arcadas.

— Não posso deixá-la ir embora sem me despedir — murmurou ele com voz rouca de desejo. — Talvez nunca mais nos vejamos...

Catrina tentou fugir de uma situação que sabia não ser correta, mais foi incapaz de resistir aos braços que a prendiam com violência. Então, seus lábios se tocaram e toda precaução desapareceu. Apenas uma força primitiva comandava os corpos que se colavam, ávidos por uma intimidade mais completa.

O desejo de Dominic a contagiou e ela ousou tocá-lo, a princípio com timidez, logo com paixão. Guiada pelos instintos, abandonou-se à troca de carícias até a excitação a fez desejar uma satisfação total.

Subitamente, ele afastou-se, mas Catrina não teve coragem de fitá-lo e ler nos olhos cinzentos o desprezo que seu abandono devia ter despertado. Sem dúvida, ela era uma daquelas mulheres libertinas e sem moral mencionada por Millicent, pois estivera prestes a se entregar a um homem!

Desesperada, Catrina saiu correndo. Dominic tinha razão ao mandá-la embora no navio holandês. Ela não era decente!

Millicent a esperava no portão. O rosto inchado e a fisionomia alterada a fez esquecer de seu problema pessoal.

— Todos se foram! — gritou ela, fora de si. — levaram suas roupas e fugiram.

— Quem? — a voz de Dominic atrás delas soou com a habitual autoridade.
— Acalme-se e explique.

— Os criados! Eles nos deixaram.

— Deixe de tolices, Millicent. Eles são genoveses e não podem sair daqui sem muito dinheiro para pagar a passagem, o que é impossível.

— Talvez tenham — interferiu Catrina. — Eu não ia mencionar o fato, mas Gina saiu cedo demais hoje e por certo conseguiu lugar no navio e como...

— Você também ficou louca, Catrina? — explodiu Dominic, enfurecido. — Não imagina a fortuna que o capitão me pediu por um mísero camarote abafado.

— Se me ouvisse até o fim, entenderia, Dominic. Uma das minhas jóias, um broche de safiras, desapareceu, mas, apesar de suspeitar de Gina, não quis acusá-la. Eles deviam estar se preparando para uma eventualidade como esta.

— Oh, meu Deus! — Millicent soluçava convulsivamente, torcendo as mãos. — Como poderei dar conta de tudo nessa situação? E Catrina também vai embora... cozinhar, lavar e... tratar de Lucy! Eu não vou suportar!

Sem olhar para Dominic, Catrina aproximou-se da irmã quando o corpo sacudido por soluços.

Você não ficará sozinha. Eu permanecerei ao seu lado quanto precisar de minha ajuda, Millie.

CAPÍTULO VIII

O excesso de trabalho foi uma verdadeira bênção para Catrina, forçando-a a concentrar-se em problemas imediatos, afastando da mente a lembrança de um comportamento do qual se envergonhava.

A casa havia mergulhado num caos, com Lucy correndo atrás da mãe que permanecia estática e incapaz de tomar decisões. A presença de Dominic, tranquilizando a filha e forçando a esposa a controlar os nervos à flor da pele, permitiriam que Catrina pudesse servir o desjejum.

— Dominic não acredita que seja possível encontrar criados para substituir os nossos, Catrina — lamentou-se Millicent. — O dinheiro já não tem valor e as pessoas só trabalharão em troca de alimentos. Como nenhum navio conseguiu furar o bloqueio...

— O galeão holandês chegou até nós — interrompeu Catrina, esperançosa. Ainda não abandonara o desejo de deixar aquele local, fugindo de Dominic e de sua própria vergonha.

— A carga do barco holandês era feno para os nossos cavalos. É sem dúvida uma mercadoria valiosa, porém o problema da comida continua o mesmo. Há pessoas aqui que poderiam trabalhar para nós, porém todos têm família e logo começariam a roubar os nossos mantimentos para alimentar seus filhos.

— É compreensível... — murmurou Catrina, decepcionada.

— Dominic também disse que devemos fechar alguns quartos para diminuir o nosso trabalho. Todas as refeições serão feitas no jardim de inverno e o apartamento onde Lucy ficava com a babá também não será mais usado.

— Concordo. Teremos mais tempo para dedicar às tarefas indispensáveis.

— E onde Lucy irá dormir? — o tom de Millicent era desafiante. — Eu preciso de repouso e uma criança no quarto só iria me perturbar. Logicamente ela não pode dormir com o pai.

Ela fica comigo... se quiser, é claro.

— Oh! Eu vou adorar tia Catrina! — exclamou a garotinha.

— Minha babá roncava e não me contava história de cachorrinhos. Eu tinha um, sabe? Mas mamãe disse que o pêlo dele dava vontade de espirrar e...

— Chega de conversa fiada, Lucy — interrompeu Millicent irritada com a indiscrição da filha. — Venha me ajudar a suas coisas para o quarto de sua tia.

Quando as duas saíram da sala, Catrina começou a empilhar os pratos sem esperar pelo dono da casa, que continuava sentado à mesa. Aquela presença a perturbava de tal modo que queria fugir logo para a cozinha. Mas, para seu desespero, ele a ajudou a lavar a louça e fechou a porta.

— Não pretendo pedir-lhe desculpas pelo que aconteceu, Catrina.

Rubra de vergonha, ela baixou a cabeça. Afinal, Dominic agira como um homem normal diante de uma mulher sem controle ou pudor!

— Sinto-me grato por ter ficado para ajudar minha família, mas seria bem melhor se você embarcasse naquele navio. Eu nunca mais a veria.

Catrina não soube o que dizer; achava-se culpada e sem direito a defesa. Compreendia a repulsa de Dominic. Ele havia percebido o ardor com que

correspondera às suas carícias ousadas. Agora sabia que a irmã de sua esposa era uma mulher sem moral e preferia não tê-la sob o mesmo teto que a filha, corrompendo-a com sua presença.

Em silêncio, ela mergulhou as mãos na água fria e concentrou-se no trabalho. As palavras de Dominic tinham aumentado a sua vergonha, mas a situação não lhe apresentava nenhuma saída. Millicent e a filha entraram na cozinha quando ela já terminara de colocar tudo em ordem.

— Nós já mudamos as roupas de Lucy para seu quarto, Catrina. Agora vou arrumar os vasos, os enfeites...

— Por Deus, Millicent! Há tarefas bem mais urgentes do que arrumar vasos e enfeites.

— Pois me desculpe se não fui criada para tomar conta de uma casa! — replicou ela, ofendida. — Além disso, no meu estado...

— Há muitos trabalhos necessários, mas leves, Millie. Que tal polir a prata? As criadas deixaram tudo sem brilho.

— Bem, eu nunca fiz isso, mas...

É fácil! Basta colocar um pano úmido nas cinzas do fogão e esfregar bem. Depois e só limpar com uma flanela e...

— Cinzas? — gritou Millicent, chocada.

— Não vejo nada de repulsivo nisso!

Também quero ajudar! — gritou Lucy, entusiasmada

A própria Catrina retirou as cinzas do fogão, sob o olhar enojado de Millicent, e, depois de demonstrar como o trabalho de veria ser feito, deixou-a junto com a filha. Precisava arrumar as camas, mas relutou em entrar no quarto de Dominic, pois parecia-lhe estar invadindo sua intimidade.

Por sorte, já havia terminado essa tarefa quando alguém bateu à porta. Ela foi atender, aliviada por ter um motivo para interromper o trabalho pesado. Sua satisfação se evaporou por completo ao deparar com Dinah Forest. Impecavelmente vestida em seda rosa, a jovem viúva acompanhou-a até o jardim de inverno onde mãe e filha poliam a prata.

— Deus do céu! O que aconteceu com vocês? — exclamou Dinah, espantada. — Por que estão... fazendo esse trabalho repugnante?

— Nossos criados foram todos embora. — Millicent começou a choramingar. — Odeio trabalhos domésticos, mas não temos outra saída.

— Bem, considere-se afortunada por ainda ter uma casa! Também fiquei sem criados, pois não podia mais alimentá-los. Eu não tenho direito às rações fornecidas pelo Exército já que meu marido já morreu, sabiam? Fui obrigada a mudar-me para a casa dos Ridgeway. Alice é um encanto, mas não é como estar no próprio lar. Além disso, há um bando de velhos criados ingleses, sem utilidade a não ser comer e ocupar quartos necessários para hóspedes! Aliás, vim especialmente para falar com Dominic, preciso que me aconselhe sobre como defender minha casa de saques, mas ele não está e...

Subitamente, Catrina teve uma idéia que só poderia executar utilizando a presença da arrogante viúva.

— Preciso de um favor seu, sra. Forest. Poderia ficar alguns minutos com Millicent e Lucy enquanto vou tratar de um assunto urgente e inadiável? Dominic lhe ficaria muito grato...

Antes que Dinah pudesse se negar, Catrina saiu correndo da sala e, apanhando um xale, dirigiu-se ao vilarejo. Ao longe, os galeões espanhóis

formavam um quadro de grande beleza, mas nas ruas da cidade sentia-se a tensão e o nervosismo da população. Depois de pedir indicações aos soldados que patrulhava o cais, Catrina chegou às casas destinadas aos soldados casados. Profundamente chocada, constatou as más condições do local.

As casas, pequenas e ocupadas por várias famílias, não tinham paredes internas e a privacidade dos casais era escassamente mantida por cortinas improvisadas com cobertores pendurados em cordas. Mulheres mal cuidadas se desdobravam em tomar conta das crianças chorosas e desempenhar as funções de dona de casa. Vozes exaltadas acaloravam discussões em que mutuamente se acusavam do roubo das rações distribuídas pelo Exército.

Finalmente, Catrina conseguiu encontrar Violet e, puxando-a para um canto mais isolado, fez-lhe a proposta que a levaria a sair de casa.

— Tenho uma passagem paga, em meu nome, no navio holandês. Não sei quando partirão, mas lhe darei uma carta endereçada ao capitão, afirmando que você pode ocupar o meu camarote. As condições de minha irmã, no último estágio da gravidez, e a deserção dos criados me impedem de voltar agora para a Inglaterra.

Violet ficou em silêncio por um longo tempo e então suspirou animada.

— Até você me fazer essa oferta eu achei que era capaz de tudo para fugir daqui... para largar o pobre Eddie e voltar para casa.

— Está me dizendo que pretende ficar neste lugar horrível?

— Não é tão mau assim, aliás, é bem melhor para Eddie, que teria uma vida mais dura no quartel. E ele deveria voltar para lá caso eu fosse embora. O pobre coitado não é mau... — o tom de Violet era claramente defensivo. — Afinal, quantos homens se casariam com uma prostituta, mesmo com um bom dote? Além disso, preocupo-me com a saúde dele, está com tosse e...

Eu devia ter imaginado que seus planos de fuga não passavam de uma fantasia — interrompeu Catrina, com um sorriso contrafeito. — Você continua sendo a mesma Violet de alma generosa e sempre disposta a ajudar alguém em apuros. Diga a Eddie que ele é um homem de sorte!

— Bem... não sou nenhum anjo, querida. Se eu deixasse Eddie, seria obrigada a voltar a uma vida dura, pior e mais cansativa do que ficar aqui, apesar do racionamento de comida.

Compreendo Violet. Mas infelizmente não tenho tempo para conversar com você como eu gostaria.

Se precisar de algo, procure-me, por favor!

Despedindo-se da amiga, Catrina voltou para casa com a mesma rapidez da vinda e encontrou Dinah preparando-se para sair. Sem dúvida a bela viúva não considerava nada estimulante a companhia de uma mulher grávida e uma criança!

— Espere um minuto, Sra. Forest. Tenho um camarote à minha disposição, pago e reservado em meu nome, a bordo do navio holandês. Como não posso abandonar Millicent nesta situação, posso lhe ceder o lugar sem...

— oh! Acha que eu seria capaz de abandonar meus amigos nas horas de perigo? O seu desejo de fugir desta crise é compreensível, mas sou outro tipo de mulher, Srta. Beaumont! Sou leal, corajosa e pretendo dar-lhes todo o meu apoio! Recuso-me a desertar.

Quando Catrina entrou no jardim de inverno, controlando a raiva, encontrou Millicent chorando por ter cortado o dedo. Compadecendo-se da

irmã, mandou-a descansar enquanto continuava suas tarefas ajudada pela infatigável Lucy.

Depois de lavarem o chão da cozinha, as duas foram para o quarto de Catrina, onde, para surpresa dela, encontraram as roupas da garotinha jogadas desordenadamente sobre sua cama.

— Depois do almoço, vamos colocar tudo dobrado nas gavetas da cômoda, Lucy. Ah! É preciso pedir a seu pai para trazer a sua cama ainda hoje e...

— Não poderia dormir com você, tia Catrina? — sussurrou Lucy, tímida. — Às vezes eu acordo de noite e sinto tanto medo!

Sufocando sentimentos contraditórios diante daquela criança inocente, cuja única culpa era parecer-se demais com Millicent, ela hesitou.

— Quando acordo, tenho a impressão de que fui abandonada por todos. A minha babá roncava e então eu ficava mais tranquila, mas quando não ouvia nenhum ruído, eu ia acordá-la e ela sempre me batia. Se eu dormisse com você, bastaria esticar o braço e saberia que não estava sozinha.

Lembrando-se de suas noites solitárias na casa de Lady Prudence, Catrina sorriu para a sobrinha.

— Esta bem Lucy. Se sentir medo, pode me acordar sem receio. Eu não vou bater em você, juro!

— Oh, muito obrigada, tia! O que posso fazer para ajudar agora?

— Que tal pôr a mesa para o almoço? Vou para a cozinha preparar a comida...

Logo depois Dominic chegou em casa. Parecia totalmente de desalentado. Como todos os soldados e oficiais em Gibraltar, sentia o tédio e a tensão crescentes. Não havia nada a ser feito, só esperar por um ataque. Catrina notou-lhe a irritação, mesmo assim, dirigiu-se a ele.

— Dominic, quanto pagou por minha passagem? Pretendo reembolsá-lo.

— Nem pense nisso!

— Então, já que não quer receber o meu dinheiro, posso lhe oferecer o conhaque francês, trazido para... bem, como presente a meu pai. Gostaria que você aceitasse.

— Não recusarei seu presente, Catrina. Uma boa bebida serve como moeda de troca e poderemos conseguir mais alimentos. Obrigado.

— Que tragédia! — lamentou-se Millicent. — Quem imaginaria que chegaríamos a esse ponto? Trocar mercadorias, como se fôssemos criados ou...

— Papai! — interrompeu Lucy, excitada, — Tia Catrina e eu vamos dormir na mesma cama! Ela deixou!

Ao ouvir a comunicação da filha, Dominic abafou um murmúrio de contrariedade.

Humilhada, Catrina baixou os olhos. Aquela reação só podia ser de horror ao saber que Lucy estaria exposta à influência de alguém como ela. Num impulso, ela se levantou da mesa e já estava na cozinha quando o ouviu sair, batendo a porta com violência.

— Acho que lavar louça não deve ser muito difícil — comentou Millicent, às costas da irmã. — Se você me ensinar...

Após alguns segundos de explicação, Millicent fez uma careta. — Ai! Esse sabão cheira muito mal e vai estragar as minhas mãos.

— Mas é o único que temos minha cara!

Os gestos da irmã eram tão lentos e desastrados que Catrina arrependeu-se de aceitar ajuda. Millicent a deixava impaciente e irritada com suas lamúrias, tornando o trabalho ainda mais desagradável.

— Tive uma ótima idéia, Millie! Eu vou lavar a roupa de hoje e assim as peças não se acumulam. Enquanto isso, que tal costurar a bainha da toalha de mesa e verificar se os guardanapos precisam de algum conserto?

— Oh! Isso eu sei fazer e posso ficar no meu quarto costurando, sem me cansar! Não sou uma inútil, não é?

— Claro que não!

Mas à medida que os dias se passavam, Catrina se arrependia ter feito aquela afirmação. Millicent costurava ocasionalmente, encarando a tarefa de uma dama bem-educada. Enquanto dava seus pontinhos miúdos, Catrina suportava a pesada carga de manter limpa uma casa enorme, além de cozinhar, lavar e passar a roupa da família.

Lucy a seguia por toda a parte até quando Catrina ia ao mercado comprar peixe. O ambiente do vilarejo se tornava gradativamente mais pesado; além da ameaça velada dos imponentes galeões, um vento úmido soprava sem cessar. Era o Levantino, vindo da África, causando irritação e aumentando o desânimo. Numa tarde em que o vento se tornara ainda mais úmido e quente, Catrina estava esquentando o ferro de passar roupa sobre as brasas do fogão. Millicent e Lucy tinham ido descansar após o almoço, como de costume, e a casa estava em silêncio. Distraída, ela não percebeu a porta da cozinha se abrir e assustou-se ao deparar com Dominic.

— Pobre Catrina! — suspirou ele. — Todo o trabalho recaiu sobre os seus ombros, não foi?

— Millicent faz o possível, mas...

— Mas não foi educada para enfrentar a realidade. A mãe a mimou excessivamente, protegendo-a das dificuldades de modo anormal e nocivo.

Aproximando-se, segurou o queixo delicado de Catrina, obrigando-a a fitá-lo.

— Não entendo sobre o que está falando — balbuciou ela, embaraçada demais com aquele contato. — Se quer dizer que Millicent não foi criada para fazer trabalhos servis como passar roupa...

Talvez você tenha sempre se considerado uma infeliz, uma cinderela maltratada pela vida — interrompeu ele, com a voz rouca —, mas enganou-se. Na verdade, recebeu uma bênção por ter escapado do amor sufocante e prejudicial de sua mãe. Ela impediu que Millicent se desenvolvesse normalmente, aprisionando-a como uma criança imatura.

Sua irmã jamais se tornará uma mulher adulta, será sempre a filhinha protegida, emocionalmente uma criança mimada e imatura. |

— Está sendo injusto com Millicent e ofensivo em relação a mim! — explodiu Catrina. — Como tem coragem de falar de minha boa sorte? Minha irmã teve uma educação aprimorada, recebeu amor e tornou-se uma dama. E eu? Cresci negligenciada por todos e só recebi lições sobre como ser uma boa criada, um burro de carga! E...

Assustada com seu desabafo, Catrina calou-se antes de revelar suas mágoas mais íntimas. Ela havia sido muito prejudicada pela falta de presença materna. Ninguém a ensinara a desenvolver a sensibilidade de todas as mulheres que se horrorizam com as carícias dos homens! Não lhe haviam

avisado que devia sufocar um lado vergonhoso de sua natureza, reprimindo um desejo anormal e degradante!

— Não vamos discutir, por favor. Eu só queria lhe dizer o quanto me sinto grato por sua ajuda, Catrina. Sinto muito por tê-la deixado suportar sozinha essa carga pesada, mas... talvez não demore muito mais. Quando rompermos o bloqueio...

— Pois não vejo a menor possibilidade de um milagre tão grande! — resmungou Catrina, começando a passar a roupa sobre a mesa. — Nada mudou, os galeões espanhóis continuam cercando a baía e... por acaso sabe de algo que nós todos ignoramos?

— Não... — Ele hesitou, como se já tivesse falado demais.

— Então a mudança só pode ser para pior? Hoje cedo fui ao mercado com Lucy, mas nós duas estamos tão enjoadas de peixe que tentei comprar um pedaço de carne. Cheguei a oferecer um xale de seda em troca de alguns bifos, mas soube que existem apenas quarenta cabeças de gado em Gibraltar e seus donos não as vendem por preço algum!

— acredite em mim, mas não me peça explicações pois não posso dá-las, Catrina. A situação vai mudar! Se o motivo é segredo, tenho uma notícia boa que pode ser anunciada. Alice Ridgeway vai sacrificar uma de suas preciosas galinhas para comemorar o aniversário de Dinah. Fomos todos convidados para jantar com eles hoje!

— Oh! Que maravilha! Não era apenas o fato de partilhar o petisco raro que deixava Catrina tão eufórica. A vida se tornara monótona e deprimente Catrina após o bloqueio, e um jantar entre amigos agora se tornava um acontecimento.

Então não vou mais passar roupa! Preciso me preparar para essa festa! Poderia acordar Millicent e avisá-la enquanto eu cuido de Lucy?

Sem esperar por uma resposta, Catrina correu para o quarto.

A garotinha também ficou eufórica com a notícia.

— Juro que vou me comportar como gente grande, tia Catrina!

Que vestido vai usar? Posso ajudá-la a escolher?

Apesar de imprópria, Catrina aceitou a escolha da sobrinha, ficara fascinada com um sofisticado vestido de seda creme que à luz das velas, adquiria tons dourados. Depois de vesti-lo, trançou os cachos ao redor da cabeça com uma fita de veludo da mesma cor.

Boquiaberta, Lucy contemplava a tia, agora colocando um pingente e brincos de esmeralda, que faiscavam sobre a pele alva.

— Meu Deus! Parece uma princesa, tia Catrina! Tomando a sobrinha nos braços, ela rodopiou pelo quarto, feliz e esquecida de todos os problemas. Precisava sentir-se bela, há semanas que não tirava o avental nem arrumava os cabelos!

Quando as duas entraram no jardim de inverno, Dominic as fitou, sem fazer nenhum comentário. Millicent, porém, estava de péssimo humor e não disfarçou sua reprovação.

— Não acha que escolheu um vestido excessivamente requintado para um mero jantar?

— Talvez sim, mas não me importo. Quem escolheu minha roupa foi Lucy e, como não agüento mais viver de avental, aceitei de bom grado a sugestão! Aliás, pretendo aproveitar esse jantar, pois há muito tempo não saímos de

casa!

Catrina viveu cada minuto daquela reunião informal como se fosse sua última oportunidade de divertir-se diante de um futuro incerto. Ficou feliz com o olhar de admiração do general Ridgeway e adorou notar a expressão de inveja e ciúme de Dinah Forest, sempre tão artificialmente inocente e desprovida de emoções negativas. No entanto, sua maior satisfação foi à resposta de Alice ao comentário ferino da bela viúva.

— Céus, Catrina! Você gosta mesmo de ostentar todos os seus atributos físicos e enfeites caros ao mesmo tempo, não?

— Fico honrada com sua gentileza, Catrina — declarou Alice Ridgeway com um sorriso amável. — Imagino o seu cansaço e sei como se esmerou para apresentar-se tão bem vestida e penteada assim para nós. Como você, também estou saturada de resolver problemas e viver fechada em casa, sem usar vestidos bonitos. Pretendia ir visitá-la e só não fui porque Dinah me contou que estão sem criados e não quis aumentar-lhe o trabalho.

— Eu ajudo tia Catrina! — exclamou Lucy.

— Até parece que eu sou uma inútil e não faça nada — explodiu Millicent, irritada. — Olhem só para meus dedos! Estão com marcas de alfinetadas, pois passo o tempo todo remendando e costurando.

— É uma situação terrível! — murmurou Dinah, com falsa compaixão. — Pena que a srta. Beaumont não tenha podido ficar de luvas a noite toda.

O comentário da sra. Forest fez com que todos os olhares se fixassem nas mãos de Catrina, vermelhas e ásperas.

Corando de vergonha, ela tentou escondê-las entre as dobras do vestido, mas era tarde demais.

Dominic, com os olhos faiscando de raiva, ergueu-se e foi até Catrina. Curvando-se diante dela, segurou-lhe as mãos.

— Aqui está a evidência mais concreta da quantidade de trabalho pesado e impróprio a uma dama, que está sendo feito por amor à minha família — declarou ele com a voz firme e o olhar afetuoso. — Quero beijá-las para demonstrar o quanto lhe sou grato!

Aplaudindo o gesto cavalheiresco de seu subordinado, o general imitou-o, fazendo uma medida, sem olhar para a prima que virará o rosto corado para não presenciar o triunfo de Catrina.

Após um jantar substancial e apresentado com requinte apesar da simplicidade dos pratos, Alice convidou as mulheres para irem ao salão, deixando os homens fumando na sala de refeições.

— Foi um belo jantar, sra. Ridgeway.

— Obrigada, Catrina, mas... tudo é tão relativo, não acha? Há alguns meses, um jantar simples seria muito mais sofisticado do que este. Tudo muda...

A conversa se estabeleceu entre Catrina e Alice Ridgeway, pois Millicent continuava emburrada e Dinah, alheia. A viúva só se animou quando Dominic e o general vieram juntar-se a elas. Mas logo Lucy começou a bocejar e Dominic decidiu despedir-se, apesar de a reunião ainda estar animada.

Caminhando de volta a casa, a garotinha rompeu o silêncio dos adultos e extravasou seu entusiasmo.

Foi a primeira vez que jantei com gente grande e adorei!

— Comportei-me bem, não é, mamãe?

Agiu como uma criança bem-educada — replicou Millicent, seca. — Aprendeu bem suas lições.

— Você parecia uma dama, querida! — elogiou Dominic, ao notar a decepção da filha diante do comentário áspero da mãe.

-Senti orgulho de ser seu pai!

Ai que bom! — Lucy hesitou antes de continuar. — Se eu continuar me comportando bem... será que posso ter um outro cachorrinho?

— Chega, Lucy! — interferiu Millicent antes que o mando pudesse se manifestar. — Já lhe disse centenas de vezes que não quero um animal em casa e expliquei os meus motivos. Esse assunto está encerrado.

Catrina deixou que a conversa fluísse, sem querer se intrometer numa discussão que não lhe dizia respeito. Além disso, a irmã estava tão irascível que qualquer comentário seu seria mal recebido.

— Estou quase desmaiando de tanto sono — comentou Millicent, bocejando. — Deve ter sido o vinho que tomei no jantar. Você cuida de Lucy, Catrina. Eu preciso de descanso.

— Também não agüento de sono, tia Catrina. Vamos logo para a cama? Adoro dormir com você. Você é tão macia, tão quente... Eu sei que já é tarde, mas... pode me contar uma história hoje também? Queria ouvir de novo aquela sobre um cachorrinho perdido...

Sorrindo, Catrina foi para o quarto com a sobrinha, mas Lucy, de tão exausta adormeceu antes do final da história. Ela, infelizmente, não sentia sono. Ainda estava sob o efeito da noite animada, rememorando os momentos agradáveis do jantar. Sabendo que não adiantaria deitar-se, colocou um lenço e dirigiu-se à biblioteca. A casa estava em silêncio e apenas a vela em sua mão iluminava o corredor escuro. Mas, ao abrir a porta da sala, viu Dominic estirado no sofá, com uma garrafa de rum na mesinha, ao seu lado.

Então Catrina? — zombou ele — Não lhe ensinaram que é perigoso interromper um homem Quando ele está seriamente decidido a se embriagar?

— Não devia ficar sentado no escuro, Dominic. — Catrina não estendia por que ele, já vestido para dormir, tinha voltado à biblioteca em busca de bebida. — Termine esse copo e vá descansar.

— Oh! Que preocupação comovente! Pois... vá para o inferno com seus conselhos de irmãzinha mais velha!

Inexperiente em relação aos homens, Catrina não sabia como agir diante de um homem semi-embriagado. Ela teve o impulso de fugir, mas viera apanhar um livro e era isso o que iria fazer.

Cumprido o objetivo, já caminhava em direção à porta quando Dominic a puxou pelo braço com violência. Perdendo o equilíbrio, Catrina cambaleou e só não caiu porque ele a segurou nos braços.

— Aposto que quer saber por que estou bebendo, não é? — resmungou ele com a voz pastosa. — Não adivinha o motivo... irmãzinha?

— Por favor, Dominic! Deixe-me ir embora, você está fora de si! Não me interessam nem um pouco os seus motivos. Tome a garrafa inteira se quiser, mas largue-me imediatamente!

— Ah! Não! Faço questão de explicar-lhe bem direitinho! — de continuou, apertando-a de encontro ao peito. — Afinal, a culpa é de Lucy, ou melhor, do comentário inocente da minha filha.

— Você está mesmo bêbado, Dominic! Ela é apenas uma criança! Que

culpa pode ter desse seu estado lastimável?

— Pois foram as palavras dela que me tiraram o sono. Quero beber até apagá-las de minha cabeça. Lucy disse... “Eu adoro dormir com você... você é tão macia, tão quente...”

— Não... entendo...

— Ah. Catrina... — Dominic mergulhou o rosto nos cabelos os — Se soubesse como eu invejei minha filha... por ter a sorte de partilhar a sua cama!

CAPÍTULO IX

Com as mãos trêmulas, Catrina colocou sobre a mesa o castiçal que ainda segurava. Precisava usar as duas mãos para empurrar Dominic, que, naquele estado, colocaria ambos em uma situação perigosa da qual certamente se arrependeria na manhã seguinte. Por outro lado, sentia-se aliviada e feliz. A reação de Dominic às palavras da filha não haviam sido de censura, mas de ciúme. Surpresa com essa descoberta, não encontrou forças para desvencilhar-se do abraço.

— Bem... é melhor você sair daqui — resmungou ele, soltando-a. — Deixe-me sozinho, Catrina.

Talvez tivessem sido os dois copos de vinho tomados no jantar ou então a alegria causada pela declaração de Dominic que lhe provocavam aquela languidez, aquela incapacidade de reagir e se afastar.

— Não me mande embora, Dominic — murmurou ela, ignorando a sensualidade com que fazia o pedido.

Num impulso, levou as mãos ao rosto másculo, percebendo o desejo que seu toque despertava nele. Incapaz de se controlar traçou o contorno da boca firme com a ponta dos dedos e sentiu— o estremecer.

— Pelo amor de Deus, afaste-se de mim... eu não serei capaz de suportar por muito tempo...

— Eu te amo, Dominic...

— Deus! Se antes eu já estava descontrolado, agora você me deixou louco!

— Procure compreender... — murmurou Catrina. — Não fui educada como uma verdadeira dama, não aprendi que é errado demonstrar as minhas emoções. Não me ensinaram a ter recato...

— Só posso agradecer aos céus por terem negligenciado essa parte de sua educação. — Segurou-a firmemente pelos ombros, fitando-a com intensidade. — Você é livre como a natureza e... sonho vê-la em seu estado mais puro... sem pudor ou vergonha de suas emoções.

Catrina hesitou, mas o desejo venceu a timidez. Com gestos decididos, deixou-se cair ao chão e soltou as alças da camisola. Vendo a paixão no olhar de Dominic, o último vestígio de pudor desapareceu.

Ele se aproximou dela devagar, fascinado com o corpo jovem e bem-feito, dourado à luz das velas. Carregando-a para o sofá, fitou-a por longo tempo antes de tocar a pele macia.

Como se estivesse num sonho, ela lembrava vagamente dos conselhos que havia recebido. No entanto, o roçar sensual dos lábios de Dominic faziam sua pele arder. Nada daquilo lhe parecia errado; as carícias dele a enchiam de prazer.

— Eu te amo, nada mais importa...

Dominic também se abandonou aos impulsos, consciente apenas da mulher ardente em seus braços. Catrina correspondia com uma paixão tão intensa que aumentava ainda mais a sua volúpia. Assim mesmo, havia momentos em que o bom senso o fazia hesitar; era tão perigoso prendê-la naquele envolvimento mágico... e proibido.

— Catrina... tão espontânea, tão pura. — Fitou a mulher transformada pelo desejo. — Você é linda... — disse e refez com os lábios o caminho percorrido pelas mãos, levando Catrina a um delírio incontável. Sentindo-se arrebatada por uma onda de sensações irresistíveis, deixou-se conduzir pelos impulsos do corpo, esquecida dos temores da alma. Ousada, soltou o cinto do roupão de Dominic, ávida pelo contato de suas peles.

— Animais!

Millicent, parada à porta, olhava-os horrorizada, a voz transtornada pelo ódio.

Afastando-se de Dominic, Catrina sentiu-se gelar.

— Obscenos, repugnantes... vocês dois não passam de selvagens...

Millicent se curvou prestes a vomitar, e Dominic correu para ajudá-la. Foi detido por um gesto de repulsa. Antes de sair correndo, ela o fitou como se estivesse diante do próprio demônio, tomo assim, o marido seguiu-a, e enquanto Catrina se recompunha, ouviu o ruído chocante das ondas de náuseas que acometiam a irmã já em seu quarto.

Então, a vergonha a tomou de assalto.

Não havia nada que desculpasse sua imoralidade; nem as falhas de uma educação negligente, nem a falta de amor materno! Já não tinha dúvidas de ser uma criatura anormal, sem o menor traço de decência ou pudor. Oferecera-se a um homem, o marido de sua irmã, disposta a se tornar amante dele e nem por um instante tivera escrúpulos. Mesmo agora, apesar de humilhada e rubra de vergonha, sentia-se frustrada com a chegada inoportuna de Millicent.

Por uma eventualidade, a irmã provavelmente não tomara a dose de láudano de que precisava para dormir. Talvez o vinho tomado no jantar a tivesse deixado sonolenta a ponto de se esquecer daquela droga perigosa que lhe provocava um sono pesado como a morte.

Apenas um copo de vinho transformara a vida de todos naquela casa, pois enquanto procurava seu remédio, Millicent avistara a luz na biblioteca. O que seria deles agora?

Na manhã seguinte, após uma noite em claro e torturada por um remorso infinito, Catrina mal podia responder às perguntas inocentes de Lucy. Mecanicamente, ajudou a sobrinha e vestir-se e fechou-se na cozinha para preparar o desjejum. Esse isolamento benéfico se desfez com a chegada de Dominic.

Pálido e abatido, ele demonstrava também não ter dormido aquela noite.

— Eu posso ir embora se Millicent quiser... — murmurou Catrina, desviando o olhar. — Ela deve me odiar!

— Você não tem para onde ir e nós não sobreviveríamos sem sua ajuda — falou com voz inexpressiva, desprovida de emoção. — Não há outra solução a não ser continuarmos como antes, mas... o que aconteceu ontem não poderá se repetir nunca mais. Não vou me defender alegando ter bebido demais porque, bêbado ou não, eu devia ter resistido à tentação.

— Se ao menos... eu devia ter saído, você me pediu para ir embora.

— Sem dúvida, Catrina. Você precisa aprender que os homens, mesmo sóbrios, perdem a cabeça diante de uma mulher pouco... recatada.

Suspirando, ela imaginou quantas palavras poderiam ser usadas para descrever um comportamento que Dominic, polidamente qualificava de pouco

recatado. Na verdade, ele queria dizer falta de decência, virtude, pudor... enfim, as qualidades de uma mulher digna e que faltavam a Catrina Beaumont!

— Ontem, nós dois fomos impedidos, afortunadamente, de cometer um crime. Para que isso não se repita, não me provoque, por favor. Será que entendeu a gravidade da situação, Catrina?

— Claro, eu...

— Ontem você falou de amor — interrompeu Dominic com crueldade. — Eu não a amo e você também não. Sua natureza passional a fez confundir emoções muito diferentes. Sou o marido de sua irmã e essa é a única ligação que sempre existirá entre nós.

As últimas palavras de Dominic continuaram ecoando na mente de Catrina durante toda a manhã. A ausência de Millicent, que não saíra do quarto para tomar o café, ajudou-a a se concentrar no trabalho para não pensar no inevitável encontro entre elas.

Mas o momento chegou quando a irmã, abatida e com olheiras fundas, entrou na cozinha. Ao perceber que ela estava prestes a desmaiar, Catrina aproximou-se para ajudá-la.

— Não me toque! — gritou Millicent. — Afaste-se de mim.

Mordendo os lábios, Catrina foi esquentar o café para a irmã, tentando parecer normal diante da sobrinha.

— Pode me fazer um favor, Lucy? Deixei uma pilha de roupas no corredor e gostaria que separasse as peças brancas das coloridas para mim.

Mal a garotinha saiu, ela fitou a irmã, procurando as palavras certas para se desculpar.

— Eu sinto muito, Millicent. Isso nunca mais...

— Eu sei o que você sente, raiva por eu ter aparecido! — explodiu Millicent. — Eu vi a sua expressão enquanto ele... Deus do céu! Só de lembrar-me tenho vontade de vomitar! É tão depravada que nem se preocupou em apagar a vela. Agora entendo por que meus pais nunca conseguiram amá-la.

— Por favor, Millie! Você não está sendo justa. Eu não tinha nem a idade de Lucy quando eles me deixaram com minha madrinha. Era uma criança e...

Você já nasceu com esses instintos — continuou Millicent, implacável. — por certo desde pequena já demonstrava não possuir o menor pudor ou decência!

Confusa e angustiada, Catrina não encontrou argumentos para se defender. Seria verdade o que Millicent afirmava? Uma educação negligenciada e entregue aos criados não resultaria em má formação? Nem Alice Ridgeway percebera a verdadeira razão pela qual os pais a haviam rejeitado mas... era possível descobrir tão cedo a falta de princípios, a ausência de virtude?

Dominic fora bondoso ao considerá-la uma mulher "passional", mas talvez sua mãe tivesse dado outro nome à sua espontaneidade. Quem sabe, pensou, nada impediria o desabrochar de uma mulher libertina, já latente na criança insensível às lições de moral?

— Se vocês pudessem se manter sem minha ajuda, eu iria embora neste minuto, Millicent.

— Pois não devia nem ter vindo! Por que não ficou em Londres? Lá poderia juntar-se à ralé e viver na sarjeta onde é o seu lugar.

— Não tenho defesa contra acusações nascidas de um ódio compreensível, Millicent, mas... gostaria de tranquilizá-la dizendo que a culpa não foi de Dominic. Ele me pediu que não me aproximasse...

— Céus! Acha que estou com ódio porque senti ciúmes do meu marido? — Ela deu uma gargalhada sarcástica. — Não sou idiota a ponto de fechar os olhos à realidade. Ele satisfaz a seus instintos com outras mulheres e há muito tempo!

Chocada, Catrina sufocou uma exclamação de angústia. Enquanto a irmã não se importava com o fato de o marido ter amantes, ela se magoava com a simples idéia de partilhar a atenção de Dominic até mesmo com a irmã!

— Já imaginava que ele fosse procurar uma substituta quando aquela vagabunda fugiu como um rato covarde para a Inglaterra — Millicent falou com desdém. — Como sempre, eu estava pronta a suportar mais uma prostituta na vida dele, mas nunca poderia supor que minha própria irmã se ofereceria despidoradamente e sem a desculpa da necessidade de usar o corpo para ganhar alguns tostões!

— Você mencionou que a amante de Dominic voltou para a Inglaterra. — Catrina esqueceu-se dos insultos diante da revelação inesperada. — Então conhecia a moça?

— Lógico! Ela era minha criada de quarto.

— Oh, Deus! Você deve ter sofrido e...

— Sofrido? Não seja tão cega, Catrina! Eu mesma arquitetei o plano. Aquela moça se entregou a Dominic porque lhe pedi que se oferecesse a meu marido. Mas pelo menos os dois respeitaram estacasa e encontravam-se fora daqui.

— Não acredito! A própria esposa coloca uma amante nos braços do marido! Ele soube disso?

— Nem desconfiou! — zombou Millicent, triunfante. — Com o típico orgulho masculino, pensou que ela tinha se deixado fascinar por sua virilidade irresistível! Dominic nunca soube que minha criada estava desempenhando apenas mais uma tarefa penosa!

Subitamente, Catrina sentiu a culpa que a atormentava se tornar mais leve. Embora sua atitude fosse imperdoável, Millicent também carregava uma parcela de erros condenáveis.

— Não vou me justificar, Millicent. No entanto, se você pediu a sua própria criada para se tornar amante do seu marido, também agiu mal e...

— Eu simplesmente encarreguei-a de mais uma tarefa desagradável para ser cumprida, só isso! Mas, se pretende contar esse fato a Dominic, pense bem antes de abrir a boca. Basta uma palavra sua a esse respeito e eu descreverei a todos a cena sórdida que presenciei em minha própria casa. Você será rejeitada pela sociedade...

— Nada no mundo me faria revelar um fato tão humilhante a Dominic e que cobriria você de vergonha.

— Vergonha? Como ousa me acusar de um pecado que é exclusivamente seu? — Millicent estava transfigurada pelo ódio. — Serei obrigada a suportar a sua presença em minha casa, mas não manteremos mais nenhum contato além do estritamente necessário. Entendeu Catrina?

Millicent cumpriu sua palavra, mantendo-se fechada no quarto de onde saía apenas quando era essencial manter uma aparência de normalidade.

Embora Catrina compreendesse a revolta da irmã, via essa atitude conveniente com cinismo. Se ela fosse uma mãe dedicada não deixaria a filha entregue aos cuidados de uma mulher sem princípios. Como sempre, Millicent preferia ignorar fatos inconvenientes e não mais se ocupava de Lucy, abandonando-a nas mãos de uma tia que considerava corrupta e devassa!

Dominic só aparecia em casa na hora das refeições e evitava até olhar para Catrina. Sozinha e ocupada com trabalhos que lhe deixavam a mente livre, ela revivia sem cessar os detalhes daquela noite degradante. Havia um por menor em especial que a intrigava: a menção de quase terem cometido um crime. Por acaso a palavra certa não seria pecado?

Seu único consolo era Lucy. A cada dia encantava-se mais com a garotinha inteligente e sensível. O inesperado laço afetivo que se criava entre elas a comovia.

— Por que tem estado tão triste, tia? — perguntou a menina com surpreendente percepção. — Você quase não ri mais...

Catrina pensava em como explicar seu estado de espírito a uma criatura inocente, quando uma série de explosões ensurdecedoras fez vibrar as paredes da casa. Certa de que os espanhóis tinham iniciado o ataque, ela vestiu-se correndo enquanto tentava acalmar Lucy.

Até Millicent, sempre dopada pelas doses excessivas de láudano, tinha acordado e entrou no quarto delas, semiconsciente.

— Dominic não dormiu em sua cama! Fomos abandonadas e os espanhóis já devem estar invadindo as casas! Oh! Deus! O que será de nós?

Diante do descontrole da irmã, Catrina sacudiu-a até despertá-la por completo. Precisava sair de casa para descobrir o que acontecera, mas não podia deixar Lucy nas mãos de uma pessoa fora de si pelo láudano e pelo pânico.

Depois de muito esforço, ela conseguiu restaurar uma certa calma em mãe e filha, podendo ir em busca de notícias. Mas tão logo chegou ao jardim, percebeu com alívio que o ataque partira dos ingleses e voltou para tranquilizar Lucy e Millicent.

Durante toda a manhã os canhões dispararam sem cessar. A rotina daquele domingo fora alterada por completo e Catrina ocupou-se em preparar o desjejum enquanto pensava no que faria para o almoço. Não poderiam mais ir à casa dos Ridgeway, como de hábito, e seria preciso descobrir algo para alimentá-los.

O dilema resolveu-se com a chegada de Alice e Dinah, que trouxeram um presunto defumado e pão caseiro.

— Como vocês iam almoçar conosco, não deve haver comida pronta em casa — explicou Alice. — Por isso contribuiremos com as provisões necessárias para essa refeição.

Catrina fez sanduíches e as mulheres se reuniram no jardim de inverno, à espera de que os espanhóis abrissem fogo em resposta ao ataque inglês. À medida que o dia chegava ao fim, o silêncio dos canhões inimigos tornou-se inquietante.

Dominic entrou na sala quando não se ouviam mais tiros. Pálido e com aparência sombria, ele foi recebido com uma explosão de alegria vinda da esfuziante Dinah.

— Graças a Deus! Você está vivo, Dom!

— Não seja ainda mais tola do que de costume, Dinah! — Alice censurou-a com uma aspereza pouco habitual. — Lógico que ele está vivo! Os espanhóis não dispararam nem um tiro!

— É nós não conseguimos danificar a Linea, apesar do desperdício de munição — resmungou Dominic. — Por que eles não abriram fogo?

Essa pergunta sem resposta permaneceu nos lábios de todos que se alarmavam com a passividade do inimigo. Os espanhóis recusavam-se a dar um único tiro e, aos poucos, os disparos ensurdecadores dos canhões ingleses passaram a integrar a rotina do povo de Gibraltar, já bastante penosa.

O Exército racionara drasticamente os mantimentos distribuídos para os oficiais e logo o problema de encontrar alimentos se agravou. Os preços tornaram-se exorbitantes e ninguém se arriscava a sair com dinheiro na rua. Até honestos pescadores se dispunham a roubar para arranjar comida para suas famílias.

Preparada pela vida para enfrentar crises, adaptando-se com rapidez a situações difíceis, Catrina tornou-se tão apta quanto às mulheres do vilarejo para enfrentar a luta pela sobrevivência. Quando um navio conseguia romper o bloqueio, ela usava força, malícia e, em último recurso, suborno para conseguir qualquer alimento.

Sempre que o vozerio vindo do vilarejo a despertava, ela escondia o dinheiro no decote do vestido e corria para o cais, onde encontraria o navio que havia motivado a agitação. Numa dessas manhãs, de posse de um punhado de moedas, Catrina conseguiu convencer um comerciante a lhe vender um enorme saco de farinha de trigo, um bem escasso e tão necessário.

O grande perigo era ser roubada enquanto cruzava a cidade, mas ela encontrara um cocheiro de confiança e ambos vigiavam atentamente a carga enquanto se apressavam a alcançar a estradinha que subia a colina.

Uma pessoa familiar na fila que esperava o pão distribuído pelo exército a fez esquecer o medo de um roubo. Deixou Lucy com o cocheiro e correu até Violet.

— Não posso sair daqui ou perco o lugar, querida.

— Venha comigo — Catrina falou baixo. — Comprei um saco de farinha e lhe darei um pouco. Mas vamos logo ou o cocheiro irá embora com Lucy e aí teremos que subir a colina a pé.

Sem titubear, Violet seguiu a amiga até a charrete, eufórica com a oferta do presente precioso. Então, como não tinha onde carregar a farinha esticou o avental para que Catrina o usasse como recipiente.

— Eu sou Lucy... quem é você?

— Violet, querida — respondeu ela à menina que a fitava, curiosa. — É a sobrinha de Catrina, certo?

— Acertou. Eu a ajudo muito! Você tem uma filha para ajudá-la, Violet?

— Deus me livre... quer dizer, Deus não me abençoou tanto! — Violet consertou o engano rapidamente e virou-se para Catrina. — Chega de farinha, já me deu demais!

— Ora! Os amigos são para isso. Aliás, estou preocupada com você. Está tudo correndo bem?

— E... dentro do possível! Eddie vai se esgotando aos poucos, como todos os soldados. A situação está se agravando tanto que só ouço falar em deserção e fuga. Um rapaz bem jovem tentou escapar, mas caiu de um rochedo antes

de ultrapassar a Linea e rachou a cabeça. Foi trazido de volta... morto!

O encontro com Violet, sempre bem disposta e falante mesmo nas situações mais difíceis, alegrou Catrina e Lucy, que chegaram em casa rindo como não faziam há muito tempo. Mas o crescente mau humor de Millicent logo as trouxe de volta à realidade.

— Por que não usou um pouco da sua espantosa fortuna para comprar algo mais útil, como chá ou chocolate?

Controlando a irritação, Catrina continuou colocando a farinha em um saco menor para dar a Alice Ridgeway. A amiga veio visitá-las, trazendo algumas laranjas para Lucy. Na verdade, pensou Catrina, a sua “fortuna” estava diminuindo de forma alarmante! Por sorte, ela não contara à irmã que havia trazido várias latas de chá da Inglaterra, mas a gentileza de Alice merecia uma demonstração de generosidade.

— Eu comprei uma latinha de chá e vou preparar um pouco para nós

Depois de separar a quantidade que daria a Alice, ela preparou a bebida e ia entrando no jardim de inverno quando ouviu a voz animada de Lucy.

—... uma amiga de tia Catrina, Violet! Ela é casada com um soldado, ele está muito cansado e outro dia um jovem quis fugir e voltou morto!

— Sobre o que esta menina está falando? — Millicent fitou a irmã, enfurecida. — Você tem alguma amiga tão vulgar e casada com um soldado?

— Nós... eu a conheci a bordo do Oriole.

— Pois não me parece uma amizade recomendável!

— Não, mamãe! — interferiu Lucy. — Violet é bonita, não tão linda como tia Catrina, mas ela é simpática.

— Chega, Lucy — ordenou a mãe, ríspida. — Leve as laranjas que tia Alice trouxe para você e as arrume em uma cesta... na outra sala.

Tão logo a filha saiu, Millicent dirigiu-se à irmã e só não foi mais ríspida graças à presença de Alice e Dinah.

— Peço-lhe que evite essas companhias... censuráveis quando estiver acompanhada por Lucy!

As visitas também impediram que Catrina se defendesse. A letargia excessiva e a falta de interesse por alguém a não ser ela própria tornavam Millicent uma pessoa desagradável que a distanciava de todos, até da filha!

Então Dinah bateu palmas com o entusiasmo de quem acaba de decifrar um quebra-cabeça.

— Violet? Eu me lembro! Fui a um jantar onde um dos oficiais mais jovens se excedeu na bebida para afogar as mágoas porque haviam fechado... — a jovem viúva enrubesceu levemente

-... a tal casa de mulheres do vilarejo. Ele comentou a beleza das jovens, em especial uma que tinha esse nome! Certamente não pode ser a mesma pessoa, Catrina, mas...

É ela mesma. — Catrina ergueu o queixo em desafio. — Violet tratou de mim com uma dedicação de mãe durante a viagem e agora está casada com um soldado.

O olhar de Millicent não indicava o menor espanto ao saber amizade de sua irmã com uma prostituta. Catrina só esperava que Alice não tivesse notado nada, pois prezava a opinião daquela senhora amável e não queria perder o respeito dela. Quanto a Dinah... pouco lhe importava a opinião que a viúva ferina tivesse a seu respeito!

Mas a sra. Ridgeway sentiu a animosidade do ambiente e, logo após mudar o assunto para evitar mais problemas, despediu-se e arrastou Dinah, que pretendia esperar por Dominic, sem dúvida o único motivo pelo qual suportara aquela visita.

Logo chegou a hora que Catrina mais detestava. Após o lanche rápido, Millicent fechava-se em seu quarto, Dominic saía e ficava fora toda a noite e Lucy adormecia. Sozinha, ela escrevia no diário para aliviar a solidão.

“O maior problema agora é o desânimo geral. Sente-se a mesma desesperança em todas as pessoas, pois os espanhóis continuam recusando-se a abrir fogo contra os ingleses apesar de nossos ataques cotidianos. Mas os imponentes galeões não respondem, cercando a baía como sentinelas mudas.

“O general Ridgeway tem uma teoria própria sobre a tática da Espanha em se manter alheia ao canhoneiro britânico. Ele acredita que o objetivo do inimigo seja destruir a nossa confiança, ignorando-nos como crianças travessas. Afinal, sabem perfeitamente bem que temos apenas 7.000 homens, enquanto eles são muito mais numerosos.

“O grande terror, porém, não é provocado pelo inimigo, mas pelos próprios habitantes do vilarejo. A fome aumenta e ninguém está seguro. Pode-se morrer assassinado por um quilo de farinha. O governador faz o possível para ajudar, mas a situação continua se agravando.

“Quando o padeiro da cidade recusou-se a fazer pão sob o pretexto de não ter lenha para assá-lo, o governador tomou providências drásticas. Sabendo que o verdadeiro motivo dessa recusa era privar o povo desse alimento básico a fim de conseguir elevar o preço até quanto desejasse, confiscou a metade do estoque de farinha do comerciante e distribuiu aos chefes de família.

“Além disso, o governador tem estimulado o plantio de hortas mesmo nos espaços mais diminutos. Ele irá dividir a área fértil de Gibraltar em vários lotes e os oferecerá de graça a quem quiser se tornar um agricultor...”

Fechando o diário, Catrina suspirou ao pensar na horta que sempre quisera ter. Era uma simples fantasia, pois não poderia deixar a casa nas mãos de uma criança e uma mulher indiferente a tudo. Mas, mesmo sendo impossível, ela adormeceu sonhando com verduras e hortaliças.

Na manhã seguinte, Lucy acordou com febre. Tratava-se apenas de um resfriado, mas a garotinha deveria ficar na cama e essa mudança alterava toda a rotina do dia. Catrina não podia deixá-la sozinha para ir ao mercado comprar peixe e Millicent, sob os efeitos do láudano, só despertava realmente após o meio-dia. Felizmente ainda tinham um pernil defumado que lhes serviria de jantar.

Mesmo não tendo de sair de casa, Catrina precisou se desdobrar para cuidar da sobrinha e manter o serviço em dia. Quando Millicent acordou, como sempre pouco acessível a qualquer aproximação, ela avisou a irmã sobre a doença da filha.

— Lucy se resfria com muita facilidade — comentou Millicent, desinteressada. — Não há necessidade de ficar tão alvoroçada.

— Não estou... alvoroçada! — Catrina mal controlava a raiva. — Mas preciso de ajuda pois não posso fazer tudo e ir cuidar dela de hora em hora. Lucy tem de beber muita água e...

— Nem adianta olhar para mim! — interrompeu a mãe rudemente. — Não pretendo arriscar a minha saúde tratando de uma criança doente. E se eu ficar resfriada? É perigoso no meu estado...

Catrina não esperou que a irmã terminasse de falar. Quando chegara àquela casa, vira como Millicent ignorava a filha, mas logo percebera que isso só acontecia na presença do pai. Ultimamente a rejeição se tornara real e Millicent parecia ter-se esquecido da existência de Lucy.

O excesso de trabalho, porém, era menos perturbador do que a necessidade de suportar uma refeição ao lado de Millicent e Dominic sem a presença de Lucy. A animação da garotinha transformava o jantar num momento de alegria.

Os três jantaram no mais absoluto silêncio e não tinham terminado a refeição quando alguém bateu à porta.

— Devem estar precisando de mim — declarou Dominic, aliviado por encerrar o único momento de convívio familiar.

No entanto, ele retornou em seguida, acompanhado por Violet, que soluçava desconsoladamente. Catrina foi ao encontro da amiga preocupada com a expressão transtornada daquele rosto sempre sorridente.

— O que houve, Violet?

— Ao ouvir o nome da recém-chegada, Millicent foi ao encontro deles. Catrina ignorou a fúria da irmã e não lhe deu tempo para se manifestar.

— Conte tudo, algo terrível deve ter acontecido!

— Bem... você disse para eu vir até sua casa se precisasse de ajuda e... Deus do céu! Desta vez, não vou ter como resolver os problemas!

— Sente-se. — Catrina puxou a amiga, levando-a até a mesa onde ainda estava jantando.

— Você sabe quem é essa mulher, Dominic? — explodiu Millicent. — Não admito que...

— Sei e quero ouvi-la. — Serviu vinho à recém-chegada, ignorando os olhares furiosos da esposa. — Fale Violet.

— Foi o Eddie — ela murmurou, quase sem voz. — O miserável pegou o resto do meu dote e... fugiu com o dinheiro! Ele desertou! Agora não posso mais ficar nas casas destinadas aos soldados casados e... não tenho para onde ir!

Revoltada contra a ingratidão do homem que levava Violet a se recusar a voltar à Inglaterra, Catrina procurou o olhar de Dominic com uma interrogação muda.

— Sim, ela pode ficar aqui. O que não falta nesta casa são quartos vazios!

— Você enlouqueceu? — Millicent gritou histérica. — Não vou aceitar uma... não a quero em minha casa! Não e não!

A reação de Millicent, embora violenta, não surpreendia nem revoltava Catrina, com seus códigos rígidos e barreiras sociais nítidas e intransponíveis. Para um casal desse nível, era impossível receber como hóspede a mulher de um soldado que fora uma conhecida prostituta do local.

Seu olhar de súplica a Dominic fora uma reação instintiva, uma tentativa de conseguir que ele ajudasse Violet com rações e lhe encontrasse um teto. Jamais teria pedido que ele a recebesse em sua própria casa.

Percebendo a situação difícil que provocara involuntariamente, Violet ergueu-se para ir embora. Seus ombros curvados já expressavam derrota, mas

a última palavra ainda não fora nada.

— Não importa qual tenha sido o passado dessa jovem — declarou Dominic fitando a esposa. — Agora ela é a esposa de um soldado e, mesmo sendo um desertor, a culpa pertence apenas ao marido.

Chorando, Millicent saiu correndo da sala e ao longe se ouviu a porta de seu quarto sendo batida com violência.

— Agora, vá buscar seus pertences, Violet — ordenou Dominic.

— Eu não pretendia criar-lhes tantos problemas, mas... não tenho para onde ir.

Murmurando agradecimentos, Violet os deixou e Catrina dirigiu-se ao cunhado, concordando pela primeira vez com o ponto de vista da irmã.

— As pessoas farão comentários, Dominic, e...

— Engana-se, Catrina. As mulheres ficarão com inveja porque conseguimos uma criada de confiança por ser inglesa. Violet será conhecida apenas como sra. Blake; sem a maquiagem e os vestidos escandalosos que usava para atrair clientes, ninguém suspeitará de nada.

— Pois quem se engana é você, Dominic! Alice e Dinah sabem quem é Violet. Por que acha que Millicent teve essa reação? Ela já sabia de tudo! Só tenho medo do encontro de Violet com as duas.

— Irei até a casa da sra. Ridgeway e lhes pedirei que mantenham segredo. Enquanto isso pode preparar um dos quartos dos criados para Violet.

Subitamente, Catrina entendeu por que Dominic insistia tanto que dessem abrigo à moça. Ele pouco se importava se a pobre coitada era esposa de um soldado! Na verdade, um homem viril apreciaria muito uma bela e vivaz criada!

— Você é mesmo esperto! — zombou ela, ácida. — Nós todos sabemos qual foi a profissão de Violet no passado e, com um pouco de persuasão, ela poderá ceder aos seus desejos, certo? Você quer ter sua amante convenientemente próxima... como da outra vez...

A rapidez do gesto de Dominic tomou Catrina de surpresa e ela quase caiu com a violência do tapa no rosto. Lágrimas de dor e ódio toldaram sua visão enquanto ele a amparava nos braços, desconcertado com a própria violência.

CAPÍTULO X

Em uma vida repleta de aventuras amorosas, Dominic jamais encontrara uma mulher como Catrina, capaz de levá-lo a extremos com tanta rapidez. Ela não reprimia suas emoções mais íntimas, deixando-lhe a difícil tarefa de se controlar pelos dois. Mesmo assim, jamais se desculpava por tê-la agredido nem por ter perdido tão completamente o autodomínio. Já devia saber que só a mais absoluta frieza o salvaria de uma situação insuportável.

Precisava erguer uma barreira entre ambos e um modo eficiente de fazê-lo era provocar o desprezo de Catrina. Ela jamais saberia o quanto lhe custava afastar-se quando se sentia profundamente atraído nem como era difícil mentir com o propósito deliberado de feri-la.

— Sinto muito, Catrina. Eu não devia ter perdido o controle. Mas o que disse me tirou do sério, fiquei diante de uma verdade que eu ainda não queria admitir. Minha esposa é uma criança mimada para quem o amor é um sentimento platônico. Não vou negar que pensei em Violet como uma possível amante e... Ouça bem, Catrina! — disse ele, forçando-se a ser cruel. — Minha vida amorosa não lhe diz respeito. Se me relacionar com Violet ou qualquer outra mulher, não vou aceitar críticas. — Dominic suavizou o tom, percebendo o quanto suas palavras a feriam, mas continuou: — Apesar de tudo, o principal objetivo ao convidar essa jovem para ficar aqui é minha preocupação por você.

— Não seja hipócrita!

— Então deixe de ser boba! Ainda não pensou que em menos de dois meses Millicent terá o bebê? Consegue imaginá-la fazendo algo além de alimentá-lo, além de exigir mais atenção por estar debilitada pelo parto? — Ele sacudiu a cabeça, desanimado. — O trabalho vai aumentar muito e recairá sobre seus ombros, é claro. Violet pode ajudá-la a dividir essa carga.

Dominic desviou o olhar ao perceber a imediata expressão de alívio na fisionomia de Catrina. Admirava essa mulher espontânea, incapaz de disfarçar seus sentimentos com a artificialidade cultivada por todas as mulheres que conhecera.

— Então foi por isso que convidou Violet? Não pretendia...

— Por favor, não me aborreça mais, Catrina. O que pode acontecer ou não entre mim e Violet não é da sua conta. Preocupe-se apenas em arrumar o quarto dela e procurar algum uniforme deixado pelos outros criados. Vou até a casa dos Ridgeway avisar Alice e Dinah para que mantenham a boca fechada sobre o passado de nossa nova criada.

Depois da saída de Dominic, Catrina forçou-se a se ocupar e reagir. Não aceitava fazer o papel de vítima romântica de um inescrupuloso sedutor!

Se ao menos conseguisse sufocar a sua paixão! Mas o desejo não a abandonava nem mesmo diante da frieza de Dominic.

Quando Violet retornou, trazendo a mala com seus poucos pertences, Catrina estava firmemente determinada a impedir que Dominic e sua atraente amiga criassem qualquer tipo de envolvimento.

— Há algum tempo você me disse que preferia ser prostituta a esfregar o chão das casas dos ricos, Violet. Se pretende ficar nesta casa, terá de me ajudar no trabalho e...

— Céus, Catrina! — interrompeu Violet, ansiosa. — Sou capaz de esfolar os joelhos e as mãos para ajudá-la a fim de ter um teto sobre minha cabeça!

— Ótimo! Precisarás usar um uniforme, atender pelo nome de Blake e..., acima de tudo, comportar-se de modo a não dar à minha irmã nenhum motivo de queixa, entende?

— Serei extremamente cuidadosa, querida.

Catrina suspirou aliviada. Violet entendera o significado de suas palavras e, se dependesse dela, Dominic não conseguiria transformar novamente a criada da esposa em sua amante!

Mais tarde, quando as duas foram até a cozinha preparar um lanche, Catrina surpreendeu-se com a resistência daquela jovem. A mulher derrotada e soluçante de horas atrás se conformara com o destino adverso, recuperando o bom humor de sempre.

— Sinto muito por você, Violet. Eddie não agiu bem e...

— Que patife! — desabafou a jovem, furiosa. — Eu sabia que ele iria embora, mas nunca imaginei que fosse fugir como um rato covarde para se juntar aos nossos inimigos!

— Ele não disse nada que despertasse a sua desconfiança?

— Ah! Se eu não estivesse cega, teria visto os sinais evidentes! Ele vivia reclamando da falta de comida e da superioridade dos espanhóis que não respondiam aos nossos ataques. Eu tentava acalmá-lo, afirmando que estávamos todos no mesmo barco! E, enquanto isso, Eddie já tinha planejado desertar, levando meu dote!

— Pelo jeito, está melhor sem esse homem!

— Bem... foi bom enquanto durou! — disse com ar sonhador. — Ter um marido é bem mais confortável do que ser obrigada a atender homens diferentes a cada noite. Pelo menos não é preciso fingir constantemente!

A visão de Violet sobre o relacionamento conjugue era tão diferente da de Millicent! Para a irmã, o casamento fora uma armadilha que a forçara a se submeter a um "torturante pesadelo". A amiga, porém, via a situação como um repouso bem-vindo após uma vida de fingimento! Existiriam outras maneiras de se encarar a relação entre um homem e uma mulher?

— Eu não menti realmente quando lhe disse que era uma atriz, Catrina. Para sobreviver, aprendi a fingir...

— E sempre foi assim? — murmurou Catrina, escondendo o rosto na sombra. — Nunca sentiu prazer?

— Apenas dei aos clientes o que eles queriam. Desanimada com a frieza de Violet, Catrina não insistiu mais no assunto que, no entanto, continuava a inquietá-la. Concentrou-se em explicar as tarefas caseiras e logo as duas haviam determinado como partilhar o trabalho.

Na manhã seguinte, Catrina surpreendeu-se com a aparência de Violet, irreconhecível no uniforme severo usado pela babá de Lucy. Ninguém reconheceria a jovem leviana que se transformara em uma criada discreta e modesta.

Até a garotinha, apesar de achar que reconhecia o modo de falar da criada, não a identificou com a falante amiga da tia.

Catrina, porém, continuava vigiando Violet obsessivamente sempre que Dominic surgia. Ele tratava a jovem com polidez, mas sua indiferença foi aos poucos tranquilizando a cunhada. Era absurdo, ponderava Catrina, que

Millicent só se preocupasse com os comentários da sociedade enquanto ela, sem nenhum direito de se sentir atingida, morria de ciúmes diante de uma possível ligação entre o patrão e a criada!

Alguns dias após a chegada de Violet, Alice Ridgeway e Dinah vieram tomar chá e conhecer a nova criada. No entanto, não foram elas as únicas a analisar a recém-chegada, pois Violet, tão logo as visitas saíram, deu sua opinião sobre as duas com a franqueza costumeira.

— Uma está assustada, e a outra, triste.

— Quanto a Alice, você acertou Violet. A sra. Ridgeway rompeu relações com a mãe há muitos anos e nunca mais se reconciliaram. Essa rejeição materna a magoou muito.

— Não, querida. A sra. Ridgeway é a que está assustada.

— Ora! Que absurdo, Violet! Alice é esposa de um militar e é preciso bem mais do que um estado de sítio para assustá-la!

— Então tem medo de outra coisa, querida. Além disso, por que será que ela usa aqueles óculos horríveis se não precisa deles?

Franzindo a testa, Catrina lembrou-se de que Alice realmente não usava óculos quando a conhecera. Agora, vivia com um pincenê preso ao nariz, embora olhasse por cima deles o tempo todo! No entanto, aquele detalhe lhe parecia bem menos importante do que a opinião de Violet sobre Dinah.

— Não concordo com você. Em primeiro lugar, não me parece que Alice tenha medo de nada, e quanto a achar Dinah uma pessoa triste... é um verdadeiro absurdo.

— Não estou falando de uma tristeza trágica e sim... patética. Ela é uma criatura infeliz que deseja fazer o tempo parar, pois receia envelhecer e perder a beleza juvenil. Não se conforma em aceitar a monotonia de uma rotina onde não seja o centro das atenções gerais.

Sem dúvida, Violet demonstrara ser uma excelente observadora, decifrando a personalidade de Dinah em um único olhar, mas perdera um detalhe muito importante!

— Dinah está apaixonada pelo capitão Ross, Violet. Não percebeu?

— Ela simplesmente foi esperta e viu qual é o homem mais atraente de Gibraltar! Além disso, é excitante flertar com um homem casado, pois a situação se torna perigosa e cheia de emoções. Essa jovem não sente nada por ninguém a não ser pelo seu reflexo no espelho, querida.

Com medo de revelar seus sentimentos a respeito de Dominic àquela jovem perspicaz, Catrina mudou de assunto.

— O que faremos para o jantar de hoje, Violet? Temos bastante farinha, mas a manteiga está no fim e só sobrou um pouco de açúcar do café da manhã...

O final do mês era um período difícil, pois as rações recebidas sempre no dia primeiro já estavam no fim e era preciso usar de imaginação para criar uma refeição suportável. Além disso, do dinheiro que Catrina trouxera não restava quase nada e Dominic também não tinha como receber qualquer quantia, pois sua fortuna estava nos bancos de Londres.

— Oh! Eu ainda tenho um pouco de chá! — lembrou-se Catrina. — Vou até o mercado, trocá-lo por um pedaço de carne salgada.

— Talvez não seja uma boa idéia, querida. Já pensou em quanto tempo levaremos para cozinhar uma carne defumada? Não temos mais lenha para o

fogão...

— Mas havia uma quantidade enorme! Tínhamos lenha para mais de duas semanas!

— Realmente seria assim se não fosse por sua irmã. Ela exige que eu acenda a lareira em seu quarto todas as noites.

— Então, só me resta ir buscar mais, não é? — resmungou Catrina. — Vou até o porto procurar pedaços de caixas... se é que sobrou alguma!

— Eu iria com você, querida, mas acho melhor lavar essa roupa, ou amanhã não daremos conta do trabalho.

— Não se incomode comigo, Violet. Só quero que me empreste um daqueles vestidos de brim que você usava nos alojamentos do quartel, pois são mais resistentes e sujam menos.

O vestido de Violet ficou curto e justo para Catrina, mas não havia outra opção. Além disso, ia misturar-se com outras mulheres tão mal vestidas quanto ela, que percorriam o cais em busca de pedaços de madeira trazidos pelo mar ou deixados pelos marinheiros descuidados.

Depois de várias horas de trabalho exaustivo, Catrina parou, como todas as outras, para ver o emocionante espetáculo de um navio com a bandeira inglesa furar o bloqueio espanhol. .

Todos corriam para o cais a fim de receber o corajoso capitão que enfrentara um cerrado tiroteio para chegar a Gibraltar. Entre a multidão que gritava e cantava estava Catrina, puxando um pesado saco de lenha...

O capitão desceu do navio e fez uma mesura à multidão que o aplaudia freneticamente. Seu uniforme era rebordado com galões dourados, porém não pertencia à Marinha inglesa.

Curiosa, Catrina aproximou-se e, diante dela, surgiu um dos homens mais atraentes que já vira. Os olhos azuis brilhavam como pedras preciosas em um rosto moreno e de traços tão perfeitos que deixaria qualquer mulher com inveja. A cabeleira cor de mel contrastava com a pele bronzeada e havia algo de selvagem naquele corpo de movimentos lentos, mas de uma energia latente.

Ele se mantinha a distância, supervisionando o trabalho dos marinheiros que descarregavam os caixotes de mantimentos. Também não se aproximou quando os comerciantes da cidade acorreram para iniciar o leilão das mercadorias expostas.

Com água na boca, Catrina os via arrematar, a preços exorbitantes, caixas de batatas, sacos de laranja e enormes peças de queijo. Eram luxos inacessíveis para a maioria dos habitantes de Gibraltar e mesmo ela, uma mulher rica, não podia comprá-los. Por uma ironia do destino, de pouco lhe valia a fortuna guardada na Inglaterra; não havia como conseguir que lhe remetessem nem um centavo!

O capitão, porém, notou a jovem atraente que acompanhava o leilão. Seu olhar atento não perdeu um detalhe do corpo escultural moldado pelo vestido justo nem a beleza da cabeleira ruiva que caía desordenadamente pelas costas.

— Sua sorte a abandonou? — perguntou ele, com um sorriso.

— Tive alguns contratempos... como a maioria das pessoas aqui em Gibraltar.

Ele não escondeu uma expressão de dúvida diante da atitude que julgava

demonstrar um falso orgulho.

— Bem... estou disposto a solucionar esses... “contratempos temporários” oferecendo-lhe casa e comida. Você é uma criatura encantadora, ou melhor, ficará assim quando se livrar desse vestido horrível e tomar um bom banho. Então, aceita?

Catrina fitou a mão estendida a ela rubra de vergonha. A proposta do desconhecido era tão insultante quanto fora a de Dominic, mas agora ela já aprendera a não enfrentar uma situação que só lhe traria mais vergonha!

Ignorando-o, Catrina afastou-se, puxando o saco de lenha cujo peso a impedia de escapar dali com maior rapidez. Não estava muito longe quando sentiu uma mão tocar-lhe o ombro.

— Aceite um pequeno presente, ao menos — o desconhecido lhe oferecia um saquinho de farinha de trigo. — Faça um bolo bem gostoso e pense em minha oferta, está bem? Permanecerei na Hospedaria da Rainha por dois ou três dias e espero uma visita sua... o mais breve possível.

Se o desconhecido tivesse lhe oferecido laranjas ou açúcar, talvez Catrina tivesse engolido o orgulho, aceitando o presente. Mas farinha de trigo era o único mantimento que tinham em boa quantidade, e ela demonstrou sua fúria jogando-a na cabeça do insolente capitão.

— Se eu aceitar algo de você, pagarei até o último centavo. Imóvel e coberto de farinha, ele fitava Catrina completamente atordoado.

Então ela percebeu que a multidão ao redor de ambos se transformara em um grupo ameaçador. Todos o consideravam um herói, não só por ter enganado os galeões espanhóis com sua astúcia e coragem, mas também por ter-lhes trazido mercadorias preciosas apesar de seu preço exorbitante. Em cada rosto encontrou a intenção clara de vingar a ofensa a um galante capitão, insultado por tão mal vestida e insolente criada.

Mas a tensão foi inesperadamente rompida por uma sonora gargalhada.

— É melhor saber o meu nome, moça! — disse ele, divertindo-se com a situação. — Se pretende tornar-se uma de minhas freguesas... sou o capitão Jake Farraday, às suas ordens!

CAPÍTULO XI

Ainda assustada com o risco que correria ao desafiar um homem orgulhoso como o capitão Jake Farraday, Catrina correu para o seu quarto. Se ele não tivesse achado graça em sua ação impulsiva ela estaria em maus lençóis, e não há nada pior do que ser ridicularizado em público.

Ansiosa por contar sua aventura a Violet, dirigia-se à cozinha quando vozes vindas do jardim de inverno chamaram sua atenção. Dominic chegara muito cedo em casa e trouxera consigo um companheiro. Logo Catrina reconheceu a voz do major Peters, o médico do regimento.

— É absolutamente impossível continuar a tomar láudano, sra. Ross. A esta altura da gravidez, a senhora e o bebê estão correndo grave risco. Devo pedir-lhe que me entregue todos os vidros e...

— Não tenho nenhuma gota sobrando! — declarou Millicent.

Pelo tom de voz da irmã, Catrina perdeu as esperanças de vê-la abandonar aquele vício perigoso. Ao entrar na sala percebeu que, como ela, nem Dominic nem o médico tinha acreditado em Millicent, porém não havia como forçá-la. Resignada, Catrina entrou na sala e ofereceu um copo de vinho ao visitante. Temendo que ele ficasse para jantar, logo explicou a situação difícil que enfrentavam.

— Eu o convidaria se não estivéssemos tão desprovidos de mantimentos. Talvez amanhã seja possível comprar algo. Um navio conseguiu furar o bloqueio e trouxe grande quantidade de provisões...

— Então imagino que as mercadorias serão vendidas a preço de ouro — resmungou Dominic. — Jake Farraday é um ladrão!

— Você o conhece?

— E quem não conhece esse homem, srta. Beaumont? — interferiu o médico. — Ninguém o recebe ou sequer o cumprimenta. Esse pirata inescrupuloso não perde uma ocasião para lucrar. É um aproveitador...

— Mas é corajoso. Eu vi como se arriscou para cruzar a muralha formada pelos galeões espanhóis.

— Talvez seja mesmo corajoso, mas sua avidez por dinheiro o tornou um corrupto — a expressão de Dominic demonstrava desprezo. — Ele não é uma pessoa aceitável em nossa sociedade.

— Na verdade, Jake já pertenceu à Marinha Real, srta. Beaumont — continuou o major Peters. — Houve, porém um escândalo e ele foi forçado a se retirar.

— Que escândalo?

— Ah! Existem os rumores mais desencontrados, senhorita. Alguns dizem que foi por causa de uma garota de dezesseis anos, outros afirmam que um jovem aristocrata suicidou-se porque perdeu uma fortuna em um jogo com Jake, mas nunca se provou nada contra ele. Acusavam-no de roubar nos jogos de cartas e todas essas suspeitas se acumularam, contribuindo para formar sua má fama. Pouco depois, ele comprou o Arabella e iniciou sua carreira de pirata!

O major Peters já terminara seu vinho e levantou-se para partir, mas não sem antes voltar ao assunto que o levava até aquela casa.

— Preciso ir embora, mas... não esqueça minhas recomendações sobre o láudano, sra. Ross!

Mal o médico saiu da sala, Millicent teve uma explosão de raiva.

— Estou saturada de ser tratada como uma Criança e, ainda por cima, mentirosa! Ninguém ouve o que eu falo! Não tenho nada escondido em meu quarto!

Preocupada com o nervosismo crescente da irmã, Catrina desviou o assunto para Jake Farraday, um tema que a interessava muito.

— Se nada foi provado contra o capitão, deviam ao menos agradecer-lhe a coragem de nos trazer suprimento.

— Sua curiosidade a respeito desse bandido me parece um tanto excessiva — comentou Dominic. — Garanto-lhe que ele não conhece o significado do altruísmo. Farraday explora pessoas em situações difíceis.

— Pois podia ter escolhido um meio menos perigoso...

— Jake é um marinheiro. Quando o flagraram roubando no jogo, as casas de família fecharam-lhe as portas. Mas o governo o submeteu a uma corte marcial e até lhe permitiram que comprasse um comissionamento.

— Como assim? O que é isso?

— Deram-lhe permissão para usar os canhões do Arabella contra navios hostis ao nosso país, Mas ele só ataca quando sua preciosa carga está em perigo.

— Mesmo assim... Ainda o acho corajoso e...

— Por acaso encontrou esse... bandido? — perguntou Dominic, irritado.

— Nós tivemos uma... ligeira discussão hoje, no cais. E agora me ocorreu que talvez ele possa trazer uma parte do meu dinheiro da Inglaterra.

— Afaste-se desse homem, Catrina.

— Não vejo mal algum em lhe pedir esse favor.

— Você é herdeira de uma grande fortuna, minha cara. Quando Farraday descobrir isso, vai se desdobrar em atenções. Escute o que digo: não se aproxime dele!

— Acabou de me provar o quanto seu julgamento sobre Farraday é preconceituoso, Dominic — zombou Catrina, controlando a raiva. — Quando ele me viu hoje, pensou que eu fosse pobre e nem por isso deixou de demonstrar seu... extremo interesse por mim.

A fúria de Dominic se intensificou, mas antes que ele pudesse responder, Millicent decidiu entrar na conversa com um aparte ferino.

— Pelo que vejo você e Jake Farraday nasceram um para o outro, Catrina querida!

Desta vez foi a entrada de Violet que impediu Dominic de dirigir-se a Catrina.

— Aquele mordomo emproado dos Ridgeway, o Hobson, trouxe uma carta.

— Entregou o envelope a Dominic. — É para o capitão Ross...

— Oh! Deus! — suspirou Millicent, exasperada. — Não sabe que deve trazer as cartas em uma salva de prata que fica no vestíbulo, Blake?

— É um desperdício de tempo, madame. Além disso, estou com as mãos limpas.

Piscando para Catrina, Violet saiu da sala antes que Millicent pudesse censurá-la por sua impertinência.

— A carta é de Dinah — explicou Dominic após ler o bilhete. — Ela está

preocupada com a segurança de sua casa e me pede para ir ajudá-la a verificar as travas e fechaduras.

— Não pode se recusar a auxiliá-la — comentou Millicent desinteressada.
— Ela é sobrinha do seu superior.

— Nem me ocorreu recusar — respondeu ele, escrevendo rapidamente o bilhete de resposta para entregar a Hobson, que aguardava no vestíbulo.

Por que aquela ardilosa não agira como qualquer pessoa bem-intencionada o faria, indo com seu primo, o general Ridgeway, até sua casa no meio da noite? — Catrina se perguntava.

Subitamente, uma suspeita a deixou trêmula de raiva. Dominic não era tolo a ponto de ignorar que Dinah queria ficar a sós com ele em uma casa vazia. Talvez os dois já tivessem combinado esse encontro e a carta não passasse de um modo de se justificarem diante de Millicent!

Se ela fosse à esposa, revelaria suas suspeitas e daria vazão ao seu descontentamento. Mas, como Dominic insistia em afirmar, não passava de uma cunhada recém-chegada e sem direitos de sentir ciúmes ou censurar seu comportamento. No entanto, esse mesmo parentesco sem obrigações ou deveres não o impedia de dar-lhe ordens, determinando de quem ela podia ou não se aproximar ou com quem estabelecer uma amizade!

Naquela noite, Catrina agiu mecanicamente enquanto ajudava Violet na cozinha e ao colocar Lucy na cama. Enquanto se ocupava com as tarefas costumeiras, a revolta e o ciúme aumentavam. Àquela hora, Dominic estava com Dinah e a ela só restava esperar pela volta dele! Quieta, conformada, sem direito a lhe dirigir nenhuma crítica.

Não! Ela não passaria horas torturantes, imaginando o que estaria acontecendo entre os dois! Iria vingar-se, decidiu. Desafiaria Dominic procurando o capitão Farraday em sua hospedaria! Até então, a possibilidade de pedir a Jake que lhe trouxesse uma carta de crédito do seu banco de Londres tinha sido uma idéia vaga. Mas a intervenção autoritária de Dominic em seus assuntos, seguida pelo seu encontro furtivo com Dinah, precipitaram a decisão. De qualquer maneira, era ridículo ter tanto dinheiro parado na Inglaterra e não dispor sequer de um centavo para comprar comida!

Decidida a pedir auxílio ao capitão Farraday, Catrina escolheu um de seus vestidos mais provocantes e sorriu, antecipando a expressão dele ao vê-la tão atraente. Após pentear os cabelos com capricho, cobriu-se com um xale de seda para esconder o decote pronunciado e, beijando a garotinha adormecida em sua cama, esgueirou-se do quarto.

Ela já estava no jardim quando percebeu a inutilidade de seu gesto de desafio. De que lhe adiantaria ir contra as ordens de Dominic se ele não tomasse conhecimento do fato? A vingança só cumpriria seu objetivo se o avisasse de suas intenções. Portanto, dirigiu-se à casa de Dinah!

Logo surgiu a imponente mansão da sra. Forest, cujas portas e janelas recobertas por grossas grades de ferro a haviam transformado quase numa fortaleza. Verificando que a preocupação com a segurança ali era desnecessária, Catrina viu confirmadas suas suspeitas.

Determinada a estragar a noite de prazer do casal, ela bateu à porta e esperou um longo tempo até notar a claridade de uma vela.

— Não pretendo perturbar seu encontro com Dinah — murmurou Catrina, inocentemente. — Só me desviei do caminho para avisá-lo de que, após

pensar muito sobre o assunto, decidi recorrer ao capitão Farraday. Vou pedir-lhe que me traga uma carta de crédito da Inglaterra e...

Catrina não terminou de falar. Dominic a puxou para dentro de casa com violência.

— Já lhe disse para não se aproximar desse patife!

— Que direitos tem sobre mim, Dominic? Sou maior de idade, não dependo de você e... por que não volta logo para a companhia de Dinah? Ela deve estar ansiosa!

— Não diga bobagens! Estou sozinho aqui!

— Mas...

— Convenci-a a ficar com os Ridgeway enquanto eu verificava tudo sozinho.

Reprimindo um sorriso, Catrina imaginou a frustração da bela viúva. Mas sua satisfação durou muito pouco.

— Você vai ficar nesta sala até eu terminar de verificar as janelas! — Dominic falou ríspido. — Ou melhor, permanecerá ao meu lado e eu a levarei de volta para-casa. Não permitirei que vá ao encontro de Farraday, entendeu?

Mais uma vez, Catrina percebeu que fora impulsiva demais. Talvez não houvesse motivo para sentir ciúmes de Dinah...

— Ela estava preocupada e com razão! — declarou Dominic, ao testar a grade do quarto em que haviam entrado. — Esta barra de ferro se soltou e será preciso...

Um estrondo ensurdecador abafou a voz de Dominic e o abalo apagou todas as velas. Catrina não teve noção do que estava acontecendo, mas sentiu-se agarrada por ele e jogada ao chão. Houve tempo apenas para deslizar para baixo da cama e então o teto começou a ruir sobre eles.

— Céus! O que aconteceu? — murmurou Catrina quando o silêncio voltou a reinar. — Os espanhóis estão nos atacando?

— Não creio... deve ter sido um dos nossos canhões que errou a direção do tiro. A disciplina se torna cada dia menos rígida e...

— Mas nós podíamos ter morrido!

— Realmente, foi uma sorte...

Abraçaram-se num gesto instintivo dos sobreviventes que sentiram a sombra da morte passar muito perto. Porém, o abraço foi se tornando mais forte e logo a razão que o motivou foi esquecida. Logo eram apenas um homem e uma mulher que haviam reprimido o desejo e agora se beijavam ávidos, apaixonados.

Dominic recuperou o controle e afastou-se de Catrina com um gemido de angústia.

— Pelo amor de Deus! Um de nós precisa ser mais forte, mas não posso ser sempre eu! Ajude-me...

— Dominic, não consigo controlar o que sinto! Tentei... em vão.

— Lute; por favor, lute!

— Estou cansada de lutar, Dominic, Estivemos tão perto da morte e talvez ainda estejamos sujeitos a ficar soterrados aqui. As pessoas já se acostumaram a essas explosões e só por sorte virão até aqui. Por que não aproveitar a oportunidade que o destino nos entregou de presente?

— Dinah e o general sabem onde estou. Não se trata de um presente e sim de uma cilada! Ninguém pode encontrá-la comigo! Que desculpas teríamos

para dar? Ninguém acreditaria que não tenhamos vindo nos encontrar para...

— Se ninguém aceitara a verdade... por que não cedemos aos nossos desejos?

— Por Deus! Eu jamais encontrei uma mulher como você Catrina! — Dominic desabafou, angustiado. — Qualquer outra estaria à beira da histeria, mas você... continua me oferecendo uma tentação da qual é quase impossível fugir...

Num esforço sobre-humano, Dominic afastou-se dela.

— Fique embaixo da cama enquanto eu tento abrir caminho até a janela.

— Mas há uma grade de ferro!

— Uma das barras está solta, lembra-se? Agora, obedeça sem discutir! Fique aí!

O tom imperativo não admitia perguntas e Catrina permaneceu imóvel. Intrigava-a que Dominic não chamasse ninguém para ajudá-los. Ela ouvia nitidamente o som de vozes do lado de fora da casa, mas aos poucos as pessoas deviam ter perdido o interesse e se dispersavam, pois o silêncio voltou a reinar.

Só então Dominic começou a afastar os tijolos e o ruído de seu trabalho de salvamento se prolongou por horas. Catrina não soube por quanto tempo dormiu até ser acordada pela exclamação satisfeita de Dominic.

— Consegui! Agora há espaço suficiente para você se esgueirar daqui! Venha logo.

Através de uma abertura no teto o luar iluminava aquele cenário de destruição. Catrina não teve dificuldade em encontrar o caminho feito entre os destroços e chegou até ele com facilidade.

— Você ficou louco? — perguntou ela ao deparar com a estreita abertura entre as grades. — Não conseguirei passar! Meu vestido e... as anáguas...

— Eu a ajudarei a forçar a passagem, Catrina. Se não for possível... você tira esse monte de roupa e eu as passarei pelo vão.

Após inúmeras tentativas frustradas, Catrina foi obrigada a se desfazer das roupas. Com mãos trêmulas, despiu-se devagar, sob o olhar de Dominic.

Por instantes o desejo desenfreado os envolveu e eles se abraçaram com força. No entanto, Dominic novamente resistiu ao apelo da paixão.

— Por que o destino me preparou essa armadilha? Por que veio até aqui, Catrina? Vá embora e não me tente mais!

— Não devo avisar ninguém?

— Não podem saber que estivemos juntos. Quando amanhecer eu pedirei auxílio. Vá... volte para casa, pelo amor de Deus!

Catrina obedeceu sem reclamar e, depois de vestir-se rapidamente, correu para casa.

A destruição da casa de Dinah e o salvamento de Dominic dos escombros tornaram-se o assunto principal daquela comunidade entediada pela falta de notícias devido ao bloqueio. Embora o bombardeio diário dos ingleses continuasse desde as primeiras horas da manhã até o cair da noite, o general Ridgeway dispensou o capitão de suas funções, exigindo que observasse o mais rigoroso repouso.

Dominic, porém, não conseguiu descansar por muito tempo e tinha se reunido a Lucy e Millicent no jardim de inverno quando Catrina abriu a porta para uma visitante inoportuna.

Dinah Forest, ignorando as ordens expressas do general, viera à casa dos Ross sem respeitar a necessidade de repouso da família. Como se não existisse mais ninguém na sala, ela jogou-se nos braços de Dominic, soluçando delicadamente.

— Oh! Querido! Sinto muito ter causado tanto transtorno! Minha linda casa...

— O Exército a indenizará, Dinah — murmurou ele, pouco à vontade diante daquela manifestação exagerada.

— Você salvou minha vida! Deve ter pressentido o perigo, Dominic! Foi por isso que insistiu em ir sozinho e recusou minha companhia, não é verdade?

— Eu acordei no meio da noite — interrompeu Lucy, sem prestar atenção na visitante. — Tia Catrina não estava no quarto e...

— Eu não consegui dormir e fui ler na biblioteca para não perturbá-la, querida.

— Pois sua aparência é de quem passou a noite toda em claro. — Millicent a fitava, como sempre, com ódio. — Você está horrivelmente abatida.

Sem responder a mais uma das constantes provocações da irmã, Catrina saiu da sala. Aquelas criaturas mimadas, Dinah e Millicent, pareciam ignorar as dificuldades que afligiam a todos em Gibraltar. Se ela não providenciasse as refeições ninguém teria o que comer!

Por sorte, contava com a ajuda de Violet, que ficava em casa enquanto ela ia ao mercado trocar o seu precioso chá inglês por algo menos requintado, mas que lhes fornecesse uma refeição substancial. A situação, porém, se agravava a cada dia e, mesmo oferecendo quase uma lata inteira de chá, Catrina conseguiu apenas um coelho pequeno e magro.

A casa estava silenciosa quando ela retornou, pois Millicent fora repousar e Dominic saíra com Lucy. Ela e Violet prepararam uma torta para que a pouca carne rendesse para todos.

Millicent, porém, após revirar a comida de um lado para o outro no prato, recusou-se a comer.

— Devia ter me perguntado sobre o que fazer para o jantar, Catrina — disse ela, contrafeita. — Detesto coelho... é horrível!

Catrina suspirou, forçando-se a manter a calma diante das provocações da irmã. Millicent devia ter conseguido novamente um estoque de frutas secas, pois há dias criticava a comida, recusando-se a tocá-la.

— Então, não coma. Infelizmente, não há mais nada. Caso não saiba, a situação vai de mal a pior.

— Quer dizer que não devo jantar hoje, Catrina?

— Pelo amor de Deus, Millicent! — interferiu Dominic, prestes a perder a paciência. — Se o bloqueio continuar seremos obrigados a comer qualquer coisa que não nos deixe morrer! Aconselho-a ser menos enjoada.

— Sinto muito, mas é impossível, Dominic! Prefiro jejuar! — Irritada, voltou-se para Catrina. Aquela criatura preguiçosa já acendeu o fogo na minha lareira? Quero retirar-me e...

— Ainda não está frio, Millicent — Catrina falou num tom deliberadamente servil. — Será que não pode colaborar dispensando esse luxo?

— Ah! Então pretendem me privar de calor além de não se preocuparem com minha alimentação?

— Não é isso, Millicent. Temos pouca lenha e eu serei obrigada a ir buscar

mais amanhã se não nos ajudar.

— Pois ninguém lhe pediu que viesse a Gibraltar, minha cara irmã! Se não suporta essa situação e se recusa a partilhar o nosso sacrifício patriótico...

— Cale a boca, Millicent! — explodiu Dominic, revoltado com a falta de bom senso da esposa.

— Não pretendo ficar quieta! — gritou histérica. — Esta casa é minha! Meus pais a deixaram como herança para a única filha que amavam e ninguém tem direitos aqui! Se eu quiser que se acendam as lareiras de todos os cômodos, posso exigir isso!

Descontrolado, Dominic levantou-se da mesa e, por um momento, Catrina julgou que ele fosse agredir Millicent. Felizmente, viu apenas a expressão de repulsa nos olhos cinzentos que fitavam Millicent, antes de se retirar, batendo a porta com violência.

— Deixe a mesa como está e vá acender o fogo no meu quarto, Blake! — gritou Millicent para Violet que entrara na sala para tirar a mesa.

Antes que a situação se tornasse ainda mais desagradável, Catrina carregou Lucy para o quarto. A garotinha, perturbada após aquela cena degradante, disse confusa:

— Mamãe estava chorando hoje cedo e fui perguntar se ela estava doente. Ela me empurrou e disse: que Deus te perdoe por você não ser um menino. Não entendi nada, mas queria rezar para pedir que Ele me perdoe...

— Não existe motivo nenhum para pedir perdão, querida. Deus a fez assim, uma menina linda; Ele nunca se engana!

Tão logo a sobrinha adormeceu, Catrina voltou à cozinha para ajudar Violet, que lavava a louça com gestos bruscos.

— Amanhã precisaremos ir juntas à praia para buscar gravetos! Sua irmã fez um escândalo e me obrigou a colocar toda a lenha que restava ao lado da lareira. O quarto ficou quente como o inferno e as chamas mais pareciam uma fornalha! E ela ainda exigiu uma pilha de reserva...

Catrina não ignorava que Millicent só insistia em manter a lareira acesa para dar-lhe mais trabalho. No entanto, não podia revelar a Violet o motivo daquele ódio anormal entre irmãs. Em silêncio, as duas terminaram de limpar a cozinha.

A falta de horas de sono na noite anterior fizera Catrina dormir pesadamente e ela custou a perceber que alguém a sacudia com violência, tentando acordá-la.

— Levante-se, querida! — insistia Violet. — Depressa!

— O que houve? Que horas são?

— Quase meia-noite, Catrina. Mas não importa a hora, vamos até o quarto de sua irmã. Algo pegou fogo e está saindo muita fumaça por baixo da porta.

— Deus do céu! — Vamos chamar Dominic para arrombar a porta.

— Infelizmente ele ainda não chegou.

As duas correram até o quarto de Millicent e tentaram, em vão, arrombar a porta trancada. Então Catrina entrou no quarto de Dominic e forçou a porta de comunicação, mas nada conseguiu. Juntas, elas batiam e chamavam Millicent para que acordasse.

— Uma fagulha deve ter caído no tapete, mas por que o cheiro queimado não acordou sua irmã? Como ela pode dormir no meio desse inferno?

— Oh, Deus... deve ser por causa do láudano! Apesar de o médico ter proibido por ser perigoso para o bebê, Millicent deve ter tomado doses cada vez maiores!

Catrina não pôde continuar certa de que nada acordaria a irmã. Precisava tomar providências urgentes e a primeira delas era salvar a sobrinha.

— Leve Lucy para a casa do general Ridgeway e peça-lhe auxílio. Enquanto isso vou tentar a janela do quarto e, se estiver trancada...

Uma explosão abafou sua voz e Violet agarrou Catrina e Lucy, puxando-as para fora da casa.

— Vou levar a menina, mas não tente nenhuma loucura, Catrina. Infelizmente já não há nada que possa salvar sua irmã.

— Não! — Catrina gritou desesperada. Correndo para o depósito de material de jardinagem, agarrou um machado e voltou até a janela do quarto, tentando destruir a veneziana cerrada.

Catrina estava quase sufocada pela fumaça quando a carregara para longe da casa. Vozes agitadas e passos rápidos a avisaram que o auxílio chegara e ela não controlou mais as lágrimas.

Enquanto os soldados tentavam apagar o incêndio, Catrina caiu em pranto. Mal sentiu as mãos fortes que a conduziram até a casa dos Ridgeway, deixando-a nos braços de Alice, onde desmaiou.

Só muito tempo mais tarde ela sentiu o ardor nas mãos cobertas de bolhas e tomou consciência do que acontecera.

— Onde está Lucy?

— Dormindo. Sua amiga passou a noite aqui e ficou com ela até acalmá-la. Ia voltando para casa quando Violet chegou com a notícia. Quanto às roupas, não se preocupe. Amanhã entrarei em contato com uma amiga e arrumarei vestidos para Lucy.

Catrina balançou a cabeça, num gesto mecânico. Pensava que sua irmã morreria por culpa de caprichos infantis. A porta fora trancada e ela tomara uma dose excessiva de láudano a fim de não pensar num bebê que poderia não ser o filho homem tão esperado. Como a criança imatura e mimada que sempre fora, ela procurara a morte! Mas, de algum modo, Catrina sentia-se culpada.

Já havia amanhecido quando o general Ridgeway chegou, acompanhado por um Dominic pálido e em estado de choque.

— Fizemos o possível, porém não conseguimos salvar nem a casa — explicou o general às três mulheres que o esperavam na cozinha. Lucy ainda dormia e Dinah nem sequer acordara durante aquela noite trágica. — O pior foram os saqueadores que não respeitavam nem a nossa presença!

Catrina observava Dominic. Sentado numa cadeira, fitava as próprias mãos imóveis sobre o colo.

— Deixei um pelotão vigiando a casa e quando as brasas se apagarem voltaremos para procurar... — interrompeu-se com a voz embargada.

Alice abraçou Dominic, que não reagiu à demonstração de carinho da amiga, fitando-a como se fosse uma estranha.

— Vou pedir à cozinheira que nos prepare o café da manhã e, enquanto isso arrumaremos os quartos para vocês todos e...

— Muito obrigada, sra. Ridgeway — interrompeu Violet, determinada. — Sei que a senhora está com a casa cheia e não precisa de criadas, ainda mais

alguém como eu... Além disso, seria mais uma pessoa para dividir a comida e garanto-lhe que tenho condições de sobreviver... sempre consegui!

Naquele instante surgiu Dinah, envolta em um roupão de veludo rosa e artificialmente despenteada como quem acaba de acordar.

— O que houve? Por que estão todos aqui?

Alice explicou rapidamente a tragédia da noite anterior, antevendo a reação da moça.

— Oh, Deus! — a jovem viúva não perdeu a chance de abraçar Dominic.

— Pobre querido! Perdeu a esposa e um filho na mesma noite...

Ele a empurrou com tanta brutalidade que Dinah quase perdeu o equilíbrio. Sem olhar para trás, Dominic saiu da cozinha.

— Mas... eu só tentei... eu só...

— Você agiu como sempre, Dinah! — explodiu Alice. — Surpreendo-me por não ter sido insensível a Ponto de dizer que sabe o quanto ele sofreu porque também perdeu sua casa! Você é uma...

— Chega, querida — interferiu o general abraçando a esposa e afastando-a de Dinah, que soluçava. — Estamos todos exaustos e nervosos. Foi uma tragédia e...

Sem esperar que ele terminasse de falar, Catrina foi atrás de Dominic. Encontrou-o imóvel diante das ruínas de sua casa, ainda cobertas de fumaça.

— Dominic?

— Eu jamais devia ter me casado com ela — falou com voz inexpressiva quando Catrina se aproximou. Os olhos fixos nos restos disformes da construção estavam marejados de lágrimas.

— Millicent era e sempre seria uma criança. Se não tivéssemos nos casado, ela ainda estaria viva...

— Não se torture Dominic. Você não teve culpa.

— Eu nunca a amei, Catrina. Sabe o que significa isso? Jamais dei-lhe o que tanto precisava... paciência, compreensão, carinho. Ela só conseguia despertar a minha piedade... será que compreende como é doloroso não poder chorar pela morte de minha esposa?

— Vamos embora daqui, Dominic! — Catrina insistiu, mas só conseguiu levá-lo de volta à casa dos Ridgeway muitas horas depois.

Havia ainda inúmeros problemas à espera de Catrina quando ela entregou Dominic aos cuidados do general. Como não havia lenha suficiente para aquecer todos os cômodos da casa, ela teria de dormir no quarto de Dinah, Além disso, precisava despedir-se de Violet, a única amiga que tivera.

— Para onde pretende ir, Violet?

— Bem, a situação não me parece nada fácil e só poderei voltar à vida de sempre. Sou uma mulher da noite e...

— Mas a cidade está cercada, ninguém tem dinheiro nem para comprar comida! Você não sobreviverá!

— Estou pensando em ir para a Linea, querida. Os espanhóis têm moedas de ouro!

— Não! Você não pode ir! Eles são nossos inimigos.

— Também não me agrada pensar nisso, Catrina. Mas não tenho outra saída.

— Deve haver uma solução... vou falar com o general!

— Por favor, querida — Violet pediu quase num fio de voz.

— Vou lhe dizer algo, mas precisará manter o meu segredo, jura? Foi justamente o general quem me pediu para ir até lá. Quero fazer algo pelo meu país, principalmente depois da deserção do meu marido. Pense em mim não como uma prostituta que se vendeu ao inimigo, querida! Eu virei às escondidas trazer informações sobre eles ao nosso Exército.

— Vai... se tornar uma espiã?

— Exatamente, querida!

— Mas... irá correr perigo de vida! Se eles desconfiarem de você, a matarão sem piedade. Sem falar que os galeões estão sendo bombardeados todos os dias pelos nossos canhões.

— Eu sei. O general Ridgeway não ocultou os riscos desta missão.

— E mesmo assim você vai aceitar?

— Não deveria ter-lhe contado nada, pois o segredo é essencial, mas... não pude suportar a idéia de você me julgar uma mulher sem qualquer princípio e... uma desertora.

— Jamais pensaria mal de você, Violet querida. Sinto orgulho de ser sua amiga. — Catrina pegou a única peça que trouxera de casa. — Gostaria de lhe dar uma lembrança...

Pegou a caixa que havia sobre a cômoda com o corte de seda azul que havia comprado para dar à irmã. Na véspera, não se lembrara das jóias ou moedas, instintivamente procurara resguardar aquele presente.

— Não vou aceitar querida. Você ainda irá precisar dessa seda maravilhosa para fazer um belo vestido, principalmente agora que todas as suas roupas se perderam no incêndio.

Um arrepio percorreu Catrina ao pensar na sugestão da amiga. Mesmo que tivesse de vestir-se de andrajos, jamais usaria aquela seda para si própria. Agora, ainda mais confusa do que quando fizera a compra em Londres, não conseguiria analisar os motivos pelos quais salvara das chamas aquela única peça.

— Por favor, aceite, Violet — murmurou, deixando as lágrimas finalmente correrem livremente. — Leve e faça um vestido bonito.

E que, pelo menos assim, a lembrança de Millicent trouxesse um pouco de alegria, pensou. Millicent, eterna criança mimada que havia feito tantos infelizes...

CAPÍTULO XII

Após o funeral de Millicent, cada um dos membros da família tentou enfrentar a realidade a seu modo, vivendo como hóspedes da família Ridgeway.

Dominic praticamente não aparecia em casa, oferecendo-se para patrulhas noturnas e tarefas perigosas. Segundo o general Ridgeway, ele procurava esquecer a morte da esposa através do trabalho exaustivo. Quando passava algumas horas no convívio familiar, mal notava a existência da filha, permanecendo apático e indiferente a tudo.

A garota, porém notava a atenção excessiva de Dinah, que a cobria de mimos quando o pai estava presente. Com a intuição inata das crianças, Lucy se ressentia com o interesse falso da viúva e se tornava arredia a qualquer contato. Ela só se aproximava da tia, embora jamais fizesse nenhuma pergunta sobre a tragédia, como se temesse enunciar seus pensamentos mais secretos.

Mas era Catrina quem mais custava a se adaptar à nova vida. Quando a mágoa pela morte da irmã se diluiu um pouco, percebeu o mal-estar que a presença deles provocava na casa dos Ridgeway. A situação incômoda agravava-se com a mal disfarçada hostilidade de Dinah.

A prima do general, sempre dissimuladamente doce, não perdia nenhuma oportunidade de ofender Catrina com insinuações ferinas. A todo o momento, relembrava a generosidade de Alice em receber uma hóspede com quem não tinha laços de família.

“Não existe lugar para mim nesta casa!” — Catrina desabafou no diário. — “Minha função aqui restringe-se a cuidar de Lucy e sobra-me tempo demais para pensar na situação difícil em que me encontro. Alice e Dinah têm vendido regularmente uma ou outra jóia para comprar mantimentos extras e sinto-me uma inútil por não contribuir com nada. Sou um peso a mais e Dinah não me deixa esquecer disso! Se ao menos eu pudesse ajudar!”

Uma idéia levou Catrina a abandonar seu relato nessa noite. Embora tarde, resolveu ir à procura do general.

— Oh! É você, Catrina? — disse ele ao vê-la entrar na biblioteca. — Pensei que fosse Dominic... embora ele não chegue nunca antes da meia-noite.

— Lucy vai esquecer o rosto do pai se ele continuar tão ausente.

— Dê-lhe tempo para se resignar, Catrina. Mas... veio me ver porque está com algum problema?

— Bem... eu queria lhe fazer uma pergunta. Por acaso ainda resta algum lote sem dono naquela área de terra cultivável ao longo do istmo? Se ainda não foram todos ocupados, gostaria de ficar com um para fazer uma horta e contribuir para a alimentação de sua família.

— Não há necessidade disso, minha querida. Mas, se realmente deseja ter uma horta, poderei conseguir um lote. Sem dúvida, Dinah ficará feliz em tomar conta de Lucy durante sua ausência.

Só mesmo um parente cego de afeição pela doce sobrinha poderia ignorar a antipatia existente entre a garotinha e a inconstante viúva!

— Pensei em levar Lucy comigo. Ela se distrairá mexendo na terra.

— Ótimo! Faça como quiser, mas devo avisar que agora não terá bons resultados. Já é tarde demais para semear e talvez precise esperar até a primavera.

— Não faz mal. Irei preparando o solo para mais tarde!

O desejo de Catrina foi atendido com uma rapidez inacreditável. Dois dias após seu pedido ela recebeu um lote no istmo e foi com Lucy iniciar o trabalho. A garotinha vibrou com a novidade. Além de participar de uma tarefa útil, podia afastar-se da casa dos Ridgeway e da atenção opressiva de Dinah.

Com o passar dos dias, Lucy perdeu a palidez e seu rosto ganhou um corado saudável. Alegre, encantava a todos com sua dedicação. Fez amigos entre os agricultores e, para sua felicidade, passou a ter a companhia de um cachorrinho. Estimulado pela atenção de Lucy, o filhote passou a segui-la como um amigo fiel. Não demorou muito para que pedisse à tia que adotasse o animal.

Numa noite, após ter colocado a sobrinha para dormir, Catrina mencionou o problema.

— Se o cachorrinho não tiver dono, será que Lucy poderia trazê-lo para casa?

— É preciso falar com Dominic — declarou o general. — Cabe a ele decidir...

— Dominic é um pai ausente! Aliás, um bichinho de estimação á ajudaria a não pensar na indiferença paterna.

— John! Você tem de falar com ele! — interferiu Alice, preocupada. — Dominic não pode continuar assim... Só pensa no trabalho, não está certo!

— Concordo! — acrescentou Dinah. — Ele fica tão exausto que mal conversa conosco.

— Está bem — resignou-se o general. — Falarei com ele... — Tenho certeza de que o pai aceitará o pedido da filha — insistiu Catrina, ansiosa por voltar ao assunto inicial. — Mas nós não estamos em nossa casa e...

— Eu não faço nenhuma objeção — declarou Alice. — Lucy sempre quis um cachorrinho. Você também concorda, John?

— Claro!

Como Catrina já esperava, Dinah tinha suas objeções!

— Compreendo a necessidade de afeto da pobrezinha, mas... ninguém pensou que com o cachorro teremos uma boca a mais a ser alimentada?

— Eu dividiria minha porção com ele — declarou Catrina envergonhada diante do olhar acusador de Dinah.

— Ora! Que absurdo! — Alice não controlou a raiva. — Ninguém precisa se privar de nada, pois há sempre algo sobrando! Chega de discussões, Lucy deve ter seu bichinho de estimação!

Porém, na intimidade do quarto, Dinah não se limitou a insinuações. Como não havia testemunhas, ela enfrentou Catrina com ódio.

— Você é mesmo atrevida! Está aqui por caridade e já quer interferir na vida de todos! Esse maldito animal vai ganir até entrar no quarto e, como se já não me bastasse suportar uma estranha e uma criança em meus aposentos, terei de agüentar um cachorro! Mal posso esperar pela chegada do almirante Rodney e seu comboio de salvamento! Só então me verei livre de vocês duas, porque dessa vez, nem que seja à força, vocês embarcarão para a Inglaterra.

— E você? Não pretende seguir as ordens? Todos os civis irão partir e...

— Jamais! Eu não suportesse essa monotonia para partir antes do final. Quero estar aqui no dia de nossa vitória!

Observando a expressão excitada de Dinah, Catrina lembrou-se dos comentários de Violet sobre a “patética” viúva.

— Por que se casou por procuração? A maioria das jovens sonha com o casamento e teria vindo ao encontro do noivo.

— Eu não sou... como a “maioria”! A cerimônia do meu casamento foi comentada por toda a sociedade de Londres — os olhos de Dinah brilhavam com a lembrança. — Os jornais elogiaram a jovem corajosa e sozinha no altar, fazendo seus votos enquanto o noivo estava a milhares de quilômetros!

A explicação de Dinah confirmou a opinião de Violet. A jovem viúva lutava contra seus sentimentos como uma atriz, com o único propósito de ser o centro das atenções!

Na manhã seguinte, antes de mencionar a possibilidade a Lucy, Catrina perguntou aos outros agricultores sobre o possível dono do cachorrinho. Como ninguém soubesse de onde viera o animal, ela deu a boa notícia à sobrinha.

— Oh! — Lucy abraçou o cachorro com lágrimas nos olhos. — Então ele pode ficar comigo? Vou chamá-lo de Tim!

Os dois se tornaram inseparáveis e, para profunda irritação de Dinah, o cãozinho seguia sua dona até o quarto, de onde se recusava a sair durante a noite.

Distraída com seu novo amigo, a garotinha se ressentia menos com a ausência do pai. Apesar das ordens do general, Dominic continuava a voltar tarde para casa. Quando não havia nenhuma missão secreta a cumprir, ele ia para as tavernas do cais e logo surgiram comentários sobre noites de bebida e jogo.

Apenas uma vez obedeceu ao seu superior, permanecendo em casa após o jantar. Dinah esmerou-se, usando um vestido novo e forçando-o a participar de um jogo pretensamente destinado a distrair Lucy. Depois dessa noite, Dominic nunca mais se dispôs a usufruir do convívio familiar.

Aquele comportamento estranho preocupava Catrina profundamente. A ausência constante de Dominic não se devia à presença de John e Alice, a quem ele sempre procurara nos momentos difíceis. Também não podia ser Dinah a causadora de sua necessidade de fuga, pois antes da morte de Millicent ele não evitara a casa dos Ridgeway.

Catrina estava certa de que Dominic não era obrigado a participar com tanta frequência de missões perigosas. Ele devia alistar-se como voluntário e o motivo dessa obstinação era ela! Catrina chegou a essa conclusão perguntando-se se a ligação que haviam tido não lhe aumentava o peso do remorso pela morte da esposa. Sem resposta, ressentia-se cada vez mais com a ausência dele. E a inquietação aumentava com os boatos sobre as noites de prazer de Dominic nas hospedadas do vilarejo.

O inverno chegou, finalmente, trazendo a chuva. E com o brotar das folhas verdes veio também à reação dos espanhóis. A população, sitiada, agora tinha meios próprios de suprir sua alimentação.

Numa tarde cinzenta, os canhões se voltaram para o istmo e transformaram o trabalho de Catrina e seus companheiros num mar de lama revolta. Ninguém teve coragem de voltar para casa antes de a noite cair e, durante as horas de angústia sob a mira dos galeões, Catrina deu graças pelo

resfriado de Lucy que a mantivera em casa naquele dia.

Privada de sua única distração e do sonhado projeto de contribuir para o abastecimento da casa que a acolhera com desmedida generosidade, Catrina desesperou-se.

“As chuvas fortes e a falta de alimentação estão tornando a tensão insuportável” — escreveu entre lágrimas. — “Os soldados ingleses e espanhóis começaram a desertar de seus postos. Sabe-se que os inimigos também têm problemas sérios como epidemias de febre e inundações em suas trincheiras.

“Nesta hora, me angustia pensar em Violet. Deus! Ela está correndo tanto perigo! Não consigo me alegrar com a desgraça dos espanhóis sabendo que a vida de Violet está por um fio. Quanto a Dominic, a situação também é terrível. Lucy já começou a fazer perguntas sobre o pai, acha que ele se mudou de casa e quer saber por quê. Como responder a essa criança?

“Segundo os boatos, o capitão Ross tem passado a maior parte de seu tempo na companhia da proprietária de uma hospedaria. Essa mulher, uma viúva portuguesa, oferece crédito ilimitado! aos oficiais que permanecem toda a noite jogando em seu estabelecimento.

“A situação está tão grave que a proximidade do Natal não alegra ninguém! Como celebrar essa data importante se não temos meios de preparar nem mesmo um jantar simples?”

Mas, uma semana antes do Natal, um navio atracou em Gibraltar, sem ser barrado pelos galeões espanhóis. A chegada providencial de suprimentos alegrou a todos, principalmente quando viram um pequeno rebanho ser desembarcado. Eram poucas cabeças de gado, mas há muitos meses não se comia carne e Alice vendeu mais uma de suas jóias para ter um rosbife no jantar festivo.

Apesar da multidão que se espalhava pelo cais, Catrina deixou Lucy correr à vontade com o cãozinho, enquanto ela ajudava Alice com seus pacotes. Subitamente, viu Dominic, bem no centro da praça, com o braço nos ombros de uma mulher.

Embora não fosse muito jovem, a desconhecida possuía uma beleza exótica. O contraste entre os cabelos negros e a pele alva se tornava ainda mais nítido em virtude do vermelho vivo de seu vestido justo e decotado.

Apesar de chocada, Catrina lembrou-se imediatamente da sobrinha. Lucy não podia ver o pai após semanas de ausência abraçando uma mulher em público. Mas não havia como alcançar a estrada que os levaria para casa sem passar pelos dois.

— Quem é ela? — sussurrou Alice, dirigindo-se ao mordomo que as acompanhava.

— É Marisol Lomax, madame — respondeu Hobson, contra-feito. — Ela é a proprietária da Hospedaria da Torre.

Então não era apenas o jogo que atraía Dominic! As noites passadas longe de casa tinham um outro motivo...

— Vou falar com ele! — Alice decidiu. — Dominic tem de sair de nosso caminho ou Lucy o verá com essa... desclassificada.

— Fique aqui, Alice. Eu o avisarei. — Catrina não esperou pela resposta da Sra. Ridgeway, misturando-se à multidão.

Dominic e sua companheira estavam tão entretidos em sua conversa que não perceberam a aproximação de Catrina. Imóvel, ela os observou

atentamente, lutando contra a raiva e a sensação de ter sido traída. Era por causa dessa mulher que estava sendo ignorada?

Então Dominic virou-se e viu Catrina. Sem demonstrar nenhuma emoção por ter sido surpreendido em uma situação embaraçosa, ele a encarou sem retirar o braço dos ombros de sua atraente amiga. — Houve algum problema, Catrina?

— Realmente... surgiu um pequeno contratempo. — Ela tentou manter a voz baixa e impessoal. — Posso falar-lhe em particular?

— Precisa ser agora? Não pode esperar?

— Não! Tem que ser agora!

Com expressão de tédio, ele voltou-se para a mulher que os fitava sem esconder a curiosidade.

— Desculpe-me por um momento, Marisol. Voltarei assim que resolver o problema de minha irmã.

Ainda mais enfurecida por ter sido chamada de irmã, Catrina não controlou a raiva quando se viu a sós com Dominic.

— Você não tem o direito de ser tão egoísta! Há meses, trata todas as pessoas sem a menor consideração! Ofendeu os Ridgeway, usando a casa deles como se fosse um hotel para onde volta quando lhe é conveniente, expõe-se a riscos desnecessários, ignorando a preocupação de todos, e, acima de tudo, esqueceu-se...

— Já lhe disse para não se meter em minha vida particular, Catrina! Não devo explicações a ninguém e...

— Nem mesmo à sua filha? Talvez lhe interesse saber que, enquanto se expõe ao ridículo, abraçando sua amante em público, Lucy está por perto. Ela não o vê há semanas, e agora saberá o motivo de sua ausência.

— Neste caso, as aparências enganam — murmurou ele, hesitante. — Não posso dar-lhe os detalhes e peço que mantenha minha explicação em segredo, mas... Marisol não é portuguesa como afirma e sim, espanhola. Está sob suspeita de ser uma espiã inimiga que consegue arrancar informações dos oficiais embriagados em sua hospedaria. Fui designado para verificar a verdade desses boatos e...

— Escolheram a pessoa perfeita, meu caro!

— Tentei lhe explicar a situação, Catrina, mas não vou me desculpar ou justificar meus atos.

— Nem a Lucy? Por que não explica a ela que, depois de perder a mãe, também foi abandonada pelo pai cujo único interesse é arriscar a vida em missões suicidas e se jogar nos braços de mulheres desclassificadas?

A raiva de Dominic desapareceu ao pensar na filha. Arrependido, prometeu a Catrina afastar-se da praça antes de ser visto por Lucy.

Pisando duro, Catrina retornou ao ponto de encontro onde Alice a esperava, ansiosa.

— Então? Qual foi a reação de Dominic?

— Mandou-me tomar conta de minha própria vida. — Catrina disse apenas. — Mas jurou que irá respeitar a inocência de Lucy e essa cena não se repetirá.

— Oh! Como gostaria de ver esse ano de luto por Millicent terminar logo! Dominic precisa casar-se, só uma esposa evitará esses... excessos!

Desviando o rosto, Catrina respirou fundo. Ela também não suportava

mais aquela espera angustiante. Sabia que Dominic não discutiria o casamento com ela antes de o luto chegar ao fim.

— Pelo menos ele não perdeu a cabeça casando-se com alguém como Marisol Lomax!

— Que tolice, Catrina! Mesmo que perdesse completamente o juízo ele não se casaria com uma mulher assim! Homem nenhum escolhe uma esposa sem levar em conta certas qualidades essenciais como modéstia, virtude e recato! É evidente que Marisol Lomax não tem... esses predicados!

Exatamente dois dias depois, todos ficaram sabendo quais eram os predicados da bela hospedeira. Ela foi presa como espiã e, cumprindo sua palavra, Dominic dedicou-se à vida familiar.

Com a habitual astúcia, Dinah percebeu o arrependimento de Dominic e aproveitou sua fragilidade para manipular ele e a filha. Excluindo os demais, ela os arrastava para passeios, tratando a garotinha com carinho e atenção, cobrindo-a de presentes caros e conselhos meigos.

Afastada deliberadamente da sobrinha, Catrina concentrou-se em ajudar Alice, que sonhava com uma festa para celebrarem a chegada do novo ano. Os oficiais e suas esposas dariam sua contribuição para o jantar e todos se divertiriam como há muito não faziam.

Nesse dia, o clima era de alegria e talvez a única a sentir-se deslocada fosse Catrina. Dominic já dançara várias vezes com Dinah, e ignorava completamente a presença da cunhada.

Era difícil para ela sufocar o ciúme vendo a bela viúva, luxuosamente vestida, segurando o braço de Dominic com um ar possessivo.

Todos os relógios da casa soaram em uníssono, anunciando o início do novo ano, e os copos se ergueram em um brinde.

— Pela paz! Pela vitória!

Quando finalmente as vozes esgotaram seus desejos para o ano que se iniciava, Dominic foi com Dinah até o centro da sala. Catrina os observava enciumada, mas sem imaginar o que a esperava

— Vocês são meus amigos e por isso mencionarei um assunto no qual não deveria tocar tão prematuramente. Mas, como os boatos sobre minhas atitudes têm causado embaraço a todos, quero contornar essa situação. Embora fosse de bom tom respeitar a memória de minha amada esposa por um ano, decidi confiar meu segredo a vocês. Não poderá haver um noivado oficial antes dessa data, mas desde já Dinah e eu queremos comunicar nossa intenção de ficarmos noivos em breve.

As palavras ecoavam na mente de Catrina como se fossem apenas uma brincadeira cruel e absurda. No entanto, o sorriso triunfante de Dinah, que a fitava em desafio, confirmava a verdade da declaração de Dominic.

O ano de 1780 tinha apenas alguns minutos de vida, mas nada que acontecesse até o seu final seria tão arrasador para Catrina quanto o trágico fim de seus sonhos mais secretos.

CAPÍTULO XIII

As duas horas que antecediavam o nascer do sol eram as mais longas da madrugada. Há dias Catrina acordava com a claridade difusa do alvorecer e, naquele período de espera até a casa reiniciar a rotina, sua depressão se intensificava, levando-a ao desespero.

"Por quê?" perguntava-se aflita. Como pudera se enganar tanto, imaginando que Dominic a amasse? Havia se iludido acreditando que ele a evitava para se penitenciar pela morte de Millicent. Porém, quando se libertasse dos fantasmas do passado, estaria pronto para lhe dedicar amor. Como seus sentimentos podiam ter se transformado tão radicalmente?

Dinah, constantemente ao lado dele, mostrava-se triunfante. Apesar disso, Catrina não acreditaria que houvesse amor naquela relação. Talvez, conveniência mútua. Nenhum dos dois procurava criar situações de intimidade e era evidente para todos que o casal se limitava a beijos formais.

Dinah já havia assumido o papel de salvadora de um homem destruído pela trágica morte da esposa. Quando essa novidade não mais a interessasse, pensava Catrina, como aceitaria os encargos de esposa? Ficaria satisfeita em bancar a heroína apenas dentro das quatro paredes de um quarto? Seguramente não. Quando a vida tomasse seu rumo rotineiro, a moça na certa criaria cenas dramáticas que lhe permitissem chamar a atenção de quem estivesse à sua volta.

Pobre Lucy! A criança sofria com essa farsa absurda. Dinah já se cansara de cobri-la com seu afeto sufocante e, na ausência de Dominic, a ignorava por completo.

Um estrondo ensurdecedor interrompeu-lhe as divagações. Como todos na casa, Catrina correu para fora do quarto. Certa que o bombardeio em plena madrugada se tratava de mais um ardil dos ingleses para surpreender os inimigos, ela ia voltar para a cama quando encontrou Dominic, que vinha em sua direção.

— Vista uma roupa bem quente e avise Dinah e Lucy para fazerem o mesmo. Depois, saiam de casa e corram para abrigar-se na fenda dos rochedos. Os espanhóis começaram seu ataque a Gibraltar!

Atordoada, Catrina trocou de roupa e vestiu Lucy com uma urgência que contrastava com a calma fria de Dinah. A moça parecia alheia ao estrondo dos canhões enquanto escolhia um belo vestido de veludo azul e guardava suas jóias na bolsa.

Mas o tempo perdeu o significado ao se juntarem à multidão que se arrastava lentamente em direção aos rochedos. Mulheres, crianças e velhos se amontoaram na caverna úmida, invadida aos poucos pelo cheiro acre de pólvora. Era possível apenas ouvir as explosões contínuas, pois a poeira não lhes permitia ver os estragos. Com frio, fome e medo, os refugiados foram envolvidos pela densa cortina de fumaça.

À uma hora, embora os ingleses continuassem a atirar, os inimigos cessaram o canhoneio. A perplexidade de todos foi breve, pois Alice Ridgeway logo solucionou aquele enigma.

— É a— siesta ! — gargalhou ela, à beira da histeria. — Eles vão

interromper o ataque para repousar! Respeitam essa tradição antiga até mesmo em plena batalha!

Uma gargalhada geral desanuviou a tensão que os mantivera incomunicáveis apesar de estarem unidos em seu medo.

— Se os espanhóis vão respeitar o horário da siesta, só recomeçarão o ataque às cinco da tarde! — exclamou Catrina, eufórica. — Temos quatro horas para correr, reunir o que precisamos em nossas casas e voltar para cá!

A urgência na voz de Catrina contagiou a todos que se precipitaram para fora da caverna, a fim de aproveitar cada minuto disponível. Ninguém ignorava que o ataque fora violento, mas não imaginaram o poder destrutivo dos canhões. As belas mansões da encosta ao sopé dos rochedos reduziam-se agora a ruínas fumegantes. Poucas casas permaneciam intactas, mas entre elas sobressaía-se a dos Ridgeway.

Catrina ocupou-se em reunir cobertores e mantimentos enquanto Alice preparava uma refeição rápida junto com os criados. Só Dinah continuava ignorando a realidade enquanto dobrava seus preciosos vestidos. Carregando apenas o casaco de peles enquanto o velho Hobson arrastava sua pesada mala, ela reuniu-se à multidão de refugiados como uma deusa entre míseros mortais.

O ataque espanhol recomeçou às cinco horas em ponto e atravessou a noite. A caverna fria e sem conforto não dispunha de espaço para abrigar tanta gente com caixas e baús. As crianças choravam de medo, impedindo os adultos de descansarem e logo as mulheres começaram a discutir barganhando cada centímetro a que julgavam ter direito.

As primeiras vinte e quatro horas de reclusão devido ao canhoneio incessante mostrou como seria a vida da comunidade inglesa por um longo tempo. Nas únicas horas de repouso, durante a siesta, as mulheres tentavam obter notícias de maridos, filhos ou noivos e a cada dia os rostos transfigurados pela dor se tornavam mais numerosos.

— Estou quase preferindo enfrentar os canhões! — declarou Alice uma manhã, exasperada pelas brigas constantes entre as mulheres. — É menos desgastante esperar a casa cair sobre minha cabeça do que agüentar essas discussões!

— Eu também quero ir embora! — choramingou Lucy. — Detesto este lugar.

Oh! Cale a boca! — explodiu Dinah, irritada. — Se ao menos não tivéssemos de agüentar o cheiro desse maldito cão!

— Tim não cheira mal! Ele...

— Calma Lucy — interferiu Catrina. — Que tal darmos um passeio. Podemos ir até o outro lado do rochedo e talvez Tim encontre água para nós!

Catrina sugerira o passeio apenas como distração e surpreendeu-se quando Tim as levou até um filete de água que escorria da rocha. Enquanto o cãozinho lambia sofregamente o líquido, ela notou algo entre a vegetação densa que cobria a base do rochedo.

Quase totalmente coberta por trepadeiras e arbustos de folhagem espessa, havia uma rústica construção de pedra gasta. Parecia ter sido, no passado, o abrigo de um pastor e seu rebanho. Uma lareira rudimentar e cimentada na rocha ficava bem ao lado de uma estranha sombra. Aproximando-se Catrina constatou a existência de uma estreita passagem

entre o abrigo e uma pequena gruta.

Por um capricho do destino, Tim as havia guiado até um refúgio perfeito. Poderiam ficar ali, longe do ambiente irritado e ruidoso das mulheres na caverna! Só depois de preparar o abrigo Catrina avisaria Dinah e Alice para, em um intervalo do tiroteio, virem se esconder dos outros refugiados.

— Não conte nada para ninguém, Lucy! — pediu ela. — Vamos guardar segredo, este é o nosso esconderijo, certo?

— Só eu e Tim saberemos onde fica, eu juro, tia Catrina. Sempre quis ter uma cabana secreta!

Mas naquela tarde os espanhóis cessaram fogo bem antes da hora da siesta. Todos se entreolhavam perplexos, ansiosos por sair, mas sem coragem de arriscar. Então, depois de quase uma hora de nervosismo, chegou até eles o som de risadas e canções alegres.

Correndo para fora da caverna, viram um destacamento de soldados e oficiais ingleses aproximar-se das rochas. Entre eles, destacava-se a silhueta alta de Dominic e Catrina não pensou em mais nada. A preocupação de tantos dias e noites de incertezas apagou de sua mente a necessidade de respeitar as convenções sociais; correu para os braços que se abriram para recebê-la.

Mas sua euforia durou pouco. Logo Dominic afastou-a para abraçar Alice, Dinah e a filha com o mesmo carinho e alegria.

— Um navio inglês conseguiu varar o bloqueio e trouxe notícias maravilhosas — explicou ele. — O almirante Rodney está a caminho de Gibraltar com uma poderosa esquadra. Sem dúvida, os espanhóis também souberam da notícia e abandonaram suas posições na baía para ir ao encontro deles...

— Então podemos voltar para casa? É seguro?

Não há mais perigo algum. Além disso, o navio trouxe farinha, tocinho...

— Com Lucy sentada em seus ombros, Dominic puxou Dinah pela mão: — Vamos para o porto acompanhar o desembarque. A cidade está em festa.

Realmente, a euforia reinante no vilarejo fez Catrina esquecer seu sofrimento. Embora quisesse estar ao lado de Dominic, a alegria superou o ciúme.

Após os humilhantes meses de estado de sítio, a população se regozijava ao ver os imponentes navios do almirante Rodney tomando o lugar anteriormente ocupado pelos galeões espanhóis. Com a libertação, chegavam também alimentos, jornais e cartas. Enfim, estavam novamente em contato com o mundo!

Arrastada pela multidão, Catrina conseguiu chegar até o navio de onde eram desembarcados os sacos do correio. Sem dúvida, seu advogado, a par da situação em Gibraltar, lhe enviara uma letra de crédito.

Mas a satisfação de encontrar uma carta do Sr. Stanmore desfez-se por completo ao abri-la.

"Cara srta. Beaumont,

Lamento informar-lhe que meu pai faleceu subitamente. Com seu único filho e herdeiro, ofereço-me para continuar a servi-la com a mesma eficiência. Se realmente quiser manter-se como minha cliente, envie-me uma carta de autorização sem a qual não poderei tratar de seus negócios.

Atenciosamente

Godfrey Stanmore"

Preocupada com sua situação, Catrina abandonou a cidade em festa, voltando para casa. A demora entre uma carta e outra a deixaria na penúria por vários meses!

Mais uma vez Catrina não conseguia partilhar o clima festivo. A casa dos Ridgeway estava intacta. Havia chegado caixas de mantimentos e não tinham sofrido nenhuma perda.

— As irmãs de John mandaram vários presuntos, carnes defumadas e doces! — Alice anunciou feliz ao vê-la chegar. — Finalmente... algo a preocupa, querida?

Sem responder, Catrina entregou-lhe a carta. Inexplicavelmente, alívio e tristeza se mesclavam na fisionomia de Alice ao terminar de lê-la.

— Você terá de voltar para a Inglaterra com os navios da esquadra.

— Mas não tenho um tostão! Como pagarei a passagem?

— Não será preciso pagar. O governador Eliott decretou que todos os civis e esposas de oficiais, sem condições de reunir suprimentos para sobreviver por doze meses, deviam sair de Gibraltar, escoltados pela esquadra do almirante Rodney. Não haverá escolha...

Mas Catrina ainda não se sentia disposta a desistir de Dominic. Enquanto ele não se casasse, lutaria para reconquistá-lo!

Já anoitecia quando Dominic e o general chegaram em casa exaustos, mas irradiando alegria. Dinah imediatamente reclamou as atenções do futuro noivo.

— Querido! Hoje à noite haverá uma festa em cada barco e todos os nossos amigos irão! Sei que você está cansado, mas... seria até indelicado não comemorar nossa vitória!

— Também quero ir a uma festa, papai!

— Você irá — interferiu Alice. — A sra. Brockway vai oferecer um chá para comemorar o aniversário da filha e depois os adultos serão recebidos para jantar.

— Eu detesto os Brockway — declarou Dinah, franzindo o nariz. — São muito maçantes! Além disso, alguém precisa comparecer à festa do almirante.

Sem entusiasmo, Dominic concordou em levá-la, e todas as mulheres, menos Catrina, foram repousar para estarem bem dispostas à noite. Era a primeira vez, desde o início do ano, que ela ficava a sós com o cunhado.

— Não vá embora, Dominic — pediu Catrina, percebendo que ele também ia retirar-se da sala. — Pode me dizer o que eu fiz de errado?

— Não tenho a menor idéia do que quer dizer, Catrina.

— Não mesmo? Anunciou seu futuro noivado com Dinah, evita-me como se eu fosse lhe transmitir uma doença contagiosa e quando é obrigado a suportar minha presença, trata-me com a firmeza de um inimigo. Isso não quer dizer nada?

— Deus do céu! — explodiu Dominic. — Você nunca fica satisfeita? Foi a sua censura violenta que me fez tomar uma decisão e lembrar-me do meu dever em relação à Lucy. Decidi levar uma vida digna e anunciei que vou me casar com uma mulher de reputação impecável e ainda assim você...

— Por acaso ama Dinah? — interrompeu Catrina, desesperada. — Não posso acreditar nisso!

— Amei Millicent e não fui feliz, portanto... Por favor, mantenha-se fora do meu caminho! — Mal posso esperar pela hora de sua partida para a Inglaterra!

Saiu e Catrina deixou-se cair numa poltrona, o coração duramente ferido. Dominic não podia ter sido mais claro em sua explicação: escolhera alguém de “reputação impecável”! Por que não se lembrara das qualidades essenciais de uma esposa, segundo as palavras de Alice? Um homem só se une em casamento com uma mulher modesta, virtuosa e recatada!

Sua paixão cega a impedira de analisar os motivos do comportamento estranho de Dominic. Onde julgara ver respeito pela esposa morta, existira apenas uma distância proposital e um cuidado extremo para não dar-lhe esperanças falsas. Recusara-se a entender a mensagem explícita nos atos dele, avisando-a de que fora uma diversão agradável durante um casamento infeliz. Agora tudo tinha mudado, e ele queria uma esposa digna e à altura de sua posição.

Raiva, humilhação e revolta se mesclavam à dor de Catrina Inconformada, resolveu negar a Dominic a paz que só sua ausência traria! Não iria embora, ficaria perto dele, atormentando-o a cada encontro. Se não lhe restava nada além do abandono, ao menos teria a vingança.

Quando finalmente se acalmou, foi à procura de Lucy, já pronta para ser levada por Hobson à festa dos Brockway. O quarto que partilhava com Dinah não se constituía no melhor refúgio, mas não havia outro lugar na casa onde pudesse ficar em paz. Foi obrigada a presenciar o ritual elaborado da bela viúva se embelezando para divertir-se com Dominic.

Pela fresta da janela, viu o casal atraente e refinado saindo de casa e perdeu a vontade de acompanhar o general e a esposa ao jantar na casa dos Brockway. Todos os seus vestidos, doações recebidas após o incêndio, tinham sido reformados e, mesmo razoavelmente elegante, não via como suportar uma noite de alegria e comemorações de vitória.

— Sinto muito, mas estou com uma dor de cabeça insuportável — desculpou-se com Alice. — Justifique-me junto aos anfitriões...

Poucos minutos depois, a casa ficou vazia, trazendo-lhe a solidão desejada. No entanto, o silêncio opressivo a deprimia ainda mais e, por um momento, pensou em juntar-se aos Ridgeway. Indecisa, vestiu uma capa de lã macia e saiu sem saber ainda para onde ir. Talvez fizesse apenas um longo passeio solitário...

Ela parou na amurada de onde se descortinava a baía, observando os navios iluminados. Em um deles, Dominic e Dinah dançavam felizes, enquanto seu coração se partia. Angustiada, decidiu ir à festa dos Brockway, mas ao virar-se viu uma sombra bloqueando seu caminho. Só então percebeu sua inconsciência ao sair sozinha em uma noite cheia de homens à procura de aventuras. Quem ouviria os gritos de uma mulher em perigo no meio dos ruídos de comemoração?

Jake Farraday tinha saído da hospedaria quando viu a figura feminina encoberta por uma longa capa. O rosto escondido pelo capuz não estava visível, mas algo na postura ereta o fez lembrar da garota que o cobrira de farinha.

Naquele dia, ele conseguira descobrir quem era sua audaciosa agressora. Depois disso, não pensou mais em Catrina Beaumont a jovem herdeira de uma imensa fortuna. Mas agora seus caminhos se cruzaram novamente, o que sem dúvida era um sinal do destino.

Jake tinha sido convidado para uma festa a bordo do H.M.S Venturer e apreciaria aparecer com uma jovem bela e pouco convencional. Os oficiais da Marinha já não o evitaram mais desde que seus conhecimentos náuticos a respeito das correntes e ventos do Mediterrâneo o haviam tornado um homem útil. Agora, era bem recebido em toda parte e seria um prazer surpreendê-los com uma companheira inesperada.

Saindo da sombra, ele fez uma reverência exagerada diante da jovem que então o reconheceu.

— Oh! Você é... Jake Farraday, não?

— Sinto-me honrado por lembrar-se do meu nome. Esperei-a a noite toda há alguns meses atrás...

Involuntariamente, Catrina lembrou-se de sua intenção de visitar o capitão Farraday para provocar o cunhado. Sua impulsividade provocara uma situação entre ela e Dominic que provavelmente era a causa de seu desespero agora. Depois daquela noite, ele passara a julgá-la sem pudor, recato ou dignidade.

— Pretendia mesmo procurá-lo, capitão. — Catrina forçou-se a voltar ao presente. — Por acaso está de partida para a Inglaterra?

— Em geral minhas viagens são só até Lisboa, mas se a senhorita precisar de minha ajuda...

— Realmente eu preciso que alguém me traga algo de Londres.

Jake analisou a situação que se oferecia a ele. A fortuna da jovem continuava fora do alcance dela e, se a ajudasse, Catrina lhe deveria um favor. Por outro lado, o dinheiro preso na Inglaterra a tornava mais vulnerável, dando-lhe inúmeras oportunidades de conquistá-la.

— Infelizmente, não sou bem aceito em meu país. Não lhe falaram sobre Jake, ó proscrito, a ovelha negra da família Farraday?

— Sem dúvida, mas não o chamaram de covarde naqueles dias. Agora já não tenho tanta certeza, pois... nunca mais se arriscou a furar o bloqueio e só voltou a Gibraltar quando não havia mais perigo.

Infelizmente fui ferido e fiquei algum tempo me recuperando em Lisboa. Que tal vir até meu alojamento para ver a prova da minha coragem? — Ele percebeu-lhe a hesitação e mudou de tática. — Desculpe-me! Você deve ter outro compromisso... em algum dos navios!

— Não... eu saí para passear apenas.

— Eu também, mas, já que nos encontramos, por que não vamos juntos ao baile do Venturer!

Sem nada a perder, Catrina decidiu enfrentar uma aventura ousada ao lado daquele homem que a fizera esquecer por instantes do seu desespero.

— Ótimo! Aceito seu convite!

— Você é meu tipo de mulher! — A expressão chocada de Catrina o levou a emendar: — Desculpe-me, uma dama perfeita para mim! Vamos?

— Bem... o meu vestido... — Ela arrependeu-se de sua ousadia ao observar o traje luxuoso de Jake. — Vou me sentir mal no meio de...

— Não me desaponte, srta. Beaumont. O seu temperamento forte não combina com essa súbita covardia.

— Não sou covarde!

Sorrindo, Jake segurou-lhe o braço e a conduziu para o vilarejo em festa. Ao entrar no navio, Catrina esqueceu-se de seu vestido modesto, fascinada

com o ambiente descontraído e alegre.

— Vamos dançar?

— Bem... vou-lhe confessar um segredo... — murmurou Catrina, enrubescendo. — Nunca aprendi a dançar.

— Pois então vou ensiná-la!

— De modo algum! Os passos me parecem complicados demais.

— Espere um momento...

Jake afastou-se dela, indo até a banda da Marinha. Sua passagem pelo salão fez com que muitas cabeças se voltassem, em si maioria de mulheres.

Quando voltou, a música ecoando pelo navio era mais lenta.

Jake então a tomou nos braços, segurando-a firmemente pela cintura.

— Não faça isso! — implorou ela. — Vamos causar um escândalo. Além disso, não sei os passos e...

— Esta música é dançada assim, por isso não reclame. Deixe o corpo acompanhar o ritmo e, acima de tudo, não olhe para os pés! Estamos dançando uma valsa...

— E por que os outros não nos acompanham?

— Por certo não sabem ainda como dançar, pois a valsa é muito recente.

Girando pelo salão vazio, Catrina estava tão envolvida pela música que custou a perceber o ambiente tenso à sua volta. Alguns casais os fitavam com desdém, outros com raiva, mas seu maior choque foi encontrar os olhos faiscantes de ódio de Dominic.

Então, um oficial graduado aproximou-se do maestro, que, após um instante de silêncio, recomeçou a tocar, mas desta vez uma música marcial e os homens não enlaçaram as mulheres pela cintura como Jake o fizera. Rubra de vergonha, Catrina ficou à espera de alguém com ordens de expulsá-los dali.

— Esta música antiquada me deixa com sono. Vamos embora daqui, em busca de uma festa mais divertida, senhorita?

— Sim. Por favor, vamos embora.

Infelizmente, foi preciso atravessar o salão para chegar até a saída e já estavam no convés quando alguém a impediu de continuar, segurando-a pelo braço.

— Como pôde fazer isso? — Dinah, que acompanhara Dominic até o convés, censurou: — Até em Londres a valsa é considerada moderna e ousada demais para pessoas de respeito!

— Por favor, não me amole, Dinah! — Catrina disse à beira das lágrimas. — Cuide de sua vida.

— Vou levá-la para casa agora — declarou Dominic, a ponto de perder o controle. — Vai já e...

— A dama está comigo — interrompeu Jake, com um olhar perigosamente calmo.

— A “dama” é um membro da minha família e se eu a vir ao seu lado novamente você não saberá o que o atingiu, Farraday.

— Devo-lhe desculpas, senhorita. — Jake beijou a mão de Catrina, galantemente. — Esqueci-me como os ingleses são puritanos e convencionais. Neste momento, sinto-me em desvantagem, pois detesto ser... “atingido”. Mas tenho certeza de que nos encontraremos de novo!

— Sem dúvida alguma! — a revolta de Catrina superou a humilhação que Dominic a fizera passar. — Sei onde encontrara-lo. Adeus!

Quando Jake se afastou, Dominic apertou-lhe o braço com mais força ainda.

— Você vai comigo para casa, neste exato instante!

— Oh! É mesmo? — desafiou Catrina. — E sua dama perderá o melhor da festa? Ela não vai se conformar.

— Não quero sair tão cedo — resmungou Dinah, amuada. — Peça a algum amigo seu para levá-la embora.

— Harry Price lhe fará companhia durante minha ausência, Dinah. Voltarei logo.

Sem dar a Dinah tempo para protestar, arrastou Catrina pela prancha que ligava o navio ao cais e, até alcançarem as ruas escuras e desertas, Dominic permaneceu calado.

— Você perdeu o juízo, mulher? Como teve coragem de ir a uma festa com Farraday? Já não mencionei a fama desse miserável? Além de ser um pirata que não respeita lei nem pátria, destrói a reputação de uma mulher sem o menor remorso!

— Jake não pode me arruinar, Dominic — declarou Catrina, sem emoção na voz. — Já não tenho uma reputação... “impecável”.

— O quê? Não entendo!

— Ora! Sabe muito bem sobre o que estou falando. Afinal, foi você mesmo quem disse que não me considerava igual às outras mulheres, não é? Nunca senti a repulsa necessária diante de suas carícias, não sou modesta, virtuosa nem recatada. Millicent afirmou que eu era depravada, imoral e libertina... Ela estava certa.

Chocado, Dominic parou e, segurando Catrina pelos ombros, forçou-a a fitá-lo.

— Que tolices são essas? De onde tirou noções tão absurdas. Como pôde acreditar nas palavras de Millicent, distorcidas por sua visão irracional sobre a realidade do relacionamento entre homens e mulheres?

— Não foi só ela quem me obrigou a admitir a minha falta de pudor, tão importante para uma mulher digna poder se tornar uma esposa. Violet também deixou claro que os homens se chocam com atitudes indecorosas e esperam uma reação repugnância diante de suas atenções... conjugais.

— Meu Deus! Não pode estar falando a sério!

— Por que não? Afinal, você mesmo declarou iria se casar com Dinah por causa de sua... reputação impecável! — falou com a voz embargada de emoção. — Eu não me enquadro nesse padrão de pureza, não é?

Com um gemido de frustração, Dominic não resistiu mais ao desejo e quebrou o juramento de que nunca mais tocaria naquela mulher. Abraçando-a com paixão, ele mergulhou o rosto na cabeleira sedosa.

— Minha tola Catrina! Embora ambas fossem radicalmente diferentes, Violet e Millicent encheram sua cabeça com idéias distorcidas e falsas sobre uma verdade que nenhuma das duas conseguia enxergar. Você é tudo que um homem normal pode desejar, uma mulher completa, amorosa e...

— Só que não quer casar-se Comigo, apesar de tantas... qualidades. Também se sente chocado com a minha ousadia, com o desejo que nunca me ensinaram a esconder, com a falta de horror e medo diante de um ato animal esco...

— Pelo amor de Deus, não diga mais nada, Catrina. Não existe nada neste

mundo que eu deseje tanto quanto casar-me com você! Cheguei a um tal ponto de desespero que quase enlouqueci... Fugi, lutei, mas não adiantou. No entanto, o sonho continua sendo impossível e você sabe por quê!

— Não! Eu não sei, nunca soube e não acreditarei em nenhuma desculpa esfarrapada!

— Você é uma mulher proibida para mim — Dominic declarou com amargura. — Não é possível que ignore o motivo desse impedimento, Catrina. Jamais poderemos nos casar, jamais, entende?

CAPÍTULO XIV

Lutando para forçar a passagem entre os grupos que desciam a estrada da colina em busca da alegria festiva do vilarejo, Catrina correu em direção à casa dos Ridgeway. Cega pelas lágrimas, ela seguia o seu instinto, ouvindo os passos de Dominic às suas costas. Ao chegar, o som do piano tocado por Alice sobrepunha-se às vozes dos passantes.

Provavelmente os Ridgeway tinham desistido do jantar, voltando para casa com Lucy a fim de que a garotinha não se sentisse solitária. Catrina hesitou por uma fração de segundo pensando em como entrar sem ser vista naquele estado de total descontrole. Essa breve pausa foi suficiente para que Dominic a alcançasse e, segurando-a com firmeza pelo braço, a levasse até a entrada dos criados.

Ninguém os viu entrar e, só depois de fechar a porta de seu quarto, ele acendeu as velas.

— Ouça-me com atenção, Catrina — pediu ele, sem se aproximar. — Você realmente não sabe por que um casamento entre nós será sempre impossível?

— Não acredito em você, Dominic! É mentira...

— Pois então pergunte a qualquer representante da Igreja ou da lei — a voz dele se tornou ainda mais áspera. — Por que acha que agi como um homem alucinado durante os meses após a morte de Millicent? Não imagina como me senti torturado! Eu estava livre novamente, podia casar-me, mas para meu desespero não podia ter a mulher que me atraía. Não consegui aceitar esse fato e minha única saída foi levar uma vida de excessos para não pensar. Mas, quando você me forçou a considerar a situação de Lucy, compreendi os danos que causava a minha filha e só me restou uma solução... encontrar uma esposa. A mais aceitável era Dinah.

— Mas por quê? Você não ama Dinah! Por que não eu?

— Por Deus, Catrina! — suspirou Dominic, exasperado. — Não entendeu uma só palavra? Ninguém lhe explicou que a lei proíbe um homem de casar... ou de ter um relacionamento carnal com a irmã da própria esposa?

— Ora! Sua esposa morreu, portanto...

— Isso não altera a situação. Esse impedimento vem de uma proibição claramente expressa na Bíblia e, aos olhos da lei, sou e sempre serei seu irmão. Pensei que você soubesse disso.

— Não... não! Nunca soube disso... Pensei que não me quisesse por outros motivos, por me considerar indigna.

A dor nos olhos de Catrina aumentou-lhe a própria angústia. Dominic respirou fundo e procurou um modo de tornar o golpe menos brutal para ela. Para restaurar o orgulho daquela jovem sempre tão corajosa, falou suave:

— Como a lei nos torna irmãos, quero usar esse laço de parentesco para lhe fazer um favor que a ajudará a enfrentar o futuro. Os conceitos de Millicent e Violet sobre o amor foram distorcidos pelas vivências que tiveram. Sua irmã era uma criatura excessivamente pudica e esse traço de sua personalidade se acentuou com uma educação reprimida e exageradamente protetora, que a afastou da realidade. Sua mãe ensinou-a a envergonhar-se do próprio corpo, por isso Millicent encarava o casamento como uma fantasia romântica. Ela

queria ser admirada e adorada de longe, como uma estátua fria. Nunca consegui convencê-la, através de argumentos ou gestos de ternura, de que o amor físico não era algo bestial e repugnante.

— Mas Violet... Ela me disse...

— Ouça até o fim, Catrina. Sua pobre amiga conheceu apenas o lado físico de um ato em que não existia amor. A experiência de Violet levou-a a executar mecanicamente uma série de ações pelas quais seria paga. Além disso, sua visão sobre o casamento foi obtida através dos relatos de clientes que a procuravam porque as próprias esposas sentiam-se como Millicent. Vivemos numa sociedade onde a maioria dos casamentos é feita por conveniência e o resultado não poderia ser diferente. Essas uniões infelizes são responsáveis pela grande clientela das profissionais do amor, como Violet.

— Está me afirmando que sou uma mulher normal, é isso? — Em sua dor, Catrina queria feri-lo também. — Então me explique... Se eu o amo, por que me senti bem nos braços de Jake Farraday? Quando ele dançou comigo, tive vontade de ser beijada. Ainda me acha... normal?

A expressão torturada de Dominic a fez arrepender-se das próprias palavras. E não foi com uma sensação de triunfo, mas de desespero, que ouviu-o dizer, com dificuldade:

— Acho perigoso e pouco prudente, mas... normal. — Dominic segurou as mãos de Catrina. — Jake é um mau-caráter, contudo atraente, capaz de seduzir qualquer mulher que deseje. Você é ardente e passional, Catrina, e fará muito feliz o homem com quem se casar.

— Não pretendo me casar! — As lágrimas escorriam copiosamente pelas faces pálidas. — Nunca!

— Você precisa e o fará algum dia. Não desperdice toda uma vida por minha causa, eu lhe imploro!

— Se o casamento é impossível entre nós, prefiro ser sua amante do que esposa de outro homem.

— Ainda não compreendeu Catrina? Qualquer relacionamento entre nós será considerado... incestuoso! Pelo menos conhece o significado de um incesto, não?

— Pois não me importo! — ela gritou, em desespero. — Ninguém precisa saber! Você rompe esse noivado absurdo com Dinah e nós dois viveremos com Lucy como uma família normal. Sou a tia dela, quem irá censurar minha posição em sua casa?

— Mesmo que eu tivesse condições de aceitar essa situação, não se engana facilmente o mundo, Catrina. Além disso, não posso admitir a sua sugestão porque, sendo seu irmão, sou responsável pelo seu bem-estar físico e, acima de tudo, moral!

Dominic afastou-se e voltou a lhe falar com rispidez:

— Como irmão, tenho o direito de lhe dar ordens e exigir que me obedeça. Volte para a Inglaterra, Catrina. Apronte-se para embarcar no primeiro navio que partir de Gibraltar.

A batida violenta na porta da frente ecoou no silêncio da casa. Com receio de que Alice a encontrasse nos aposentos de Dominic, Catrina correu para sufocar os soluços na própria cama. Precisava recuperar o controle antes da chegada da companheira de quarto.

Por que o destino a tratava com tanta crueldade? Perguntava-se com

amargura. Não podia unir-se ao único homem capaz de fazê-la feliz por causa de leis arcaicas!

Então, mãos carinhosas tocaram seus cabelos e Catrina encontrou o olhar meigo de Alice, que sentara na cama.

— Pobre Catrina... eu não sabia onde encontrá-la, e quando ouvi uma porta bater, fui verificar quem era. Encontrei Dominic e ele me contou...

— Não é justo!

— Por favor, seja sensata, querida. A vida raramente é justa. Nós todos imaginamos que você estava ciente de sua situação e, portanto preparava-se para aceitar o inevitável. John e eu insistimos em sua volta para a Inglaterra porque a distância ajudará a esquecê-lo.

Sem ânimo para discutir, Catrina não disse que, até a morte, em seu coração só haveria lugar para Dominic.

— Vou dormir Alice. Não quero estar acordada quando Dinah...

— Entendo querida. Procure descansar.

Infelizmente o sono não vinha e na mente de Catrina os pensamentos turbilhonavam à medida que absorvia o verdadeiro significado das palavras de Dominic. Talvez Dinah também fosse uma mulher ardente, e a visão da bela viúva entregando-se a ele era insuportável!

A angústia de Catrina era tanta que, na certa, contagiou a sobrinha. Embora a menina estivesse dormindo, de repente começou a soluçar. Tomando-a nos braços, Catrina a despertou suavemente.

— Oh, tia... meu pesadelo... foi terrível! Sonhei que Deus tinha levado você... como fez com minha mãe!

— Era apenas um sonho, querida. Durma agora...

— Só vou dormir se prometer que não vai me deixar, tia Catrina, jura?

— Não pretendo sair de Gibraltar, prometo.

Ao acalmar a sobrinha, Catrina admitiu que tomara uma decisão definitiva. Permanecer perto de Dominic — sabendo que ele jamais poderia amá-la — seria torturante, mas ir embora e tentar esquecê-lo estava além de suas forças.

A garotinha adormeceu, mas Catrina ainda estava acordada quando ouviu a voz de Dinah. Fechando os olhos, fingiu dormir. Não queria enfrentar mais uma discussão!

— Não adianta minha cara! Sei que está acordada e não vou ficar quieta!

— sussurrou Dinah. — Espero que tenha noção do escândalo que causou com sua falta de vergonha. Além de chegar ao baile sem ter sido convidada e na companhia de um pirata, um aproveitador e mau-caráter, ainda ousa dançar nos seus braços como uma prostituta! Ninguém mais a cumprimentará depois dessa... exibição vulgar!

As palavras de Dinah não a atingiram desta vez. Seu drama superava a impertinência de uma mulher caprichosa. Ignorando a fúria de Dinah, passou a noite traçando planos para o futuro e decidiu sair de casa antes que todos acordassem.

Não havia ninguém na estrada deserta quando Catrina revistou cuidadosamente as casas destruídas durante o combate. Apesar de já terem sido saqueadas pela população do vilarejo, ainda haviam sobrado algumas peças úteis. Numa das casas encontrou um colchão, alguns cobertores, uma

pequena cômoda e várias painéis. Com muito esforço arrastou tudo até o abrigo de pedras que encontrara com Lucy.

Catrina voltou para casa em tempo de trocar o vestido imundo antes de se juntar à família para o café da manhã.

— Acordou cedo, Catrina — Dinah disse com a costumeira ironia. — Já está fazendo as malas?

Lucy agarrou a mão da tia e não se afastou dela pelo resto da manhã. Até mesmo enquanto Catrina escrevia em seu diário a garotinha permanecia sentada, fitando-a fixamente.

“A chuva constante provou-me que meu abrigo não tem goteiras, pois está completamente seco. Coloquei as painéis sobre a rocha da entrada da gruta a fim de captar a água da chuva.”

Nos dias que se seguiram, embora ninguém mencionasse claramente a partida de Catrina, as suspeitas de Lucy não desapareciam. Postava-se junto à tia até o anoitecer, e só cedia ao sono quando esta se deitava ao seu lado, pronta para dormir.

Várias vezes Catrina foi obrigada a vestir a camisola, soltar os cabelos e concentrar-se em seu diário até a garotinha adormecer, para então vestir-se novamente.

Naquela noite, como não havia ninguém em casa, ela resolveu usar o quarto de Alice para se arrumar, pois o sono de Lucy estava ficando ainda mais leve. Já havia atravessado o corredor escuro com as roupas na mão quando colidiu com alguém.

— Dominic? Não está de plantão?

— Sim, mas fugi por alguns minutos porque precisava falar com você.

— Vou vestir-me no quarto de Alice para não acordar Lucy. Irei ao seu encontro no salão.

— Não posso esperar. É melhor vir até o meu quarto. Lá você me explica o porquê dessas trocas de roupas misteriosas!

Enquanto Dominic acendia as velas, Catrina relatou resumidamente os temores de Lucy. Era preciso abreviar a tortura de ficar naquele aposento.

— Sobre o que queria conversar?

— Acabo de saber que a esquadra partirá amanhã cedo, Catrina, Abandonei meu posto porque não teremos outra chance de nos dizer adeus.

— Que comovente! Arriscou-se tanto por uma tolice dessas?

— Bem... Eu queria pedir-lhe um... favor. Será que você... poderia inventar uma mentira sobre sua partida, um pretexto que não magoe Lucy? Ela se apegou muito a você... — Dominic colocou o braço sobre o ombro de Catrina e beijou-lhe o rosto. — Também precisava desejar-lhe felicidades.

— Não seja hipócrita! — Ela o empurrou com violência. — Por mais que tente se convencer... não podemos nos tratar como irmãos! Nosso amor não é nada... fraternal!

— Enfrente a realidade como eu, Catrina. Consegui finalmente vê-la como uma irmã querida.

Catrina deu uma gargalhada diante daquela afirmação absurda. Será que ele a julgava tão tola a ponto de se convencer com uma mentira e passar o resto da vida sentindo-se feliz por ser a “irmã querida” do homem que amava?

Impulsivamente, ela tirou o roupão, exibindo o corpo moldado pela seda da camisola. Queria ver até quando a ternura fraternal venceria o desejo!

— Droga! Cubra-se logo, Catrina!

— Ora... Dominic é natural que um "irmão" me veja trocando de roupa. Ajude-me a soltar a alça da camisola, sim?

O desafio a seu orgulho e a tentação de tomar nos braços aquele corpo que tanto o atraía fizeram ruir suas defesas. Abraçou-a com força e logo estavam deitados no colchão macio, os lábios colando-se com ardor num beijo apaixonado.

Dominic só reagiu ao sentir os botões do uniforme sendo abertos. Havia abandonado seu posto, e poderia ser severamente punido. Porém, o medo do castigo lhe pesava menos que a admissão de sua fraqueza. Iludira-se acreditando que ambos se despediriam com afeição, conformados em manterem laços de afeição fraternal. Bastara um desafio de Catrina para demonstrar a fragilidade de sua mentira.

— Você provou o que queria, Catrina. Mas, nada mudou. Nunca mais nos veremos. Esta noite será mais uma lembrança a ser sufocada pelo resto da vida. Adeus! — Levantou-se resolutamente deixando-a sozinha com o seu pranto.

Ela acordou minutos antes de os relógios da casa anunciarem cinco horas. Ainda estava escuro, Lucy e Dinah dormiam profundamente e o silêncio era completo. Retirando a camisola que colocara sobre o vestido, ela apanhou a trouxa de roupa e, ao sair pela cozinha, pegou um dos pães feitos na véspera.

Ninguém a viu chegar ao abrigo oculto pela vegetação, mas, após acomodar-se, ela lembrou que a sobrinha conhecia aquele lugar. Só lhe restava rezar para que a garotinha tivesse esquecido esse fato e não o mencionasse nem acidentalmente quando a inevitável busca se iniciasse!

Mas a manhã chegou ao fim e, depois de verificar que não havia ninguém a sua procura, Catrina foi colher o alho-poró que crescia como mato ao redor da cabana, a fim de preparar uma sopa. Ela examinou cuidadosamente os arredores, buscando algo que complementasse sua alimentação; teria de ficar muito tempo escondida. Após a partida da esquadra, seria impossível que a mandassem de volta para a Inglaterra, por falta de navios. No entanto, seu ato de desafio às ordens explícitas do governador seria punido e só escaparia do castigo continuando desaparecida.

Muitas horas haviam se passado quando Catrina julgou seguro juntar-se à multidão para a poderosa esquadra do almirante Rodney desaparecer no horizonte. Usando um casaco velho, cujo capuz cobria completamente o seu rosto, chegou ao cais em tempo de ver os últimos navios se perdendo a distância.

Como o restante da população, ela sentiu o coração acelerar ao ouvir os tiros dos espanhóis que avisavam os galeões da partida dos ingleses. Um novo e terrível estado de sítio iria começar!

Então, nos encontramos novamente, srta. Beaumont!

A voz às suas costas a fez estremecer. Era Jake Farraday.

— Espero que, desta vez, seu enfurecido parente não apareça de surpresa para roubá-la de mim! Posso lhe perguntar quem é aquele homem irascível?

É... meu irmão.

— Por Deus! Que amor possessivo! Por acaso ele a mantém presa no porão?

Sua pergunta é ridícula, capitão!

— Então por que parece uma fugitiva, senhorita? Observei-a por um bom

tempo e só descobri quem era porque já conheço esse seu casaco horrível! Estava se escondendo e...

— Pois o senhor também não ficou muito à vista de ninguém! — interrompeu Catrina. — Eu o procurava e não consegui encontrá-lo.

— Veio me procurar? A que devo essa honra?

— Antes de mais nada, confesso que sou uma fugitiva. Eu devia estar num daqueles navios ingleses, mas desafiei as ordens do governador e me refugiei num lugar secreto. Agora tenho de continuar escondida, ou me colocarão na prisão!

— É tão trágico assim voltar? Que destino terrível a espera lá?

— Tenho motivos pessoais para ficar. No entanto, minha fortuna continua em Londres e...

— Uma fortuna? — o sorriso de Jake era de pura incredulidade. — Que sorte a sua!

Em silêncio, ele leu a carta que Catrina lhe entregou. Agora tinha provas concretas sobre a riqueza da jovem herdeira e, embora ela estivesse claramente desafiando o irmão, talvez houvesse algum modo de lucrar com a situação.

— Por que confiou em mim, senhorita? E se eu ameaçasse denunciá-la para forçá-la a se tornar minha amante? Sou um perito em chantagem!

— Não tenho a menor dúvida, capitão. No entanto, eu creio que está mais interessado em dinheiro do que em uma amante.

— Ora! Sua opinião me ofende, mas... talvez seja interessante ouvir a sua proposta. Infelizmente, recuso-me a discutir negócios na rua. Vamos até o meu confortável... quarto.

— Não se engane, capitão! Se me julga uma presa fácil, por estar em uma posição vulnerável às suas chantagens..., pode se dar mal. Eu corto o seu pescoço se encostar em mim!

— Que mulher feroz! Mas eu detestaria manchar de sangue o meu belo casaco, senhorita, pode ficar tranqüila! Vamos?

Sim... desde que não se esqueça dos meus motivos. Pretendo apenas discutir negócios, nada mais!

Por favor, não me ameace mais. Já estou com os nervos abalados!

Catrina acompanhou-o, sorrindo. Jake Farraday não ousaria desafiá-la.

CAPÍTULO XV

Os aposentos do capitão na Hospedaria da Rainha surpreenderam Catrina pelo luxo e bom gosto. Na saleta decorada com móveis finos, havia um aparador de mármore onde duas criadas atavam colocando os pratos do café da manhã.

— Por favor, faça-me companhia, srta. Beaumont. Estou em jejum e não consigo discutir assuntos sérios com o estômago vazio.

— Obrigada — murmurou ela, também com fome. — Pela quantidade de comida, presumo que minhas suposições estavam corretas. Veio com o barco cheio de mantimentos e está à espera do reinício do bloqueio para vender suas mercadorias a preços bem altos, não é?

— Ah! Que tristeza encontrar uma jovem tão bonita e... esperta demais! Se descobrir todos os meus segredos, jamais me verá como o herói de seus sonhos!

— Não vim procurar personagens românticos e sim tratar de negócios, sr. Farraday. Como já lhe disse, não tenho como pôr as mãos em meu dinheiro que está em Londres. Se eu assinar uma nota promissória, o senhor me venderá mantimentos a crédito.

— Se eu realmente tiver o barco cheio de comida, como você supõe, ganharei dinheiro em poucos dias. Por que iria arriscar lucros seguros em troca de promessas duvidosas?

— Leia novamente a carta do meu advogado para assegurar-se.

— Não é necessário. Estava apenas provocando você. Sei que me pagará. De que precisa?

Quero cinco quilos de farinha, dois de açúcar, quatro de aveia e três de ervilhas secas. Pelos seus preços, calculei uma quantia ao redor de seis...

Dez moedas de ouro, senhorita.

Mas... é um roubo!

Está em condições de pechinchar, minha cara fugitiva da lei?

— Não, mas posso protestar! Eu lhe pagarei dez moedas, porém, quero um saco de sementes de verduras.

— Sementes? — Ele se surpreendeu com a ousadia da jovem — Está vivendo escondida! Onde pensa plantar verdura? As únicas terras cultiváveis ficam no istmo e todos os lotes já têm dono.

— Eu sei. Depois de pensar muito, decidi criar um solo artificial sobre a rocha, cobrindo-a com uma camada de terra. Quando atingir a espessura ideal, plantarei minhas sementes e espero ter logo verduras para vender no mercado. — E sorrindo com malícia completou: — Como tive um bom professor, cobrarei preços exorbitantes!

— Srta. Beaumont! Você é única! — ele deu uma gargalhada sonora. — Será um prazer tratar de negócios com uma pessoa tão astuta! Negócio fechado! Vendo-lhe os mantimentos mais um saco de sementes variadas por dez moedas de ouro!

Jake tocou a sineta e, quando as criadas chegaram, pediu-lhes que trouxessem papel e caneta. Enquanto elas limpavam a mesa onde seria assinado o contrato, surgiu-lhe uma idéia brilhante. Agora sabia como dobrar

aquela jovem provocante e indomável

Mas quando Catrina leu os termos do contrato, soltou um grito de indignação.

— Ficou maluco, capitão Farraday? Nem um usuário cobraria juros de cinquenta por cento!

— É verdade, mas estou disposto a esquecer-me desse lucro material... em troca de um beijo.

Com gestos firmes, Catrina mergulhou a caneta no tinteiro e assinou o contrato sem fazer nenhum comentário e sem perceber o olhar de admiração que Jake lhe lançava.

— Eis aqui o documento, capitão. — Entregou-lhe o contrato, com um sorriso. — Agora... poderia me escoltar até seu navio para que eu retire a mercadoria?

— Sem dúvida, senhorita...

Jake colocara a mão no trinco da porta quando a viu parar diante dele e, erguendo o rosto, oferecer-lhe os lábios. Mesmo sabendo que aquele gesto não significava uma capitulação, ele não resistiu ao desejo de beijá-la. Prendeu-a nos braços por um longo tempo e, ao soltá-la, tirou o contrato do bolso do casaco.

— Oh! Não faça isso! — pediu Catrina, com firmeza. — Os juros permanecem os mesmos. Eu dou o que é meu, jamais vendo ou troco!

— Pois é uma pena — murmurou ele, ansiando por mais do que um simples beijo. — Eu estava disposto a esquecer-me até do seu empréstimo em troca de uma entrega... completa. Quem sabe você não me dá... o que não pretende vender?

Rubra de vergonha, Catrina adiantou-se e, abrindo a porta, saiu do quarto. Na rua seria mais fácil manter a conversa num plano impessoal. Aquele beijo, embora não despertasse emoções inebriantes como os de Dominic, tinha sido agradável e esse prazer meramente físico, a assustava. Teria beijado Jake apenas para mostrar-lhe que era dona de si mesma ou ainda queria vingar-se da rejeição de Dominic?

A chegada ao Arabella a impediu de prosseguir com aqueles pensamentos inquietantes. Não confiava em Farraday e pretendia conferir cada item de sua compra.

— Você não conseguirá carregar tudo. Vou ajudá-la a levar...

— Obrigada, mas dispense o seu auxílio. Não tenho a menor intenção de indicar-lhe de que lado fica o meu refúgio.

— Ah! Você me julga tão mal! — Jake suspirou melancólico. — Mas como pretende fazer? Não é possível atravessar a cidade arrastando esses sacos enormes sem chamar a atenção!

Admitindo que Jake tinha razão, ela observou atentamente a tripulação do Arabella, até encontrar um rosto idoso, de feições que julgou honestas. Um velho de cabelos brancos. — Aquele senhor, talvez...

— Rawling! Ajude a senhora a carregar sua mercadoria — então Jake voltou-se para Catrina. — Quando a verei novamente, srta. Beaumont?

— Está preocupado com o seu dinheiro, capitão? — zombou Catrina, começando a caminhar pelo cais. — Talvez eu o esteja esperando aqui mesmo quando seu barco retornar a este porto. Adeus!

Jake acompanhou com o olhar a figura esguia seguida pelo velho

marinheiro, até que desaparecesse numa viela estreita. Sem dúvida, o esconderijo dela ficava na direção oposta, mas Catrina Beaumont era uma adversária esperta e seria um prazer vencê-la!

Realealmente, Catrina seguiu uma rota desnecessariamente longa para chegar até a caverna onde a população havia se refugiado durante o ataque dos espanhóis. Apesar da aparência honesta Rawling, não pretendia arriscar sua segurança, pedindo-lhe que deixasse a carga ali mesmo.

— A senhora não pode ficar aqui... é um lugar deserto demais...

— Não terei nenhum problema. — Ela apontou uma lona rasgada. — Vou fazer uma tenda e...

— Está fugindo da lei, moça? Desculpe a curiosidade, mas...

— De certo modo, sim! Eu devia ter partido junto com a esquadra, mas preferi ficar.

— Então... posso ajudá-la? — o velho retirou um saquinho do bolso e o entregou a Catrina. — Não é muito, mas...

Comovida, ela contou as moedas de ouro que o desconhecido lhe oferecia.

— Agradeço-lhe muito, Rawling, mas não posso aceitar. Guarde as suas economias. Precisarás delas mais do que eu e... por favor, não se preocupe comigo.

Com um olhar de dúvida, o velho marinheiro guardou as moedas e se afastou da caverna, nitidamente ansioso pela segurança daquela jovem cuja educação não a preparara para viver em plena natureza.

Como a maior parte dos oficiais, Dominic não dormiu na noite anterior à partida da esquadra. Havia uma infinidade de documentos que deveriam seguir para a Inglaterra e só ficaram prontos de madrugada. Mas, mesmo quando o trabalho exaustivo terminou, ele preferiu ficar no quartel, vendo os navios se preparando para zarpar. Perdido em pensamentos sombrios, esperou até a última vela desaparecer no horizonte e então voltou para casa. Precisava almoçar com Lucy, que devia estar desolada.

No entanto, uma crise mais grave o esperava!

— Oh, papai! — gritou a garotinha, em prantos. — Tia Catrina quebrou a promessa que me fez! Ela jurou, mas... foi embora como eu sonhei um dia!

— Sua tia não teve outra saída, amor. — Ele carregou a filha, tentando acalmá-la. — O Exército deu ordens...

— E você acha que aquela teimosa obedece a alguma ordem? — interrompeu Dinah, enfurecida. — Ela foi embora, mas não partiu em nenhum dos navios!

— O quê? — Dominic foi tomado por uma suspeita angustiante. — Onde está? Como sabem...

— Catrina já não se encontrava mais nesta casa quando acordamos, Dominic — procurou falar com calma. — Nenhum dos criados a viu sair e eu fui até o quarto e não encontrei uma peça de roupa em sua cômoda.

— Deus do céu! Como irá sobreviver? Catrina não tem dinheiro nem alimentos!

— Acho bem mais importante saber como John explicará essa insubordinação ao governador! — Dinah comentou com maldosa frieza. — Aquela criatura irresponsável e propensa a provocar escândalos o colocou em uma posição muito desagradável!

— O general já soube disso?

— Ele foi o primeiro a ser avisado, Dominic — continuou Alice, ignorando Dinah. — John organizou uma patrulha para revistar as casas em ruínas. Talvez Catrina tenha se escondido em alguma...

A suspeita vaga se transformou em certeza na mente de Dominic. Sem dar explicações a ninguém, saiu correndo da sala. Catrina não era tola e jamais teria agido dessa forma se não contasse com a ajuda de alguém. E só havia uma pessoa a quem ela recorreria: Jake Farraday.

Sua primeira tentativa de encontrá-lo na hospedaria foi em vão. O capitão deixara seus aposentos há mais de duas horas e ninguém se arriscava a afirmar se estava ou não acompanhado por uma jovem ruiva.

O sangue fervia nas veias de Dominic quando ele finalmente chegou ao Arabella e encontrou o capitão conversando com um velho marinheiro.

— Como vai, capitão Beaumont? — Jake estendeu a mão para cumprimentar o recém-chegado. — O que o traz até mim?

— Meu nome não é Beaumont. — Dominic ignorou o gesto cortês. — É capitão Ross e não pretendo perder tempo. Onde está a srta. Beaumont?

Então o possessivo protetor de Catrina não era seu irmão? Ela devia gostar muito daquele meio-irmão ou cunhado, pois parecia ter ficado em Gibraltar por motivos familiares!

A srta. Beaumont desapareceu, capitão... Ross? E uma situação bastante preocupante para a família, porém... não vejo Por que veio até aqui!

Não se faça de desentendido, Farraday! Ela está nesse navio e vou revistá-lo até...

— Você não tem autoridade para isso! — berrou Jake, rubro de raiva. — Precisa de uma ordem...

— Conseguirei essa droga depois de ter revistado o seu navio de ponta a ponta. Não vou dar-lhe a oportunidade de esconder evidências importantes!

— Não existem motivos válidos para essa busca!

— Será que rapto é um "motivo válido"? Você está sendo acusado de raptar a srta. Beaumont e de mantê-la presa em um camarote ou no porão.

— Meu caro capitão Ross! Eu não preciso usar essa tática para ter belas garotas em meu camarote. Elas vêm por vontade própria.

— Como a jovem de dezesseis anos que fugiu de casa para acompanhá-lo à Irlanda? — a voz de Dominic se tornou perigosamente gentil. — Os irmãos dela o seguiram até Dublin e foram vistos retirando-a de seu navio. Eles retornaram sozinhos à Inglaterra e a família jamais revelou o que realmente aconteceu com a pobre criança. No entanto, sempre surgem comentários, não é? Alguns afirmam que a moça foi corrompida por completo e preferiu se juntar às prostitutas do cais. Outros juram que ela se refugiou em um convento, pois não tinha coragem de enfrentar o mundo após as degradações que sofreu. Ainda há a hipótese sobre a perda da sanidade mental da jovem que permaneceu encerrada em um hospício na Irlanda.

— Ora! São apenas boatos — comentou Jake, sem se perturbar com a acusação. — Só um homem insignificante passa a vida toda sem se tornar herói de rumores desse tipo.

A despreocupação de Farraday diante de uma denúncia tão grave enfureceu Dominic.

— Vou revistar esse maldito barco e não tente me impedir! Realmente, Jake não fez um único gesto para evitar a entrada de Dominic no Arabella. Em

sua face desprovida de emoção, apenas os olhos faiscavam de ódio.

O primeiro dia de sua vida de fugitiva foi de trabalho exaustivo. Catrina limpou escrupulosamente o abrigo e arrumou seus poucos pertences, sem, no entanto conseguir despir o local de sua aparência deprimente.

As paredes de pedra cinzenta e o chão de terra eram o complemento ideal para a cômoda quebrada e o colchão rasgado que ela conseguira para mobiliar seu futuro lar. Lutando contra o desânimo, Catrina convenceu-se de que aquele abrigo rústico seria usado apenas como abrigo da chuva e para dormir. Passaria os dias ao ar livre, no lado oculto do imenso rochedo, trabalhando no jardim de seus sonhos.

O local escolhido para a horta foi uma grande plataforma de rocha. Apesar do entusiasmo, desalentava-a saber, que precisaria cobrir toda a parte plana com uma espessa camada de terra sem contar com a ajuda de ninguém.

Com o único utensílio ao seu alcance, uma concha para sopa, Catrina iniciou a tarefa desanimadora de escavar o solo das redondezas, trazendo a terra num saco de estopa. A cada viagem, ela achava maior aquela rocha plana onde nem um décimo ainda estava coberto!

Seu trabalho só foi interrompido na tarde do primeiro dia, quando o som de vozes se aproximando a obrigou a se esconder. Por entre os arbustos ela viu uma patrulha, sem dúvida à sua procura. Felizmente, tal fato não se repetiu e Catrina pôde dedicar todas as horas de claridade à sua tarefa.

Mas à noite a depressão se intensificava, tornando-se quase insuportável. Solitária e desesperada, Catrina se esgueirava entre as ruínas das mansões e ficava escondida no jardim da casa dos Ridgeway, ansiando por ver Dominic. Muitas vezes, quando Hobson se atrasava para fechar as venezianas, as luzes acesas revelavam uma cena familiar que aumentava sua solidão. Alice tocava piano enquanto o general lia o jornal no sofá e, no chão, Dominic e Lucy jogavam observados de perto por Dinah, perturbados constantemente pelo irrequieto Tim.

Catrina não sabia o que era pior: vislumbrar aquela cena doméstica da qual não mais partilhava ou ficar horas diante das venezianas fechadas, como uma exilada, tentando imaginar o que estaria acontecendo!

Mas o retorno dos galeões espanhóis indicando o reinício do cerco a instigou a trabalhar mais arduamente. Logo a comida se tornaria escassa e ela pretendia colher suas verduras para vendê-las no mercado.

Após duas semanas de luta incessante, a camada de terra sobre a plataforma atingiu a espessura ideal. Entusiasmada, Catrina iniciou o plantio, seguindo um planejamento perfeito: fileiras e sementes de repolho eram seguidas por outras de cenouras, nabos, rabanetes e cebolas. |

Como se a natureza estivesse abençoando seu esforço, a chuva começou a cair imediatamente após o plantio da última semente. Naquela noite, ela não sentiu o irresistível desejo de aproximar-se da casa dos Ridgeway. Exausta, mas feliz, Catrina tomou a habitual sopa de folhas de alho-poró e adormeceu com um sorriso nos lábios.

Porém, a luz do sol iluminou uma cena devastadora para Catrina. A chuva, vinda do leste, empurrara toda a terra para um dos lados da plataforma e suas preciosas sementes jaziam em um mar de lama, amontoado de encontro aos rochedos. Deitada sobre a rocha novamente nua e estéril, ela chorou por um longo tempo. Aos poucos, porém, seu espírito combativo venceu o desânimo.

Era preciso fazer pequenas muretas de pedra para fixar os canteiros e então a terra agüentaria a força da enxurrada sem deslizamentos.

Cuidadosamente, Catrina recobriu a plataforma com a terra molhada, procurando não danificar as sementes. No final da tarde, terminava a horta de seu jardim, agora protegida com barreiras sólidas que acompanhavam as ondulações da rocha.

Embora o trabalho fosse desgastante a espera era mais difícil de suportar. Diariamente Catrina examinava a terra à procura de brotinhos verdes. Mas suas expectativas eram prematuras demais. No solo nu não havia sequer um sinal de germinação!

Economizando ao máximo os poucos víveres que ainda restavam, ela descobriu que as folhas de dente-de-leão eram agradáveis ao paladar. Era preciso poupar os alhos-porós, ou não sobraria nenhum no outono. A esse pensamento, ela sorria com tristeza. Estava fazendo planos a longo prazo porque ninguém mais em Gibraltar se preocupava com a sobrevivência ou não de Catrina Beaumont.

Há mais de uma semana Dominic, munido de binóculos, escondia-se em uma fresta dos rochedos para acompanhar os movimentos de Catrina. O amor e a piedade cediam diante da intensa admiração que a coragem daquela mulher lhe despertava.

Ele adquirira o hábito de ficar com Lucy até que a garotinha adormecesse, depois de contar suas aventuras ao lado da tia. Por mero acaso, a filha mencionou um “esconderijo secreto”, despertando sua curiosidade. Mas as perguntas insistentes, no início gentis e lealmente exasperadas não surtiram efeito.

É segredo, papai! Prometi a tia Catrina que não contaria a ninguém! Só ela e eu sabemos... e Tim, é claro!

Então Dominic iniciou sua pesquisa, partindo do princípio de que o esconderijo fora descoberto na época em que se refugiaram na caverna. Passava todas as horas livres vigiando as rochas mais próximas até que, após uma tarde de chuva, ele a viu pela primeira vez. Catrina surgia e desaparecia no emaranhado de arbustos, e foi preciso esperar pelo momento ideal para descobrir o esconderijo.

Quando finalmente chegou ao rudimentar abrigo de pedras, sentiu o coração se apertar diante da caverna primitiva onde ela vivia solitária e desprovida de conforto. No entanto, não havia como livrá-la daquela vida terrível!

O general Ridgeway continuava enfurecido, culpando Catrina pela mágoa que seu desaparecimento provocara em Alice. Incapaz de perdoar a jovem fugitiva, não intercedera junto ao governador Elliott, para quem uma ordem não cumprida sempre merecia punição.

Se Dominic a forçasse a abandonar o esconderijo, ela estaria apenas trocando o abrigo por uma cela no convento, onde ficaria confinada até ser colocada no primeiro navio que partisse para a Inglaterra. O conforto e os alimentos fornecidos pelo Exército a prisioneira talvez não fossem uma compensação suficiente para o tédio e a humilhação que Catrina sentiria atrás das grades da prisão!

Incapaz de denunciá-la, Dominic limitou-se a tomar providências para que Catrina não morresse de fome. Esperando a saída dela, que se repetia sempre

no mesmo horário todas as manhãs, foi até o abrigo com sacos de farinha, arroz e um pedaço de carne defumada.

Após uma ligeira relutância ele criou coragem de entrar no abrigo. O que sentiu, então, foi uma mistura de angústia e raiva. Catrina não podia continuar escondida como uma criminoso!

Determinado a encontrar uma alternativa para a prisão que se seguiria à descoberta da fugitiva, Dominic resolveu confiar seu dilema a Alice. Ela era a única pessoa capaz de influenciar o general Ridgeway, e, através da autoridade militar, se encontraria um modo de trazê-la de volta ao mundo sem ser punida.

Quando Catrina encontrou as provisões sobre a cômoda, chorou de alegria, pensando em Lucy. A garotinha confiara ao pai o segredo de seu esconderijo, mas Dominic fora diplomático a ponto de não enfrentá-la pessoalmente. Ela teria recusado receber caridade das mãos de um homem que poderia forçá-la a se entregar ao governador. Embora os alimentos fossem um presente valioso, a sensação de não estar abandonada no mundo foi o que mais a alegrou.

A chuva daquela noite completou sua felicidade! Agora não havia mais perigo de um deslizamento de terra e suas sementes precisavam urgentemente de água. Ela as regava diariamente, mas o solo não chegava a ficar úmido em toda a sua extensão. Feliz Catrina adormeceu ouvindo o gotejar melódico sobre o telhado de seu esconderijo.

No entanto, ao examinar a plantação, tão logo o sol nasceu ela teve uma crise de desespero. Não havia uma única folhinha à vista. Praguejando, deu um pontapé na terra árida que não cooperava com seu trabalho incansável. Então, na cavidade formada pelo impacto de seu pé, surgiu um brilho esverdeado.

Catrina percebeu de imediato seu erro. Ao recolocar a lama revolta sobre a rocha, deixara as sementes muito no fundo e as folhinhas não tinham força para varar a camada de terra. Pela terceira vez ela reconstruiu a horta, transportando os pequenos brotos para perto da superfície. Mesmo desordenados, os vegetais agora cresciam sem obstáculos!

A tarefa levou dois dias e na manhã do terceiro dia ela sentou-se numa pedra e, orgulhosa, contemplou as plantinhas. Subitamente, o som de passos a assustou, mas Tim chegou antes que Catrina se escondesse de seus visitantes.

Lucy correu para os braços da tia, censurando-a por tê-la abandonado, mas Catrina mal ouvia os lamentos da criança. Dominic também estava ali e o amor que leu nos olhos cinzentos recompensou-a de todos os sacrifícios.

— Já pode voltar para casa conosco, Catrina — ele comunicou tenso. — O general Ridgeway a desculpou e conseguiu interceder por você junto ao governador. Ele afirmou que sua recusa em partir foi causada pelo desejo de permanecer com seus únicos familiares... a sobrinha e o irmão. Foi-lhe concedida a permissão para ficar na casa de Alice até que seja possível enviá-la de volta para a Inglaterra.

— Gibraltar está novamente cercado, Dominic. Haverá racionamento de comida e todos dependerão dos navios que consigam furar o bloqueio. Recuso-me a ser novamente uma boca a mais para ser alimentada, e enquanto não puder contribuir para o meu sustento, prefiro lutar sozinha e sobreviver! ^|

Ah! E como conseguirá esse milagre? Sei que está se alimentando apenas de sopas à base de folhas. Até quando resistirá a essa dieta de fome?

Não será por muito tempo. Olhe Dominic! — Ela apontou para as folhas de sua horta. — Estes pontinhos verdes logo e transformarão em repolhos, cenouras, cebolas e eu...

— Onde conseguiu as sementes? Por acaso foi Jake Farraday quem as forneceu?

— Sim. Por que pergunta?

— Desconfiei de que você iria pedir-lhe auxílio. Sem dúvida é o único que sabe onde fica o seu esconderijo, não? — E sem esconder a raiva, ordenou: — Vai sair imediatamente deste lugar e desaparecer da vida de Farraday!

— Não pretendo obedecer, meu caro. Em primeiro lugar, Jake ignora o meu esconderijo e, em segundo, eu não teria sobrevivido sem a ajuda de alguém. Recebi as sementes e mantimentos...

— Em troca do quê? — Dominic segurou-lhe os braços com violência. — Você é uma idiota, Catrina! Esse miserável jamais dá algo sem exigir uma retribuição.

— Ele não me deu nada. Eu comprei!

— E onde conseguiu dinheiro?

— Bem... Jake forneceu-me crédito.

— Pois então eu mesmo o pagarei assim que ele voltar a este porto. Qual é a quantia?

— Dez moedas de ouro e quem as devolverá ao credor serei eu! — Catrina o desafiou. — A dívida é minha!

— Deus do céu! Você não sabe com quem está lidando, Catrina. Farraday deve ter planejado um modo de prendê-la numa teia perigosa.

Talvez... mas ele é um homem corajoso e jamais desistiria a mulher que ama por respeito às convenções sociais arcaicas!

Controlando o ódio, Dominic pediu a Lucy que fosse dar um passeio com Tim. Mal a garotinha se afastou, tomou Catrina nos braços, beijando-a com desespero.

— Sabe o que fizemos Catrina? — murmurou ele ao se afastar. — Cometemos um crime pelo qual você seria renegada pela sociedade e eu teria de abandonar o Exército, com o nome sujo de lama. Nosso dilema não é ignorar os comentários maldosos e sim justificar, diante da lei e da Igreja, a existência de uma relação incestuosa!

A voz de Lucy e os latidos de Tim obrigaram Dominic a interromper o assunto. Porém, antes de partir ainda implorou a Catrina que aceitasse a realidade.

— Pelo amor de Deus, seja sensata e volte para a Inglaterra. Nunca poderá existir nada entre nós!

Catrina ouviu o choro da garotinha a quem o pai forçava a voltar para casa. Mesmo sentindo pena de Lucy, ela não estava disposta a abandonar a horta em pleno crescimento. Precisava vigiar os brotinhos, ou o pequeno rebanho que pastava livremente pelas redondezas destruiria sua preciosa colheita!

Dominic voltou muitas vezes ao abrigo, acompanhando Lucy e Alice. Os três continuavam sua insistente campanha para que ela abandonasse o exílio, agora voluntário, e voltasse para casa. Catrina reiterava sempre as mesmas

desculpas, evitando mencionar a impossibilidade de conviver com Dinah, que ficara oficialmente noiva e só esperava a vitória final dos ingleses para marcar o dia do casamento.

Mas aquelas visitas constituíam apenas um intervalo de lazer naqueles dias cheios de trabalho. Finalmente, confirmando as previsões de Dominic, suas provisões chegaram ao fim. Só lhe restava à sopa rala e logo Catrina começou a enfraquecer.

Na primeira manhã de abril os espanhóis abriram fogo contra Gibraltar e, embora o bombardeio fosse esporádico, trouxe o pânico de volta ao vilarejo.

A falta de chuvas preocupava Catrina, que, cada dia mais magra, quase não possuía mais forças para ir buscar água.

Quando finalmente o precioso líquido se esgotou, ela lutou contra a letargia crescente, decidida a roubar o reservatório que o dono do pequeno rebanho mantinha cheio. Era o local mais próximo e os animais ainda teriam muito para beber.

Mas, mal Catrina chegou até o tanque de água, iniciou-se mais um dos ocasionais bombardeios. Escondida entre as pedras, ela esperou o final do ataque, vendo os animais correrem desordenadamente, assustados com as explosões. Logo o único animal visível no pasto era um boi que caíra ao chão, atingido por um tiro.

O instinto de sobrevivência encorajou Catrina a tomar uma decisão arriscada. O dono do rebanho só descobriria sua perda quando viesse tratar dos bois, e então o animal morto já teria sido devorado pelos abutres. Tendo encontrado uma justificativa plausível para suas ações, ela decidiu aproveitar-se de uma situação provocada pelo destino e não por suas próprias mãos!

Com uma faca afiada, Catrina lutou durante horas, forçando— se a dominar as náuseas e a ter coragem para carnear o animal morto. Quando ela terminou a tarefa, estava com as pernas tremulas coberta de sangue e mal podia mexer os braços. No entanto o calor não lhe permitiria sequer uma hora de descanso, pois a carne estragaria se não fosse vendida imediatamente.

Só um pouco antes da hora do almoço conseguiu levar toda a sua carga ao mercado. Embora a exaustão quase a impedisse de falar, Catrina viu-se rodeada de fregueses aos gritos, que ofereciam quantias altíssimas por um quilo de carne fresca. Mostrando-se uma boa discípula de Jake Farraday, ela aumentou os preços, forçando-se a não sentir pena dos mais pobres e vendendo apenas a quem tivesse moedas de ouro.

Empolgada com os lucros inacreditáveis que obteve, Catrina custou a notar uma figura que se mantivera distante da multidão ao seu redor. Dinah permanecia imóvel, fitando-a com desprezo e horror. Por um instante, Catrina tomou consciência de seu vestido imundo, dos braços queimados de sol e sujos de sangue, dos cabelos embaraçados, enrubescendo de vergonha. Todavia logo recuperou o sangue-frio e, desafiante, aumentou os lances.

— Vendido por dez moedas de ouro! — gritou ela, encarando a elegante noiva de Dominic.

Pelo olhar revoltado de Dinah, que se afastou rapidamente, Catrina soube que os Ridgeway e Dominic logo ouviriam um relato minucioso da sua ganância.

Mas, já não a preocupava ser aceita por uma sociedade hipócrita. Agora Catrina sentia orgulho de ter sobrevivido! Mesmo vitoriosa e bem mais rica, ela

mal teve forças para voltar ao seu esconderijo. A necessidade urgente de um banho teria de ser adiado por causa da fome. Cambaleante, ela devorou a carne que deixara cozinhando enquanto ia ao mercado e estava prestes a ceder cansaço quando começou a chover, aspirando de felicidade, Catrina arrastou-se para fora do abrigo. Agora suas plantas não morreriam, ela teria água para beber je, acima de tudo, seria possível tomar uma banho!

Usando o sabonete que encontrara debaixo do colchão, após uma das visitas de Alice, Catrina lavou-se até não sentir mais o cheiro nauseante que parecia ter se impregnado na pele e nos cabelos. Então, ficou imóvel, deixando que a água límpida retirasse todo o sabão de seu corpo.

Quando já não suportava mais o cansaço, abriu os olhos e seu coração quase parou. Diante dela havia uma sombra ameaçadora que, ao perceber seus movimentos de recuo, começou a se aproximar.

O choque, depois daquele dia de esforço sobre-humano, a fez perder a consciência e ela só voltou a si já dentro do abrigo.

— Eu não encontrei uma toalha — murmurou Dominic, preocupado. — Você está bem? Sequei-a com meu casaco, mas...

— Sinto-me melhor... — ela disse sem fitá-lo. — Espero que não tenha estragado o... casaco.

— Não importa Catrina. Felizmente cheguei a tempo de socorrê-la. Mas a minha vinda foi por outro motivo. De onde você roubou a carne? Dinah a viu hoje no mercado e...

— Roubei? — Uma raiva incontrolável apossou-se dela. — Vai me denunciar ou quer saber a verdade?

Após ouvir dela o relato dos fatos, Dominic não controlou a vontade de rir.

— Deus do céu! Como pude julgá-la uma garota mimada e frívola? Você é uma fugitiva, capaz de carnear um animal e pechinchar até conseguir o preço mais alto! E, apesar de tudo, eu a amo cada vez mais!

Rodeada pelos abraços de Dominic, ela o beijou no rosto.

— Fique comigo esta noite, Dominic... apenas para me fazer companhia. Estou tão cansada que prometo...

— Não, Catrina — ele murmurou com um sorriso. — Uma criatura capaz de fazer o que fez hoje não resistirá ao desejo de me envolver em seus braços sedutores... esgotada ou não! Agora você já tem dinheiro suficiente para pagar Jake,

— Eu mencionei apenas o capital, Dominic — ela mal conseguia falar. — Ainda preciso guardar a quantia que cobrirá os juros de cinquenta por cento e...

Dominic não pôde replicar. Catrina adormeceu tão logo se aninhou junto a seu peito.

CAPÍTULO XVI

Após semanas de luta árdua pela sobrevivência, Catrina finalmente viu recompensados os seus esforços. Iniciava-se um período de prosperidade e, à quantia obtida pela venda da carne, veio somar-se o lucro obtido com a primeira colheita dos legumes.

O orgulho de ser capaz de colher os frutos de seu trabalho era tão grande quanto saber que tinha a astúcia inata de uma excelente vendedora. Catrina esperava ansiosamente pela volta de Jake Farraday, quando o surpreenderia pagando a dívida, os juros e ainda ficando com muito dinheiro!

Agora só temia que Dominic a forçasse a voltar para a casa dos Ridgeway. E para piorar a situação, Lucy surgiu uma manhã no abrigo, chorando e suja de terra.

— O que houve? — perguntou Catrina, abraçando a sobrinha. — Você caiu? Por que está sozinha?

— Tim me derrubou — soluçou Lucy. — Nós dois fugimos de casa! Vamos morar com você, aqui no nosso esconderijo secreto!

— Você não pode querida. Seu pai ia ficar muito triste.

— Talvez... mas a Sra. Forest ia ficar muito alegre. Ela me detesta e eu a odeio!

— Não é verdade, Lucy. Dinah não está acostumada a lidar com crianças, por isso...

— Não! Ela puxa o meu cabelo e me belisca quando meu pai não está olhando. Faz de propósito, eu sei!

Suspirando, Catrina fitou a horta muito verde que tanto trabalho lhe dera e tanto lhe custava abandonar. Agora, por causa de Lucy, teria de tomar uma decisão bastante difícil.

Sem dúvida alguma Dinah não tinha paciência e não suportava tomar conta de uma criança. Ela só se sentia feliz quando ocupava o centro das atenções. Ao ficar noiva fora obrigada a assumir a responsabilidade de cuidar da futura enteada, e esse papel a irritava tanto que descarregava seu aborrecimento em Lucy!

Portanto, mesmo temendo deixar sua horta abandonada durante a noite, Catrina não tinha outra opção a não ser voltar para o lado da sobrinha. Desta vez não seria mais uma carga para os Ridgeway, pois além de dinheiro tinha como ajudar no sustento da casa fornecendo verduras e legumes. Se ao menos conseguisse superar a dificuldade de viver sob o mesmo teto que Dominic e Dinah!

— Não pode ficar neste lugar, Lucy. O melhor é voltarmos juntas para casa, certo?

— Oh! Tia Catrina! Eu preferia morar aqui, mas... se você for comigo, talvez eu agüente mais um pouco!

Para distrair a criança, claramente contrariada com o fato de permanecer perto da futura madrastra, Catrina pediu-lhe que a ajudasse a fazer um espantalho que afastasse os animais das plantas.

Duas horas depois, carregando seus míseros vestidos e a considerável fortuna que acumulara, ela deu a mão à sobrinha, iniciando o caminho de volta

ao mundo civilizado.

Apenas Alice estava por perto quando as duas chegaram, e, apesar das boas-vindas efusivas, Catrina percebeu um certo constrangimento na atitude de sua anfitriã. Talvez a Sra. Ridgeway fosse mesmo uma pessoa amedrontada como Violet declarara. Mas, se esse era o caso, o temor existia por saber da atração entre Dominic e a cunhada.

Dinah entrou na sala e sua expressão se transformou numa máscara de desprezo e fúria.

Você voltou? Agora a nossa situação ficará insustentável! Seremos ignorados pelas pessoas decentes, pois todos sabem como você se comporta e...

— Estou aqui por causa de Lucy — Catrina interrompeu o monólogo de Dinah abruptamente. — Você ficará feliz de não tê-la mais sob sua responsabilidade, tenho certeza!

Dei-lhe todo o meu carinho, mas Lucy é uma criança birrenta e Problemática! — Era nítido o alívio de Dinah. — Suponho que esteja muito rica, Catrina. Afinal, com os preços que cobra por um repolho...

Subitamente, Catrina entendeu o motivo daquela raiva desmedida. Dinah gostaria de ter sido a jovem corajosa, capaz de sobreviver e enriquecer na adversidade. A delicada viúva não avaliava o esforço necessário para obter tal resultado; queria apenas saborear a glória final!

Por sorte Alice interrompeu a conversa que tomaria um rumo desagradável, pois Catrina decidira não mais se calar diante de provocações. Como boa anfitriã, mandara preparar um banho para a recém-chegada, avisando-a de que jantariam em breve.

Quando o general e Dominic chegaram, Catrina estava se sentindo novamente uma pessoa civilizada. Bem penteada e com um vestido simples, mas elegante, ela recebeu sem falsa modéstia os elogios de seu anfitrião.

— Fico feliz por tê-la novamente em minha casa, querida Catrina. Você se tornou um sucesso e sua energia e capacidade nos deixa envergonhados.

— Obrigada, general. Minha maior satisfação é poder contribuir para o sustento de todos. Agora terão verduras e legumes à vontade!

Dinah, porém não pretendia ficar em segundo plano por muito tempo e, dando o braço para o general, afastou-o de Catrina.

— Reservei um vestido lindo para o jantar do governador, John. Espero deixar você e meu querido Dominic orgulhosos de mim. — Fitou Catrina com ar desafiador. — O aniversário do rei será celebrado com um banquete formal... é uma pena que você não possa ir querida....

— Não vejo nenhum motivo que a impeça de comparecer — declarou o general. — Catrina já não é uma fugitiva da justiça... vou arrumar um convite para ela e...

— Por favor, John! Além de ser impossível encontrar um acompanhante em cima da hora, a pobre Catrina viveu como uma cigana por tanto tempo que possui apenas roupas imprestáveis! — Sorriu maliciosa. — Nem todo o dinheiro que ela acumulou, explorando a população de Gibraltar, conseguirá pagar um vestido novo. Não há um metro de tecido à venda...

— Pois não me causa sofrimento nenhum deixar de comparecer a esse banquete — interrompeu Catrina, pouco disposta a suportar os comentários ferinos de Dinah. — Voltei para ficar perto de Lucy, mais nada!

Na verdade, ela não se consideraria humana se realmente quisesse ficar em casa, pois seu isolamento a deixara ávida por qualquer oportunidade de se divertir. Mas pior do que não ir à festa ouvir incessantemente o discurso de Dinah sobre a festa fantástica que a “pobre Catrina” perderia!

Se não fossem as horas passadas longe de casa, Catrina teria enlouquecido. Acompanhada por Lucy e seu inseparável Tim, os três ficavam cuidando da horta até o meio da tarde.

Foi de seu refúgio que Catrina viu um barco ágil e rápido brincando de gato e rato entre os pesados galeões espanhóis. Era Jake que retornava ao porto! Com um sorriso nos lábios ela voltou para casa a fim de deixar Lucy com Alice.

— Tenho um assunto urgente a resolver. Pode ficar com ela até minha volta?

— Sim, mas... — Alice demonstrou sua preocupação. — Por acaso esse assunto se relaciona com Jake Farraday?

— Exatamente, Alice. Ele mais uma vez furou o bloqueio e preciso devolver-lhe o dinheiro que me emprestou.

— Acha prudente... ir desacompanhada?

— Céus! O cais estará repleto, não ficarei sozinha com ele. Não se preocupe Alice!

Depois de trocar de roupa e pentear-se com esmero, Catrina correu para o porto. Conforme previra, uma multidão se dirigia para o mesmo lugar e ela, aflita demais para esperar, enveredou pelas vielas estreitas do vilarejo a fim de cortar caminho.

Apesar dos estragos causados pelo bombardeio, a parte antiga da cidade ainda conservava intactas suas casas modestas, mas graciosas. Na porta de um sobrado em estilo mourisco, uma velha de óculos trabalhava num bordado. Quando ela viu a jovem se aproximar, chamou-a, oferecendo suas peças delicadas. Eram de linho, finamente decorados, mas ninguém as compraria, pois todo o dinheiro se destinava à aquisição de alimentos.

Penalizada, Catrina conversou alguns minutos com a falante velhinha e admirou a renda preciosa que ornamentava as cortinas e a colcha da cama. Mas sua ansiedade em chegar logo ao porto a fizeram interromper o diálogo com certa rispidez. Precisava encontrar Jake antes de a multidão impedir sua aproximação do navio.

Os poucos minutos perdidos foram preciosos. Era impossível ver algo além de um mar de cabeças que se voltara para o local onde os marinheiros vendiam as mercadorias. Impaciente, Catrina decidiu não enfrentar aquele massacre, indo esperar Jake em seus aposentos na hospedaria. Os meses de luta para sobreviver tinham lhe aumentado a autoconfiança; já não se preocupava com comentários maldosos. Afinal, se não podia ter Dominic, de que lhe adiantava uma reputação impecável?

A espera não foi longa, pois logo Jake entrou em sua saleta particular, bem vestido e atraente como de costume.

— Srta. Beaumont! Que surpresa agradável!

Jake ficou perplexo com o próprio contentamento ao deparar com a bela ruiva. Não iria negar que o prazer agora era redobrado. Recebera informações concretas a respeito da fortuna daquela jovem através de um de seus homens. Ele o havia enviado a Londres com uma carta forjada onde pedia, em nome de

Catrina, uma avaliação completa de todos os bens pertencentes a ela. A resposta o surpreendera profundamente, pois não imaginara uma fortuna tão fabulosa. Mas seguindo seu plano original, continuaria tratando-a como se não acreditasse em sua riqueza.

— Veio me procurar para dizer que não tem como pagar a dívida, não é?

— Engana-se muito, capitão Farraday. — Ela abriu a bolsa e espalhou as moedas sobre a mesa. — Trouxe as dez moedas de ouro, referentes ao capital emprestado, e mais vinte referentes aos juros. Como me disse que aceitaria minha palavra sobre a data de devolução, mesmo não estando em Gibraltar para receber, eu marquei o dia... foi quando vendi o boi e...

— Você... fez o quê? — a voz de Jake refletia incredulidade e admiração.

Catrina explicou sua aventura, desde o difícil começo até o sucesso do plantio, interrompida apenas pelas gargalhadas sonoras de Jake.

— Realmente, você é única, mocinha! — Ele retirou doze moedas e devolveu-lhe o resto. — Não pensou que eu fosse tão usurário a ponto de cobrar juros de cinquenta por cento, não é? Eu só exijo uma taxa de cinco e não vou tratá-la de modo diferente.

— Então por que me pediu essa taxa absurda?

— Bem, eu tinha certeza de que você não conseguiria o dinheiro e então poderia exigir um outro tipo de pagamento.

— Oh! Você é mesmo um explorador! — ela não controlou a vontade de rir. — Vou pensar duas vezes antes de fazermos outro trato!

— Prometo que me comportarei como um cavalheiro de hoje em diante e... para provar isso, fique aqui e almoce comigo.

Catrina não hesitou muito em aceitar. Jake era uma companhia divertida e ela não devia satisfações a ninguém. Por que não aproveitar a ocasião?

O almoço foi muito agradável. Além da fartura de pratos requintados, Jake revelou seu lado sofisticado, tratando Catrina com a finura de um aristocrata.

— Eu retorno sempre a este lugar por motivos óbvios, mas não consigo entender as suas razões. Trabalhou como uma escrava só para ficar nesta maldita fortaleza. Por quê?

— Não tenho amigos nem família na Inglaterra. E aqui... lembra-se do meu irmão?

— Claro que sim! Aquele cavalheiro arrogante que se importa tanto com você a ponto de deixá-la passar por uma situação tão terrível?

— Ele preocupa-se tanto que quis me enviar para a Inglaterra no primeiro navio disponível e eu fugi. Na verdade, fiquei por causa de minha sobrinha. Ela é filha de minha irmã Millicent, morta há um ano, e o capitão Ross é o meu cunhado.

— Por acaso seu... cunhado casou-se de novo? — Jake não escondeu a malícia.

— Não, mas já ficou noivo.

— E você detesta sua futura cunhada, certo?

Catrina ia protestar, mas não viu necessidade de fingir para um homem que não pertencia ao mesmo círculo de Dinah.

— Ela é fútil, vaidosa e extremamente irritante! Desde que voltei para casa Dinah não parou de me provocar, falando sobre o magnífico banquete oferecido pelo governador para comemorar o aniversário do rei e ao qual não poderei comparecer. Não tenho nem acompanhante nem trajes apropriados!

Já consegui entender por que você continua aqui, mas não o que a trouxe a Gibraltar.

— Eu queria visitar meus pais e Millicent. Como fui criada por minha madrinha, ela me deixou seu herança... é uma fortuna, acredite!

— Talvez eu tenha achado difícil de acreditar porque você nunca me deu a impressão de ser uma jovem mimada, produto de uma educação limitada a pinturas e bordados. Afinal, uma dama refinada jamais esquartejaria um boi roubado, não é?

Realmente, a avareza doentia de Lady Prudence me preparou para uma vida dura. Quando descobri que tinha ficado milionária eu quis ver meus parentes, mas... era tarde demais. Meus pais haviam morrido há meses e a guerra já tinha sido declarada. Então, por vários motivos fui ficando. Millicent estava grávida, os criados fugiram, enfim, não pude voltar.

— O que houve com sua irmã?

— Ela morreu em um incêndio. O fogo começou em seu quarto e, como a porta estava trancada, não houve condições de salvá-la antes de as chamas tomarem conta da casa.

— Pobre Sra. Beaumont! Ficou sem irmã e sem teto — brincou ele, sem maldade. — Onde está vivendo agora?

— Moro na casa do general Ridgeway. A esposa dele, Alice, era filha de minha madrinha. Nunca fui informada desse parentesco, só soube quando vim para Gibraltar. — Catrina se interrompeu, envergonhada. — Por favor, desculpe-me. Só falei sobre mim... e você?

— Minha vida é um livro aberto e deve ter ouvido muito sobre o meu péssimo caráter. Sou a ovelha negra de uma família distinta e respeitável... Quando quero algo, tomo para mim e se não conseguir por meios lícitos sou desleal, mas atinjo o objetivo. Exploro todas as situações para meu próprio proveito e se não ganho um jogo, roubo para vencer!

— Pois não acredito que você seja tão mau! Afinal, arrisca sua vida para nos trazer suprimentos e...

— Lembre-se do meu lucro, senhorita!

— Bem, é preciso pagar bem os marinheiros que se arriscam em aventuras tão perigosas, não? Além disso, seu barco pode ser atingido e, se não consertá-lo, perde sua fonte de renda. Como não manter uma boa reserva para essas eventualidades?

— Céus! A senhorita está me deixando envergonhado! Nunca me consideraram tão cheio de virtudes! Como sobreviverei sem a minha reconfortante fama de mau-caráter?

— Acabará se acostumando, capitão! — Catrina levantou-se da mesa com um sorriso. — Muito obrigada pelo almoço, mas preciso voltar, ou começarão a recrutar uma patrulha para me procurar.

— Só a deixarei ir embora se me fizer um favor...

Jake aproximou-se de Catrina e, segurando-lhe as mãos, examinou a pele áspera marcada pelo trabalho pesado.

— Seria vergonhoso aceitar o seu dinheiro. Por favor, considere desfeito o nosso contrato, não me deve nada.

— Absolutamente! Eu sempre paguei minhas dívidas! Recuso-me a aceitar... caridade.

— Não foi essa a minha intenção, mas se não quer fazer esse favor... que

tal pregar uma peça em sua futura cunhada? Eu adoraria ajudá-la!

— Não compreendo capitão Farraday.

— Encontre um vestido adequado e eu a escoltarei a esse baile que a vaidosa Dinah se orgulha tanto em ir, enquanto você sofre sozinha em casa!

— Não me agrada dizer-lhe isso, mas não se ofenda. Pelo que ouvi falar, você não receberia um convite do governador em hipótese alguma!

— Deixe esse problema comigo, cara senhorita. Existem muitas maneiras de abrir portas inacessíveis... Quando se faz um donativo, por exemplo! Se eu oferecer parte da carga do Arabella a fim de tornar mais bem-servido o jantar em honra de sua majestade, o rei George III garanto-lhe que chegará um convite. Eu e minha companheira seremos recebidos com mesuras.

— E por que sacrificaria seus lucros para participar de um acontecimento social sem importância para você?

— Pelo prazer de levá-la, é claro! Talvez também seja bastante divertido ver as expressões chocadas dos outros convidados, entre eles o seu cunhado autoritário, acompanhado pela fútil e arrogante noivinha! Preocupe-se com o vestido, sita. Beaumont... deixe o resto comigo! Terei esse convite nas mãos, e muito rapidamente. É uma promessa!

Catrina ficou feliz. Desejava muito ir àquela festa. Após meses de isolamento, ia divertir-se ao lado de um homem atraente e encantador.

— Sabe... acho que existe uma outra razão para comparecer a este jantar, capitão! Cansou-se de carregar essa reputação de mau-caráter e gostaria de mostrar à sociedade como se enganam a seu respeito. A melhor maneira de começar seria doando víveres para o jantar do rei, concorda?

— Por favor... não posso aceitar que me considere tão virtuoso!

Sorrindo, Jake beijou a mão de Catrina, mantendo a cabeça abaixada para que ela não visse o brilho de triunfo e excitação em seus olhos. Há muitos anos não encontrava uma oponente a Sua altura. Seria um prazer vencê-la!

— Irei buscá-la na casa do general Ridgeway no dia quatro de julho, sem falta. Comemoraremos juntos o aniversário do rei!

Pensativa, Catrina começou a voltar devagar para casa. Se Dominic viesse, a saber, desse convite, faria um escândalo, proibindo-a de ser vista na companhia de um pirata. Mas estava disposta a desafiá-lo! Pessoa alguma no mundo tinha o direito de proibir-lhe algo ou impedi-la de se divertir. Ninguém saberia de seus planos até ser tarde demais para arruiná-los!

Mudando de direção, Catrina voltou ao bairro antigo, procurando a casa da velha bordadeira. Depois de inúmeras voltas por quarteirões desertos, finalmente a encontrou, ainda bordando diante de sua casa.

— Gosta? Vai comprar? — a velha genovesa reconheceu à jovem e lhe ofereceu novamente os lenços. — São bonitos.

— Não, senhora... eu não quero os lenços, mas gostaria de comprar as rendas da cortina e da colcha. Será que concordaria em se desfazer delas?

— Mas são... feias! Vecchiol Velhas entende? É melhor ficar com estas... bello! Além de bonitos, são novos.

— Eu prefiro as rendas, senhora. Dou-lhe três moedas de ouro...

A pobre velha arregalou os olhos diante da quantia absurda que aquela jovem sem juízo lhe oferecia por rendas velhas e amareladas. Mas como recusar um presente vindo dos céus?

— Eu vendo, é claro.

Então Catrina entrou na sala, que também servia de quarto, e examinou mais de perto as maravilhosas rendas cor de marfim.

— Eu as fiz quando me casei senhorita. Há tanto tempo...

— A senhora também sabe costurar? — perguntou Catrina, admirada com a perfeição de cada ponto nos bordados dos lenços. |

— Si, si, molto benel Eu fazia os vestidos das minhas filhas... Costuro muito bem!

A velha genovesa tinha mãos de fada, pensou Catrina. Sorrindo, imaginou aquela renda adornando um belo vestido. Ela iria ao jantar do governador com um traje tão espetacular que faria Dinah morrer de inveja. Mas, no fundo, tinha de admitir que queria estar bonita para agradar a uma única pessoa: Dominic!

CAPÍTULO XVII

As mãos habilidosas da velha genovesa transformaram as rendas antigas numa verdadeira obra-prima. Diariamente, Catrina passava horas na casa modesta, experimentando o vestido que ainda não sabia se iria usar. A não ser que fosse procurar Jake, continuaria ignorando se ele realmente conseguira um convite para o jantar do governador.

Mas, no último domingo de maio, o general Ridgeway fez uma comunicação que surpreendeu a todos durante o almoço em família.

— O aniversário do rei será bem melhor do que se supunha. Já estávamos resignados a oferecer lombo defumado como prato principal e apenas rum para os brindes. Então, para alegria geral, um benfeitor anônimo doou várias peças de toicinho, caixas de vinho francês, além de farinha de trigo e frutas cristalizadas para um belíssimo bolo de aniversário!

Disfarçadamente, Catrina cobriu o rosto com as mãos para esconder um sorriso. O ardil de Jake tinha dado certo! Sem dúvida, o general conhecia a identidade do anônimo doador, mas não queria confessar que o governador se dispusera a aceitar a ajuda de um fora-da-lei!

— Vai ser uma festa magnífica. — Dinah não escondia sua euforia. — É mesmo uma pena que nossa pobre Catrina perca esse banquete!

— Se você lhe emprestasse um vestido — interveio Dominic, irritado — o coronel Frampton a acompanharia.

— Deus do céu! Frampton tem mais de sessenta anos! — exclamou Alice, horrorizada. — Além disso, é tão maçante que todos ficam aliviados quando a gota o impede de comparecer a funções oficiais!

— Pois eu prefiro ficar em casa! — Catrina levantou-se da mesa com uma expressão de enfado. — Detestaria comparecer a festa com um vestido emprestado e ao lado de um velho maçante! Garanto-lhes que me divertirei mais lendo um livro de... culinária!

À tarde, Catrina deixou Lucy brincando com Tim sob a supervisão atenta de Hobson e, com o pretexto de que precisava cuidar da horta, correu para o vilarejo. Tinha de ir buscar o vestido, já pronto há dias, e encontrar um modo de entrar em casa sem que ninguém a visse carregando um pacote!

As comemorações do aniversário do rei se iniciavam no final da tarde com uma parada militar e salvas de tiros. Os espanhóis, que poderiam ter estragado a celebração com um ataque, assistiram, bem-humorados, ao desfile dos regimentos. As lentes dos binóculos dos soldados a bordo dos galeões ou nas fortificações da Linea faiscavam ao sol forte do poente.

Mas Catrina não conseguia prestar atenção ao espetáculo, diante do dilema em que se achava. Após afastar inúmeras possibilidades fadadas ao fracasso, decidiu confiar na Sra. Ridgeway e pedir-lhe cooperação.

— Estou com um problema difícil de solucionar — disse à amiga. — Por motivos pessoais, não lhes contei nada, mas comparecerei ao jantar do governador. No entanto, preciso vestir-me para sair de casa antes de todos, ou Dominic me impedirá de ir.

— Como? Quem a convidou? E por que Dominic não concordaria com sua ida?

— Bem... serei acompanhada por Jake Farraday.

— Oh, meu Deus, Catrina!

— Jake não é tão mau quanto o pintam! A maioria das pessoas o difama, mas não o conhece tão bem quanto eu! — Como seu argumento não convencesse Alice, ela mudou de tática. — Só aceitei a companhia dele porque já não suportava mais as provocações de Dinah. Acho que eu morreria de ódio se fosse obrigada a ouvi-la descrever cada detalhe desse jantar ao qual “a pobre Catrina” não foi convidada!

— Realmente, Dinah passou dos limites desta vez! Mas... como conseguiu um vestido?

— Oh! Espere até vê-lo! Mais tarde lhe contarei como consegui... Agora, preciso de sua ajuda para resolver o problema de minha saída. Tenho de estar pronta e fora de casa antes do final da parada, quando todos voltarão para se arrumar. Posso deixar Lucy com você?

— Sim, é claro, mas por quê? — Alice continuava relutante.

— Quero evitar uma cena desagradável com Dominic. Na frente do governador, ele terá de se controlar. Se alguém perguntar por mim, diga que fui até a horta!

Quando Alice cedeu, apesar de contrariada, Catrina, afastou-se do grupo. Em primeiro lugar, passou pela Hospedaria da Rainha e deixou um recado para Jake, pedindo-lhe que fosse buscá-la dentro de uma hora. Então, voltou correndo para casa, a fim de iniciar seus preparativos para comparecer ao requintado jantar que seria oferecido nos magníficos jardins do antigo Convento Franciscano.

Ao retirar o vestido de seu esconderijo, maravilhou-se novamente com o trabalho da costureira, que conseguira fazer uma obra de arte a partir do modelo desenhado por ela. A renda fora colocada formando arabescos de sombra sobre um forro de cetim creme, justo até logo abaixo do busto e depois, caindo em um ondulado suave até os pés. O efeito era simplesmente majestoso.

Catrina terminara de prender os cabelos em um coque clássico e elegante quando foi avisada da chegada do Sr. Farraday. Ao encontrá-lo à sua espera no jardim, ficou surpresa com o luxo de seu traje.

— Está deslumbrante, Srta. Beaumont! — comentou ele, perplexo. — Seu vestido só pode ter vindo de Paris, mas como estamos em guerra com a França seria impossível consegui-lo. Ou será que você conhece algum outro capitão capaz de furar o bloqueio?

— Esta criação francesa foi feita com as rendas antigas que uma velha bordadeira fez para seu próprio enxoval há décadas. Eu e ela juntamos nossas habilidades e este é o resultado.

— Conseguiram mais do que muitas modistas famosas fariam! Sera um prazer escoltar uma jovem tão bela e elegante, mas... Por que me pediu para vir buscá-la tão cedo?

Quis evitar um encontro com meu cunhado. Vocês dois são agressivos demais.

— Ah! Foi ele quem ameaçou me agredir se eu chegasse perto de você outra vez! Espero que a presença do governador o impeça de cumprir essa promessa! — Jake deu um sorriso despreocupado. — Vamos sair logo daqui ou ele é capaz de nos ver e estragar sua noite! Daremos um passeio até a hora do

jantar.

A charrete alugada por Jake os levou até a mureta de pedra, de onde se descortinava um belo panorama da baía pontilhada de galeões espanhóis e navios franceses.

— Partirei a qualquer momento para buscar uma carga em Lisboa, — Virou-se para Catrina, segurando-lhe as mãos. — “Venha, amor, siga o meu caminho...”

Reconhecendo a citação dos Cânticos de Salomão, Catrina enrubesceu.

— Pense na dupla que formaríamos! Juntos, cruzaríamos os mares em busca de desafios perigosos!

— Sinto desapontá-lo, mas eu seria a pior parceira para esse tipo de aventura. Sofro enjôos terríveis, mal coloco os pés em um barco!

— E eu entro em pânico só de pensar em sujar minhas mãos na terra! — Ele sorriu malicioso. — Está na hora... vamos.

As mesas haviam sido colocadas no extenso gramado que rodeava o convento e todos os convidados já estavam acomodados quando o mordomo acompanhou Jake Farraday e sua convidada aos lugares que lhes tinham sido reservados.

Apesar de perturbada pela expressão de fúria de Dominic, que a vira cruzando o jardim, Catrina não pôde ignorar a agitação que a sua chegada ao lado do capitão Farraday provocara em todos. As mulheres o fitavam com admiração, ignorando a sua acompanhante; os homens, porém, pareciam inconformados com a presença de um pirata entre eles!

Mas nada tirou o prazer de Catrina, que sabia estar deslumbrante. O olhar de inveja e ciúme de Dinah foi uma boa recompensa para semanas de comentários ferinos, temperados por falsa piedade. A “pobre Catrina” estava sentada num lugar de honra, ao lado de um homem fascinante e com um vestido cuja simplicidade o destacava dos demais.

O único senão em sua felicidade era Dominic, o qual ela decidiu evitar até a hora de ir embora. Durante o jantar, os dois estavam longe demais para conversar e, tão logo fosse brindada a saúde do rei, pediria a Jake que a levasse para casa. Mas, antes de pôr seu plano em prática, Catrina foi afastada dele por um grupo de mulheres que o rodearam, disputando-lhe a atenção.

— Gostou do jantar, Catrina? — Dominic perguntou, controlando a raiva e arrastando-a até um canto isolado do jardim. — Como ousou?

— Ousei? Por acaso, não tenho direito de aceitar um convite e me divertir como os demais?

— Não finja! Você foi dissimulada e maldosa! Deixou que todos se compadecessem da “pobre Catrina”, sozinha em casa com um livro, enquanto fazia seus planos diabólicos para vir ao jantar acompanhada por esse... predador! — Sacudiu-a com violência. — Foi Jake quem lhe deu esse vestido, não é? Ele não é do tipo generoso, portanto deve ter exigido algo em troca! O que fez para merecer esse presente?

— Você está indo longe demais, Dominic!

— Ah! Duvido que eu chegue até onde você foi minha cara! O que prometeu em troca do vestido?

— Esta roupa foi feita com rendas das cortinas e da colcha de uma velha bordadeira. Comprei-as por algumas moedas e esse dinheiro foi ganho com o meu trabalho. Você não tem o direito de fazer insinuações ofensivas...

— Quer que eu peça desculpas? — Ele deu uma risada amarga. — Pois jamais as ouvirá e agradeça a Deus por estarmos num lugar onde não posso matar esse miserável de pancadas, depois arrastá-la para casa.

— Você não tem o direito de me dar ordens, Dominic!

— Isso é o que você pensa! Legalmente, tenho os direitos de irmão, os quais incluem a defesa de uma jovem diante da astúcia de homens como Farraday! Deus do céu! Por que você foi tão falsa?

— Eu só queria que... você me visse bem vestida e... não é muito a desejar porque sei que não posso ter mais nada.

— Não me torture tanto, Catrina! — A raiva de Dominic se transformou em desespero. — Não imagina o quanto me faz sofrer. Vejo nos olhos de todos os homens as emoções que sou obrigado a esconder do mundo! Você fascinou a todos e...

O som de passos se aproximando impediu que Dominic tomasse Catrina nos braços. Controlando o desejo, recuperou a expressão de cinismo e indiferença. Para não se exporem a comentários maldosos, levou-a de volta ao grupo familiar, afastando-se imediatamente.

Jake surgiu ao lado dela no mesmo instante em que Dominic a deixou.

Sinto estragar sua noite, Srta. Beaumont, mas os ventos mudaram de direção e quero aproveitar a desatenção dos espanhóis para furar o bloqueio.

— Estou pronta para ir embora, capitão Farraday.

Para alívio de Catrina, Dominic não os viu despedindo-se dos anfitriões nem deixando a festa cedo demais. Ele seria capaz de segui-los e provocar uma briga com Jake!

— Achou que eu estava brincando quando citei os Cânticos de Salomão, Catrina? — perguntou Jake quando chegou à porta da casa. — “Venha, amor...”

— Evidente que sim!

— Pois enganou-se... Catrina. Eu jamais fiz um pedido de casamento e não sabia que palavras usar, por isso... me inspirei em Salomão. — Jake estava embaraçado e ansioso. — Se você não suporta o balanço de um navio, ficaremos em Londres. Eu tenho dinheiro...

— Por favor, não continue, Jake. Não posso aceitar, sinto muito, mas...

Jake agradeceu aos céus por estarem num local escuro e ela não puder ver o ódio que o tomara de assalto. Jamais pensara em unir-se a mulher alguma e muito menos em ser rejeitado! Depois de planos minuciosos e tanto tempo perdido em pequenas atenções destinadas a conquistar Catrina, aquela recusa era humilhante!

— Não pense que... não o aceitei por causa dos comentários sobre sua reputação. — Catrina tentou justificar sua atitude. — Eu não posso me casar com você por que... amo outro homem, um amor impossível...

— Não tente me consolar com uma explicação, Catrina. — Jake já recuperara o controle. — “Como é doce o seu amor, minha irmã, minha esposa. Inebriante como o vinho.”

— Você realmente gosta... de Salomão.

— Ele tinha o dom de encontrar as palavras exatas para as emoções certas. Ama seu cunhado, não é?

Sem esperar uma resposta, Jake tomou Catrina nos braços, beijando-a com ardor. Ela não o afastou, permitindo-lhe uma despedida antes do inevitável adeus. Mas quando sentiu que as canetas se tornavam mais

ousadas, empurrou-o para longe.

— Por favor, não me obrigue a...

— Vai fugir dos homens e do prazer de ser amada porque a lei a proíbe de ter o único que despertou suas emoções, Catrina.

— Eu a faria esquecer-lo, por isso vou ser sincero com você. Nunca aceito uma derrota! Quando realmente desejo algo, não desisto até conseguir... por bem ou por mal!

Subitamente, a voz ardente de Jake se tornou fria e impessoal.

— Mandarei as sementes que você pediu pelo meu imediato. Chegarão bem cedo amanhã...

— Obrigada. — Aliviada com a mudança de comportamento Catrina mostrou-se também formal. — Se esperar um momento irei buscar o dinheiro e...

— Aceite-as como um presente — interrompeu ele e, sem despedir-se, voltou para a charrete.

Naquela noite, Catrina mal dormiu, pensando na irresponsabilidade de sua atitude. Quisera vingar-se de todos, indo ao jantar com um vestido deslumbrante e um companheiro sedutor, mas o resultado fora decepcionante. Aproximara-se de Jake a ponto de iludi-lo a respeito de um possível casamento e tinha sido obrigada a ofendê-lo, recusando o pedido. E ainda iria enfrentar a censura da família sobre sua dissimulação!

A cena inevitável ocorreu logo no café da manhã e, embora preparada, Catrina não imaginou a intensidade do ódio de Dinah.

— Você provocou um escândalo vergonhoso! — explodiu Dinah, rubra de cólera. — Como ousou ir à recepção com um pirata de má reputação? Ele...

— Não fique tão preocupada, Dinah — interferiu o general com um sorriso. — Catrina estava deslumbrante, e quanto ao pirata... no fundo, é um cavalheiro. Aliás, devemos a Jake a suntuosidade do jantar, pois ele doou a maior parte das mercadorias que trouxe nessa viagem para a celebração ao aniversário do rei.

Ante a surpreendente revelação, Dominic fitou Catrina, mudo e de Perplexidade. Dinah, porém, não hesitou em expressar em alto e bom som as suspeitas que a atormentavam.

— Nem posso imaginar o que Catrina precisou prometer em troca de tanta generosidade — insinuou com maldade. — Um explorador como Jake jamais dá nada sem pedir retribuição. Quando esta notícia se espalhar...

Mas não houve muito tempo para boatos levianos. Na noite seguinte ao baile, a cidade acordou com o som de tiros e tambores dando alarme.

— Os espanhóis atacaram de surpresa — explicou Alice, já vestida para se refugiar na caverna. — Segundo John, os inimigos pretendem destruir apenas os navios da esquadra que ficaram aqui para nos proteger. Mas, mesmo assim, ele pediu que todos procurem um lugar seguro.

A noite estava muito clara e, do alto dos rochedos, viam-se os navios espanhóis, muito próximos do Entrepríze. Catrina soubera, através de Alice, que os barcos inimigos estavam carregados de pólvora e explodiriam ao encostar nas embarcações inglesas.

Subitamente, elas viram um grupo do Exército aproximando-se de um bote ancorado na praia. Entre eles, destacava-se a silhueta inconfundível de Dominic.

— Oh! É o meu pai! — gritou Lucy, que estava sentada nos ombros de Hobson.

— Vamos até a praia! — ordenou Alice. — Eles devem estar loucos!

Lucy, acima das cabeças da multidão, chamou a atenção de Dominic, que se aproximou delas.

— A Marinha precisa de ajuda para alterar a rota dos navios espanhóis que vêm em direção dos nossos. Estou organizando os diversos grupos e...

— Mas você... — Catrina mal podia falar — ... você não irá com eles, não é?

— Sou o comandante da missão. Quando chegar o último dos tripulantes, todos os botes partirão.

— Oh! Você se tornará um herói, querido! — Dinah vibrou com a idéia. — Ficarei tão orgulhosa!

Dominic ignorou aquela manifestação de entusiasmo, aproximando-se mais de Catrina e de Hobson. Carregando a filha nos braços, beijou-a ternamente antes de devolvê-la aos cuidados do mordomo.

— Se algo acontecer comigo, lembre-se...

Certa de que Dominic iria pedir-lhe para tomar conta da sobrinha, Catrina inclinou-se para prometer-lhe que o faria, mas ele apenas moveu os lábios, enunciando uma frase inaudível.

— ... Lembre-se de que eu te amo.

Durante horas, a multidão acompanhou com angústia o trabalho dos pequenos botes que jogavam ganchos nos navios espanhóis, afastando-os na direção oposta e empurrando-os de volta para o lado dos espanhóis. De madrugada, um grupo vitorioso retornou a praia sendo recebido com gritos de vitória e suspiros de alívio.

O clima de euforia durou apenas vinte e quatro horas!

"Depois do fracasso do ataque, os espanhóis intensificaram a vigilância e mais nenhum navio consegue furar o bloqueio. O imperador de Marrocos, que recusara aliar-se aos espanhóis, acabou cedendo às pressões e confiscou as mercadorias dos navios ingleses em seu porto" — Catrina registrou no diário.

A situação se deteriorou rapidamente. Os suprimentos se acabavam, já não se fazia mais pão e até os barcos dos pescadores, que sempre traziam algum peixe, foram destruídos pelos inimigos. A Espanha decidira forçar o Império Britânico a se dobrar através da fome!

Finalmente chegou o dia em que Alice pediu-lhe para distrair Lucy, pois recebera ordens de entregar Tim ao Exército para ser sacrificado.

— Já não há mais comida e o Exército quer evitar que os pobres animais sejam caçados para servir de alimento aos mais desesperados.

— Meu Deus! Lucy vai ficar desolada!

— Não há outra solução, Catrina. Encontre um modo de afastá-la de casa e um pretexto para não levar o cachorro!

Engolindo em seco, Catrina procurou a sobrinha, que brincava com Tim no gramado.

— Vamos até a horta? Eu preciso regar as plantas — disse sem coragem de fitar a menina.

— Espere até eu colocar a coleira em Tim.

— Prefiro que você o deixe em casa desta vez, Lucy. Sabe como ele é irrequieto! É capaz de derrubar alguma vasilha de água e estou quase sem

reserva nenhuma. Quando chover de novo, nós o levaremos.

Enquanto as duas se afastavam de casa, Catrina deixou a sobrinha correr à sua frente. Assim Lucy ouviu os ganidos de protesto do cãozinho ao ser levado embora, mas nem percebeu as lágrimas que cobriam as faces da tia.

CAPÍTULO XVIII

O calor opressivo trazido pelos ventos úmidos da costa africana envolveu Gibraltar, transformando-se num sofrimento a mais para a população atormentada pela fome e pela claustrofobia do cerco.

Inconsolável com o desaparecimento do cãozinho, Lucy não aceitava a explicação de Catrina sobre a fuga de todos os cachorros da cidade para o lado desabitado do rochedo. A menina queria uma resposta menos vaga e seguia a tia como uma sombra.

Mas Catrina não podia dedicar muita atenção à sobrinha. A situação alarmante a forçava a tomar novas providências. Como já não havia nada para comprar ou trocar por suas verduras, era melhor consumi-las em casa. No entanto, a quantidade de legumes perecíveis era grande demais, levando-a a fazer experiências para conservá-los. Infelizmente, todos os legumes apodreceram com a umidade, e Dinah vibrou com o seu fracasso.

— Você devia ter continuado sua carreira de comerciante exploradora, Catrina — zombou ela, venenosa. — Jake Farraday chegou cedo ao porto hoje e seus marinheiros estão vendendo batatas por um preço exorbitante. Se você não tivesse desperdiçado a sua colheita com experiências ridículas, poderia comprar algum dos luxos trazidos por ele.

A provocação de Dinah era bem menos importante do que aquela informação involuntária. Mesmo sem erguer a cabeça, sentiu o olhar de Dominic, registrando suas reações ao saber da chegada de Jake. Desconhecia a decisão de Catrina de não mais encontrar o atraente pirata.

Mas Catrina não contava com uma nova investida de Jake. Na manhã seguinte, quando a família estava reunida para o café, Hobson entrou na sala com uma enorme cesta de vime.

— Um cocheiro trouxe este presente para a família Ridgeway da parte do capitão Farraday.

— Detenha esse homem! — ordenou Dominic, quase derrubando a cadeira ao levantar-se precipitadamente da mesa.

— Sinto muito, capitão Ross, mas ele já foi embora.

Curiosa, Alice abriu a cesta, soltando uma exclamação de surpresa ao encontrar um presunto defumado, duas peças inteiras de queijo, algumas dúzias de laranjas e várias garrafas de vinho do Porto.

— Há uma carta. É para você. — Entregou o envelope a Catrina.

Catrina teria preferido ler o bilhete longe dos olhos de todos, mas a expressão de Dinah era francamente desafiadora. Só esperava que Jake não fizesse nenhuma referência ao seu pedido de casamento, ou ela se trairia diante de Dominic.

“Cara Srta. Beaumont,

Não tive tempo de agradecer-lhe pela noite inesquecível que passamos juntos na casa do governador Elliott. Espero que esta pequena lembrança sirva como um pedido de desculpas por meu esquecimento e torne o Natal mais agradável para você e seus amigos.”

Como o vestido não tinha bolsos, ela guardou a carta no decote, ignorando o olhar colérico de Dominic.

— Precisamos devolver esta cesta imediatamente, Catrina!

— E uma pena, mas Dominic tem razão — concordou o general, com o olhar preso nas garrafas de vinho do Porto.

— Pois eu discordo! — Catrina enfrentou-os com uma expressão decidida.

— Seria uma ofensa imperdoável ao capitão Farraday.

— Eles têm razão, querida — interveio Alice, conciliadora. — Se você pensar no preço desses alimentos entenderá nossa posição. Esta cesta vale mais de vinte moedas de ouro e, enquanto não chegar o próximo navio inglês, não teremos essa quantia para entregar ao capitão. Não é apenas a impossibilidade de aceitar caridade de um desconhecido...

— Jake não teve intenções de ofendê-los!

— Não importam as intenções dele! — explodiu Dominic — A cesta será devolvida imediatamente!

— Meu querido Dom... — Dinah falou com voz macia. — O presente foi enviado a Catrina, que deve ter feito algo para merecer essa magnífica dádiva. Não acha que compete a ela decidir se devolve ou não?

— Se Catrina merece esse presente, foi por ter coragem defender um homem a quem toda a sociedade condena Dinah! Virou o rosto com desdém, voltando-se para Catrina. — Não é a reputação do Sr. Farraday que nos obriga a recusar o presente, querida. Ele deveria ter enviado algo para você e não para todos nós, que mal o conhecemos. Não tenho idéia do motivo...

— Talvez o bilhete que ele escreveu para Catrina possa nos esclarecer sobre esse... motivo! — zombou Dominic.

— Ele apenas agradece minha companhia na celebração do aniversário do rei e espera que este presente torne o Natal de nossa casa mais alegre. — Catrina ergueu o queixo, desafiando a todos. — Eu não vou permitir que o ofendam, devolvendo a cesta!

— Pois eu acho que deveríamos aceitar ao menos o presunto!

— Sorrindo com malícia, Dinah continuou: — Afinal, é muita sorte termos em casa uma amiga... Íntima de Jake Farraday.

Enfurecido, Dominic saiu da sala abstendo-se de mais comentários. O general Ridgeway, apressando-se em segui-lo, deixou que Alice decidisse sobre a atitude a ser tomada.

— Seja mais compreensiva, Catrina — pediu Alice, quando as três mulheres ficaram sozinhas. — Se aceitarmos o presente do sr. Farraday, seria impossível não convidá-lo a passar o Natal em nossa casa.

— E por que não? Apesar dos boatos, ele é um homem educado, porta-se como um perfeito cavalheiro.

— Mas o Natal é uma festa familiar, Catrina — insistiu Alice.

— Só amigos íntimos são convidados e...

— Ora! Talvez o Sr. Farraday se considere um "amigo íntimo" de Catrina.

Ignorando o comentário venenoso de Dinah, Alice continuou a explicar a situação para Catrina.

— É tão impossível aceitar um presente tão caro de uma pessoa a quem mal conhecemos quanto convidar esse desconhecido para comemorar o Natal conosco!

— Como não há outra possibilidade, peço-lhe apenas um favor. — Suspirando, Catrina resignou-se a aceitar a intransigência familiar. — Deixem

que eu explique pessoalmente ao Sr. Farraday o motivo da devolução do presente. Só depois disso enviem Hobson com a cesta. Assim, a recusa não será tão ofensiva.

Decidida a poupar Jake de uma humilhação desnecessária, Catrina trocou de roupa e guardando o bilhete entre seus lenços na cômoda, correu em direção ao porto. Logo divisou a silhueta alongada do Arabella, mas ao chegar à prancha de embarque viu sua entrada bloqueada por Dominic.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela furiosa com aquela intromissão em seus planos.

— Como você não se conformava em devolver o presente, vim pagar Farraday pelo conteúdo daquela cesta.

— Mas... onde encontrou o dinheiro?

— Empenhei meu anel de sinete.

— Ficou louco? — Catrina chocou-se diante daquela atitude extremada. O anel de Dominic pertencia, há séculos, à sua família e ele era o único herdeiro de tradições nobres.

A chegada de Jake impediu-a de continuar a discussão. Com um olhar claramente surpreso, ele fitou os dois recém-chegados.

— Meu imediato avisou-me de que havia chegado alguém para me visitar. Pelo jeito, ele esqueceu-se de dizer que era uma delegação familiar!

— Viemos vê-lo para falar sobre a cesta que nos enviou Sr. Farraday.

A voz de Dominic era tão gentil que Catrina ficou imediatamente alarmada.

— Foi um presente...

— E sem dúvida de inspiração divina! — continuou Dominic. — Você nos poupou o trabalho de competir com outros compradores, enviando-nos exatamente o que desejávamos. — Ele retirou um punhado de moedas do bolso. — Se o valor calculado não for correto, avise-nos e lhe enviaremos a diferença, Sr. Farraday.

Jake não se moveu, lutando para controlar a raiva por um novo fracasso em seus planos. Tinha enviado um presente cuja generosidade excessiva o tornava inaceitável e a devolução colocaria Catrina em suas mãos. No entanto, calculara que ela fosse procurá-lo em sua hospedaria... desacompanhada! A presença daquele cunhado possessivo e esperto o suficiente para assumir o comando da situação inutilizaria uma armadilha preparada com astúcia!

Com gestos lentos e altivos, Jake retirou do bolso uma lente de aumento e começou a limpá-la, sem pressa, com seu lenço de seda. Então com uma atitude teatral, ele examinou as moedas na mão estendida como se estivesse diante de falsificações grosseiras. Essa tática sempre dera resultado no passado, pois a maioria dos homens sentia-se tão embaraçado que acabava perdendo a calma e se afastava.

Dominic, porém, mostrou-se um parceiro de jogo à altura do astucioso Jake!

— Peço-lhe mil desculpas, Sr. Farraday. Devia ter imaginado que um homem tão importante não se digna a lidar com dinheiro. Deixarei as moedas para que um de seus criados as pegue.

Inesperadamente, as moedas voaram pelo ar e uma delas atingiu o vidro da lente, quebrando-a em mil pedaços. Por uma fração de segundo, Jake ficou olhando através do aro vazio e ouviu-se um riso reprimido vindo do convés do

Arabella.

— O Sr. Farraday já foi pago — disse Dominic, agarrando Catrina pelo braço. — Agora podemos ir para casa.

— Um momento! — explodiu ela e, soltando-se, dirigiu-se a Jake. — Quero que saiba a minha opinião sobre o presente, capitão Farraday! Eu apreciei seu gesto generoso, pois compreendi a intenção que o levou a nos oferecer...

Aquela cena humilhante provocara em Jake uma fúria incontável e dirigida não apenas contra o autoritário Dominic. Por ser testemunha de seu fracasso, ele sentira ódio também de Catrina!

— Seu cunhado tem razão, senhorita. Nunca confie num presente de grego!

Perplexa, Catrina não pôde responder, pois Dominic a arrastava pelo cais. Mas Jake não tinha ainda se dado por vencido e ela ouviu a voz vinda do navio já distante.

— Estou esperando sua resposta à minha carta, Srta. Beaumont. Encontre-me em meus alojamentos, como sempre...

A pressão dos dedos de Dominic no braço de Catrina se tornou dolorosa, mas ele esperou até alcançarem uma viela deserta para dar vazão à sua fúria.

— Então você já esteve nos aposentos desse miserável?

— Sim! E pretendo voltar quando e quantas vezes sentir vontade! Além disso, se eu decidir casar-me com ele, não vou consultá-lo, Dominic...

— Casar com Farraday? Perdeu o juízo, Catrina? Jake não é do tipo que se casa com mulher alguma. Ele as toma, usa e abandona sem remorso!

— Conheço-o melhor do que você!

— Duvido muito. Quero ver a carta!

Durante o resto do percurso até a casa dos Ridgeway, Catrina viu-se na posição humilhante de correr para acompanhar os passos rápidos de Dominic, que não soltava seu braço. Ele a forçou a entrar numa das portas laterais, levando-a até um dos quartos fora de uso na ala lateral.

— Quero ver a carta de Farraday!

— Você não tem direito! Além disso...

Sem esperar mais, ele enfiou a mão no decote do vestido. A raiva pelo gesto atrevido desapareceu quando Catrina viu o desespero refletido nos olhos de Dominic.

— Deixei o bilhete em meu quarto antes de sair — murmurou ela nervosa. — Mas não havia nada de comprometedor... Jake quis apenas provocá-lo, sugerindo um acordo inexistente entre nós. No entanto, se houvesse algo, eu sou maior de idade e responsável por meus atos.

— Você não passa de uma criança nas mãos de um homem diabólico. Jake tinha um bom motivo para lhe enviar a cesta de mantimentos como também para doar alimentos e bebidas para o banquete do governador. Mantenha-se longe desse homem, Catrina. Ele mesmo a preveniu para não se mostrar muito confiante.

— Como? Jake não disse nada...

— Falou sobre presentes de grego, lembra-se? É um homem desonesto, que rouba parceiros de jogo...

— Será que ninguém percebe a sua atitude autopunitiva? Jake piora a própria reputação e, além disso, há crimes bem mais graves do que roubar

num jogo de cartas.

— Pois ele cometeu esses outros crimes, Catrina. Farraday se envolveu com uma jovem inocente de dezesseis anos, irmã de um rapaz de quem ficou muito amigo. Pagou a hospitalidade amigável do rapaz seduzindo a infeliz menina, que fugiu com ele para a Irlanda.

— Não posso imaginar um homem sofisticado como Jake se interessando por uma garota ingênua. Sem dúvida, ela apaixonou-se pelo amigo do Irmão e se escondeu clandestinamente no navio.

— Está descidida a defendê-lo, não é? Confesso que fico muito curioso para saber qual o motivo!

— Jake foi acusado de todo crime, mas nunca com fatos concretos. Fiquei conhecendo-o melhor e não imagino que ele seja capaz de tais barbaridades, pois veio em minha ajuda quando eu estava desesperada. Até os juros de cinquenta por cento, que confessou ter sido uma brincadeira, foram reduzidos para cinco por cento. Portanto, até que algo sério me faça mudar de opinião, continuarei a demonstrar-lhe amizade, quer você queira ou não!

— Gostaria de saber quais foram os comentários sobre o destino trágico da garota que fugiu com ele?

— Como você mesmo afirmou... são comentários e não provas! Prefiro não ouvir! — a voz de Catrina se tornou trêmula e angustiada. — Pelo amor de Deus, procurou entender o meu ponto de vista e como minha vida é difícil e sem nenhuma alegria, Dominic! Alice me trata com toda a gentileza, porém ergueu uma barreira entre nós que impede qualquer aproximação. Dinah mal pode me ver, tem ódio de mim! Na verdade, não pertencço ao mesmo nível que elas, porém não posso ser relegada à convivência da criadagem. Sou uma exilada entre dois mundos que não me aceitam. Quanto a você... — Catrina desviou os olhos brilhantes de lágrimas contidas. — Talvez a lei esteja certa e eu devesse vê-lo apenas como um irmão, mas... esse laço fraternal só é uma fonte de aborrecimentos! Você me dá ordens e faz sermões, jamais demonstra a menor afeição!

— Não posso me arriscar, Catrina. Sabe muito bem por que evito qualquer intimidade entre nós, não é verdade?

— Sim, mas o fato de saber não torna minha vida menos vazia e triste. Jake Farraday é a única pessoa no mundo que posso chamar de amigo. Por favor... tente esquecer seus preconceitos e ver o meu lado do problema.

— Não é possível porque não se trata apenas de um preconceito sem fundamentos. Confesso que o ciúme me torna ainda mais crítico, porém tenho uma certeza instintiva a respeito da maldade de Jake. Sinto muito, mas não posso ajudá-la e continuarei fazendo tudo para impedir essa amizade entre vocês!

— Então só me resta uma saída, Dominic. Eu continuarei a desafiá-lo!

No entanto, apesar da deliberação de Catrina, ela não viu mais Jake até sua partida de Gibraltar. A chuva trazida pelos ventos quentes prendeu as mulheres e as crianças em casa e o ambiente se tornou insuportável. Para fugir à malícia ferina de Dinah, Catrina fugia para o quarto para desabafar suas mágoas no diário, o único companheiro das horas de desespero.

A situação se torna cada dia mais deprimente! Após o Natal, que foi mais aleagre graças à chegada de um navio com mantimentos, vindo de Liverpool,

voltamos à monotonia do estado de sitio. Ontem, celebrou-se o início do terceiro ano de bloqueio. Será que os espanhóis irão nos isolar neste rochedo árido por toda a eternidade?

O início do ano de 1781 trouxe algumas mudanças, ainda insignificantes, mas que traziam de volta a esperança.

Em uma noite de garoa fina e névoa, um navio inglês furou o bloqueio, anunciando a chegada próxima de um comboio inglês. Ouvindo os alaridos do vilarejo, Alice, Dinah e todos os criados decidiram ir até o cais para esperar os navios ingleses. Catrina recusou-se a deixar Lucy, que começava a ficar resfriada. A garotinha, porém, ao ouvir a notícia, implorou à tia que fossem também.

Mas, algumas horas depois, estavam todos arrependidos por terem deixado o aconchego do lar. A noite estava fria demais e nada se via na escuridão além dos clarões rubros dos tiros. Hobson, Alice e Catrina se revezavam para carregar Lucy, pois não conseguiam varar a multidão que se aglomerava no cais a fim de voltar para casa.

Quando a madrugada chegou, mais fria, porém muito clara todos viram o comboio inglês se aproximando de Gibraltar. Já haviam ultrapassado a barreira dos galeões espanhóis provocando um coro de gritos eufóricos no cais.

Então, as exclamações de alegria foram abafadas por um estrondo ensurdecedor. Pela primeira vez desde o início da guerra, os espanhóis haviam dirigido seus canhões para o vilarejo, até agora atingido apenas pelos tiros de mosquetes dos ataques diários.

Segurando Lucy nos braços, Catrina lutou para não ser derrubada por uma multidão alucinada pelo pânico e correndo desordenadamente para fugir do cais desprotegido.

CAPÍTULO XIX

Apesar do caos, Catrina encontrou a Sra. Ridgeway e Hobson, que também tentavam lutar contra a multidão que corria indisciplinadamente em direções opostas.

— Precisamos sair daqui, ou seremos esmagados — declarou Hobson, preocupado. — Deixe-me carregar Lucy, Srta. Beaumont. Assim será mais fácil abrir o caminho...

— Acho melhor irmos para o meu abrigo...

A idéia de se refugiar nos rochedos não surgiu apenas na mente de Catrina, pois a estrada que levava às cavernas nos rochedos já estava ocupada por um mar de fugitivos. Deixando-se levar pela corrente humana eles seguiram até o ponto onde o caminho se dividia e, disfarçadamente, desapareceram entre a folhagem espessa.

Só depois de acomodarem Lucy, que tremia de frio, Alice lembrou-se de Dinah e dos outros criados.

— Não adianta ir procurá-las agora, madame — declarou Hobson, com calma. — Já sabemos que os espanhóis interromperão o ataque na hora da siesta e então a Sra. Forest e os criados voltarão para casa. Eu irei ao encontro deles e os trarei para cá. Enquanto isso peço-lhe permissão para retornar ao porto a fim de ajudar meus compatriotas.

Após a partida de Hobson, Alice e Catrina permaneceram em silêncio, ouvindo o barulho incessante dos canhões e a respiração difícil de Lucy.

— Estou morrendo de sede, tia Catrina! E minha cabeça dói tanto! Não agüento mais esse barulho...

Como todos já esperavam, o bombardeio cessou à uma hora e Lucy, mais tranqüila, adormeceu.

— Vou aproveitar o período de calma para ir até minha casa, Catrina. Tentarei trazer mantimentos e cobertores...

— Precisamos todos cooperar, ou não salvaremos nossos mantimentos. Não sabemos se Dinah e os criados estarão lá para ajudá-la, por isso acho melhor acompanhá-la — tocando a testa de Lucy, ela decidiu. — A febre baixou e ela ficará protegida...

Podem ir — interrompeu a menina, sorrindo sonolenta. — Podem ir sossegadas... Tim me fará companhia.

Mais uma vez, elas procuraram não chamar a atenção de ninguém ao atravessarem a densa vegetação que escondia o abrigo e misturarem-se à multidão que se aglomerava nas cavernas e fendas do rochedo. Todos dirigiram-se ao sopé da colina, de volta a suas casas para buscar mantimentos durante o abençoado período da siesta!

— Estou preocupada com Lucy — Catrina não controlou mais seu temor. — Ela está delirando, falou sobre Tim e... pareceu-me tão fraca, apesar de não ter febre.

— Você se preocupa demais, querida. — Alice tocou o braço de Catrina, tentando confortá-la. — A pobrezinha passou uma noite inteira com frio, está exausta e em choque. Além disso, deve ter se consolado da perda de Tim tecendo fantasias sobre a volta do cãozinho.

— Espero que tenha razão, Alice.

A sorte novamente poupou os Ridgeway. A casa não fora atingida e logo Dinah e os outros criados retornavam. Alice organizou uma busca e cada um se encarregou de levar uma parte dos objetos de primeira necessidade. Essa operação de salvamento terminou alguns minutos antes das quatro horas, quando o bombardeio se reiniciaria.

Ao retornarem, Catrina dividiu o espaço de seu antigo esconderijo. Alice, Dinah e Lucy ficariam com ela no abrigo e as outras quatro criadas ocupariam a caverna ligada a ele pela abertura ao lado da lareira de pedra.

Durante a primeira noite longe dos confortos de um quarto, todos dormiram por causa da exaustão. Catrina ouviu a voz disante de Lucy murmurando palavras incoerentes e só pela manhã deu-se conta do agravamento de seu estado. A menina delirava chamando a mãe e seu rosto estava muito vermelho.

— Não entendo! — comentou Alice, preocupada. — Ela não tem febre! Só Peço a Deus que não seja tifo... houve alguns casos no vilarejo e...

— Oh! Meu Deus! Vocês têm de sair daqui! — Catrina falou disisperada. — Eu durmo com ela na mesma cama porque se for tifo, já fui infectada. Mas você e Dinah precisam se afastar! Deixem que eu cuido dela sozinha!

Dominic estava à beira de um colapso. Fora o abençoado período da siesta, o ataque dos espanhóis se mantinha em constante e inalterável violência. Só com muito esforço era possível lembrar que estavam entrando apenas no terceiro dia de batalha.

Em poucos minutos, ele iria juntar-se às tropas que lutavam para apagar os incêndios no vilarejo. Por toda parte havia mortos e já não se encontrava um leito disponível no hospital para receber os feridos em número cada vez maior.

A fumaça sufocante e a poeira dos edifícios que ruíam tornava a visão quase impossível, mas Dominic não estava atento à destruição ao seu redor. Pensava em Catrina e na imagem dela carregando Lucy no colo. Embora se preocupasse com a segurança de Alice e Dinah, rezava para que as duas criaturas amadas não fossem feridas!

O estado de Lucy era instável, alternando súbitas melhoras e preocupantes recaídas. Nos momentos de lucidez, ela reclamava do barulho constante que aumentava sua dor de cabeça. Sentia muita sede, mas jamais queria comer.

Seguindo as ordens de Catrina, Alice trazia água só até a porta do abrigo e pedia notícias da garotinha.

— Ela comeu?

— Tentei dar-lhe umas colheradas de mingau, mas Lucy se recusa a engolir.

— Oh! Tive uma idéia! — Alice, se animou. — Guardei uma barra de chocolate desde o Natal na gaveta da minha mesa de cabeceira. Vou pedir a Dinah que vá buscá-la. É um alimento nutritivo e Lucy não recusará esse petisco. Assim que os espanhóis iniciarem a siesta, ela irá até lá, Catrina.

Muito antes de chegar à casa dos Ridgeway, Dinah começou a entrar em pânico. A maioria das casas estava em ruínas e na última delas havia um corpo carbonizado junto à porta de entrada. Sem dúvida, alguém se arriscara demais

para salvar algum mísero objeto sem valor!

Subitamente, ela perdeu o entusiasmo que sempre sentia a respeito daquela guerra. Já não agüentava mais as privações e Dominic desaparecera de sua vida! Desesperada, decidiu-se a ir ao encontro dele no quartel, sem lembrar-se que precisaria atravessar o vilarejo para alcançá-lo.

Ali ela encontrou uma realidade brutal e mais chocante do que em ruínas. Os soldados tinham descoberto que os comerciantes haviam escondido víveres para vendê-los a um preço mais alto e saqueavam as lojas, apossando-se principalmente de garrafas de bebidas.

De repente Dinah viu-se rodeada por um bando de soldados embriagados. Aterrorizada, ela lutou contra as mãos que rasgavam suas roupas, suplicando para que a deixassem em paz. Seu terror, porém excitava os homens, que a empurraram de encontro a uma parede, tentando tocá-la através dos rasgos do vestido.

Então, um tiro resvalou na pedra sobre as cabeças reunidas em torno da mulher subjugada e ouviu-se uma voz autoritária.

— O primeiro que tocar nessa mulher é um homem morto. Quanto os soldados se afastaram, acovardados, Dinah viu-se diante de Jake Farraday, elegantemente vestido como sempre e estendendo-lhe uma capa de veludo negro.

— Cubra-se com isto, madame, e venha comigo.

Na mente de Dinah, o episódio brutal imediatamente se transformou numa aventura romântica. Ela era uma bela dama em perigo e fora salva pelo cruel pirata que, incapaz de suportar a visão de sua pureza sendo maculada, se arriscara a morrer para defendê-la. Mas sua fantasia romântica foi interrompida por uma voz grave e bastante real.

— Já a vi em algum lugar, madame. No entanto não consigo lembrar-me de onde nos encontramos.

Sou a Sra. Dinah Forest. Quem você conhece bem é... a cunhada de meu noivo, a Srta. Catrina Beaumont.

— Sim, é claro! Você é a noiva do capitão Ross. Todos os seus familiares estão em segurança?

— Graças a Deus! Só Dominic e meu primo, o general Ridgeway, continuam correndo perigo para nos defender. As mulheres estão escondidas...

Dinah conduziu a conversa de maneira que ele sentisse curiosidade em saber por que ela enfrentaria sozinha o risco de um tiroteio e a ameaça de soldados bêbados, enquanto Alice e Catrina permaneciam protegidas.

— E por que não está com elas em segurança?

— Minha futura enteada, Lucy, está resfriada e sem apetite.

Como ela se recusa a comer o mingau de aveia, decidi ir até nossa casa para procurar algum petisco capaz de atraí-la. Mas infelizmente só encontrei ruínas fumegantes. — À medida que elaborava seu relato, Dinah se convenciu da veracidade de suas palavras. — Então, resolvi procurar algum comerciante que pudesse me vender chocolates ou frutas cristalizadas, mas só encontrei soldados embriagados e por pouco não perco a vida.

— Vou levá-la até meu barco, o Arabella — declarou Jake. — Enquanto meu imediato tenta consertar o seu vestido darei ordens para que preparem uma cesta com petiscos para despertar o apetite da menina doente.

Imediatamente Dinah deixou de prestar atenção nas palavras dele, perdida em suas fantasias. Via-se coberta apenas por um xale de seda que acentuava seu corpo esguio enquanto ele a fitava com desejo. Mas Jake Farraday refreava sua paixão para não macular a pureza da jovem seminua em seu camarote.

— Agora precisamos correr porque o tiroteio é mais intenso no cais.

Segurando a mão de Jake, Dinah tentou segui-lo, mas depois de tropeçar algumas vezes, sentiu-se envolvida por dois braços musculosos que a carregaram por entre as cordas dos navios ancorados. Ela saboreou aqueles breves instantes que lhe pareceram cenas tiradas de um romance.

A hora passada no luxuoso camarote de Jake foi ligeiramente diferente das imagens criadas pela imaginação de Dinah. Seu anfitrião, apesar de gentil e agradável, insistia em perguntar sobre a vida de Catrina: onde estava escondida, se pretendia retornar à Inglaterra ou se iria ficar em Gibraltar.

— Catrina está cuidando de Lucy?

— Bem... ela ficou com a pobrezinha enquanto eu saí — Dinah não pretendia ceder a atenção a Catrina. — Tenho uma certa influência na sociedade daqui e se eu contar como fui galantemente salva, muitas portas se abrirão para você...

— Não sei como agradecer-lhe, Sra. Forest!

Jake escondeu sua ironia com um tom gentil. Sentia vontade de rir da atitude ridicularmente juvenil daquela mulher madura. Ela queria inspirar respeito, parecer recatada e, sem dúvida, até se mostraria chocada diante de uma atitude ousada, mas seria seduzida sem o menor esforço.

Por um momento, Jake pensou em satisfazer-lhe as vontades tão claramente expressas naquele olhar convidativo. No entanto único prazer que teria nessa conquista fácil seria macular a pureza da noiva do odioso capitão Ross, usando-a como se fosse à prostituta da beira do cais. Mas sabia que Ross não amava essa mulher fútil e ficaria feliz por encontrar um pretexto para desfazer o noivado. No entanto o verdadeiro obstáculo era Catrina! Se soubesse de sua aventura, ele perderia para sempre uma presa infinitamente mais desejável!

— Vou acompanhá-la de volta ao local onde seus familiares estão abrigados. — Jake queria mandar um recado para Catrina, mas não confiava em Dinah. — Talvez eu consiga despertar o apetite de Lucy...

— Oh, não! — Dinah se alarmou. — Prefiro voltar sozinha.

— Pois eu insisto, Sra. Forest. Preciso me assegurar de que chegará sã e salva.

— Bem... não quis cansá-lo confiando-lhe meus problemas, porém... há algo mais sério. Lucy não está apenas resfriada e eu não o deixaria correr o risco de se expor a uma infecção.

— Afinal, o que há com a menina?

— Talvez esteja com tifo.

— Tifo? — Ele fitou Dinah, incrédulo. — Você entra aqui e conversa calmamente enquanto... — Ele controlou a raiva. — Por que acha que é essa a doença?

— Eu não acho nada! Foi Catrina quem disse! — Dinah defendeu-se ao perceber o desprezo na voz de Jake. — Ela isolou-se na cabana com a garota e não deixa ninguém entrar. Claro, assim não precisa se arriscar a...

— Descreva os sintomas — interrompeu ele, rudemente.

Após a descrição de Dinah, Jake teve quase certeza de que a doença não era tifo. Vários de seus marinheiros haviam morrido mal violento e Lucy não apresentava os mesmos sintomas.

— Catrina queixou-se de algum mal-estar?

— Oh! Ela é forte demais! Tem uma constituição tão saudável que chega a ser pouco feminina!

Ignorando o comentário maldoso de Dinah, Jake avaliou os perigos que correria se fosse ao encontro de Catrina. Se a doença da garotinha fosse contagiosa, ela já teria apresentado algum sintoma ou pelo menos não estaria mais com forças para cuidar da doente sem ninguém. Portanto, Lucy não poderia estar sofrendo de nenhuma moléstia infecciosa!

— Vou ver se já consertaram seu vestido. — Jake levantou-se. — Quero que me leve até Catrina, pois conheço um remédio que talvez salve a vida da menina.

Resignada, Dinah reformulou sua fantasia, criando um novo enredo em que ela ocupava o lugar de destaque. Afinal, pensava, ela se arriscara chegando perto da morte, não apenas ao entrar na cidade sob fogo inimigo em busca de alimento para uma criança doente e ao ser cercada por um bando de soldados embriagados dispostos a violentá-la. Seu grande feito fora ter a coragem de acompanhar o infame e temido Jake Farraday até seu navio! E todos os riscos e perigos enfrentados tinham nascido de sua esperança fervorosa de descobrir um remédio, um meio de salvar a pobre órfã doente, sua futura e querida enteada!

Apesar do silêncio dos canhões, a dor de cabeça continuava atormentando Lucy, que se recusava a comer. Rezando, Catrina tentava forçar a menina a engolir uma colherada de mingau de aveia, mas sem resultado. Desanimada, tornou a envolvê-la nos cobertores quando uma sombra bloqueou a luz da entrada.

— Jake! — exclamou Catrina surpresa e em seguida, alarmada. — Não se aproxime! Lucy pode estar com tifo.

— Ela tem alguma mancha no corpo?

— Não, mas...

Confiante, ele ignorou o pedido de Catrina e caminhou até o colchão onde estava a menina. Seus trajes luxuosos formavam um contraste penoso com a rusticidade do abrigo.

— Há quanto tempo ela está doente?

— Lucy começou a queixar-se de dores de cabeça pouco antes do início do bombardeio, mas já estava muito pálida antes disso.

— Se fosse tifo, a esta altura ela estaria coberta de manchas vermelhas. Trouxe um remédio que a ajudará a recuperar as forças, e também chocolate e frutas.

— Oh! Muito obrigada — Catrina falou com lágrimas nos olhos. — Agora saia daqui, por favor. Não se exponha mais tempo, Jake.

— Dê-lhe quatro gotas diluídas num copo de água, três vezes ao dia.

— Pouco me importa o que dizem sobre você, Jake Farraday!

Eu o acho maravilhoso!

Baixando os olhos, ele escondeu o olhar de triunfo. Tinha atingido seu objetivo!

Alguns minutos após a saída de Jake, Lucy teve um período de lucidez e pôde tomar o remédio. A exaustão a fez dormir imediatamente e Catrina também adormeceu, acordando só com o reiniciar do bombardeio, quando conseguiu que a garotinha comesse um pedaço de chocolate e tomasse o suco de duas laranjas.

Quando Alice veio visitá-las, Catrina saiu do abrigo para conversarem sem perturbar o sono da menina.

— O remédio parece ter ajudado, mas só lhe dei as duas primeiras doses. Mesmo assim, a febre diminuiu, ela não está mais delirando e o pulso parece mais forte.

— Hobson conseguiu localizar Dominic e está aqui por perto caso seja preciso chamá-lo.

— Oh! Deus queira que não seja necessário!

Catrina voltou para o lado de Lucy, que parecia muito melhor embora movesse agitadamente as pernas e os braços. Mais uma vez, conseguiu alimentá-la e sua esperança de curar a sobrinha levou-a a chamar Alice.

— O remédio está tendo efeito rápido! Só fiquei intrigada com a agitação de Lucy e...

— Não se preocupe com isso, Catrina. Vários remédios contêm estimulantes e só é preciso mantê-la na cama para não desperdiçar as energias recuperadas. O importante é que a febre passou e ela está voltando ao normal.

Aliviada, Catrina deitou-se ao lado de Lucy para impedi-la de se movimentar demais e ambas adormeceram. No meio da noite, acordou sobressaltada com a voz da sobrinha chamando-a. Imediatamente, certificou-se de que a febre não voltara e o pulso continuava batendo forte. Aliás, a recuperação era milagrosa, pois na vespera a garotinha parecia estar às portas da morte.

— Sabe do que eu gostaria, tia Catrina? — murmurou Lucy. — De comer um ovo cozido!

— Amanhã eu...

As palavras morreram nos lábios de Catrina quando o corpo frágil se debateu em seus braços. Desesperada procurou a vela e a caixa de fósforos. A luz fraca iluminou o rosto de Lucy contorcido numa expressão de agonia. Incredulidade e terror se mesclavam na mente de Catrina quando ela tomou a sobrinha nos braços e sentiu um estremecimento convulsivo. Então, a imobilidade absoluta...

CAPÍTULO XX

O tempo e os acontecimentos perderam o sentido para Catrina. Lembrava-se apenas de alguns detalhes nítidos, mas perdidos num pesadelo vago. Com a chegada da claridade, veio também Alice, seguida logo após por um grupo de mulheres curiosas. Durante horas, ela conseguiu proibir a entrada de todas as pessoas em seu refúgio, impedindo-as de tocar o corpo inerte de Lucy, que permanecia em seus braços.

Então surgiu Dominic, que se recusou a obedecer às ordens históricas de Catrina, que ainda temia a possibilidade de propagar uma doença infecciosa. Até aquele momento, ela pensara apenas no perigo que todos estavam correndo, bloqueando sua mente para não admitir a tragédia. Mas quando o viu cobrir o corpo da filha com um cobertor, sentiu o impacto brutal da perda.

— Não! — gritou ela, descontrolada. — Você não pode levar Lucy embora!

— O major Peters precisa saber as causas da morte de Lucy — murmurou Alice que entrara no abrigo atrás de Dominic. — Se não for uma doença contagiosa, você não corre perigo...

As palavras de Alice foram os últimos sons que Catrina ouviu até despertar sobressaltada com o estrondo dos canhões. Já era noite e seu primeiro impulso foi procurar Lucy para verificar se a garotinha estava com febre. Então, lembrou-se da tragédia.

— Pobre Catrina! — a voz de Alice era carinhosa. — Eu vim vê-la várias vezes, mas você estava dormindo... O major Peters examinou o corpo de Lucy e não encontrou evidência nenhuma de tifo ou de qualquer outra moléstia infecciosa. Ela morreu de... pneumonia.

— Oh! Deus! Então a culpa é minha! — lamentou-se Catrina, torturada pela dor. — Se não a tivesse levado ao cais naquela noite fria, ela estaria viva!

— A única culpada é esta guerra Catrina — Alice abraçou a jovem, tentando convencê-la a ser mais sensata. — Se você tivesse ficado em casa com Lucy, seria forçada a fugir de madrugada quando começou o bombardeio. Poderiam ter morrido as duas, mas se escapassem, a pobre menina ficaria gelada até alcançarem o refúgio e o resultado seria o mesmo.

Finalmente Catrina conseguiu chorar e, amparada por Alice deu vazão à sua tristeza. As duas permaneceram abraçadas sofrendo pela morte da garotinha querida por todos.

— Vou buscar meus cobertores — declarou Alice. — Hoje quero passar a noite com você.

— E Dinah?

— Ela detesta a caverna, mas tem mais medo ainda de um possível contágio apesar da afirmação categórica do médico sobre a pneumonia. Aliás, tente não se perturbar se for tratada por Dinah como um pária por algumas semanas.

— Essa é a menor das minhas preocupações, Alice.

Nenhuma das duas dormiu aquela noite, pensando na morte da garotinha. Mas, quase de madrugada, Catrina rompeu o silêncio.

— Dominic ainda se casará com Dinah, Alice? Ele queria uma mãe para Lucy, mas agora...

— Dinah não o deixaria escapar do compromisso! — Alice nunca demonstrara tanto cinismo. — Ela já assumiu o papel de heroína em um novo drama. Agora é a salvadora de Dominic, a razão de viver de um homem desesperado que perdeu a esposa, o filho por nascer e finalmente a filha adorada. Nossa fantasiosa viúva vê-se como uma abnegada redentora!

— Eu não entendo por que ele a pediu em casamento!

— Dinah estava disponível, queria um marido e parecia gostar de Lucy — a voz de Alice tornou-se um sussurro. — Como ele não podia ter você, pouco lhe importava quem fosse a futura esposa!

— Sra. Ridgeway... Alice... Preciso ir embora daqui! Perdi a noção dos dias, mas quando a frota partir...

— Os navios já foram embora, Catrina, e amanhã é o enterro...

O funeral foi ainda mais penoso do que Catrina imaginara. Como a capela do convento estava sendo usada para armazenar munições, a cerimônia foi celebrada no próprio cemitério, que ficava ao lado da cidade em ruínas. O cenário desolador das casas destruídas se tornava mais lúgubre devido aos corpos em estado de putrefação dos soldados enforcados por cometerem saques e outros atos criminosos durante o período em que a bebida correria livremente.

Um pequeno grupo se reunira à entrada do cemitério para acompanhar o enterro que seria simples e rápido. Lucy ia ser enterrada ao lado da mãe, antes do reinício do bombardeio espanhol. O capitão fez apenas uma oração breve e Dinah, ao lado de Dominic, chorava copiosamente. Catrina, porém manteve os olhos secos; seu sofrimento era profundo demais para derramar lágrimas em público.

Mais tarde, ela recusou o convite de Alice para ficar em uma das tendas provisórias construídas pelo Exército para abrigar as famílias enquanto as cabanas mais sólidas não estivessem prontas.

Queria ficar sozinha e, além disso, sentia-se mais perto da sobrinha no abrigo que ambas haviam descoberto. O local não era tão primitivo, pois fora mobiliado com peças trazidas da casa dos Ridgeway, porém a solidão continuava e ela podia chorar em paz.

Ocasionalmente, Hobson aparecia trazendo alimentos enviados por Alice ou por Dominic. Fora esse visitante formal e distante, Catrina não via ninguém. Os dias passavam lentamente, sem diferenciar-se uns dos outros, pois o bombardeio era incessante e a chuva constante.

Foi, portanto com surpresa que num dia sombrio e nublado Catrina viu-se diante de uma visita inesperada.

— Dominic? O que veio fazer aqui?

— Quero pedir-lhe para se mudar, Catrina. Alice gostaria de recebê-la em sua tenda e eu acho que não deve continuar sozinha num lugar tão cheio de lembranças tristes.

— Prefiro ficar aqui. A minha tristeza me acompanhará aonde eu for.

— Oh, meu Deus! Você devia ter voltado para a Inglaterra quando eu pedi Catrina.

— Já não sei mais o que eu deveria ter feito ou deixado de fazer, Dominic — suspirou ela, angustiada. — Jamais devia ter vindo para Gibraltar, isso eu sei! Aquela terrível viagem parece tão distante e irreal... se não fosse por Violet

eu teria morrido e talvez tivesse sido melhor para todos. Por falar nela, está bem? — Não sei. Creio que continua em um bordel na Linea.

Pela expressão de Dominic ela percebeu que o assunto era confidencial, portanto Violei continuava servindo de espiã junto aos espanhóis.

— Por que não devolvem este maldito rochedo aos espanhóis? Já não bastam tantas mortes sem sentido, a destruição de uma cidade...

— Gibraltar é nosso! — Dominic segurou Catrina firmemente pelos braços. — Você precisa ir para a tenda e conviver com Alice e Dinah. Não percebe que essa solidão está abalando seus nervos?

— Para ser brutalmente franca... Dinah tem um efeito ainda mais destrutivo sobre meu equilíbrio.

— Você tem razão... ela é exasperante. — Dominic suspirou desanimado. — Agi impulsivamente, não avaliei as conseqüências. Queria apenas que Lucy não se apegasse tanto a você e Dinah parecia gostar dela. Eu também precisava...

Ele não pôde mais continuar e apenas tocou o rosto delicado de Catrina. Em seu olhar havia desespero e desolação e no dela, revolta e mágoa.

— Preciso dizer-lhe algo antes que a notícia chegue até você. Jake Farraday aportou em Gibraltar hoje, depois de furar o bloqueio usando uma bandeira holandesa. Ainda sob a mira dos canhões espanhóis hasteou a bandeira inglesa, pondo em risco, desnecessariamente, a vida da tripulação. Mas creio que você considerará esse ato como heroísmo, não?

— Jake é uma criatura de gestos extravagantes, porém você tem razão. Eu acho que foi um sinal de coragem!

— Aliás, não é a única a ver essa loucura como um gesto de valor. Ele salvou Dinah das mãos de um grupo de soldados bêbados com tanta galanteria que, segundo ela, nem São George teria feito melhor. O resultado dessa opinião romântica é que não há uma única mulher que não sonhe com o audacioso pirata. No entanto, é você que ele deseja...

— Jake fez algo mais, Dominic. Ele não só salvou Dinah como se arriscou a vir trazer um remédio para Lucy, aqui, neste abrigo, quando todos julgávamos que a doença fosse tifo. "Infelizmente, foi tarde demais, mas ao menos a febre cedeu e deixou-a mais lúcida, aliviando sua agonia.

— Irei ao barco dele para agradecer-lhe a consideração, mas... não consigo acreditar na sinceridade de Jake. Na minha carreira de oficial fui obrigado a conviver com toda a espécie de homens e, inevitavelmente desenvolvi uma intuição quase sempre correta ao julgar as pessoas. Algo me diz que todas as ações de Farraday têm um único objetivo. O salvamento de Dinah, o risco de contrair tifo e outros gestos generosos visavam apenas despertar a sua admiração. Como um animal predador, ele se dispõe a esperar muito tempo e usar toda a sua astúcia para agarrar a presa.

— Você está sendo fantasioso demais! Somos amigos e...

— Amigos? Eu vi como ele olha para você! Farraday jamais desistirá enquanto não possuir a mulher que deseja.

— Está bem, eu concordo! No entanto, Jake me deseja não apenas como amante. Ele me pediu em casamento e recusa-se a aceitar minha resposta negativa.

— Então ele descobriu que você é muito rica!

— Oh! Muito obrigada! — Catrina enrubesceu de raiva. — Você foi

extremamente gentil!

— Por favor, não se ofenda. Mas eu sei que Farraday jamais se casaria a não ser por dinheiro. Incomoda-se de me dizer a quanto monta a sua herança?

— Bem, o Sr. Stanmore calcula que, se eu não tocar no capital, terei uma renda de cinco mil libras por ano, no mínimo...

— É dinheiro demais, Catrina. Muitos homens seriam capazes de verdadeiras proezas para pôr as mãos nessa fortuna. Se Jake Farraday conseguir casar-se com você, passará a controlar legalmente toda a sua herança.

— Mas Jake não teria como saber. Além disso, não pretendo aceitar o pedido.

— Ele descobriu, sabe Deus como! E mesmo tendo sido rejeitado, ninguém o impedirá de vir molestá-la aqui! Você fica sempre sozinha e...

— Chega! Vou ficar com Alice! Mas irei apenas para deixá-lo mais tranqüilo, pois sei que não preciso ter medo de Jake.

Apesar de ter cedido à insistência de Dominic, Catrina não pretendia riscar Jake de sua vida. Devia-lhe uma manifestação de agradecimento pela atenção durante a doença de Lucy. Pretendia ir visitá-lo no período da siesta.

Alias, essa saída seria bem-vinda, pois o ambiente na tenda dos Kidgeway se tornara muito tenso após sua chegada. Dinah não Parava de queixar-se da falta de espaço e Alice mal conseguia suportar os comentários ferinos da noiva de Dominic sem perder a calma.

Devido à destruição do vilarejo, já não havia segurança na hospedarias e Catrina foi direto ao cais certa de que agora Jake permanecia alojado no Arabella. Logo viu o esguio e elegante veleiro onde dois marinheiros raspavam o nome holandês usado para furar o bloqueio. Um deles era o velho que a ajudara a carregar as provisões.

— Rawling? Há quanto tempo eu não o via!

— A senhora foi um sucesso, não é verdade? Veio ver o capitão? Posso levá-la até o camarote dele.

— Obrigada. Você é meu marinheiro predileto!

Quando Jake ouviu a voz de Catrina, chamou o imediato e deu-lhe ordens categóricas.

— Não quero ser perturbado por motivo algum! Afaste a tripulação do meu camarote e seja qual for à situação, não deixe ninguém se aproximar daqui. Compreendeu?

Olhando-se no espelho, Jake deu um sorriso satisfeito. Esta era a oportunidade pela qual esperava há tanto tempo!

Só havia um modo de persuadir Catrina a casar-se com ele: convencendo-a de que realmente não estava apaixonada por Dominic. Aquela mulher meio inexperiente não descobrira ainda o poder da paixão física e vivia presa a um sonho romântico. Sua intuição nunca o enganara e pressentia uma sensualidade vibrante, mas ainda adormecida pela inocência da jovem mulher. Seu plano era despertar desejos ardentes e tão incontrolláveis que ela sentiria a necessidade urgente de satisfazer aos sentidos.

Exercendo um firme controle sobre seus próprios desejos, ele se negaria a continuar, obrigando-a a tomar a iniciativa. Conhecia todos os métodos para levar uma mulher até o auge da excitação, quando então a sua indiferença as transformava em suplicantes criaturas, dispostas a tudo para se entregarem a

ele. Após algumas horas de volúpia desenfreada, Catrina teria, como todas as outras, descoberto uma insaciável ânsia que só ele poderia satisfazer. Não mais relutaria diante do pedido de casamento, implorando por uma união definitiva. E então aquela imensa fortuna lhe pertenceria!

Impecavelmente vestido como sempre, Jake curvou-se para beijar as mãos de Catrina, conduzindo-a depois para uma poltrona de seu luxuoso camarote.

- A que devo a honra desta visita?
- Vim lhe agradecer pela tentativa de ajudar Lucy.
- Como vai a garotinha?
- Infelizmente foi tudo em vão. Ela morreu.
- Pobre criança... — Ele inclinou-se, tomando novamente as mãos de Catrina entre as suas. — Sinto muito...

Eu queria apenas dizer-lhe o quanto apreciei sua coragem em enfrentar uma possível infecção. — Assustada com a expressão de desejo nos olhos de Jake, ela se ergueu. — Vim só para tradecer e preciso ir embora logo. Não avisei ninguém... Catrina foi se afastando em direção à porta quando sentiu-se enlaçada pela cintura e forçada a encarar Jake. Antes de poder reagir, ele a beijou com ardor, despertando uma reação de desejo frágil, mas perturbadora. No entanto, não era uma sensação atordoante a ponto de fazê-la esquecer-se do perigo daquele contato íntimo.

- Por favor... não continue, Jake — pediu, afastando-o.
- Ainda continua obcecada por seu amor proibido, Catrina?
- Não é da sua conta! Eu...
- Ah! Acha que não? Por que pensa que eu me arrisco tantas vezes para

chegar até este maldito porto? Há dezenas de modos mais fáceis de ganhar dinheiro sem colocar minha vida em perigo. No entanto, insisto em arriscar tudo o que possuo apenas para vê-la e sendo sempre recompensado por um beijo relutante e sem calor. Você está me transformando num farrapo humano, vivo torturado por um amor impossível!

A fragilidade que ela suspeitara existir por trás da aparência desdenhosa e enigmática comoveu Catrina, que lhe ofereceu os lábios. Seu ato impulsivo desencadeou um ardor para o qual não se sentia preparada. Estava sendo arrastada para o sofá enquanto Jake abria os botões de seu vestido com uma rapidez atordoante.

- Por favor, pare!
- Relaxe, Catrina. Deixe-me ensiná-la a amar...
- Não!

O grito de Catrina ecoou no camarote, mas logo não pôde mais emitir um único som. A boca de Jake se apoderara da sua enquanto ele cobria de carícias os seios rijos. Tentando desvencilhar-se, ela se culpava por ter provocado aquela situação da qual não escaparia sem magoá-lo profundamente. Deixara-o revelar seus sentimentos mais íntimos e permitira um segundo beijo, mas não podia se submeter às carícias ousadas de um homem que não amava. Iria feri-lo com sua rejeição, mas...

O som de homens brigando interrompeu a luta silenciosa dentro do camarote. Praguejando, Jake soltou Catrina, que se recompôs e o seguiu até o convés, onde Rawling e um outro marinheiro rolavam no chão.

— Que diabo! Parem já com isso!

— Sim, capitão — murmurou Rawling, soltando o outro homem. — Sinto muito, mas foi ele quem começou...

— É mentira! Esse velho idiota jogou tinta em cima de mim e quando eu reclamei, disse que ia procurar o capitão para fazer uma queixa. Tentei impedi-lo e então ele me agarrou!

A discussão acalorada deu a Catrina a oportunidade de alcançar a prancha de desembarque e escapar do barco. Apesar de aliviada pela interrupção oportuna numa situação que ameaçava se tornar perigosa, ela não se sentia em condições de voltar à tenda, e num impulso foi até o cemitério.

Ali, solitária e triste, Catrina teve uma súbita inspiração. Iria doar uma grande parte de sua fortuna para ajudar crianças e perpetuar a memória de Lucy possibilitando a fundação da Casa Lucinda Ross para menores desamparados!

Como restavam ainda duas horas para o final da siesta e o reinício do bombardeio, Dominic decidiu aproveitar o tempo livre para se livrar de um dever extremamente humilhante: agradecer Farraday em nome de Lucy!

Mas, ao parar ao lado do Arabella, teve a desagradável surpresa de chegar justamente durante a punição de um dos marinheiros da tripulação. Dominic jamais interferiria num assunto de disciplina em um navio sobre o qual não tinha autoridade, mesmo sendo contra punições com o uso de chicote. Além disso, Jake era o capitão e devia saber que disciplina impor a seus homens.

No entanto, aquela cena o fez perder o controle. O homem amarrado ao mastro estava perto dos quarenta anos, era velho demais para continuar nessa profissão desgastante e tinha experiência suficiente para não cometer erros que exigissem punições tão violentas. A atitude de Farraday também não era rotineira, pois chicoteava o marinheiro com uma fúria incontrolável, apesar de o pobre homem já estar desmaiado e coberto de sangue.

— Farraday! — gritou Dominic. — Pelo amor de Deus, pare ou vai matá-lo! Jake intencionalmente interrompeu-se apenas durante os segundos necessários para virar a cabeça e fitar o intruso.

— Não se meta na minha vida e saia do meu navio!

O chicote sibilou, cortando o ar com rapidez, e rasgou mais a pele das costas do marinheiro inconsciente. A cada golpe, Jake parecia aumentar a força e diminuir o intervalo entre as chicotadas.

Incapaz de suportar aquele massacre insensato, Dominic atirou-e sobre Jake para arrancar-lhe o chicote das mãos. A rapidez do ataque apanhou o oponente desprevenido e a arma foi jogada sobre a prancha de desembarque.

Com um grito de ódio, Jake precipitou-se para pegá-la, mas Dominic colocou-se em seu caminho. A força dos dois homens se equilibrava, mas a indignação de Dominic diante de tanta crueldade redobrou suas energias, e o capitão do Arabella foi jogado nas águas turvas do cais.

— Desamarrem este homem — ordenou Dominic, fitando a tripulação tensa e silenciosa. — Por que ele estava sendo castigado?

— Provocou uma briga... o velho Rawling ficou louco, ele não é de criar encrencas.

Dominic admitia a necessidade de uma disciplina rígida em relação a

brigas quando o navio estava longe da terra firme, porém não entendia o motivo de um castigo tão cruel em pleno porto e nem por que o próprio capitão se encarregara dessa tarefa repugnante. Ele agira impulsivamente e sem direitos legais, porém não se arrependia. Nem a visão de Jake debatendo-se entre os detritos e a imundície das águas o fez sentir-se culpado.

— Pesquem o seu capitão! — zombou ele, e fitando Jake, sugeriu: — Aconselho-o a não se dar o prazer de matar seus homens Farraday. Deixe isso para os espanhóis.

Jake não respondeu à provocação. Sua vingança contra Dominic Ross seria cruel. Iria feri-lo mortalmente, possuindo a mulher que ele amava e nunca poderia ter!

Catrina não se afastou mais da tenda para não encontrar Jake. Porém, a falta de espaço, desconforto e a saudade de Lucy estavam deixando-a quase louca. A presença constante e incômoda de Dinah, lendo o diário sob seus ombros, tirou-lhe até essa distração. Só se arriscava a escrever nos raros momentos em que ficava sozinha.

“O sol, batendo sobre a lona, torna infernal o interior das tendas e não há sequer uma brisa para aliviar o calor opressivo.

“Até os acontecimentos mais dramáticos perdem o impacto, pois entram na triste rotina do cerco. Períodos de fome se seguem a fases de alimentação regular, quando alguns navios furam o bloqueio. Mas, logo falta comida e volta o desespero.”

Uma visita inesperada e rara de Dominic interrompeu a concentração de Catrina. Guardando o diário, ela lutou contra o desejo de consolar o homem de expressão amarga e cansada.

— Vim trazer-lhe alguns sabonetes confiscados de um espião dos espanhóis, mas... onde estão Alice e Dinah? Meu presente é para vocês três.

— Alice está tentando pacificar mais duas mulheres que começaram uma briga por causa de alguma bobagem. E Dinah... bem, ela se distrai com essas cenas. Mas quem pode culpá-la? O tédio é tão enlouquecedor que qualquer coisa que quebre a rotina se transforma num acontecimento! Não há uma atividade que una as mulheres!

— Por que você não sugere alguma? — Dominic sorriu e desafiou: — Ensine-as a fazer uma horta.

— Céus! Se ao menos eu conseguisse convencê-las! — O rosto de Catrina se iluminou. — As horas não pareceriam tão longas e monótonas!

— Você parece uma criança feliz!

Os dois se aproximaram e só quando iam se tocar perceberam a insensatez do gesto.

— Nada mudou, não é? — murmurou Catrina, angustiada.

— Não... nem mudará. Não ouse sequer segurar sua mão porque se alguém entrasse, descobriria nosso segredo. Só um cego não notaria o que sentimos um pelo outro.

— Bem... não adianta lutar, não é? Vou tentar convencer as mulheres... talvez me ouçam e aceitem a idéia.

Nem em sonhos Catrina teria imaginado um sucesso tão absoluto! Ávidas por encontrar uma ocupação, as mulheres seguiam as explicações com extrema atenção, e aos poucos o entusiasmo contagiante desfez a tensão do ambiente, acabando com as brigas.

Os dias agora passavam com rapidez, e todas as mulheres procuravam rochas planas onde colocar a camada de terra. Naturalmente formaram-se grupos de lideranças, mas era Catrina que todas se dirigiam para aconselhar-se.

Só Dinah, enciumada com a atenção voltada para Catrina, recusava-se a participar do projeto.

— Não pretendo estragar minhas mãos!

O solo já estava preparado quando, por sorte, um navio português trazendo sementes furou o bloqueio.

Durante uma semana o trabalho foi árduo e ininterrupto e, quando a primeira chuva caiu, as mulheres se reuniram para rezar e agradecer a bênção divina. Na manhã seguinte, não resistiram à curiosidade de procurar os brotinhos na terra úmida.

Elas ainda estavam reunidas em volta de Catrina, que lhes explicava o tempo de germinação, quando chegou um dos regimentos, comandados por Dominic. Como ele viera todos os dias para saber das novidades sobre o projeto comunitário, Catrina imaginou que tinha convocado os homens para ajudá-las.

— Agora só precisamos da ajuda da natureza! — brincou ela, sem perceber a expressão dura de Dominic. — Chegaram tarde demais!

— Vim pedir-lhes para se retirarem deste lugar, senhoras — disse, com desânimo. — Voltem para o local onde estão suas tendas, pois esta área foi considerada setor militar.

— E as nossas hortas? — Catrina perguntou atônita. Infelizmente, terão de ser abandonadas.

Catrina fitava Dominic, incapaz de acreditar naquela traição.

Afinal, não fora ele mesmo quem sugerira a criação do projeto?

— Mas, por quê?

— Porque esta área será destruída! Irá para os ares! — ele falou alterado.

— E antes que qualquer uma me pergunte o motivo, eu responderei... Não é da conta de ninguém.

CAPÍTULO XXI

De costas curvadas e cabeças baixas, as mulheres vagarosamente retornaram para as tendas. Era uma cena dolorosa e Dominic não sofria apenas vendo a decepção estampada em cada rosto. Por experiência, sabia que a frustração logo se transformaria em revolta e procurariam um culpado para descarregar a impotência, para servir de bode expiatório.

Ele lutara de todos os modos para obter a permissão de revelar pelo menos em parte o motivo pelo qual aquela área lhes seria tirada, e ainda assim sentia que devia ter se esforçado mais. — O governador deu ordens explícitas, Dominic — declarou o general Ridgeway, implacável. — O segredo será mantido para podermos aproveitar essa trégua. Se o inimigo sequer desconfiar de nossos planos, apressará o novo ataque.

Os trabalhos iam começar naquela mesma tarde e onde as minúsculas sementes começavam a germinar foram colocadas bombas que romperam a rocha compacta. Galerias seriam abertas no coração do rochedo e, nas aberturas, se fixariam canhões potentes, colocados com as bocas voltadas para a Linea. A imensa fortaleza de pedra abrigaria túneis e cavernas artificiais para o refúgio de civis e depósitos de munições. Era um plano astucioso que sem dúvida decidiria definitivamente o destino de Gibraltar.

Mas nem mesmo a certeza de que os ingleses nunca mais precisariam sofrer e lutar para manter o domínio do Mediterrâneo consolava Dominic. Ele seria atormentado para sempre pela expressão de Catrina, que não escondera sua mágoa pela traição sofrida. A hostilidade das mulheres contra Catrina veio mais rápida e violentamente do que Dominic previra. Eram todas esposas de oficiais e não podiam culpar o Exército; assim, a inspiradora da idéia malograda foi eleita para o alvo de seu ódio.

Talvez a raiva tivesse durado pouco se não fosse a intervenção sempre negativa é Dinah!

— É lógico que só as mulheres dos oficiais de mais alta patente poderiam saber desses planos secretos.

— Que estupidez, Dinah! — Alice censurou furiosa. — Nem John nem Dominic iriam nos deixar fazer tanto esforço à toa.

— Bem se você acha que é assim... — Dinah comentou com incredulidade. — Eu tive minhas razões para não ajudar Catrina a satisfazer seu insaciável desejo de bancar a heroína, a fim de ser aclamada por todos!

— Por favor! Chega de procurar culpados! — Alice fez um apelo desesperado às mulheres enfurecidas. — Conseguimos nos unir uma vez e poderemos fazê-lo de novo! Não foi bom enquanto durou?

Infelizmente, a boa intenção de Alice surtiu resultados desastrosos. Seu comentário deu a impressão de que ela, Dinah e Catrina sabiam dos planos secretos. Mas, como esposa de um general, ninguém esperava que ela divulgasse segredos militares e a perdoaram, como também a Dinah, num gesto de benevolência restrita às mulheres ligadas ao Exército.

Catrina não pertencia a essa comunidade fechada e a união necessária de todas, pedida pela Sra. Ridgeway, foi atendida: as mulheres formaram uma frente unida contra a intrusa em seu meio!

Absolutamente ignorada por todos, com exceção de Alice, Catrina não suportava ficar no refúgio e passava os dias caminhando sem destino pela cidade em ruínas. Até a morte de Lucy deixara de centralizar seus pensamentos, agora ocupados quase com obsessão pela traição de Dominic. Não o perdoava pelo interesse e incentivo que havia demonstrado, pelas sugestões entusiásticas a um projeto fadado ao fracasso. Ele havia tentado que se esforçasse em vão, lançando-a numa situação insustentável.

Foi numa dessas manhãs de solidão e angústia que avistou o navio de Jake fazendo o seu jogo de gato e rato com os galeões espanhóis. A cena sempre a divertia. A chegada do capitão além de significar uma fase de provisão de alimentos, mostrava a incapacidade dos inimigos em barrar a entrada de um inglês, mesmo sendo um fora-da-lei!

Desta vez, porém, a sorte mudou e o Arabella foi atingido na linha da água. Quase adernando, o navio conseguiu chegar ao porto e a coragem de Jake mereceu uma recepção calorosa. Ovações ecoavam no cais, onde uma multidão se precipitou para ajudar os marinheiros a salvar a carga.

A partir desse dia, o passado foi esquecido e Jake se transformou em um herói nacional. Logo se divulgou a notícia de que a Marinha se dignara a aceitar a colaboração dele, pois apesar de pirata era um perito em técnicas e estratégias para furar o bloqueio inimigo.

Catrina manteve-se afastada dele, sempre rodeado por multidões de admiradores, até que um dia o encontrou à sua espera na porta do cemitério onde ela ia diariamente. Jake a aguardava com flores e um olhar aborrecido por vê-la tão descuidada.

— O que houve? Você nunca se deu por vencida, mas agora parece derrotada! Onde foi parar seu espírito de luta? Por que não continua a desafiar o mundo?

— Tudo muda, Jake. Veja o seu caso... tornou-se um ídolo.

— Pois morro de rir quando penso nisso.

— Não desejava ser reabilitado?

— Você conhece bem qual foi sempre o meu único desejo, Catrina.

— Infelizmente, a resposta ainda é não... Afastando-se em direção ao túmulo de Lucy, Catrina constatou com tristeza a falta de flores.

— Apesar de não estarmos em condições de encomendar uma lápide, já não me preocupo mais com isso — confessou a Jake. — Acho que encontrei uma maneira mais bonita de perpetuar a memória de Lucy.

— É? — Jake não sentia o menor interesse no assunto, mas forçou-se a ouvir. — Que maneira?

— Bem... acho um absurdo ter uma fortuna tão grande para gastar apenas comigo. Eu jamais conseguiria gastar tanto dinheiro na vida toda! Por isso resolvi separar uma quantia razoável para meu uso e o restante será destinado a uma instituição beneficente que abrigará crianças desamparadas... A Casa Lucinda Ross! Escrevi ao Sr. Stanmore dando-lhe instruções a esse respeito.

— Mas não foi possível enviar a carta, não é? — Jake tentava ocultar seu alarme. — Nenhum navio foi para a Inglaterra e... se confiar em mim, talvez eu mesmo possa levar seu recado.

— Oh! Agora tem permissão para ir até a Inglaterra? E como? O Arabella foi atingido!

— Não posso revelar mais nada, é um segredo militar. Deixe-me levar sua carta e assim terá certeza de que chegará ao destino.

Agradeço-lhe muito, mas a carta seguiu há várias semanas, num navio holandês. Já deve estar nas mãos do meu advogado.

Jake foi obrigado a virar-se para que Catrina não visse seu ódio. Passara meses planejando, esperando pacientemente para agarrar aquela imensa fortuna que a tola criatura jogara fora num projeto imbecil!

Desatenta, Catrina tentava tomar uma decisão. A vida em Gibraltar se tornara insuportável! Lucy estava morta, Dominic a evitava, sem dúvida culpando-se por tê-la traído, Dinah a provocava incessantemente e as outras mulheres a ignoravam!

— Quero voltar para casa, Jake.

— E qual é a sua casa? Onde está morando agora?

— Partilho a mesma tenda de Alice e de Dinah, mas não foi isso que eu quis dizer. Minha casa é na Inglaterra.

— Nesse caso, vou ter de confiar em você, Catrina. A Marinha colocou um navio à minha disposição para levar os civis de Gibraltar para a Inglaterra. Ninguém saberá de nada até a véspera da partida a fim de evitar atropelos e aglomerações no cais. Posso reservar-lhe um camarote.

— Não me pedirá nada em troca, Jake?

— Absolutamente, nada!

— Quando pretende partir? Preciso pensar um pouco...

— Não perca muito tempo em cogitações inúteis, Catrina. Tão logo os papéis estejam prontos, eu só esperarei o vento certo e partirei num piscar de olhos.

Caminhando de volta à tenda, ela arrependeu-se de não ter tomado logo a decisão. Já não havia mais nada que a prendesse àquele lugar fatídico!

À noite, Dominic veio visitar os Ridgeway e Dinah, segurando o braço dele possessivamente, fitou Catrina com desprezo.

— Vamos dar uma volta, querido? O pobre John jamais pode ficar a sós com Alice!

Apesar dos protestos do casal, Catrina também decidiu sair e, sozinha na noite sem estrelas, admitiu que não havia lugar para ela entre os dois casais. Não pertencia ao mundo dos oficiais e só tinha um amigo, Jake Farraday!

Na manhã seguinte, Catrina comunicou-lhe a decisão de partir definitivamente.

— Pobre querida! É melhor deixar logo este rochedo árido.

Só tenho medo que seu raivoso cunhado a impeça de embarcar num navio sob o meu comando.

— Dominic não poderia me impedir, porém, para evitar cena penosa para todos, é melhor manter segredo.

— Eu enviarei um mensageiro para comunicar-lhe a hora exata de minha partida.

— Peça a ele que me avise da chegada de Violet na cidade a, assim ninguém desconfiará de nada.

Aliviada por ter finalmente se decidido, Catrina despediu-se de Jake e voltou para a tenda. Se os ingleses alcançassem a vitória algum dia, ela

também seria derrotada. Quando a paz se restabelecesse, Dominic e Dinah poderiam marcar a data do casamento. Sem dúvida, era melhor partir antes de mais sofrimentos,

Ela não viu mais Dominic até o dia em que recebeu o recado de Jake. Desculpando-se, Catrina avisou Alice que demoraria a voltar, pois a amiga precisava de sua ajuda ou não a teria chamado.

— A pobre Violet deve estar numa situação terrível. Vou levar-lhe alguns dos meus vestidos...

Alice aceitou a história sem levantar a menor suspeita. Até ajudou Catrina a fazer um pacote com os poucos vestidos disponíveis. Então, Catrina seguiu o mensageiro que a levou a bordo do *Golden Sovereign*, onde Jake esperava apenas pela sua chegada para partir.

O navio estava com excesso de passageiros, todos apertados em cabines minúsculas. No cais ainda havia uma multidão de rostos decepcionados, centenas de malas, baús.

Várias surpresas esperavam Catrina. Em primeiro lugar, espantou-se por ocupar sozinha um amplo camarote quando os outros abrigavam cinco ou seis passageiros. E logo que partiram ficou abismada com a complacência dos espanhóis, cujos canhões não disparavam sobre navios de passageiros.

Então, o enjôo que sentira na viagem a Gibraltar voltou a incomodá-la, só que desta vez não havia uma abnegada Violet para ajudá-la. Jake compadeceu-se dela, mas ofereceu-lhe apenas um remédio; suas obrigações o mantinham ocupado dia e noite.

Nos primeiros dias ela tomou as gotas diluídas em água e o enjôo desapareceu milagrosamente. No entanto, os benefícios eram menos importantes do que os efeitos causados pelo remédio. Seu coração batia descompassadamente, como se fosse saltar do peito. E apesar de não sentir náuseas, não podia ir até o convés, onde era recebida com uma hostilidade crescente.

A maioria dos passageiros era composta por mulheres que participaram do empreendimento frustrado das hortas e desde o início não haviam se mostrado muito amigáveis. Mas, ao saberem Catrina tinha um camarote inteiro a sua disposição enquanto todas se apertavam em cabines minúsculas, a indiferença se transformou em ódio.

Então Catrina começou a diminuir as gotas receitadas por Jake. Conseguia comer e dormir relativamente bem e, embora enjoada, suportava o mal-estar. Quando ele a visitava, desculpava-se por estar deitada, alegando que não dormia bem à noite. Não queria magoá-lo, confessando que não estava mais tomando o remédio. Pelo menos, a falta de energia também diminuía a intensidade de suas emoções e as náuseas a impediam de pensar em Dominic e admitir que nunca mais o veria. Estava fraca demais para pensar em como preencher os longos anos de solidão que a aguardavam.

Finalmente, numa ensolarada manhã Catrina viu que haviam chegado a um porto.

— Onde estamos? — perguntou ela ao rapaz que lhe trouxe o café da manhã.

— Chegamos a Lisboa, senhorita. Vamos embarcar uma carga de frutas e vinho. O capitão disse que ficaremos alguns dias por aqui.

— Que barulho é esse no convés?

— São passageiros carregando seus baús. Há um barco que fez o percurso entre Lisboa e Londres e alguns preferem ir logo em vez de ficar esperando sem fazer nada. Estão com pressa de chegar em casa.

Para Catrina, o tempo não tinha muito significado. Iria chegar a uma casa vazia e não pretendia embarcar em um outro navio imediatamente após essa viagem cansativa. Era melhor recuperar as forças para enfrentar o trecho mais agitado da baía de Biscaia.

Ela dedecidiu passar o dia repousando em vez de ir visitar Lisboa como os outros passageiros. Ainda sentia-se fraca e o silêncio do navio a ajudou a dormir por muitas horas. Só acordou quando ouviu a porta do camarote se abrir.

— Jake? — Ela sorriu, sonolenta. — Desculpe-me, mas dormi tanto que perdi a noção das horas. Estou me comportando co uma dessas jovens preguiçosas e...

— Isso é ótimo! Teria sido bem mais desagradável se você resolvesse acompanhar os outros passageiros em um passeio no Lisboa. Fico feliz por encontrá-la na cama.

— Como? Não compreendo...

— Não mesmo? Vim receber o meu pagamento.

Ainda fraca e tonta de sono, Catrina custou a entender e só reagiu quando Jake puxou o lençol que a cobria.

— Jake! Você disse que não pediria nada... Pare, por favor! Ele não tomou conhecimento das mãos que tentavam empurrá-lo e rasgou a camisola num gesto violento.

Só então ela viu o brilho de triunfo nos olhos de Jake. A boca sensual se curvara num sorriso cruel, como uma fera diante da presa acuada e à sua mercê.

Paralisada pelo choque, Catrina o viu despir-se e só então tentou escapar de uma situação apavorante. Ela correu em direção à porta, mas foi arrastada de volta à cama, agora sem o que restava de sua fina camisola.

— Ah! Eu esperei muito tempo para vê-la assim!

— Por favor, Jake. Eu não quero...

— Planejei esta noite durante anos, minha cara! Infelizmente, tudo seria bem mais agradável se não tivesse me tratado como a um idiota! Agora, a única a sofrer com isso será você!

Vivendo um terrível pesadelo, Catrina sentiu as mãos brutais devassando seu corpo e contra as quais todas as suas forças não constituíram defesa suficiente. Mas, mesmo imaginando o pior, não estava preparada para o choque causado pelos joelhos de Jake afastando suas pernas. Fechou os olhos, mas era impossível ignorar a violência do homem que penetrava seu corpo. Incapaz de suportar a dor ou sufocar os gritos, ela lutou desesperadamente contra aquela violação. Então quando julgou que o ato bestial fosse provocar-lhe um desmaio, tudo terminou.

Mas, infelizmente, não estava livre da degradação. Tentando manter a sanidade mental, Catrina forçou-se a não pensar nos atos infames cometidos por Jake. Não podia resistir nem lutar, pois ele sabia como subjugar-la através da dor.

Finalmente saciado, ele começou a vestir-se, fitando-a com uma expressão diabólica.

Ainda restam muitas lições sobre amor, minha cara Catrina. No momento, o dever me chama, mas logo retornarei. Teremos vários dias para que eu possa ensiná-las todas. Eu voltarei...

Então a inconsciência pela qual ansiara a fez mergulhar no esquecimento. Não ouvir, não sentir, significava não sofrer, mas era difícil morrer, apenas porque se desejava viver mais, Quando Catrina voltou a si, estava sozinha no camarote, mas ecoavam em seus ouvidos as últimas palavras de Jake. Ele retornaria para violentá-la e degradá-la através de atos aviltantes aos quais acostumava atribuir o nome de amor!

CAPÍTULO XXII

Quando Dominic soube que Catrina tinha ido ao encontro de Violet, seu coração quase parou. Ele se comunicara com a jovem há menos de uma semana e já haviam combinado um encontro secreto logo mais, ao anoitecer!

— Não é possível, Alice!

— Parece que a pobre jovem teve problemas sérios. Catrina até levou alguns vestidos para dar à amiga!

— Ela saiu há quanto tempo?

— Perto de três horas, creio eu.

— Deus do céu! Se Catrina estivesse mesmo com a amiga não ficaria três horas conversando!

— Não sei por que você está tão agitado, Dominic — irritada, Dinah o interrompeu. — As duas são muito íntimas e obviamente têm tanto em comum que o assunto é interminável.

Fulminando a noiva com um olhar de desprezo, Dominic saiu da tenda ainda sem saber onde procurar Catrina. Se o Arabella não estivesse sendo consertado, ele teria ido direto até o navio. Mas, desta vez, a culpa não podia ser de Jake Farraday.

Depois que a Marinha aceitara a colaboração do pirata, Jake passara a ocupar uma das casas destinadas aos oficiais, junto com três outros companheiros. Dificilmente ele levaria uma jovem para um local onde não teriam a menor privacidade! No entanto, Catrina fora atraída para algum esconderijo através de uma mensagem falsa!

Sem grandes esperanças, Dominic foi até o abrigo e, em dúvida sobre qual o próximo passo a tomar, parou junto ao rochedo. Ao longe, o Golden Sovereign se afastava do porto, cruzando os galeões espanhóis, cujos canhões permaneciam silenciosos. Por uma fração de segundo, teve um pressentimento intenso de que Catrina estava naquele navio.

Logo o bom senso afastou de sua mente aquela idéia absurda. Catrina não tinha dinheiro para pagar a passagem e o aviso de partida fora tão repentino que não haveria tempo de emprestar a quantia. Mas talvez ela estivesse entre a multidão reunida no porto vendo o navio se afastar.

Dominic ficou quase uma hora no cais, perdendo aos poucos as esperanças de encontrá-la. O mistério de seu desaparecimento estava ligado à mensagem ouvida por Alice, mas ele não conseguia solucionar o enigma. Já se decidira a voltar ao quartel quando foi abordado por um jovem oficial da Marinha.

— Está com inveja dos felizardos a bordo do Golden Sovereign, Dominic? Garanto-lhe que não é o único.

— Foi uma partida bastante repentina, não?

— Absolutamente! Apenas manteve-se em segredo a data, mas a decisão foi tomada há várias semanas. Aliás, o assunto ficou decidido quando Jake Farraday se ofereceu para ser o capitão...

— Farraday? — Dominic não escondeu seu horror diante da notícia. — Ele é o capitão do Golden Sovereign!

— Sim! Ficamos muito satisfeitos e...

Praguejando, Dominic afastou-se do oficial que ainda falava e correu para a beira do cais. A pior tragédia que podia lhe ocorrer tinha acontecido! Catrina estava mesmo a bordo daquele navio e nada que fizesse poderia salvá-la!

Era evidente que ela não fora forçada a embarcar! A falsa mensagem tinha sido combinada com antecedência a fim de que ninguém desconfiasse de seus planos. Como Catrina pudera tratá-los assim? Ela jamais acreditara em seus conselhos sobre o perigo representado por Farraday, por isso era desculpável o fato de ter confiado sua vida a um homem sem escrúpulos. No entanto, por que partira sem uma palavra de explicação ou de adeus?

A amargura provocada pela indiferença de Catrina era superada pelo terror que sentia em relação à segurança dela! Para não ceder ao desespero, Dominic tentou acreditar que durante a viagem Jake estaria ocupado demais para molestá-la. Além disso, o navio partira com excesso de lotação e não haveria um único camarote desocupado, impedindo qualquer privacidade.

O grande perigo surgiria ao desembarcarem na Inglaterra, quando ele teria oportunidade de levar Catrina para uma hospedaria. Consolou-se, supondo que Jake queria pôr as mãos na fortuna dela e não a maltrataria, arriscando um prêmio tão valioso!

A preocupação angustiante não se afastou da mente de Dominic nem mesmo quando foi ao encontro de Violet, entre as hortas do istmo já cobertas pela escuridão da noite.

— Trago notícias bem alarmantes, capitão! Estão chegando mais soldados para terminar a Linea e eles pretendem atacar por terra e por mar em menos de dez dias!

— Tem certeza, Violet? Será que você entendeu bem?

— Ah! Eu tenho um ouvido ótimo e aprendo qualquer idioma com rapidez. Não levou nem uma semana para que eu entendesse bem os “galegos”. Lógico que eu me finjo de boba e fico enrolando a língua para enganá-los! E Catrina? Ela está bem?

— Sua amiga... voltou para a Inglaterra.

— Ah! Pobrezinha! Foi à morte de Lucy, não acha?

Dominic não queria pensar em como sua traição pesara no desespero de Catrina. Ele devia ter arriscado tudo, até o julgamento por uma corte marcial, para poupá-la de uma situação tão desesperadora. Fora covarde. Como censurá-la por considerar Farraday o seu único amigo?

Naquela noite, Dominic não dormiu, pensando em Catrina e também em Violet. Tinha certeza de que o Exército daria ordens de ataque e a pobre jovem estaria em um lugar bastante arriscado!

Realmente, tão logo a notícia dos preparativos feitos pelos espanhóis chegou aos ouvidos do governador, foram convocados voluntários para um ataque surpresa naquela mesma noite. O general Ridgeway proibiu Dominic de se alistar como voluntário e ele passou horas de angústia pensando na jovem prostituta cujo valor e coragem causaria inveja a muitos oficiais de gabinete!

Por ter sido inesperado, o ataque foi um sucesso estrondoso. No entanto, nem toda a destruição provocada era suficiente para compensar a constante chegada de novos regimentos franceses e espanhóis ao longo da Linea. Os ingleses preparavam-se freneticamente a fim de enfrentar uma investida que talvez definisse a guerra. Infelizmente, o trabalho exaustivo não impedia Dominic de se torturar, temendo pela segurança de Catrina.

O único desejo de Catrina era tomar um banho e esfregar o corpo maculado até apagar a sensação de repulsa que a dominava. Mas não teria forças nem tempo para desperdiçar. Precisava fugir antes da volta de Jake!

Cambaleante, conseguiu vestir-se e se arrastar até o convés. Sem saber para onde ir foi obrigada a se esconder quando ouviu o som de passos se aproximando. Seria Jake ou apenas um passageiro tomando o ar fresco da tarde?

Ao reconhecer a figura atarracada de Rawling, Catrina respirou aliviada.

— Srta. Beaumont? — Ele a fitou, atônito. — Não sabia que estava a bordo! Ouvi falar sobre a “distração” que o capitão tinha trazido nesta viagem, mas nunca pensei...

— Eu me iludi, acreditando que era amiga dele e não a sua “distração”! Preciso sair deste navio, fugir para um lugar onde ele não me encontre, e logo!

— A senhorita não está em condições nem de ir até o cais! Vamos pensar num outro plano, mas não podemos ficar no convés.

Tremendo como se estivesse com febre, Catrina deixou que Rawling a conduzisse de volta a seu camarote, cobrindo-a com vários cobertores para que se recuperasse do esforço despendido.

— Não devia ter vindo neste navio, senhorita. Não notou que todos os presentes do capitão eram um jeito de enganá-la?

— Cuidado com os presentes de grego... — murmurou ela.

— Eu não sou nenhum santo, sabe? E geralmente não me intrometo nos negócios do capitão. Mas a senhorita é diferente. Lutou tanto para sobreviver e conseguiu certo? Arranjei uma encrenca terrível na primeira vez porque percebi quais eram os planos dele com a senhorita.

— Então... quando eu fui ao Arabella... a briga?

— Isso mesmo! Eu comecei a bater no outro marinheiro para obrigar o capitão a sair do camarote e assim a senhorita poderia fugir. Mas foi um desperdício porque agora embarcou no navio dele, caiu direitinho na armadilha!

— Jake queria casar-se comigo, Rawling. Ele pediu-me várias e...

— O capitão? Ele não é do tipo que se casa! — Rawling hesitou antes de continuar. — Por acaso, a senhorita é rica, muito rica?

— Sim eu tinha muito dinheiro até...

Subitamente Catrina se deu conta de que Jake não tocara mais no assunto de casamento após saber da sua doação para a Casa Lucinda Ross! “Agora entendia as últimas Palavras dele antes de ser violada: Se não não tivesse me tratado como um idiota”.

— Ele vai voltar, Rawling! O que fazer?

— Ah! pode ficar certa disso! O capitão está supervisionando o embarque dos vinhos e só faltam alguns caixotes. Quanto à sua segurança... precisamos encontrar alguém que venha ficar em seu camarote. Alguém decidido e firme a ponto de enfrentar o capitão...

— Ninguém faria isso no navio dele!

— Deixe comigo, senhorita!

Após a saída de Rawling, Catrina pensou nos muitos detalhes reveladores que haviam escapado aos seus olhos. Uma exclamação de horror escapou de seus lábios. O remédio que Jake levava para Lucy devia ser o mesmo ministrado a ela para diminuir os enjôos. Lembrava-se de como o pulso da

garotinha ficara acelerado, da sua incapacidade de dormir e da energia pouco natural em uma criança enfraquecida por semanas de febre alta!

Sem dúvida, o medicamento não fora o causador da morte de Lucy — que já estava doente demais quando começara a tomá-lo. No entanto, ninguém poderia saber se o remédio não acelerara o fim. A terrível verdade é que Jake não se preocupara com os efeitos de uma potente droga no organismo frágil de uma criança. Ele simplesmente quisera se mostrar simpático e prestativo! Essa atitude irresponsável era mais uma prova da determinação inescrupulosa de Jake ao perseguir seus objetivos!

O ruído de passos alarmou Catrina, mas ao ouvir que batiam na porta, acalmou-se. O capitão jamais pedia licença para entrar em qualquer parte de seu navio. Só podia ser Rawling!

— Esta é a Srta. Nancy Bates.

A mulher alta e magra tinha aproximadamente trinta anos e uma expressão firme em seu rosto anguloso.

— Você é a Srta. Beaumont?

— Sim e agradeço-lhe por ter vindo. Eu sofro terrivelmente de enjôos, mal posso cuidar de mim mesma e, como estou sozinha neste camarote...

— Realmente, o espaço é grande para uma pessoa só. Eu estou numa cabine apertada junto com minha irmã, o marido e seus três filhos, apesar das constantes reclamações que fiz ao capitão. Vou ficar em seu camarote... vá buscar minha bagagem, Rawling.

— Agradeço-lhe muito, srta. Bates.

— Nancy, por favor! Eu cuidarei de você até o final da viagem em troca de minha paz, pois já não suportava mais o barulho daquelas três crianças endemoniadas.

Catrina suspirou aliviada ao ver aquela mulher de vontade férrea se

Acomodar em seu camarote. A viagem até a Inglaterra duraria muitos dias e ela não acreditava que ninguém conseguisse arrancar Nancy dali enquanto não chegassem ao porto!

— O que houve com você? — exclamou Nancy ao notar uma mancha no ombro de Catrina.

— Oh! Eu caí. — Catrina não conseguia revelar a verdade que a cobria de vergonha. Mudou rapidamente de assunto. — Como Rawling a encontrou?

— Seria impossível não notar a minha presença neste navio, não parei de reclamar sobre o excesso de lotação e outros problemas sérios a bordo! Toda a tripulação me conhece!

— Eu agradeceria se não mencionasse o nome de Rawling quando comentasse sua vinda para meu camarote.

Sem fazer nenhum comentário, Nancy fitou à jovem nitidamente em péssimas condições e sua expressão tornou-se ainda mais irritada. Quando Jake entrou no camarote, ela estava preparada para enfrentar qualquer tipo de problema.

— Este camarote é particular, senhorita! — Ele não escondeu seu aborrecimento ao encontrar uma estranha já instalada e claramente disposta a não sair dali. — A Srta. Beaumont está viajando sob minha proteção e peço-lhe que volte imediatamente à sua cabine!

Nancy percebeu a palidez repentina de Catrina e o tremor de suas mãos e então encarou Jake sem desviar os olhos.

— Esta pobre moça precisa de cuidados intensivos. Qualquer um pode ver como está mal. Com todo o respeito, capitão, como poderá comandar um navio e tratar de uma passageira?

As duas esperaram tensas, por uma reação violenta de Jake. Mas, para alívio de ambas, ele saiu, batendo a porta com força.

Ninguém no mundo e muito menos aquela solteirona pouco atraente e ríspida seria capaz de impedir Jake de ter a mulher que desejasse. Sua retirada se devia apenas ao fato de não estar mais interessado em possuir Catrina.

Não queria se arriscar a um fracasso sexual, pois já há algum tempo tornava-se impotente quando a situação não apresentava o estímulo necessário para despertar seu desejo. Se tivesse casado com Catrina, teria de fingir por mais tempo até colocar as mãos no dinheiro e essa duplicidade seria excitante.

Jake não se lembrava de quando fora a última ocasião em que desejara possuir uma mulher pela segunda vez. O momento da conquista representava uma vitória e era o clímax de uma sedução minuciosamente arquitetada. Depois de conseguir seu objetivo, ele perdia o interesse e preferia o estimulante desafio da estratégia naval contra inimigos reais!

Além disso, a pior parte da punição de Catrina ainda estava por vir e Dominic Ross sofreria a humilhação ao lado dela!

Catrina e Nancy permaneceram em silêncio até não ouvirem mais os passos do capitão, e então a decidida Srta. Bates deu vazão à sua indignação.

— Proteção! — ela disse sarcástica. — Eu preferia ser protegida por uma raposa. Ele a violentou, não foi? Não precisa nem responder, Catrina... a situação não podia ser mais clara!

A taciturna e calada Srta. Bates demonstrou ser tão dedicada quanto Violet. Tratou de Catrina com uma eficiência carinhosa, antecipando as necessidades da jovem enfraquecida.

Para não pensar em como enfrentaria Jake quando chegasse à Inglaterra, Catrina insistiu para que Nancy lhe falasse sobre si mesma.

— Fui a Gibraltar para ajudar minha irmã que ficou viúva com três filhos pequenos. Pretendia levá-la de volta para a Inglaterra, mas enquanto esperávamos por um navio ela decidiu casar-se outra vez! O novo marido é um mineiro que foi contratado para assessorar as escavações das galerias e túneis no rochedo. Nunca senti raiva de você porque já tínhamos uma certa noção dos planos do Exército, mas como era um segredo militar, não era possível dizer nada. Então, eu e minha irmã nos juntamos às outras mulheres para levar adiante o projeto das hortas mesmo sabendo que seria em vão!

A mágoa de Catrina ainda a fazia sofrer! Dominic não confiara nela o suficiente para preveni-la sobre um fracasso inevitável. Se ela tivesse sabido antes, não se envolveria tanto, encontrando logo uma desculpa plausível para que o projeto fosse abandonado.

— Para falar a verdade, fiz uma viagem inútil — continuou Nancy. — Ninguém precisava de mim em Gibraltar, eu era apenas uma carga a ser suportada. Mas juro-lhe que nunca mais vou me envolver na vida de ninguém! Quando voltar à Inglaterra, pretendo viver sozinha!

Ouvindo aquelas palavras, Catrina decidiu que, se escapasse das investidas de Jake, iria se refugiar em algum canto e nunca mais sair de seu esconderijo.

Naquela noite porém, as duas acordaram com o estrondo de canhões e perceberam que o navio fazia uma rota sinuosa. Nancy quase caiu ao levantar-se da cama, mas finalmente conseguiu sair do camarote para investigar. Quando ela voltou, sua expressão era de perplexidade. — Estamos de volta a Gibraltar, Catrina!

— Não é possível!

— Toda essa agitação foi provocada pela passagem entre os galeões espanhóis, minha cara.

O choque daquela notícia era tão grande que Catrina não pensou mais em seu mal-estar. Ajudada por Nancy, ela se vestiu e as duas foram para o convés. O imponente rochedo estava bem próximo e banhado pela luz da madrugada.

Enquanto Nancy voltou ao camarote para cuidar da bagagem, Catrina ouviu passos às suas costas. Em pânico, viu Jake se aproximando, com um sorriso diabólico nos lábios.

— Quando Dominic souber o que aconteceu com você, peça-lhe para se lembrar de uma tarde em que ele entrou no Arabella sem ser convidado e interferiu em meus assuntos particulares. Seu cunhado vai entender a mensagem!

— Por que voltamos para cá? O que aconteceu para desviar o navio da rota até a Inglaterra?

— Eu aguardava ansiosamente a sua reação ao se encontrar devolta a Gibraltar, minha cara! — Jake deu uma risada maldosa. — O Golden Sovereign saiu deste porto com destino a Lisboa e não à Inglaterra. Essa viagem foi apenas um ardil para enganar nossos inimigos. Eles não esperavam o navio de volta tão cedo e ficaram surpresos demais para impedir uma entrada na baía.

Catrina sentiu náuseas incontroláveis, mas desta vez não eram provocadas pelo balanço do mar, calmo e sem ondas nas águas protegidas da baía.

— Vou lhe contar os detalhes, querida Catrina — continuou Jake, divertindo-se com a própria astúcia. — Houve vários casos de escorbuto nas tropas estacionadas em Gibraltar e era necessário uma grande quantidade de frutas cítricas para impedir que a doença se transformasse num surto epidêmico. Como sou uma pessoa abnegada, ofereci-me como voluntário para essa viagem perigosa até Lisboa. Mas, para evitar que os inimigos descobrissem a verdade sobre a missão do Golden Sovereign, espalhamos a notícia sobre a necessidade de levar os civis de volta à Inglaterra. Os “gentis” espanhóis não atacam navios de passageiros e por isso deixamos que as pessoas se aglomerassem no cais, rodeadas por suas bagagens. O inimigo estava, como sempre, observando tudo através de seus binóculos e nos deixou passar entre os galeões sem disparar um único tiro. Aliás, você não pode negar que foi feito um aviso sobre a transferência para um navio cuja rota vai de Lisboa a Londres. Ou será que se esqueceram de avisá-la?

Controlando o desespero, Catrina virou as costas para Jake, a fim de não demonstrar sua angústia. Só agora percebia a extensão da maldade daquele homem! Ele a atraía para uma armadilha cruel, convencendo-a a embarcar

num navio que não a levaria de volta à segurança de seu país. O único intuito das constantes demonstrações de generosidade e cortesia tinha sido violar e degradar uma mulher incapaz de suspeitar de um amigo!

CAPÍTULO XXIII

Uma multidão se aglomerava no cais para recepcionar Jake Farraday com honras de herói. Tentaram até carregá-lo nos ombros, mas uma altiva delegação da Marinha Real impediu essa manifestação popular, escoltando-o com toda a pompa para o quartel-general.

Num contraste chocante com a animação geral, Catrina esgueirou-se do navio, fugindo para seu esconderijo como um animal ferido em busca de solidão. Ela apenas despediu-se de Rawling, agradecendo-lhe a ajuda, e beijou Nancy, que unia sua voz à dos outros passageiros enfurecidos por terem sido enganados.

Catrina queria apenas alcançar a segurança do abrigo que, por ficar no lado oculto do rochedo, permanecera intacto. Só esperava durante um longo tempo poder desfrutar a solidão, essencial para sua sanidade mental. Jake estaria ocupado demais, recebendo aclamações, para descobrir que ela se refugiara junto de Alice.

Mas logo o isolamento provou não ser a melhor saída para pensar em sua tragédia pessoal. Agora compreendia a irmã, que sempre considerara o amor uma armadilha da natureza. Suas reações físicas e emocionais em relação à Dominic não tinham passado de uma fantasia romântica. Talvez ela se julgasse mais realista do que Millicent, mas depois de partilhar uma experiência brutal, já não podia negar a verdade.

Os homens eram realmente animais! Millicent e Violet não haviam mentido. Agora Catrina confirmara as opiniões das duas através de uma experiência da qual jamais se esqueceria. Eles se limitavam a beijos tentadores e carícias envolventes até o momento de prender a mulher numa teia de sedução. Quando a tinham em seu poder, revelavam a verdadeira face do desejo através de atos degradantes e brutais.

E era isso que chamavam de amor! Jake saíra de seu camarote prometendo-lhe novas lições, após tê-la degradado com suas mãos e forçado um corpo que se revoltava contra tanta violência. Millicent lhe dissera que também Dominic se oferecera para ensinar-lhe tudo sobre esse sentimento, mesmo depois de a esposa ter descoberto o quanto odiava aquele ato repulsivo.

Agora a opinião de Catrina se unia à de tantas outras mulheres subjugadas pelos parceiros e obrigadas a suportar a dominação pela força. Por sorte, não estava presa a nenhum homem pelos laços indissolúveis do casamento e podia se livrar para sempre dessa bestialidade.

Só lhe causava pena ter perdido três anos de sua vida ansiando por algo tão aviltante! Sofrera muito por não poder se unir a Dominic e agora não suportava sequer pensar em ser forçada por ele ou por qualquer outro homem!

Apesar das novas tarefas como conselheiro da Marinha Real, das festas sucessivas e dos inúmeros convites vindos da alta sociedade de Gibraltar, Jake ainda precisava dar o último passo para encerrar sua vingança com um fecho de ouro! A degradação de Catrina só seria completa quando Dominic fosse atingido com a mesma intensidade!

As notícias corriam em Gibraltar, mas ninguém soubera da volta de Catrina, que não fora se refugiar na tenda de Alice. Embora não lhe sobrasse muito tempo livre, Jake se esforçava para encontrar Dinah a sós!

Essa oportunidade surgiu numa manhã ensolarada, quando a bela viúva saiu sozinha da tenda e se dirigiu para a estrada que levava ao cais.

— Sra. Forest! — cumprimentou ele com um sorriso fascinante. — Não sabe como eu desejava encontrá-la!

— Realmente, Sr. Farraday? Nunca imaginei que fosse lembrar-se de minha humilde pessoa. Posso lhe dizer o quanto admiro sua coragem?

— Ora! Sou apenas um marinheiro, madame. — Jake assumiu uma atitude humilde. — Quanto a não lembrar-me da senhora... jamais esqueci sua formosura e fragilidade desde o dia em que a encontrei.

— Então também não se esqueça de que estou noiva — ela disse faceira. — Não devia me cativar com seus elogios, pois estou comprometida.

— Infelizmente, não me sai da mente o fato de que a senhora já entregou seu coração a outro homem! Mas, ao menos, posso acompanhá-la até onde pretende ir?

— Bem... eu apenas saí da tenda para me distrair um pouco. É um ambiente tão sufocante!

— Permite-me fazer-lhe uma sugestão? Existe uma praçinha ocupada pelos canhões, entre as ruelas da cidade velha, onde ainda se pode sentar à sombra das árvores e conversar.

— Oh! Eu adoraria conhecer esse lugar! — Logo aceitou o braço que ele lhe oferecia. — Mas só se me chamar de Dinah sem formalidades!

Jake esperou até chegarem à praça pitoresca e deserta para entrar no assunto que o levaria à procura da vaidosa viúva cuja inveja por Catrina a tornava útil a seus planos.

— Como vai a Srta. Beaumont?

— E como eu poderia saber? Ela está na Inglaterra!

— Infelizmente... não é verdade. — Jake fez uma expressão de profundo pesar. — Então ela não entrou em contato com a família depois que desembarcou do Golden Sovereign!

— Mas, mas... eu não entendo. — Dinah estava perplexa. — Todos imaginamos que Catrina tivesse embarcado no navio que vai de Lisboa a Londres.

— Sinto muito lhe dizer, mas... isso não aconteceu. — Como um homem perturbado por sérios problemas, Jake levantou-se do banco de pedra e começou a andar agitado diante de Dinah.

— Oh, Deus! Só espero que ela tenha ido se esconder apenas e não esteja prestes a cometer um ato de desespero!

— Por favor, explique-se melhor. Não estou entendendo mais nada!

— Sei que merece a minha confiança, Dinah! — Jake voltou a sentar-se ao lado da jovem. — A verdade precisa ser revelada, pois só assim você terá condições de ajudar à pobre Srta. Beaumont!

— Oh! É claro que pode confiar em mim! — murmurou Dinah, ávida por boatos que pudessem difamar Catrina.

— Bem, como já sabe... eu sempre apreciei a srta. Beaumont. Ela mostrou-se minha defensora quando todos me acusavam de falsos crimes e talvez por isso fui confiante demais... mas, não sei se devo prosseguir.

— Por favor, Jake... conte-me tudo!

— Mencionei a ela o plano do governador sobre a saída Golden Sovereign e a pobre moça implorou-me para partir. Estava cansada dos sacrifícios desta vida árdua, queria voltar para casa. Fiz apenas o que qualquer amigo faria... ofereci-lhe o meu próprio camarote, pois não havia um único lugar vago a bordo.

Jake calou-se por alguns segundos para dar a impressão de que relutava em continuar.

— É tão difícil revelar a verdade! — suspirou ele, melancólico. — A Srta. Beaumont sente-se muito mal a bordo e ofereci-lhe um remédio bastante eficaz contra enjôos. Mas, essa droga conhecida apenas pelos mouros contém um potente estimulante. Por favor, lembre-se bem desse detalhe, Dinah! Acredito piamente que o comportamento da pobre moça foi provocado pelo medicamento.

— Como Catrina se comportou? Diga logo, Jake!

— Ela se transformou numa mulher exigente, requisitando minha presença constante em seu camarote. Julguei que se sentisse solitária, mas... em Lisboa...

— O que houve? — Dinah não continha mais a curiosidade. — Por que ela não tomou o navio em Lisboa?

— Avisei a todos os passageiros e a maioria deles se transferiu para o outro barco. Então fui ao camarote dela, a fim de oferecer-lhe a quantia necessária para essa parte da viagem, e... não sei como contar-lhe o que houve sem chocar sua decência, Dinah.

— Seja sincero, Jake. Afinal não está diante de uma jovem solteira... sou uma viúva, lembra-se?

— Realmente, não há como dourar a pílula, Dinah. A Srta. Beaumont recebeu-me... despida! Eu tentei escapar, mas ela abraçou-me e... — Jake cobriu o rosto com as mãos. — Como gostaria de dizer-lhe que resisti à tentação e fugi do camarote! Mas, não sou um santo e deixei-me seduzir. Pode imaginar o que aconteceu depois, não?

Dinah demonstrou o quanto se chocava com aquela revelação, mas, no fundo, vibrava de contentamento. Sempre soubera que Catrina era imoral e sem pudor, querendo chamar a atenção de todos a ponto de se tornar amiga de uma reles prostituta.

— Quando recuperei o bom senso, ela já tinha perdido o navio para a Inglaterra. Mesmo assim, ofereci-me para pagar-lhe um quarto onde esperaria pelo próximo barco. Entretanto, a Srta. Beaumont recusou-se a aceitar, chorando e suplicando enquanto confessava estar apaixonada por mim. Precisei ser rude, pois eu nunca a amei, porém ela recusou-se não só a acreditar nisso como a sair do meu navio!

— Você afirmou que tal remédio era o responsável pelo comportamento de Catrina, não? No entanto, se estavam no porto, ela já não poderia mais estar enjoada.

— Nem pensei nesse detalhe — concordou Jake, suspirando — Enfim, fui obrigado a deixá-la ficar, pois jurou que revelaria o plano dos ingleses se eu a obrigasse a abandonar o navio. Aliás, fez outras ameaças... como surgir nua na cabine de comando e se oferecer a mim diante de toda a tripulação, caso eu não continuasse a satisfazê-la. Senti-me tão repugnado que encontrei uma

senhora forte e severa... e a coloquei no camarote da srta. Beaumont. Era uma espécie de... carcereira!

— Oh, Deus! Entendo agora por que a pobre Catrina não nos procurou! Ela deve estar aterrorizada! Se as testemunhas de sua loucura falarem...

Jake escondeu seu sorriso de triunfo. Em muito pouco tempo Dinah Forest teria tornado pública a conduta vergonhosa de Catrina. Nada o satisfazia tanto quanto a idéia de levar a própria noiva do capitão Ross a incriminar a mulher amada por Dominic, e talvez plantar na mente dele a semente da desconfiança!

Quando Catrina viu Dominic entrar em seu abrigo, analisou as feições atraentes que a haviam encantado e agora só lhe provocavam repulsa.

— Uma pessoa a viu desembarcar do Golden Sovereign, mas, como você não foi até a tenda dos Ridgeway, deduzi que estava aqui. Eu também não cheguei a saber sobre esse plano da Marinha e sinto que você... — incapaz de continuar, Dominic aproximou-se dela. — Não! Eu agradeço aos céus por vê-la em segurança. Oh, Catrina, como eu sofri...

Reconhecendo o tom apaixonado na voz de Dominic, Catrina recuou apavorada, até encostar-se na parede de pedra.

— Não me toque! Afaste-se de mim! Não venha mais aqui.

— Por Deus, Catrina! O que aconteceu? Ainda me culpa por não tê-la avisado sobre a horta? Eu...

— Esqueça isso! Quero apenas que me deixe sozinha, Dominic.

— Você está doente! — Ele observou o rosto pálido e bem mais magro. Achando que ela poderia estar com febre, aproximou-se para lhe tocar a testa.

— Animal! — Ela se debatia, tentando atingi-lo com os punhos. — São todos animais, corruptos e depravados!

Mesmo à beira da histeria, Catrina se intimidou com a expressão alterada de Dominic e a determinação com que lhe falou:

— Sente-se no colchão, Catrina. Eu não me aproximarei de você, mas quero ouvir a sua explicação. Por que entrou em pânico quando minha única intenção era verificar se estava febril?

Ela sentou-se, mas não abriu a boca nem levantou os olhos do chão.

— O que aconteceu, Catrina? Responda!

— Ah! O amor aconteceu! — admitiu ela, sem poder mais esconder a verdade.

— Amor?

— O que os homens chamam de amor! Eu jamais quero ouvir essa palavra ou me submeter a tanta...

Dominic praguejou quando finalmente entendeu o motivo das reações de Catrina.

— Aquele miserável... a forçou a submeter-se! Farraday a violentou!

— Ele nunca usou essas palavras, meu caro! Apenas mencionou que me daria lições sobre amor. Eu estava fraca, aterrorizada e indefesa, mas nada o impediu de jogar-se sobre mim como um animal selvagem, forçando-me a tomar parte em depravações aviltantes. Pois essa bestialidade chama-se amor!

Com a fisionomia rigidamente controlada, Dominic saiu do abrigo sem fazer nenhum comentário. Pela primeira vez desde que o conhecera, Catrina

sentiu alívio e não tristeza ao vê-lo partir. Ele jamais teria a oportunidade de degradá-la como Jake!

Conforme Jake previra, Dinah não perdeu tempo em repetir a história escandalosa que se espalhou com a rapidez de um incêndio. E, como costuma acontecer com esse tipo de boato, novos detalhes iam sendo acrescentados e logo já não se sabia mais quem fora o primeiro a ouvir o rumor e a passá-lo adiante.

Inevitavelmente, o relato chocante chegou até os ouvidos de Dominic, que reconheceu a astúcia do autor da calúnia. Se Jake não estivesse dentro do quartel-general da Marinha, ocupado em traçar planos estratégicos, ele o teria matado!

Mas logo Dominic recuperou o sangue frio e usou a energia alimentada pelo ódio para descobrir um modo de invalidar as falsidades espalhadas por Farraday. Como estavam num período de trégua, ele aproveitou o tempo livre para procurar os passageiros do Golden Sovereign que haviam voltado, involuntariamente, para Gibraltar.

O resultado de seus esforços foi desanimador. A maioria dos passageiros, mulheres que haviam participado do projeto fracassado das hortas, lembrava-se perfeitamente bem de sua revolta ao descobrir que Catrina era a única pessoa a ocupar um camarote particular.

— Devíamos ter desconfiado que aquela mulher era a amante do capitão!

Apenas um depoimento deu-lhe esperanças, pois indicava ao menos uma pista a seguir.

— Sinto muito, mas essas histórias escandalosas só podem ser verdadeiras — disse uma das passageiras. — Depois de deixarmos Lisboa, ninguém mais viu a sua cunhada, mas uma senhora alta e forte ia buscar as refeições dela e as levava para o camarote. Só agora soubemos que a Srta. Bates era uma espécie de carcereira!

Depois de algum tempo, Dominic conseguiu encontrar Nancy Bates, que se recusava a fazer comentários sobre o acontecimento.

— Prometi a Srta. Beaumont que não diria nada.

— Mas ela depende de sua ajuda, senhorita! — implorou Dominic. — Se não quebrar sua promessa e revelar publicamente a verdade, Catrina...

— Ouça bem, capitão Ross! Eu posso até lhe contar tudo, porque percebo o quanto se preocupa com sua cunhada. No entanto, não me peça para depor ou assinar nenhum papel.

— Por quê?

— Aprendi, à custa de muito sofrimento, a não me envolver em problemas que não sejam exclusivamente meus! O senhor precisa saber da verdade, mas depois de lhe fazer esse favor, quero ter o direito de viver em paz com minha família.

Cada dia mais desesperado e sem esperanças, Dominic conversou com os marinheiros do Golden Sovereign, ouvindo sempre a mesma declaração. Então, por mero acaso, encontrou o velho a quem salvara de uma punição injusta. Rawling estava disposto a contar a verdade, mas recusava-se a se expor publicamente, apesar da proteção que lhe fora oferecida.

— Sei que poderia me proteger, porém, sou um velho e fui marinheiro

durante toda a minha vida. O capitão Farraday precisará de tripulantes quando recuperar seu navio e quero continuar trabalhando. Não concordo com o que ele fez para aquela pobre moça, mas preciso pensar primeiro em minha sobrevivência.

A fúria de Dominic atingiu um nível incontrollável quando o informaram de que Jake Farraday seria homenageado com uma recepção onde se exigia a presença de todos os oficiais. Mal controlando o ódio, ele chegou ao convento quando o governador iniciava seu discurso, elogiando a coragem, a perícia e a presteza com que Farraday executara a tarefa à qual se oferecera como voluntário.

Após uma estrondosa salva de palmas, Jake ergueu-se para agradecer, mas as primeiras palavras de seu discurso se perderam na balbúrdia causada pela ida de Dominic até a mesa principal, onde se postou ao lado do homenageado.

— Como o Sr. Farraday é modesto demais para fazer elogios em causa própria, eu gostaria de contar a todos mais um ato de glória que deve se juntar à sua coroa de louros. — Dominic dirigiu-se à platéia com um sorriso frio. — A maioria dos passageiros a bordo do Golden Sovereign embarcou nesse navio por livre e espontânea vontade e lhes foi dada a oportunidade de tomar um outro barco em Lisboa a fim de chegar a Londres. Passei os últimos dias conversando com os que retornaram a Gibraltar, bem como com a tripulação, e convenci-os a me revelarem a verdade dos fatos.

— Sinto-me realmente honrado! — zombou Farraday, mas sua inquietação era evidente apesar do sorriso irônico. — Já recebi tantos elogios que...

— Faço questão de acrescentar mais um! — continuou Dominic, interrompendo Jake. — Minha cunhada também embarcou no Golden Sovereign, mas ao contrário dos demais passageiros foi persuadida a fazê-lo pelo nosso herói, o Sr. Farraday. Ele aproveitou-se de um momento de profunda depressão da moça e convenceu-a de que o navio iria até a Inglaterra. Como não via motivos para permanecer em Gibraltar, ela aceitou a passagem sem desconfiar de nada, nem mesmo quando lhe foi oferecido um camarote exclusivo. Afinal, considerava-se amiga do capitão e jamais esperaria nada além de atitudes condizentes à amizade que julgava ser mútua.

Apesar dos protestos, Dominic prosseguiu implacável.

— A Srta. Beaumont chegou a Lisboa enfraquecida pelos freqüentes enjôos. Mas o nosso herói não mudou seus planos diante da fragilidade da jovem e desvirginou-a com uma violência e uma brutalidade pouco "amigáveis"! Sem dinheiro para pagar uma outra passagem, ela foi obrigada a ficar no navio de Farraday e só lhe restou a opção de pedir auxílio a uma corajosa mulher que enfrentou o capitão, impedindo-o de continuar seus atos degradantes.

Com uma rapidez inesperada, Dominic encerrou seu relato e desferiu um soco no queixo de Farraday. O silêncio se transformou num alarido ensurdecedor, mas Dominic não se curvou para olhar o homem desmaiado aos seus pés.

As mulheres gritavam histéricas e uma multidão se acotovelava ao redor de Farraday. O único a manter a calma foi o general Ridgeway, que agarrou Dominic pelo braço, afastando-o do centro da sala. Os dois deixaram o recinto seguidos por Alice e por Dinah, que soluçava histericamente.

— Você será punido por isso, Dominic — declarou o general, preocupado.
— Agradeço a Deus por ter agredido um civil, pois se Farraday fosse um oficial você enfrentaria uma corte marcial.

— Pouco me importa a punição. A verdade precisava ser dita! Pelo menos, agora existe mais uma versão da mesma história e as pessoas decidirão em qual delas devem acreditar.

— Ninguém acreditará que Catrina não perseguiu o Sr. Farraday desavergonhadamente! — gritou Dinah, tomada por uma raiva incontível.
— Ela não desembarcou em Gibraltar na companhia de uma prostituta? Você é mesmo um idiota, Dominic! Como pode aceitar as mentiras dessa... vagabunda?

Foi Alice quem tomou a atitude necessária para vingar o comentário insultoso de Dinah, estapeando o rosto rubro de raiva com uma violência inesperada para todos.

— Ela estava ficando histérica — Alice explicou com calma. — Precisava disso para voltar ao normal.

Dominic não chegou a ver a reação de Dinah ao retornar à normalidade porque foi convocado para comparecer imediatamente ao gabinete do governador. Preparando-se para o pior, e, ele entrou na sala onde Elliott o esperava com uma expressão severa em seu rosto habitualmente risonho.

— Sente-se, capitão Ross. Depois nós conversaremos sobre sua atitude indesculpável, mas antes... — O governador inclinou-se para Dominic. — Você ficou maluco, rapaz? Acredita que ajudou sua cunhada ao contar a vergonha à qual foi submetida?

— Mas... o senhor não ouviu os boatos?

— Sempre me recusei a ouvi-los, por isso não me contam mais nada. Talvez seja melhor você me explicar essa situação inusitada!

Rapidamente, Dominic relatou os problemas que o haviam levado a agir tão fora dos padrões exigidos de um oficial.

— Não tenho a menor dúvida de que tenha sido Farraday o responsável pela propagação desse boato. Ele o fez para defender-se de qualquer acusação por parte da Srta. Beaumont... Ao revelar a verdade, estou criando uma possibilidade de dúvida e talvez as pessoas se lembrem da reputação desse homem antes de o transformarem em um herói. Quem sabe não lhes voltará à mente a história de uma jovem de dezesseis anos, seduzida por ele e que o acompanhou até a Irlanda. Jamais se soube o que aconteceu com essa criança, mas jamais foi vista novamente. A família quis poupá-la de uma vergonha e com isso deixaram livre um criminoso!

— O passado de Farraday foi perdoado porque estamos numa situação muito grave e poucos homens se arriscam como ele. É por esse motivo que não o punirei com severidade, Dominic! Compreendo seus motivos, porém não posso aceitar que tenham sido expostos num recinto oficial e numa ocasião comemorativa como a de hoje!

Mal se viu livre do sermão, Dominic voltou ao quartel onde reuniu suas rações alimentares e dirigiu-se para o abrigo de Catrina. Precisava encontrar um modo de convencê-la de que a degradação sofrida nas mãos de Farraday não tinha nenhuma relação com o verdadeiro amor.

Ela era muito jovem, bonita, e teria de se casar algum dia. Jamais lhe pertenceria e só a possibilidade de perdê-la para um outro homem quase o

enlouquecia. No entanto era mais angustiante imaginar que Catrina desperdiçaria sua juventude, levando uma vida solitária e vazia por medo de amar.

Dominic a viu de longe, sentada sobre uma rocha e com o olhar perdido no horizonte. Os cabelos, recém-lavados, brilhavam ao sol e o rosto ainda pálido era o mais lindo que ele vira em toda a sua vida.

— Catrina...

Ao perceber o terror que surgira nos olhos dela, Dominic manteve-se a distância, evitando assustá-la mais com sua aproximação.

— Vim lhe dizer que finalmente consegui acertar Farraday em pleno queixo. Achei que você gostaria de saber disso.

— Por quê? — Ela o fitou com desprezo. — Agrediu-o por ter feito o que você desejava fazer?

— Não seria igual se eu... — Dominic interrompeu-se, decidido a seguir o plano que havia traçado. — Algum dia você encontrará um homem com as qualidades ideais para ser seu marido, alguém decente, honesto e confiável. É importante que essa experiência desastrosa com Farraday não a faça perder a chance de casar-se e ter filhos.

— Não pretendo sequer pensar em casamento. Não perca seu tempo tentando me convencer!

Dominic ficou em silêncio por alguns minutos, procurando as palavras certas para atingi-la.

— Ouça-me, Catrina. Lembra-se da noite em que Millicent nos surpreendeu juntos e você estava seminua? Ela nos chamou de animais, não foi? Por acaso, sentiu-se como uma criatura leviana?

— Essa é a armadilha da natureza — murmurou Catrina, lutando contra a recordação agradável.

Movendo-se devagar, Dominic aproximou-se mais, sentando ao lado dela.

— O que quer dizer com isso?

— Millicent me explicou tudo, mas na época eu não entendi. A natureza prepara uma armadilha para as mulheres, deixando-as acreditar numa fantasia romântica a respeito do amor. Então, quando já é tarde demais para recuar, elas descobrem a realidade. É brutal!

— Agora que você já descobriu essa... realidade como se sentiria se repetíssemos apenas o que aconteceu naquela noite.

Alarmada, Catrina o fitou, pronta para recuar.

— Sabe que está segura ao meu lado não é? Eu jamais me comportaria como Farraday, pois, aos olhos da lei, somos irmãos. Quero apenas ajudá-la, querida. Preciso tentar! Aceita fazer uma experiência? Você tem de apagar de sua mente os momentos terríveis para lembrar-se apenas dos bons!

Em silêncio, Catrina seguiu Dominic para dentro do abrigo, mas sem aceitar a mão que ele lhe estendia. Os dois ficaram frente a frente, imóveis e calados,

— Você não sentiu vergonha em me revelar o seu corpo naquela noite, querida. Lembra-se?

Catrina não conseguia se decidir. Realmente estava a salvo ao lado dele, pois Dominic jamais se aproveitara das oportunidades que, em sua ignorância, oferecera a ele, impulsivamente. Além de se sentir segura, precisava apagar aquelas lembranças que acabariam por enlouquecê-la. Até dormindo ela não se

livrava do horror e acordava em pânico. A solidão só intensificara o impacto sofrido e o tempo não ajudava a cicatrizar as feridas.

— Sem falso pudor ou vergonha, Catrina — insistiu ele.

Hesitante ainda, ela soltou os botões do corpete. Fitando-o à espera de uma reação de desejo violento, Catrina o viu sentar-se no colchão, sem oferecer-se para ajudá-la. Mais confiante, ela deixou o vestido cair ao chão e aproximou-se de Dominic.

Gentilmente, ele puxou-a para mais perto, deitando-se ao seu lado. Com ternura, acariciou-lhe os seios, deslizando as mãos pela cintura e pelas coxas esguias. Percebeu o tremor que percorria o corpo de Catrina, mas não interrompeu as carícias.

— Está com medo? Por acaso, estou agindo como um animal?

— Não... acho que não. Mas isso é só o começo, faz parte da armadilha. O pior vem depois e nunca mais quero passar por uma experiência tão repugnante!

Levantando-se, Dominic começou a desabotoar a túnica do uniforme.

— O que pretende fazer?

— Não se assuste. Vou apenas prolongar as... ilusões românticas, está bem?

Mas Catrina não controlou os tremores de terror quando o viu à sua frente, numa nudez tão ameaçadora quanto a de Farraday. Ela tremia convulsivamente quando Dominic a envolveu em seus braços, apenas beijando-a com meiguice.

Aos poucos, Catrina foi se acalmando, confiante na docilidade de Dominic, que não exigia nada além dos beijos. Ele percorreu o corpo ainda tenso com os lábios, procurando os mamilos rijos, o ventre liso e as pernas bem torneadas.

Então o toque gentil já não era mais suficiente para ela. Frágil, mas insistente, seu desejo renascia e Catrina pressionou o corpo contra o dele, instintivamente, entreabrindo as pernas para recebê-lo.

E então as lembranças degradantes desapareceram para dar lugar a uma nova realidade. As sensações se avolumavam, envolvendo Catrina e arrastando-a para um mundo desconhecido, mas inebriante. Dominic se movia lentamente, esperando até que ela acompanhasse o ritmo de seu corpo para chegarem juntos ao êxtase. O orgasmo foi tão intenso que Catrina ouviu surpresa, seu grito de paixão ecoar no silêncio da caverna. Algum tempo depois, ainda mantendo-a nos braços, Dominic perguntou:

— Será que a convenci, amor?

— Mas Jake... Ele não se limitou ao que fizemos agora. Fui obrigada a me submeter a atos perversos.

— Ele a forçou, Catrina. A única perversão está no uso da força. Nada é errado se for feito com amor.

— Entendo... você me convenceu a... — ela se interrompeu, apavorada. — Dominic! Nós... cometemos um crime!

— Não desrespeitamos nenhuma lei natural. — Ele sorriu, despreocupado. — E como só se pode enforcar os culpados uma vez... não vejo mal em repetirmos o crime.

CAPÍTULO XXIV

O abrigo rústico que já servira como esconderijo durante os piores períodos de vida de Catrina se tornara agora um lugar mágico onde não existia a amarga realidade da guerra. Dominic tinha sido punido pelo governador com vinte e quatro horas de suspensão e não pretendia desperdiçar nenhum minuto daquele breve interlúdio.

Catrina pôde finalmente conhecer o verdadeiro Dominic, antes tão distante e pouco comunicativo. Eles tiveram tempo para trocar confidências e segredos, sem, no entanto mencionar um futuro que jamais seria partilhado. O amor proibido precisaria ser mantido em segredo, à custa de qualquer sacrifício.

— Sei tão pouco sobre seu passado, Dominic. Millicent mencionou que sua família pertence à aristocracia rural e você é filho único, mas não entrou em detalhes.

— Realmente, o fato de ser filho único sempre foi o meu problema. Meu pai desaprovou minha decisão de seguir carreira no Exército e por algum tempo houve um afastamento bastante sério entre nós. Mas, como eu comecei no posto mais baixo e fui subindo, sem ajuda de ninguém, ele aos poucos aceitou a situação. Hoje, somos grandes amigos.

— Era muito importante ter um filho homem por esse motivo, não? — Catrina lembrou-se do terror da irmã em dar a luz a mais uma menina. — Esse menino ocuparia o seu lugar, tornando-se o herdeiro de seu pai.

— A situação é bastante grave, pois as propriedades da família só podem ser legadas a um herdeiro do sexo masculino. Infelizmente, quando meu pai morrer, terei de contratar um administrador para tomar conta de tudo, Não pretendo deixar o Exército por nada!

— Fale mais sobre sua família...

— Minha mãe é uma mulher amorosa, comunicativa, e papai a coloca num pedestal. Ruth e Bárbara, minhas irmãs, já se casaram... tem filhos e moram em propriedades vizinhas à nossa em Sussex. Sempre nos demos muito bem e o ambiente familiar é aconchegante e alegre. Você não imagina como insistiram em que eu fosse até a Inglaterra para que pudessem conhecer Millicent e Lucy...

Notando a amargura de Dominic, Catrina sentiu raiva da irmã imatura e egoísta que jamais pensara no prazer do marido em apresentá-la, junto com a filha, à família dele. Millicent temia afastar-se da proteção da própria mãe e da segurança de seu quarto expondo-se aos desejos de Dominic.

— Deve ser maravilhoso pertencer a uma família amorosa e unida... — ela murmurou melancólica.

Quando Dominic a abraçou carinhosamente, ela foi assaltada por uma súbita tristeza. Seria Dinah a felizarda a quem as portas se abririam! Catrina só teria momentos furtivos e breves!

No entanto, as lembranças amargas foram esquecidas quando trocaram um novo beijo e se entregaram novamente ao amor.

Mas a realidade não demorou a invadir o abrigo isolado. Ela acordou e viu Dominic a seu lado, já vestido e pronto para deixá-la.

— Preciso ir querida. Se vista e vá para junto de Alice.

— Mas... por quê? O que houve?

— Eu saí do abrigo em tempo de ver a chegada de várias esquadras francesas e espanholas. A baía nunca esteve tão cheia de navios como hoje. Há seis navios cujas bandeiras indicam a presença de almirantes a bordo, além das fatídicas fortalezas flutuantes.

— Que invenção estranha é essa?

— São navios construídos pelos espanhóis com um desenho especial que os torna indestrutíveis. E nós só temos sete mil homens contra essa maciça força naval.

Mas a gravidade da situação não afetava Catrina. Ela sentia apenas raiva por ser privada de horas preciosas ao lado de Dominic.

— Você foi suspenso por vinte e quatro horas?

— Todas as punições deixam de ter validade quando surge uma emergência. Tenho de me apresentar imediatamente. Junte seus pertences, Catrina. Quero que vá ficar com Alice.

Os dois se despediram com um beijo, sem tempo para um adeus mais prolongado. Depois que Dominic desapareceu entre as árvores, Catrina, relutante, dirigiu-se até a tenda de Alice e Dinah. Por sorte, ela encontrou a Sra. Ridgeway sozinha e foi recebi-la com um abraço carinhoso.

— Minha querida Catrina! Quando penso no que você sofreu nas mãos daquele homem...

— Eu fui muito tola, Alice. Não sabe como me sinto culpada por ter mentido a você e...

— Não pense nisso, querida! Realmente, fiquei magoada quando descobri que você tinha partido sem ao menos se despedir de nós. Senti-me ainda mais triste por saber que, ao voltar, também não quis me ver. Depois avaliei o seu sofrimento e ontem à noite decidi ir à sua procura. Mas John achou melhor deixá-la sozinha e então...

Envergonhada, Catrina enrubesceu. Será que o general suspeitara da presença de Dominic em seu abrigo?

— Vi os navios inimigos se reunindo na baía — ela evitou continuar aquele assunto perigoso. — Achei que seria melhor ficar ao seu lado.

— John disse que devemos nos preparar para o pior ataque desta guerra interminável.

— Onde está Dinah?

A expressão preocupada de Alice deu lugar a um sorriso malicioso.

— Nossa petulante Dinah finalmente fez o papel mais glorioso de sua carreira. Ela fugiu com o herói do momento, o Sr. Jake Farraday!

— O quê?

— Inacreditável, não acha? Pois aquela tola pediu desculpas a Jake pelo comportamento do noivo, e diante de todos! Eu precisei me controlar para não estrangulá-la! A partir desse momento, não saiu mais do lado dele, que parecia divertir-se muito com a situação. Dominic o havia esmurrado e sua futura esposa o cobria de atenções lísonjeiras.

— Jake devia estar se deliciando com isso!

— Enfim... Dinah não voltou para a tenda comigo e, no final da tarde, chegou um mensageiro com uma carta para nós e outra para Dominic. Como ele não apareceu por aqui, ainda não soube da novidade.

— Ela fugiu com Jake, mas... para onde?

Como todos nós, o Sr. Farraday percebeu que o inimigo preparava para nos atacar e decidiu salvar a própria pele enquanto podia. Ele levou... ou melhor, roubou o Golden Sovereign depois de reunir sua tripulação com uma rapidez inacreditável! Não sei se ela pediu para ir ou se foi convidada por ele para acompanhá-lo, mas tenho certeza de que, seja qual for à hipótese, Dinah está a bordo apenas por ser noiva de Dominic.

Catrina compadeceu-se da jovem e romântica viúva; o seu despertar para a realidade seria brutal. Nunca suportara aquela mulher infantil e maldosa, mas nem mesmo Dinah merecia alguém como Jake Farraday.

— Claro que Dinah não podia saber que o impacto da notícia de sua fuga seria suplantado pelo ataque iminente. A infeliz imaginou que hoje o único assunto em Gibraltar seria ela. A corajosa mulher para quem o amor é mais importante do que as glórias do mundo, a jovem passional que abandonou as honras devidas à esposa de um oficial pelas perigosas aventuras ao lado de um corsário sedutor!

Em silêncio, Catrina ouvia a voz sardônica de Alice zombando de uma mulher tola, mas sem saber como seria trágico o destino que Dinah escolhera. A pobre sonhadora, vendo a realidade como um palco onde sempre ocupava o lugar de destaque, tinha encontrado o desempenho mais dramático que a vida podia lhe oferecer. Perdida em fantasias, ela não suspeitava qual seria seu próximo papel! Jake a abandonaria quando se cansasse dela, e era incrivelmente fácil perder o interesse pela fútil Sra. Forest!

— O general Ridgeway deve ter-se magoado muito, não? Ele gostava tanto da sobrinha!

— John ficou furioso e chocado com essa atitude absurda. Ele nunca foi como a maioria dos homens que quer um herdeiro. Sempre sonhou com uma filha e... bem, não via os defeitos de Dinah. Mas eu estou bem feliz por me ver livre dela e acho que Dominic também ficará aliviado.

No entanto, a partida de Dinah não alterava a situação de Catrina. Dominic continuaria a ser um amor proibido e, depois da noite que haviam passado juntos, a separado forçada por leis absurdas seria ainda mais dolorosa.

A investida do inimigo começou com o nascer do sol. Alice e Catrina se refugiaram nas cavernas do alto do rochedo, juntando-se às outras mulheres que também acompanhavam de longe o avanço dos navios inimigos para o interior da baía.

— Por que os nossos canhões não atiram neles? — perguntou Catrina.

— É preciso esperar até que os barcos fiquem na distância exata para serem atingidos.

Então, os dois lados abriram fogo simultaneamente e rolos de fumaça envolveram o imponente rochedo. A cidade estava sendo arrasada pelos inimigos, mas os projéteis ingleses apenas resvalavam na cobertura metálica das fortalezas flutuantes.

Os ingleses certamente seriam derrotados em poucas horas se o governador Elliott não tivesse tido uma inspiração brilhante e não contasse

com a ajuda de um aliado imprevisível.

Ao perceber que os projéteis dos canhões não penetravam na proteção metálica das fortalezas flutuantes, o governador Elliott teve a idéia de aquecer as balas antes de dispará-las. Através das galerias abertas na rocha, as bolas incandescentes caíram sobre a carapaça invencível dos navios, rompendo finalmente a barreira de ferro e dando início a pequenos incêndios.

Então, chegou o vento do oeste, afastando a fumaça das naus inimigas e tornando-as um alvo mais fácil. Esse persistente e inesperado aliado dos ingleses soprou com violência e as chamas a bordo das fortalezas flutuantes se espalharam para os navios mais próximos.

De seu posto, Dominic via os botes ingleses que saíam do cais para salvar os sobreviventes inimigos. Mas a batalha cruel não cessou nem por um minuto.

Tão logo amanheceu, as mulheres correram para a beira do rochedo e viram a devastação que a noite escondera. A cidade tinha se tornado um amontoado de ruínas e era impossível avaliar a quantidade de corpos flutuando entre os destroços dos navios. Apesar da vitória inglesa, foi difícil sentir algo além de desolação diante do horror da guerra.

Dominic e o general Ridgeway retornaram à tenda, no cair da tarde, sujos de pólvora e fumaça.

— Nós vencemos, não foi? — perguntou Catrina, controlando o desejo de acolher Dominic em seus braços.

— A guerra ainda não terminou. — O general deu um suspiro de exaustão. — Ferimos o inimigo mortalmente, mas ele continuará se debatendo como um animal feroz enquanto agoniza.

Quando Alice abraçou o marido, Catrina puxou Dominic para fora da tenda.

— Você já soube da...

— Da deserção de minha noiva? Pobre criatura sem juízo Dinah nem sequer percebeu que não passava de mais uma peça na vingança de Jake Farraday. Ele não se satisfez em violar a mulher que eu amo. Como tem um senso de humor macabro, quis levar também minha futura esposa.

— Mas... a situação entre nós...

— Nada mudou Catrina. Só podemos aproveitar o pouco tempo que nos resta. Sempre que o general voltar para a tenda, vá me esperar no abrigo.

Os dias que se seguiram à vitória inglesa demonstraram que o general Ridgeway tinha razão. Batalhas breves, mas intensas, se sucediam após longos intervalos, necessários aos inimigos para reunir forças e atacar novamente.

Nesses períodos de trégua, Catrina e Dominic se encontravam no abrigo para desfrutar cada minuto de seu amor proibido. Eram momentos intensos, pois a existência de ambos se resumiria em recordar àquelas horas de paixão que jamais se repetiriam. Como dois condenados à morte, eles celebravam a vida com desespero e avidez, antes da separação final.

— A paz não demora a chegar Catrina — murmurou Dominic, após uma manhã de amor. — E, quando vier, meu regimento será enviado para algum outro lugar.

— Eu sei...

— Também sabe que não terá motivos válidos para me acompanhar, não

é? Precisaré retornar à Inglaterra e... sozinha.

Com os olhos cheios de lágrimas, Catrina o prendeu em seus braços, procurando na paixão a felicidade do momento presente.

No fim daquela tarde ela teve certeza de que não mais se encontraria com Dominic no abrigo.

A esquadra do almirante Howe estava se aproximando de Gibraltar e já enviara uma frota mais veloz para abrir caminho e pôr fim à agonia lenta do inimigo.

Os navios franceses e espanhóis deixaram a baía para ir ao encontro da esquadra e atacá-la em mar aberto. Apesar da partida dos inimigos, os ingleses não se afastaram de seus postos mesmo durante a noite, quando ventos de intensidade impossibilitavam a visão além das cortinas de chuva.

Na manhã seguinte, a população sofrida de Gibraltar viu o estrago causado pela ventania. Os poucos navios que haviam permanecido como sentinelas na baía tinham sido jogados contra a praia ou se desgarrado na direção da esquadra que finalmente surgia no horizonte.

Após uma demonstração simbólica de resistência, os inimigos se renderam e o almirante Howe entrou triunfalmente na baía de Gibraltar. O cerco, que durara três anos, chegava ao fim! Agora só restavam as formalidades necessárias para confirmar a posse definitiva daquela imensa fortaleza de pedra pelo Império Britânico.

No cais, a multidão delirava, as pessoas se abraçavam, rindo e chorando. Os navios haviam trazido suprimentos e todos festejariam a vitória numa animada festa.

— Não sei se devo ir, Alice — murmurou Catrina, relutante. — Dominic me contou sobre as histórias terríveis que Jake espalhou. Enquanto estávamos em perigo, ninguém mencionou nada, mas não quero embarcá-la com a minha presença.

— A situação mudou muito, querida. Jake Farraday roubou um navio e a noiva de um oficial muito querido e ninguém mais duvidará da desonestidade dele. Você tem de ir à festa!

Catrina então apressou-se em se vestir e, como não tinha muita escolha, logo ficou pronta e à espera de Alice. Estava sentada fora da tenda para admirar o pôr-do-sol quando viu um oficial aproximar-se dela.

É a Srta. Beaumont?

— Sim... deseja algo?

— Meu nome é major Connors e estou cumprindo ordens do governador Elliott. — Ele fitava um ponto qualquer acima da cabeça de Catrina. — Acompanhe-me até o convento.

— Por quê?

— O coronel Gregson a espera para interrogá-la sobre seu envolvimento na acusação pela qual o capitão Ross foi preso.

— Preso? — Catrina mal podia respirar. — Qual... foi essa acusação?

— Ele foi acusado de ter cometido incesto ao manter, com a senhorita, relações sexuais, proibidas por lei devido à proximidade do parentesco.

CAPÍTULO XXV

A cela fora ocupada no passado por um monge franciscano austero e acostumado ao catre duro e à frieza da pedra que cobria o chão e as paredes. Mas Catrina não notou o desconforto chocada e enfurecida demais até para se aborrecer com a expressão rude da carcereira que lhe trouxe a bandeja do jantar.

Sem dúvida, Dominic estaria numa cela semelhante para onde tinha sido levado apenas quando já não precisavam mais de seus serviços. O Exército esperara até o cerco terminar para agir, pois os encontros entre eles haviam cessado há vários dias e dificilmente teriam sido denunciados só agora.

Catrina passou a noite em claro ouvindo os sons festivos da cidade que celebrava a vitória inglesa. Em sua mente atordoada pelo choque, tentava imaginar quem os seguira até o abrigo e que punição os esperava!

Já estava completamente desperta quando a carcereira trouxe a bandeja com o café da manhã e comunicou-lhe que se preparasse para ser recebida pelo coronel Gregson. O nervosismo foi tomando conta de Catrina à medida que as horas passavam.

Finalmente, ao meio-dia, a mulher taciturna a conduziu à sala do coronel, que atendeu Catrina com uma formalidade inquietante. Ela conhecia aquele homem e sempre fora recebida com sorrisos, mas quem estava ali agora era um oficial que a tratava como uma criminoso!

— Sente-se, senhorita. Já foi informada sobre o motivo pelo qual o capitão Ross foi preso, creio eu. É um crime sem precedentes na história do Exército e seremos obrigados a mudar a formulação da queixa. — Ele franziu a testa, preocupado. — Algo como... comportamento incompatível com a patente de oficial ou... não importa. O que nos interessa é saber se a senhorita compreendeu perfeitamente bem o significado da verdadeira acusação.

— Acho que sim. Trata-se de... incesto, não?

— Exatamente! Seu cunhado, o capitão Ross, tinha o dever de orientá-la e protegê-la, sendo responsável, perante a lei, pelo seu bem-estar físico e moral. No seu caso, a responsabilidade aumentou pois a senhorita não tem nenhum outro parente do sexo masculino. No entanto, ele não só desrespeitou essa posição legal, mas também abusou da proximidade proporcionada pelo prentesco que os une de modo flagrante e criminoso!

— Como... quem... — subitamente receosa Catrina mudou de idéia. — Eu nego todas essas acusações!

— Infelizmente a senhorita perderá seu tempo e o meu negando um fato comprovado pela existência de testemunhas oculares.

Escondendo o rosto nas mãos, Catrina lutou contra o desespero. Era um final sórdido demais para os momentos mais belos de sua vida.

— Um dos subordinados do capitão Ross sentiu-se injustiçado após uma punição que julgava desnecessária e passou a seguir seu superior com o intuito de encontrar um modo de se vingar. Ele notou que o capitão desaparecia durante os intervalos entre as batalhas e logo descobriu o motivo. A porta de seu abrigo não tem chave, Srta. Beaumont. Nenhum de vocês dois percebeu quando ela foi entreaberta pelo soldado, que retornou

posteriormente com dois companheiros para dar mais força ao seu testemunho. Receio que seja impossível colocar dúvida alguma no caso em questão.

— Qual será a punição de Dominic?

— Só se decidirá esse detalhe após a decisão da corte marcial que será dirigida por mim. A pena menor é a expulsão do Exército... se for julgado culpado, o que me parece certo.

Fechando os olhos, Catrina esqueceu-se da sua situação, ainda não esclarecida, para pensar na desgraça de Dominic. Ele lutara tanto para conseguir o seu sonho de fazer carreira no Exército! E agora iria ser expulso?

— Por que me trouxeram até aqui? O senhor não me fez pergunta alguma! Apenas comunicou-me o que já aconteceu e o que ainda irá acontecer!

— Nós a chamamos na esperança de que a senhorita confessasse sua participação no crime pelo qual o capitão Ross foi preso. Só através de uma confissão voluntária poderíamos adiantar a data da corte marcial. Enquanto isso ficará retida aqui no convento...

— Também serei julgada? — interrompeu Catrina.

— Deixe-me terminar, por favor. Como civil a senhorita não está sob a jurisdição legal do Exército. Entretanto, sua presença em Gibraltar não é desejável e a embarcaremos, o mais brevemente possível, para a Inglaterra. Como não há nenhum navio prestes a partir, ficará no convento por medida de segurança.

— Tem medo que eu me recuse a partir?

— Não é apenas esse aspecto que nos preocupa — a expressão distante do coronel Gregson se tornou sombria e amarga. — o capitão Ross sempre foi um oficial benquisto e popular. Muitas pessoas irão revoltar-se com a punição dele enquanto sua cúmplice se encontre em liberdade. Para protegê-la de possíveis agressões, a manteremos no convento até o momento de seu embarque.

Voltando-se de costas para Catrina, o coronel deu por encerrada a entrevista. À porta da sala, a carcereira a esperava e levou-a novamente de volta à cela. Minutos depois, o general Ridgeway chegou para visitá-la.

— Alice... eu nem me lembrei de avisá-la. Ela...

— Ela está perturbada demais com essa tragédia, Catrina. Mas a minha visita é profissional e Alice não poderia ter me acompanhado mesmo se tivesse condições de vir. Vou conduzir a defesa de Dominic.

— Como está ele?

— Dominic sempre foi reservado e não revela seus sentimentos a ninguém, nem a mim. Vim alertá-la para não admitir nada, pois talvez assim eu consiga colocar em dúvida o testemunho dos dois soldados que o delataram. É nossa única chance...

— Os comentários sobre mim não ajudarão em nada. O coronel Gregson mencionou esse fato, mas não me disse exatamente do que me acusam.

O general Ridgeway recusou-se a discutir esse assunto, mas a carcereira, ao trazer-lhe o almoço, não se fez de rogada.

Todas as histórias a partir das mentiras espalhadas por Farraday estavam sendo ressuscitadas e a atitude galante de Dorminic ao defendê-la era vista

agora sob outro prisma. Catrina Beaumont não só assediara Jake da maneira mais vergonhosa como, ao ser revelado o seu comportamento imoral, seduzira o cunhado, levando-o a acreditar numa versão falsa de suas atitudes dis-iniciara. Afinal, ela não iniciara sua carreira de devassidão desembarcando em Gibraltar e tendo como amiga íntima uma mulher à toa?

Até a morte de Millicent já não era mais considerada um acidente. A pobre mulher, grávida, estava sozinha em casa tendo por companhia a irmã e uma prostituta. Se Catrina tivesse iniciado o incêndio fatal, a sua melhor amiga se calaria cúmplice num crime brutal.

Mas Catrine não sentia nada ao ouvir as calúnias que lhe atribuíam. Só conseguia pensar em Dominic e sofria pela ruptura de uma carreira brilhante, de uma reputação honrada, um futuro digno. E tudo por culpa dela! Amaldiçoava o impulso irracional que a trouxera a Gibraltar!

Em sua segunda visita, o general Ridgeway trouxe-lhe um bilhete de Dominic. A letra firme lhe mandava uma mensagem de conforto: "Não importa o que possa acontecer. Eu jamais me arrependerei!".

Como se tivesse adivinhado as palavras do bilhete, o general suspirou amargurado.

— Dominic não será o único a sofrer, como pensam muitos. O escândalo a seguirá até a Inglaterra e você não se libertará dessa sombra funesta pelo resto da vida.

Ela, porém, pouco se importava com a própria reputação, preocupada apenas em encontrar um modo de salvar Dominic da desonra. Só após a saída do general Catrina descobriu como defendê-lo. Como a opinião pública a condenara como a criminosa mais reles, não seria difícil convencer os participantes da corte marcial de que ela o instigara a cometer atos impulsivos. Juraria diante do juiz que nem um santo resistiria às suas armadilhas de sedução!

Aflita, Catrina pediu à carcereira que lhe conseguisse autorização para uma nova visita ao general. Ela passou a noite andando de um lado para o outro na cela minúscula, enquanto a tensão crescia a ponto de provocar-lhe náuseas e um intenso tremor. O sofrimento da espera se prolongou até o meio da tarde quando, para sua surpresa, foi conduzida para a sala do coronel.

O general sempre fora até sua cela; por que o coronel estaria agindo de forma diferente?

A surpresa se transformou em inquietação quando, ao entrar na sala, encontrou o coronel Gregson em companhia do general Ridgeway e sua esposa. Por que Alice teria vindo se não era permitida a presença de ninguém além do defensor de Dominic nas visitas oficiais?

Depois de tantas horas de preocupação, Catrina sentiu remorsos de seu egoísmo ao notar o estado de Alice. A pobre senhora estava arrasada e com olhos inchados de tanto chorar! Mais tarde precisaria pedir-lhe desculpas por sua falta de consideração mas agora tinha assuntos mais urgentes a tratar!

— Tive uma idéia que talvez seja vital para provar a inocência de Dominic, general. Se eu puder depor na corte marcial...

— Não estamos aqui para discutir esse assunto — interrompeu-o com uma aspereza pouco habitual. — Alice tem uma comunicação a fazer diante do governador e é necessária a sua presença, Catrina.

Sem erguer a cabeça, Alice fitava as próprias mãos rigidamente

entrelaçadas e sua voz era quase inaudível ao começar seu relato.

— Você e Millicent não eram irmãs, Catrina. Diante deste fato, você não é e nunca foi cunhada de Dominic. Os Beaumont não eram seus pais, portanto o crime não existe...

Atônita, Catrina não tirava os olhos do rosto transtornado de Alice. O silêncio durou alguns segundos até que o governador, o mais controlado de todos, recuperou-se do choque.

— Está nos dizendo que a Srta. Beaumont é filha adotiva, Sra. Ridgeway?

— Sim, de um certo modo...

Lembranças antigas voltaram à mente de Catrina, que as via sob um ângulo diferente: a reação pouco convincente dos pais quando Millicent dizia que ela era a única filha amada, as negativas sem sinceridade...

— Não entendo! Ninguém adota uma criança se não a deseja! Por que os Beaumont iriam fazer isso se jamais me quisessem por perto? E por que nunca me disseram nada? Esse segredo não faz sentido a não ser... — subitamente, Catrina deu uma gargalhada amarga. — É lógico! A verdade causaria um escândalo, era vergonhosa demais... sou uma bastarda!

A palavra grosseira ecoou na sala, provocando protestos chocados, mas a expressão de Alice confirmou as suspeitas de Catrina.

— Não fui simplesmente uma criança adotada, não é? Sou o produto de alguma ligação vergonhosa que a família Beaumont queria esconder do mundo! Então mandaram-me para Lady Prudence, o que era tão seguro quanto me trancafiar num asilo de órfãos. — Ela fitou John e Alice com ódio. — E vocês dois sabiam, sempre souberam!

— Catrina, por favor...

— Não tente fugir da verdade, general! — continuou ela, com profunda amargura. — As circunstâncias foram tão sórdidas que preferiram não me contar, não é? Quem foi minha mãe? Uma alcoólatra? Uma prostituta?

Perturbado com o descontrole da Catrina, o governador decidiu encerrar aquele assunto que tendia a se transformar numa inútil discussão familiar.

— O único ponto de interesse para o Exército é determinar se existe ou não um laço de parentesco entre o capitão Ross e a Srta. Beaumont, cuja proximidade os torne culpados do ato que cometeram. Portanto, será necessário algo mais concreto do que uma simples afirmação sobre adoção desta senhorita pelo casal Beaumont.

— Eu sei... — murmurou Alice, sem erguer a voz. — Foi por esse motivo que vim pessoalmente até aqui, para fornecer esse fato concreto. A mãe dela... sou eu.

A sala parecia estar girando em torno de Catrina e ela não conseguia distinguir nada além de borrões indistintos. A verdade era tão simples! Tinha imaginado um escândalo sórdido, um fato sensacional demais e que justificaria o silêncio dos Ridgeway!

— Sinto muito, Alice, mas... — o coronel Gregson titubeava relutante em continuar. — Sabe como é o Exército, não? Precisamos de fatos mais específicos e... suponho que John não seja o pai, correto?

Incapaz de falar, ela apenas fez um gesto afirmativo com a cabeça. Altivo, o general Ridgeway aproximou-se de Alice e colocou a mão sobre o ombro da esposa.

— Em resumo, Alice e eu estávamos noivos quando meu regimento foi

enviado para a Índia — a voz do general era desprovida de emoção. — Ela estava passando por um período difícil e se sentiu atraída por um outro homem... uma pessoa com quem jamais poderia se casar. Sua melhor amiga, Mary Beaumont, era recém casada nessa época e as duas elaboraram um plano para que a criança fosse considerada filha dos Beaumont.

O choro angustiado de Alice levou o general a interromper seu relato para abraçar carinhosamente a esposa.

— Quando Dominic foi preso e trouxeram Catrina para o convento, Alice sentiu que não poderia mais manter em segredo história antiga. Confessou-me tudo e quis vir até aqui para revelar lhes tudo pessoalmente. Talvez possam avaliar o quanto foi difícil para ela tomar essa decisão e ter a coragem de enfrentá-los. Em consideração à dignidade de minha esposa, peço-lhes permissão para levá-la embora.

Catrina parecia ter perdido a capacidade de sentir qualquer emoção. A instintiva simpatia que sentira por Alice ao conhecê-la desaparecera para dar lugar a uma frieza hostil.

Como se tivesse lido os pensamentos da filha, Alice soltou-se dos braços do marido, aproximando-se de Catrina.

— Por favor... me perdoe.

A hostilidade se transformou numa aversão intensa. Jamais perdoaria aquela mulher que só revelava a verdade para salvar Dominic da corte marcial. Se esse fato não tivesse ocorrido, Alice jamais teria assumido o laço íntimo que as unia. Essa era a rejeição mais cruel que sentira em toda a sua vida.

— Quem era meu pai? — exigiu Catrina, vendo que o casal ia se retirar. — Eu o conheci?

— Não — murmurou Alice, num fio de voz. — Ele trabalhava em nossa casa... era um dos cavaleiros.

Foi quase impossível refrear o desejo incontável de dar uma gargalhada. Afinal, tudo não passava de uma história banal e bastante freqüente. Um viril e insinuante cavaleiro e a bela jovem entendiada pela ausência do noivo... nada de sensacional ou dramático!

— Por favor, vá até a minha tenda... preciso explicar-lhe...

Catrina não respondeu, desviando o olhar da porta por onde o casal se preparava para sair. Ela já estava concentrada em um outro assunto e mal continha sua euforia. Se não era irmã de Millicent, não existia nenhum obstáculo para o amor que sentia por Dominic! Essa alegria superava toda a angústia sofrida!

— Minha presença já não é necessária — declarou o governador ao coronel Gregson. — Você pode encarregar-se da liberação do capitão Ross. A detenção da Srta. Beaumont não foi oficial, portanto... deixo-os livres para decidirem o assunto.

Mal o governador saiu da sala, Catrina levantou-se, enfrentando o coronel.

— Onde está Dominic? Quero ir até esse lugar e esperá-lo com a notícia!

— Por favor, ouça-me por mais alguns minutos, Srta. Beaumont — a voz do coronel era excessivamente polida. — Há um ponto muito importante a ser considerado.

— Então seja breve, coronel.

— O capitão Ross estava muito perto de arruinar uma carreira brilhante quando Alice Ridgeway lhe ofereceu uma nova chance, ao revelar a verdade. Tem coragem de roubar-lhe essa segunda oportunidade, permitindo que ele perca tantos anos de luta para se tornar um oficial? Porque se Dominic casar-se com a senhorita... será o seu fim no Exército!

Todo o entusiasmo que levava Catrina a enfrentar o coronel desapareceu diante daquela afirmação categórica.

— Só... porque sou filha ilegítima?

— Esse é um dos problemas, mas há outros e bastante sérios. O fato de ser filha da Sra. Ridgeway torna o assunto mais picante, não acha? O Exército é uma comunidade e sua harmonia depende da adaptação de todos aos padrões exigidos. A senhorita já atraiu atenções demais sobre si e dificilmente se adaptará.

— Muitas calúnias foram levantadas, mas... é impossível apagá-las. — Catrina não escondeu seu cinismo. — As esposas delicadas de seus oficiais de boa família não me aceitarão... é isso que está insinuando?

— Seja sensata! A posição de Dominic se tornaria insustentável, assim como ficou a do general Ridgeway, e, como seu superior, ele também se veria obrigado a deixar o Exército. Mas o capitão Ross ainda é muito jovem, tem a melhor fase da carreira ainda a sua espera, muitas ambições e serem realizadas. Esse rapaz fez muitos sacrifícios para concretizar seu sonho. Arriscou-se a um rompimento definitivo com a família, que não aceitava a vida militar, e lutou a cada passo até conseguir a patente de oficial. Concorda que seria uma grande tragédia desperdiçar tantos anos de dedicação?

— Se Dominic tiver de escolher... ele ficará comigo!

— Eu sei senhorita. Foi justamente por isso que ainda não assinei a ordem para a liberação do capitão Ross. Há um navio prestes a partir para a Inglaterra, Srta. Beaumont. Se embarcar agora, estará permitindo que Dominic use a sua segunda chance.

— O senhor está pedindo demais! — Catrina retrucou desesperada.

— Seria a senhorita quem pediria demais se ficasse. Não se trata apenas de uma carreira perdida por causa de um casamento errado. A família de Dominic pertence à aristocracia rural, ele é o filho único e o herdeiro de tradições centenárias. Como acha que se sentiriam ao vê-lo casado com uma jovem cuja vida foi marcada por escândalos?

— Nós teríamos um ao outro...

— Realmente... só teriam esse fator positivo! Ele perderia os companheiros do Exército e os amigos de infância. Vocês se bastariam, é claro! A Srta. Beaumont não precisou renunciar a nada, pois todos os sacrifícios foram feitos por Dominic. Mesmo se ele não a culpasse disso no futuro, você poderia viver, sabendo que o privou de tantos privilégios? Será capaz de suportar a certeza de que seu marido trocou tudo no mundo por uma esposa?

Já não havia mais como lutar! Catrina admitiu a derrota diante de um destino que desde o início conspirara contra o seu amor.

— O senhor tem razão — murmurou ela, pálida e com a fisionomia desprovida de emoção. — Pode conseguir-me um lugar nesse navio que parte agora para a Inglaterra?

— Basta ir buscar seus pertences, Srta. Beaumont. O lugar já foi reservado quando o governador saiu, a meu pedido.

CAPÍTULO XXVI

O vento suave lentamente afastou o navio para longe do cais da cidade destruída pelos canhões inimigos. Entre as ruínas e à desolação causadas pela guerra ficavam também a inocência, as esperanças e o coração de uma jovem que chegara a três anos cheia de sonhos e partia sem ilusões.

A âncora fora levantada menos de cinco minutos após o embarque de Catrina e ela deixou de contemplar a paisagem familiar indo à procura da cabine que lhe fora destinada. Para seu profundo desagrado, iria partilhar aquele quarto minúsculo com mais cinco passageiras.

Aquelas mulheres eram todas casadas com oficiais do Exército e estavam voltando para a Inglaterra antes de seus maridos. Nenhuma delas ignorava quem era Catrina e, enquanto a recém-chegada colocava seus pertences embaixo do único beliche vago, não esconderam sua hostilidade. Os comentários ofensivos foram feitos em voz alta, como se a jovem não estivesse presente.

— Pensei que só seríamos obrigadas a suportar ratos e baratas!

— Devia haver um lugar especial para criaturas dessa espécie... um buraco sujo no porão!

— Não sei como vocês se sentem, mas eu já estou com náuseas e não é por causa do balanço das ondas!

Cerrando os dentes, Catrina terminou de acomodar-se, imaginando como sofreria durante semanas na companhia daquelas mulheres hostis. Quando o costureiro enjôo trouxesse a prostração total, elas a deixariam morrer, sem demonstrar a menor compaixão!

Embora tivesse decidido que não ficaria no convés para não sofrer ainda mais com a partida, também não podia permanecer naquele ambiente de clima insustentável. Resignada a se despedir de Gibraltar, Catrina procurou um canto isolado onde ninguém notaria suas lágrimas. O imponente rochedo logo desapareceria na bruma e finalmente se cortariam os laços com um período dramático de sua vida. Para Dominic, essa ruptura se faria quando ele lesse o seu bilhete, deixado com o coronel Gregson. Será que tornara convincentes as suas mentiras, destinadas a persuadi-lo de sua decisão de se afastarem para sempre?

“O choque causado por sua prisão e pela minha retenção no convento, seguidas pela confissão de Alice que revelou ser a minha verdadeira mãe, me abalaram demais. Não sou mais a mesma Catrina de antes e meu único desejo é ir embora de Gibraltar. Quero me afastar por completo de um período muito trágico de minha vida e apagar para sempre o passado. Perdoe-me e faça o possível para esquecer-se também.”

Enxugando as lágrimas, Catrina lembrou-se de Alice, à sua espera para lhe dar “explicações”! Como se palavras bem escolhidas pudessem justificar uma rejeição tão brutal e anular o fato de ter sido abandonada nas mãos de Lady Prudence!

Então, pela primeira vez, ela pensou naquela criatura amarga e impiedosa como sendo sua avó! Era até compreensível que a mãe não aceitasse a ligação da filha com alguém muito abaixo do seu nível social. Mas Catrina não

compreendia por que a implacável Lady Prudence aceitara receber em sua casa o fruto desse envolvimento vergonhoso quando os Beaumont decidiram não ficar mais com a criança a quem não amavam. Era ainda mais surpreendente que a velha mesquinha tivesse deixado toda a sua fortuna para a filha ilegítima de Alice!

Mas de que lhe adiantava reviver episódios tão sórdidos? Lady Prudence a tornara sua herdeira apenas para vingar-se de Alice e, como sempre, ela não passara de um objeto de manipulação! Ninguém jamais tivera a menor consideração pela pobre criança rejeitada. Seu pai, o cavaleiro rude e sem educação, nem sequer a vira e não podia preocupar-se com ela. A avó demonstrara apenas desprezo, sem dúvida por causa de sua origem humilde, e a mãe... nem todas as lágrimas de Alice a convenceriam de que não fora tratada com a mais profunda indiferença! Já não faria a menor diferença em sua vida saber qual das duas mães a tratara com mais frieza. Fora rejeitada por Mary Beaumont e Alice Welles, uma dupla rejeição que a tornava mais amarga e incapaz de perdoar. A Sra Riddgeway podia esperar até o Juízo Final e pedir perdão a Deus, porque Catrina recusava-se sequer a ouvir suas justificativas vazias.

— Bem... espero não voltar tão cedo a este lugar.

— Violet! — Exclamou Catrina ao ouvir a voz às suas costas.

— Você também conseguiu uma passagem neste navio?

— Sim... estamos no mesmo barco. Como nos velhos tempos! Era impossível não notar o contraste entre o vestido luxuoso de Violet e a roupa gasta e modesta de Catrina. Mas a mudança de Catrina não se resumiu à aparência. A mulher que voltava agora para a Inglaterra não tinha a menor semelhança com a jovem esperançosa que chegara... alguns anos. Nada se comparava aos "velhos tempos!"

— Oh, Violet... estou tão feliz por encontrá-la...

Então Catrina não conteve mais o pranto que vinha reprimindo com tanto esforço. Deixou que Violet a conduzisse até um camarote e chorou até esgotar as lágrimas. Quando finalmente recuperou o controle, notou o luxo da cabine que sua amiga parecia estar ocupando sozinha. Como as situações tinham se invertido!

— Agora, trate de se explicar, querida! — Violet estava realmente preocupada diante de tanto desespero. — Por acaso essa choradeira tem algo a ver com aquele homem que você sempre quis... o capitão Ross?

— Mas... você sabia?

— Ora, eu não sou cega! No instante em que você o viu no cais... já estava perdida! Porque ele não era o homem para você e agora precisará se conformar, certo?

— A situação é bem mais complicada... mas você tem razão, como sempre! Enfrentei a realidade e o melhor que eu podia fazer por Dominic era desaparecer da vida dele. — Pouco disposta a dar explicações, Catrina mudou de assunto. — Conte-me sobre a sua transformação, Violet. Está com uma aparência ótima e... de muita prosperidade!

— Os "galegos" gastavam verdadeiras fortunas comigo e guardei um bom dinheiro. Além disso, o Exército me pagava bem pelas informações que eu lhes trazia. — Violet deu uma risada alegre.

— Estão até pensando em me dar uma medalha. Imagine! É meio difícil

de acreditar, não acha?

— De modo algum! Você merece ser homenageada pelos perigos que correu. O que pretende fazer quando chegar a Londres?

— Quero abrir uma loja! Agora tenho capital suficiente e aprendi muito com um dos meus clientes. Esse francês sabia tudo sobre moda e este vestido foi desenhado por ele. Aprendi um bocado sobre a alta-costura francesa e, como sei costurar muito bem... Vou me arriscar. Pretendo ir buscar duas irmãs que trabalham numa fábrica e... farei sucesso, você vai ver!

— Tenho certeza de que sim, Violet. — Suspirando, Catrina levantou-se para ir embora. — Preciso voltar para a minha cabine. Sabe para onde devo ir na hora das refeições?

— Você está dividindo a cabine com outras passageiras?

— Sim... há cinco mulheres além de mim.

— E todas se comportam como se você fosse invisível, não é?

— Seria ótimo se elas só me ignorassem...

— Ótimo! Foi exatamente o que imaginei! Você vai ficar aqui comigo!

Vamos trazer sua bagagem para a minha cabine!

— Oh, Violet... você...

— Estou fazendo só o que você faria por mim. — Ela estendeu a mão para Catrina. — Vamos logo enfrentar as feras!

Violet foi reconhecida no instante em que entrou na cabine. As mulheres com quem Catrina fora condenada a conviver por semanas se tornaram ainda mais ofensivas quando viram as duas juntas. Mas a moça vivaz que aprendera a se defender nas ruas de Londres respondeu à altura as ofensas, deixando as damas requintadas à beira de uma crise de nervos.

— Bruxas velhas! — resmungou Violet, arrastando a amiga de volta para o seu camarote. — Quanto ao jantar, querida... os passageiros têm de ir até a cozinha buscar suas refeições, mas jeju já dei uma gorjeta para um marinheiro e ele vai trazer a minha bandeja para a cabine. Por mais umas moedas trará duas, embora eu já saiba que você não suporta nem o cheiro de comida!

Para surpresa de ambas, o costumeiro enjôo de Catrina não a perturbou naquela viagem. Ela finalmente se acostumara às viagens marítimas! Mas além dessa bênção havia outra: a presença de Violet, oferecendo-lhe o refúgio de seu camarote amplo e livrando-a das companheiras hostis, o que tornava agradável um período que, de outro modo, seria infernal.

No entanto, apesar da amizade crescente entre elas, Catrina custou muito a reunir coragem para revelar sua verdadeira situação. O fato de ter sido rejeitada duplamente, por Mary e por Alice, provocava— lhe uma vergonha inexplicável como se, ao admitir a rejeição, aceitasse ser uma pessoa incapaz de inspirar amor. Mas cansada de ouvir elogios sobre Ridgeway e sobre a afeição com que a haviam recebido, ela não se conteve por muito tempo.

— Vou lhe dizer como eles foram... magnânimos comigo Violet! — ela interrompeu mais um dos comentários elogiosos da amiga. — Não me refiro ao general, pois o pobre coitado nunca soube de nada, como eu. Sinto pena dele... não deve ser nada agradável descobrir, depois de tantos anos, que a esposa o traiu com um tratador de cavalos!

— Ei! Sobre o que está falando, Catrina?

— Alice Ridgeway é minha mãe.

Completamente aturdida, Violet sentou-se na cama, fitando a amiga com

os olhos arregalados.

— Deus do céu! Essa história é uma verdadeira bomba!

— Ah... ainda tenho mais munição! — continuou Catrina, com amargura.

— Alice logo percebeu como eu me sentia a respeito de Dominic. Também era a única, a saber, que não existia nenhum laço de parentesco entre nós, portanto, poderíamos nos casar após a morte de Millicent. E o que ela fez? Não abriu a boca, deixando— o ficar noivo de Dinah, e teria continuado bem quietinha até eles se casarem.

— Pobrezinha! — murmurou Violet, comovida.

— Pobrezinha mesmo! Todos os meus atos, considerados vergonhosos, todos os escândalos em que fui envolvida, enfim, tudo foi causado por um único problema... Eu acreditava piamente ser a cunhada de Dominic! E Alice presenciou em silêncio as minhas tragédias! Belo exemplo de amor materno, não acha?

— Pobrezinhas — repetiu Violet, insistente. — Você e sua mãe sofreram muito.

— Pois eu não sinto a menor piedade por ela. Eu sofri.

— Use a cabeça, querida. Procure imaginar como a Sra. Ridgeway se sentiu. Ela vivia apavorada... lembra-se quando eu falei sobre isso com você?

— Sim... e daí? Ela só ficou assustada porque queria salvar a própria pele. Tinha medo que eu descobrisse o seu segredo.

— Está muito enganada, querida! — Violet tentava acalmar a amiga exaltada. — Sua mãe tinha medo de revelar a verdade, demonstrando como se sentia a seu respeito. Ela sempre se manteve distante, não foi?

Catrina não tinha como responder, pois Violet, como sempre conseguia enxergar o íntimo das pessoas. No entanto, recusava-se a aceitar qualquer argumento capaz de diminuir seu ódio, minando a barreira de hostilidade que erguera em torno de seus sentimentos.

— Um dos marinheiros disse que o vento está favorável e se continuar assim, chegaremos amanhã.— Catrina mudou de assunto. — Acho melhor fazermos as malas.

Realmente, o vento a favor apressou a chegada ao porto e as duas contemplaram os penhascos brancos de Dover aproximando-se lentamente.

— O que vai fazer quando chegar a Londres, querida?

— Voltarei para a minha casa em Belgrávia... não tenho outro lugar para ir. Você irá me visitar, Violet?

— Claro! Assim que minha loja de vestidos ficar pronta vou procurá-la... juro!

O dia frio e escuro combinava perfeitamente bem com o estado de espírito de Catrina ao chegar diante da imponente mansão no elegante bairro de Belgrávia, onde ela passara quase toda a sua vida.

Depois de bater à porta por muito tempo sem ser atendida, ela deu-se conta do que acontecera. Após a morte do Sr. Stanmore, o filho não tinha autoridade para tratar de seus negócios e não pudera pagar os criados. Como sua carta devia ter demorado meses para chegar, o novo advogado não encontrou mais os serviais, que, sem dúvida, já haviam encontrado novos empregos.

Desanimada, ela dirigiu-se ao escritório de advocacia, onde foi recebida

por Godfrey Stanmore, um rapaz excessivamente gentil e por quem sentiu uma antipatia imediata. Ele confirmou suas suspeitas, oferecendo-se para contratar novos criados.

— Não tomei providências antes porque deduzi que a senhorita tivesse encontrado um noivo e não fosse voltar tão cedo...

Aquele comentário irritou Catrina ainda mais e, depois de ter a chave de sua casa, ela despediu-se secamente do Sr. Stanmore Júnior.

Finalmente ela podia entrar na casa onde ela e Alice tinham vivido quando eram crianças. Na sua época, os ambientes lúgubres pareciam nunca ter sido alegrado por risos infants... será que algum dia aquela mansão sombria fora menos triste?

Em todos os cômodos os móveis estavam cobertos por capas para protegê-los da poeira e Catrina não sentiu o menor desejo de retirá-las. Após a morte de Lady Prudence, ela se regozijara ao ouvir a opinião de um leiloeiro trazido pelo Sr. Stanmore. As peças maltratadas e gastas eram obras-primas e mereciam ser restauradas por peritos. A casa tinha recuperado seu antigo esplendor quando partira para Gibraltar, mas agora pouco lhe importava o fausto da decoração.

Catrina tinha passado numa mercearia para comprar mantimentos e as prateleiras cheias de todo o tipo de alimento a fizeram lembrar as privações sofridas durante o bloqueio. Como Londres era civilizada e pacífica em comparação a Gibraltar... e como era vazia! Sentindo uma profunda solidão, percorreu cada quarto da casa, rememorando seu prazer em restaurá-los. Agora trocaria todo o luxo dos cômodos impecáveis pelo abrigo de pedra e... por Dominic!

Mas, para sobreviver, precisava abafar esse tipo de recordação e recomeçar a viver. Sem muito ânimo, ela acendeu o fogo numa saleta que fora usada por Lady Prudence, pois era a menor e mais fácil de aquecer com pouca lenha. Mais tarde, arrumaria seu quarto, as outras salas...

O desânimo e a depressão de Catrina a impediram de tomar qualquer iniciativa. Ela comeu e dormiu aquela noite na saleta, de onde só saiu para comprar mantimentos. Os dias se passaram sem que qualquer interesse a tirasse daquele estado de apatia. Sua atividade resumia-se em ler os jornais, à procura de alguma notícia sobre Gibraltar que explicasse a ausência de uma única carta de Dominic.

Só agora Catrina admitia a frágil esperança de que ele se recusaria a aceitar sua mensagem e enviasse cartas exaltadas exigindo maiores explicações. Mas à medida que a situação se normalizava em Gibraltar e não chegava nenhuma notícia dele, ela chorou por mais uma ilusão perdida. .

Quando, semanas depois da chegada à Inglaterra, Violet veio visitá-la como prometera, encontrou Catrina acampada na saleta.

— Eu sei, eu sei! — resmungou ela ao ver a desaprovação da amiga. — Estou ficando tão cheia de manias quanto Lady Prudence, não é? Provavelmente, ficarei uma velha mesquinha, poupando cada centavo e culpando a pobreza pelas tristezas da minha vida!

— Pois é melhor mudar logo de atitude, querida! — Violet estava nitidamente perturbada. — Olhe, eu lhe trouxe um presente!

Catrina abriu o pacote e maravilhou-se com o vestido de lã verde, com debruns de veludo.

— É lindo! Foi você quem fez?

— Acertou! Já abri a loja e ela vai indo muito bem. Por que não me faz uma visita e encomenda um guarda-roupa novo? Eu teria uma cliente rica e você ficaria mais elegante. Logo faria novos amigos e...

— Onde, Violet? Por onde eu deveria começar? Não conheço ninguém a não ser aquele horrível advogado.

— Bem... a família do capitão Ross mora na Inglaterra. Por que não os procura e...

Catrina deu uma risada amarga.

— Sabe o que eu vou dizer a eles, minha amiga? Sou Catrina Beaumont, de quem provavelmente já ouviram falar e muito! Além de causar vários escândalos, fui à responsável pela prisão de Dominic, que quase enfrentou uma corte marcial. Poderiam deixar de lado minhas aventuras pouco decentes e apresentar-me a seus melhores amigos? Que tal, Violet?

— Desculpe-me, querida. Eu não tive uma idéia muito boa. Vamos tratar de vestidos, disse eu entendendo!

— Agradeço-lhe o presente, Violet. Além disso, aceito sua sugestão sobre um novo guarda-roupa. Você me ajudará a escolher, não é?

Aliviada, Violet ajudou Catrina a experimentar o vestido novo e ia prender-lhe os cabelos quando ouviram alguém batendo à porta.

— Está esperando visitas, Catrina?

— Não. Talvez seja o pastor que não tem me visto na igreja e veio me procurar.

— Quer que eu me livre dele, querida?

— Seria um grande favor, Violet. Não estou em condições de agüentar um sermão.

A demora de Violet foi tal que Catrina sentiu remorsos por ter submetido a amiga ao monólogo entediante do pastor sobre a frequência obrigatória à igreja. Então, a porta se abriu.

— Vou deixa-la sozinha com suas visitas, querida — declarou Violet, já se afastando. — Volto outro dia.

Em silêncio, ela viu o casal Ridgeway entrar na saleta Alice estava bem mais magra e seus cabelos haviam embranquecido por completo. Mas Catrina não sentiu nada além de raiva.

— O coronel Gregson contou-nos sobre a conversa que tiveram, Catrina — declarou o general. — Admiro a sua coragem.

— Como Dominic reagiu à minha partida?

— Ele é pouco comunicativo, você sabe. Além disso, Alice e eu estávamos nos preparando para embarcar.

Virando-se de costas, Catrina começou a mexer na lareira, para não ser obrigada a fitá-los.

— Sentem-se, por favor — murmurou ela, sem se virar. — Esta quente o suficiente?

— Minha querida...

— Quando chegaram à Inglaterra? — Catrina interrompeu Alice abruptamente. — Vocês partiram depois de mim...

— Já estamos em Londres há três semanas — mais uma vez foi o general quem respondeu. — Hobson e os criados vieram antes para preparar a casa que alugamos em Mayfair.

— Então deixou mesmo o Exército, general?

Antes que ele pudesse responder, Alice se antecipou:

— Preciso explicar-lhe tantos detalhes, Catrina. Você tem de me ouvir para entender. Se soubesse como era minha vida nesta casa... Mamãe era uma mulher dominadora, ridicularizava meu pai com suas ordens e quis me sujeitar às mesmas humilhações que ele suportava.

— Vou preparar um chá — interrompeu Catrina novamente, disposta a não ouvir Alice. — Já volto

— Ótima idéia! — concordou o general, por que não a ajuda, Alice?

Contrariada, ela foi seguida pela sra. Ridgeway, Rideewav, que perdeu um longo tempo examinando a cozinha.

— Sabe que eu nunca tinha entrado aqui? Na minha época, havia uma cozinheira e mais de dez criados, mas nossos mundos eram bem separados. o

— O meu mundo se resumia a preparar as refeições quando a cozinheira estava bêbada demais ou limpar a casa quando a criada incompetente esquecia-se de fazê-lo. Ah! Além disso, eu cuidava de Lady Prudence, apesar de toda a minha revolta. Mas agora eu compreendo melhor essa situação, pois é bastante adequada à filha ilegítima de um criado!

— Você está tão amarga — murmurou Alice, à beira das lágrimas.

— Tenho motivos suficientes!

Alice abriu a boca para falar, mas, arrependida, esperou alguns instantes até fazer um pedido formal.

— Enquanto a água não ferve, poderíamos ver o resto da casa? Eu gostaria de lhe mostrar onde ficava o meu quarto.

— Como quiser — replicou Catrina, seca. Qualquer atividade seria melhor do que ser obrigada a ouvir as desculpas esfarrapadas de Alice.

— Esta casa sempre foi triste e sem calor humano... e ainda é!

Catrina ia protestar, dizendo que havia restaurado toda a decoração, mas não podia contestar Alice. A tristeza parecia ter-se impregnado nas paredes daquela mansão lúgubre.

— Se o que eu espero encontrar em meu quarto ainda estiver lá, você ficará sabendo dos detalhes sobre os quais não consigo falar. É este aqui, Catrina.

Aquele cômodo sempre fora usado como quarto de despejo por Lady Prudence, que guardava ali os móveis quebrados e outras peças inúteis. Como a velha senhora fora implacável e vingativa! E, bem no fundo de sua amargura, Catrina sentiu o desejo de ser tão maldosa quanto à avó, contando a Alice a perversidade da mãe!

Mas a Sra. Ridgeway já atravessara o quarto vazio, ajoelhando-se diante da janela sob a qual havia uma banquetta. Abrindo as portas do pequeno armário abaixo do assento, ela tateou até remover uma tábua da parte traseira e depois retirar da parede um objeto empoeirado e coberto por teias de aranha.

— Como você, eu sempre tive um diário. — Alice limpou o caderno de capa azul, com seu lenço. — Muitas vezes eu me perguntei por que decidi não levá-lo comigo quando deixei esta casa. Talvez tenha sido para guardá-lo tão bem que um dia você pudesse lê-lo. Não sei, mas... por favor, Catrina. Leia com atenção depois que formos embora. Agora... que tal tomarmos o chá?

Catrina aceitou o diário das mãos de Alice sem a menor intenção de abri-lo. Podia imaginar as tolices inconseqüentes de uma jovem romântica e suas descrições apaixonadas dos encontros com o amante. De nada lhe adiantaria ler o romance do passado, pois o grande crime fora permitir que a criança nascida dessa ligação crescesse sem amor ou carinho, nas mãos de uma mulher amarga.

Carregando a bandeja para a saleta, ela ouviu a voz de Alice dirigindo-se ao marido, como se pressentisse que Catrina não aceitaria ser envolvida naquela conversa.

— Eu comecei este diário logo depois de sua partida para a Índia, John. É impossível descrever como a vida nesta casa ficou difícil! Meu pai tinha morrido e mamãe parecia ter perdido o juízo. Ela já havia afastado todos os parentes e amigos com sua intolerância e quando percebeu que ia se tornar uma solitária exigiu o rompimento de nosso noivado.

— A pobre velha provavelmente sentia tanto medo de ficar sozinha porque não gostava de si mesma.

— Talvez, John. Mas na verdade ela precisava de alguém para dominar. Pensei que fosse enlouquecer com a insistência dela, dia e noite me atormentando. Minha única amiga, Mary, estava recém-casada e totalmente envolvida em sua nova vida... Eu precisava de uma companhia, alguém que me ouvisse sem fazer críticas ou exigências...

— Estou perfeitamente ciente do que vocês dois pretendem — interrompeu Catrina, ríspida. — Estão tentando encontrar desculpas para um fato imperdoável. Mas eu passei toda a minha vida com o peso de saber que havia sido rejeitada, portando não vejo a menor diferença em decidir quem realmente me abandonou. Mary ou Alice... tanto faz para mim!

— Desculpe-nos, Catrina. — O general Ridgeway levantou-se e ajudou a esposa a erguer-se do sofá. — Eu tinha uma leve esperança de que você estaria disposta a ouvir Alice, mas me enganei. Ainda se sente traída, não é? Talvez o tempo ajude todos nós... o endereço é Cadogan Square, número quinze. Procure-nos quando tiver condições de compreender.

— Mais uma vez, perdoe-me, Catrina — murmurou Alice, sem controlar as lágrimas. — Nunca deixei de pensar em você... leia meu diário, sim?

Sem responder, Catrina os viu sair. O diário não seria lido nunca! Sua grande tristeza era não ter recebido nenhuma mensagem de Dominic através dos Ridgeway. Diante de tanta indiferença, só lhe restava esquecer um amor que tinha se desfeito. Jogando o diário sobre uma prateleira, ela decidiu esquecer aquele período trágico de sua vida.

CAPÍTULO XXVII

Quando o visitante que não desistia de bater à porta forçou Catrina a reagir contra a apatia, ela viu-se diante de Violet carregando consigo várias pastas com desenhos de suas novas criações.

— Então, querida? Esperei uma semana inteira pela sua visita, mas cansei e vim à sua procura. — Violet examinou atentamente a fisionomia da amiga. — Acertou os ponteiros com a sua mãe?

— Nem vou acertar! Se ela tivesse contado a verdade depois da morte de Millicent, eu e Dominic poderíamos ter nos casado e talvez fosse possível até esquecer a minha infância. Mas Alice pensou apenas em si própria, ficou calada e por isso o perdi. Nunca a perdorei! Agora, chega desse assunto! Vamos ver os seus desenhos, Violet!

Durante meia hora, as duas planejaram os novos trajes, discutindo aviamentos, enfeites e os tecidos a serem usados. Violet, porém não desistia ainda!

— Tente se colocar na posição de sua mãe, querida. Estávamos em Gibraltar cercados por milhares de inimigos e nossos soldados... como aquele miserável do Eddie, só pensando em desertar, passando para o lado dos espanhóis. A Sra. Ridegway não era uma qualquer! O marido dela era um general, alguém no alto comando e que precisava estar bem tranqüilo para trabalhar e descobrir um modo de nos proteger. Imagine o que aconteceria se a mulher dele perdesse a cabeça e confessasse sua loucura? “Tenho uma filha ilegítima cujo pai era um rapaz tão atraente que fui para a cama com ele antes do nosso casamento!” Já pensou o caos que essa declaração iria provocar? O pobre homem ficaria transtornado, não conseguiria dar ordens para os oficiais e os soldados fariam a festa, fugindo para o outro lado da Linea ou saqueando a cidade. O inimigo teria nos vencido sem disparar nenhum tiro, querida!

Catrina permaneceu em silêncio por alguns minutos e então fitou a amiga com um olhar duro.

— Eu preferiria uma lã pesada e não veludo para o casaco longo. Ali! E o forro precisa ser de seda. O que acha de dois tons fortes de verde? Será que pode me trazer algumas amostras de tecido quando voltar amanhã?

Suspirando, Violet resignou-se a desistir do assunto, concentrando-se em ajudar Catrina a escolher o modelo dos outros vestidos. Na manhã seguinte, porém, ela já entrou no vestibulo, pronta para mais uma discussão.

— Por que a sua mãe a deu a Sra. Beaumont? Ou melhor... por que essa mulher a aceitou, deu-lhe o sobrenome e depois a entregou para aquela bruxa velha?

— Não sei e...

— Deixe-me terminar, Catrina! — Violet estava prestes a perder a paciência. — Sua mãe deve ter explicado tudo, tem de haver um motivo!

— Ela me deu seu diário... Disse-me que lendo seria mais fácil entender.

— Então, leia de uma vez, por favor! — aconselhou Violet, transtornada. — Não quero ver uma pessoa amorosa como você acabar amarga e com um coração de pedra... como aquela velha maluca! Adeus!

O argumento de Violet soou como uma ameaça aos ouvidos de Catrina.

Não suportaria ter nenhum traço em comum com Lady Prudence, e hesitantemente, pegou o diário coberto pela poeira de vários dias.

“Acordei decidida a passar algumas horas longe desta casa infeliz. Eu ia visitar Mary e Rodney Beaumont, apesar de estarem ainda em lua-de-mel e preferirem ficar sozinhos. Mas não fui além das cavalariças, pois encontrei um rapaz surpreendente e tivemos uma conversa ainda mais espantosa! Ele chama-se Patrick Fogarty e foi contratado por meu pai pouco antes de sua morte.

“Corno eu gostaria de passar para o papel o ritmo melodioso da fala de Patrick! Ele transforma cada sentença em uma frase poética e tem pontos de vista firmes e completamente inusitados. Além disso, é tão bonito! Têm cabelos cor de cobre e os olhos verdes mais ternos que já pude ver. Depois de ouvir constantemente a voz estridente de minha mãe, me criticando e censurando sem parar, foi um verdadeiro bálsamo conversar com ele.

Como não teve dinheiro para cursar uma escola de bom nível, Patrick estudou sozinho e sabe de cor os poemas de Carey. Prometi emprestar-lhe os meus livros de poesia.

Pondo de lado o diário, Catrina foi até o espelho. Agora sabia de quem herdara a cabeleira ruiva e os olhos muito verdes. Seu pai começava a se tornar uma pessoa real. Não era um sedutor qualquer, sem refinamento, como imaginara.

Catrina recomeçou a leitura, mas embora interessada e curiosa, sentia-se acanhada por estar devassando a intimidade de uma jovem descobrindo o amor. No diário, Alice confessava os pensamentos mais íntimos, que não se revela a ninguém! A jovem Alice estava se apaixonando perdidamente por Patrick. Ela falava das qualidades únicas do seu amor: da sensibilidade, do talento poético, do senso de humor. Elogiava o poema em versos brancos que ele escrevia nas horas livres, encantava-se com as pestanas espessas e o cabelo sedoso e brilhante. Nesse período de encantamento, não mencionava mais ninguém além dele. A mãe, John Ridgeway, a amiga Mary tinham desaparecido de um mundo onde só existia Patrick Fogarty.

Na manhã seguinte, Violet viu o diário sobre a mesa ao lado do sofá onde Catrina dormia.

— Ah! Começou a ler?

— Sim, eu... — Catrina hesitou. — Até agora foi muito fácil de compreender. Alice estava tão apaixonada por meu pai quanto eu por Dominic.

— Por falar no capitão Ross... não entendo como ele aceitou a sua fuga precipitada sem criar uma tremenda briga!

— Provavelmente ele ouviu o mesmo sermão que eu! Como o Exército jamais aceitaria que Dominic se casasse comigo, não lhe concederam uma licença para sair de Gibraltar atrás de mim!

A resposta talvez satisfizesse a Violet, mas Catrina não se conformava de não ter recebido nenhuma carta ou ao menos um recado enviado através dos Ridgeway. Para não pensar em Donnmc, ela retomou a leitura do diário e soltou uma exclamação de compaixão.

“ Oh Deus! Eu preferia ter morrido! Mamãe descobriu tudo! Sem dúvida, algum dos criados nos viu juntos e logo a história se espalhou. Quando eu cheguei aos estábulos hoje cedo, soube que ela tinha chamado Patrick na noite anterior e o forçou a partir antes de o sol nascer. A esta hora está a caminho

da Irlanda porque não teve outra alternativa a não ser aceitar as imposições de minha mãe. Ela ameaçou não lhe fornecer referências se não fosse embora imediatamente. Deu-lhe dinheiro para pagar a passagem, mas se ele ousasse ficar na Inglaterra, o acusaria de ter roubado essa quantia. Como vou viver sem Patrick...”

As sentenças seguintes estavam ilegíveis, nitidamente borradas pelas lágrimas da jovem Alice. Com um nó na garganta, Catrina forçou-se a continuar:

“Mamãe ordenou-me que fosse até seu quarto após o café da manhã. Ela me ofendeu tanto que cheguei a sentir-me fisicamente mal. Mas meu maior pecado parece ser o fato de ter me rebaixado a manter relações com um simples cavaleiro. Se eu soubesse onde encontrá-lo, iria embora imediatamente desta casa horrível para ficar com ele por mais humilde que fosse a nossa vida.” Só após algumas semanas o relato do diário fora retomado e logo Catrina soube por que a jovem não escrevera.

“Agora eu realmente fui atingida pela tragédia! Pensei que não houvesse desespero maior do que perder meu amor, mas estava enganada. Depois de ter passado mal durante duas semanas, mamãe me explicou o motivo desse terrível enjôo matinal. Vou ter um filho de Patrick! Apesar do escândalo, eu me senti feliz por ter conservado em mim uma partezinha dele, mas minha alegria foi muito breve. Não poderei ficar com o bebê!

“Apesar da fúria e do desprezo que mamãe demonstrou, ela não está tão aborrecida quanto parece. A minha tragédia me deixa à mercê dela. Exigiu que eu escrevesse uma carta a John, terminando o nosso noivado para dedicar minha vida a ela! Mamãe já decidiu me levar para uma cidade pequena onde terei meu filho e então entregará a uma família que pertença às classes mais baixas como a do pai! E eu ficarei presa pelo resto da vida a uma mulher dominadora e cruel!

“Deus do céu! Mamãe jamais desistirá de me escravizar, ainda mais agora que tem essa arma contra mim!”

Catrina estava tão abalada pelo relato que interrompeu a leitura e chorou um longo tempo pela jovem que deixava nas folhas do diário um retrato muito nítido de seu desespero.

Quando Violet chegou, trazendo os vestidos para Catrina experimentar, viu as olheiras e a palidez intensa da amiga.

— Foi tão terrível assim, querida?

— Lady Prudence deve ter sido a mulher mais perversa que já existiu, Violet! Eu sempre achei que tinha sofrido muito ao lado dela, mas escapei de um destino pior porque ela só sentia desprezo por mim. Apesar de tudo, ela amava Alice e por esse amor foi capaz de cometer os atos mais cruéis! — Catrina hesitou, fitando a amiga com ansiedade. — Será que você pode terminar os vestidos sem que eu precise experimentá-los mais? Tenho que ler o diário até o fim e então decidir...

— Não se preocupe, querida. Eu e minhas irmãs faremos as peças que você já experimentou e voltarei com todas prontas daqui a três dias.

— Obrigada, Violet. Eu realmente preciso de tranquilidade para ler e pensar sobre tudo o que aconteceu no passado.

Durante vários dias, a jovem Alice apenas anotou alguns acontecimentos onde demonstrava sua angústia.

2ª feira, 8 de junho

"Fui à casa de Mary e contei-lhe toda a verdade. Rodney vai voltar em breve para o regimento, pois terminou a licença que lhe concederam para a lua-de-mel. Mamãe continua me pressionando para que eu escreva uma carta terminando meu noivado com John."

5ª feira, 11 de junho

"John é minha única esperança, a derradeira chance de fugir do cativeiro planejado por mamãe. Sei o quanto é errado usar uma pessoa tão boa como ele, mas não tenho mais forças. Estou desesperada! Terei coragem de confiar nele, implorando o seu perdão? Mary e Rodney discordam dessa possibilidade. Não acreditam que homem algum possa perdoar uma traição como a minha. Rodney acha que ele até concordará em casar-se comigo, mas jamais permitirá que eu fique com o bebê."

3ª feira, 16 de junho

"Já não sei mais como suportar a pressão! Mamãe não me deixa em paz nem por um momento. Fala do meu bebê ainda por nascer como se fosse um monstro, simplesmente porque o pai não pertencia à nossa classe social. Oh, meu Deus... Eu quero tanto essa criança, quero tanto ir para junto de Patrick! E, ao mesmo tempo, tenho medo de me arriscar em vão e perder minha única chance de salvação, o casamento com John. Ele é a última esperança de fugir de uma vida terrível... uma existência árida, sem meu bebê, sem Patrick e sem esperança."

6ª feira, 19 de junho

"Hoje eu implorei a Mary, em nome de nossa amizade, que me ajudasse e conseguir convencê-la. Ela, Rodney e eu elaboramos um plano e jamais poderei lhes agradecer o que irão fazer por mim. O regimento não retornará para a Inglaterra até depois do nascimento do meu filho e dificilmente John conseguirá uma licença nesse período. Mamãe está fora de si e jurou que não mais me considerará sua filha. Diz que pequei e nada me livrará de pagar pelos meus erros por todo o resto de minha vida.

"Mas, mesmo assim, partirei amanhã com Mary e Rodney para Islington, onde ninguém nos conhece. Rodney partirá dois dias depois de nossa chegada à cidade para reunir-se ao seu regimento. Por sorte, Mary não tem nenhum parente e a família de Rodney mora na Escócia! É bem possível que nosso plano tenha sucesso, pois minha mãe não será tão perversa a ponto de provocar um escândalo de grandes repercussões em todos os jornais. Eu me registrarei no hotel como Sra. Beaumont e Mary passará a ser Alice Welles. Quando o bebê nascer, mudaremos de hospedaria e, com a criança registrada como sendo de Mary, esperamos pela volta de Rodney e John.

"Só peço a Deus que me perdoe tantas mentiras, e que John nunca

descubra a verdade. Não suportaria ver em seu rosto a decepção por ter sido escolhido como minha salvação e não por amor.

“Não voltarei a usar este diário, pois a partir de amanhã serei Mary Beaumont, uma jovem casada e à espera de um filho querido. Meu único consolo é que a amizade entre nós duas sempre foi inabalável e como John e Rodney pertencem ao mesmo regimento, estarei sempre por perto e verei meu querido bebê crescer e se tornar parecido com o único homem com quem eu poderia ser feliz.”

Catrina chorou durante horas pela jovem infeliz e desesperada que, depois de tanta luta, tinha finalmente perdido a chance de ver sua filha crescer. Por que isso acontecera? Apesar das explicações do diário, havia muitas dúvidas a serem esclarecidas. Ela só poderia sentir-se em paz quando soubesse toda a verdade!

Foi Hobson, o mordomo, quem atendeu Catrina, recebendo-a como se não a visse apenas a poucas horas e todas as tragédias e crises de Gibraltar jamais tivessem acontecido.

— O general e a Sra. Ridgeway estão na sala de visitas. Avisram-me para conduzi-la até eles tão logo chegasse, senhorita.

Mas o general já ouvira as vozes e veio até Catrina curvando-se para beijar-lhe a mão. Ela ainda estava na porta da sala de visitas quando viu Alice, com lágrimas nos olhos e, sem um momento de hesitação, abriu os braços para a mãe, perdendo-lhe um passado de sofrimento mútuo.

— Conseêui abrir seu coração para mim, Catrina? Conseguirá me perdoar?

— Não há nada a ser perdoado, Alice.

— Ah! Ainda me sinto tão culpada! Eu devia ter contado toda a verdade antes da prisão de Dominic. Tantas tragédias teriam sido evitadas!

— Você foi corajosa o suficiente para contar tudo no momento certo. Não a culpo por não ter falado nada após a morte de Millicent, Alice. Afinal, essa confissão destruiu sua reputação e...

— Eu não estava pensando em mim, querida. John dedicou toda a sua vida ao Exército e não havia a menor dúvida de que minha revelação o forçaria a se afastar do regimento. Como realmente aconteceu...

O general, percebendo a angústia da esposa, abraçou-a.

— Pare de assumir toda a culpa, Alice querida. Na verdade, estou bem contente por ter mais tempo para ficar ao seu lado.

Mas Catrina viu a expressão do general, e sentiu pena daquele homem que parecia perdido sem o uniforme e em um mundo onde não existia mais o companheirismo de uma comunidade.

— Não pense que a preocupação com a carreira de John foi o único motivo do meu silêncio, Catrina. Após o casamento, apaixonei-me por meu marido e percebi que meu amor por Patrick tinha sido um sonho romântico de adolescente. Então, o terror de perder esse amor impedia-me de reconhecê-la como minha filha. Era uma escolha difícil... ou você ou ele! Não levei em conta a possibilidade de John me perdoar, julguei que me desprezaria ao saber do meu passado.

— Não era algo completamente secreto, não é? Lady Prudence e os

Beaumont sabiam de tudo!

— Mary e Rodney foram meus cúmplices. Eles assumiram a paternidade da criança diante do mundo.

— Então por que me rejeitaram? — perguntou Catrina, perplexa. — Se foram capazes de um ato tão generoso antes do meu nascimento, por que se arrependeram depois?

— Eles não tiveram escolha. Quando minha mãe se resignou a não interferir em nossos planos, julgamos que tivesse se calado só por medo de um escândalo. Nós não imaginávamos que ela fosse tão diabólica! Após seu nascimento, colocou-nos diante de um dilema. Os Beaumont poderiam ficar com você por três anos, mas depois disso teriam de entregá-la à sua custódia!

— Mas... por quê? — exclamou Catrina, revoltada.

— Realmente, é inacreditável, não acha? — Alice sorriu com amargura. — Ao assumir a sua custódia, minha mãe estava me ferindo mortalmente, e também conseguia a companheira que lhe tornaria a velhice menos solitária. Considerava-se a única pessoa capaz de criá-la sem vícios num ambiente de respeito. Caso não aceitássemos as suas condições, ela revelaria tudo a John e aos nossos amigos.

— Lady Prudence jamais demonstrou afeição ou sequer consideração por mim!

— Ela não a via como uma neta. Em sua mente distorcida, você não passava de uma criança, desprezível por sua origem humilde. Nós não ignorávamos que você jamais seria amada, porém não era possível evitar a situação. Eu perderia John, e Rodney seria expulso do regimento... como poderiam enfrentá-la? Então, como iriam perdê-la, os Beaumont procuraram não se apegar à criança que logo lhes seria tirada. Quando Millicent nasceu, dedicaram-lhe o amor que tinham evitado sentir por você.

A cada nova revelação, Catrina se compadecia mais do sofrimento de Alice. Como devia ter sido terrível ver a própria filha privada do carinho dos pretensos pais e sabendo que, aos três anos, a pobre criança seria entregue aos cuidados de uma mulher vingativa e cruel!

— Ainda fiz uma última tentativa — continuou Alice. — Quando você fez três anos, vim pessoalmente entregá-la a minha mãe para implorar-lhe que reconsiderasse sua exigência. Ela foi implacável. Não só recusou-se a me ouvir como também me proibiu de pisar em sua casa pelo resto de minha vida. A única concessão foi permitir que os Beaumont a visitassem e só quando você foi para Gibraltar eu descobri o motivo dessa... generosidade! Eles sempre me pouparam, calando-se sobre a vida terrível que você levava ao lado de minha mãe. Quando me contou sobre sua infância, percebi que ela queria me punir através de seu sofrimento, pois eu saberia de tudo pelos relatos de meus amigos! Não pensou que...

Ela foi interrompida por Hobson avisando que o jantar estava pronto para ser servido. Aceitando o convite do casal, Catrina jantou com eles, encantada com o ambiente aconchegante que Alice conseguira criar numa casa alugada e fria, onde ainda não colocara seus próprios móveis. A mansão em Belgrávia jamais tivera esse calor humano!

— Por que Lady Prudence deixou tudo para mim? — Catrina ainda não se dera por satisfeita. — Afinal, ela me desprezava tanto!

— Eu impus essa condição antes de deixá-la com minha mãe e nunca tive

dúvidas de que seria atendida. Nada lhe daria tanto prazer quanto chamar o advogado para mudar seu testamento, deixando tudo para sua afilhada. Com esse gesto, repudiava a filha, privando-a de uma herança legítima. Mesmo assim, eu rezei muito, pedindo a Deus que ela não mudasse de idéia. Depois, como você mesma disse, a velhice tornou-a tão avarenta que nem sequer se lembrava de sua fortuna.

Catrina entendeu todos os sofrimentos do passado e finalmente sentiu-se em paz. Com o coração leve, ela elogiou o jantar e aceitou o excelente vinho oferecido pelo general. Sua descontração encorajou Alice e fazer-lhe um pedido.

— Nós vamos para Bath amanhã. Já compramos uma bela casa em frente ao Hyde Park e, enquanto Hobson a prepara para nos receber, iremos descansar e nos distrair, pois estamos no auge da temporada. — Alice a fitava, ansiosa. — Por que não nos acompanha... e na volta, vem viver conosco? Sua casa é grande demais, triste e...

— Sem dúvida alguma! — O general apoiou a idéia com entusiasmo. — Se você tiver um lugar em seu coração para receber-me como pai, eu me sentirei honrado e muito feliz.

Comovida, Catrina queria agradecer aquele casal amoroso que a recebia de braços abertos. No entanto, não tinha coragem de afastar-se da casa em Belgrávia. Se Dominic escrevesse uma carta ou a procurasse... como a encontraria?

— Seria tão bom se você fosse conosco, Catrina — pediu Alice quando o general foi fumar seu charuto na biblioteca. — Jonh precisa distrair-se! Ele tenta esconder sua inquietação, mas é evidente que se sente deslocado e deprimido por não pertencer mais ao Exército. Agora que o regimento está se transferindo para a Índia, o pobre John vai ficar...

Catrina não ouvia mais. Chocada, foi até a janela para esconder seu descontrole.

A ida de Dominic para a Índia significava o fim da mais tênue esperança. Sem dúvida, ele aceitara que não existia possibilidade de um futuro em comum...

— Aceito seu convite, Alice. — Ela tentou falar com firmeza. — Só não posso partir amanhã com vocês. Estou renovando meu guarda-roupa. Violet ainda não conseguiu prender minha atenção o tempo suficiente para escolhermos todos os modelos. Só tenho o vestido que estou usando. Talvez eu possa viajar no início da próxima semana.

O general Ridgeway entrou na sala a tempo de ouvir o final da conversa e imediatamente recusou-se a partir sem Catrina. Mudariam a data da partida a fim de viajarem juntos, como uma família unida!

Já pronta para ser levada para casa na carruagem dos Ridgeway, Catrina não conteve um gesto impulsivo de afeição. Abrindo os braços, envolveu o casal que agora constituía sua família. Perdera Dominic para sempre, mas ao menos ganhara um pai afetuoso e uma mãe que sofrera muito e lhe dedicara grande afeição.

Aquela era uma noite tipicamente londrina, com o nevoeiro cobrindo a cidade e tornando a visão quase nula. Ao descer da carruagem Catrina não enxergava a porta de sua casa e, depois de agradecer ao cocheiro dos Ridgeway, ela atravessou o jardim invadido pela neblina.

Procurando a chave na bolsa, ela só percebeu uma sombra às suas costas quando já não havia como fugir. Em pânico, Catrina recuou disposta a gritar por socorro quando ouviu a voz grave.

— Eu já estava disposto a arrombar a porta.

— Dominic!

— Pelo amor de Deus, vamos entrar. Estou ficando congelado... cheguei há mais de três horas!

Catrina abriu a porta, sentindo o coração bater descompassado. Perturbada, mal conseguia acender as velas do vestíbulo

— Você não me mandou uma única carta! — reagiu, afinal, desabafando toda sua mágoa.

— Por um motivo muito simples, Catrina. Eu sabia que a casa de Lady Prudence era em Belgrávia e este bairro é bastante extenso. Você não imagina como foi difícil encontrá-la!

— E por que veio? Você não devia estar na Índia junto com seu regimento?

— Será que não podemos conversar em outro lugar? Esse vestíbulo é extremamente frio!

— Desculpe-me — murmurou ela e, segurando um castiçal, conduziu-o até a saleta onde se acostumara a ficar nos últimos tempos.

Dominic reavivou o fogo da lareira enquanto Catrina acendia todas as velas do cômodo. Ela já estava voltando para o meio da sala quando foi abraçada com ardor. Disfarçadamente, virou o rosto para fugir de um beijo.

— Por sorte, passou-se tempo suficiente desde nosso último contato e minha fúria diminuiu. Como você pôde ter a ousadia de decidir tudo por conta própria? Por que não me deu a oportunidade de expor o meu ponto de vista?

— O coronel deixou bem claro a situação em que você ficaria se nós nos casássemos.

— Ele não tinha o direito de interferir! — a voz de Dominic indicava que sua raiva não havia desaparecido por completo. — Vamos sentar, pois a conversa será longa!

Relutante, Catrina se deixou levar até o sofá, mas sentou-se bem distante dele.

— Quase enlouqueci tentando encontrá-la, Catrina. Todos os papéis referentes à família de Millicent perderam-se no incêndio e só depois da partida dos Ridgeway lembrei-me de que não tinha o seu endereço. Então, também não pude encontrá-los, pois ignorava para onde tinham ido. Eu já estava disposto a bater de porta em porta até descobrir qual era a sua casa quando me lembrei de sua doação para a Casa Lucinda Ross. — Dominic parou de falar e, segurando a mão de Catrina, puxou-a para mais perto dele. — Eu já tinha estado na casa de meus pais, em Sussex, várias semanas e voltei para Londres. Fui até o quartel-general, onde, finalmente, achei o nome do advogado que toma conta de seu patrimônio e forcei-o a dar-me o seu endereço.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta, Dominic. Por que não está na Índia?

— Deixei o Exército.

— Oh, Deus! — Ela levantou-se de um salto. — Eu sempre alimentei essa esperança, mas... você não pode, em hipótese alguma, abandonar sua carreira

por minha causa. É um sacrifício grande demais e...

— A decisão já foi tomada, Catrina — interrompeu ele. — Como pôde pensar que eu a abandonaria depois de tudo o que houve entre nós?

— É seu regimento que você não pode abandonar! Diga-lhes que mudou de idéia, por favor! — Catrina estava descontrolada. — Se não agir assim, acabará me odiando mais tarde. Basta olhar para o general Ridgeway e você verá que eu tenho razão. Ele ama a esposa, mas parece estar perdido no mundo agora que deixou o Exército. No entanto, já é velho e teria, no máximo, um ou dois anos de vida ativa. Seu caso é diferente! Ainda existe uma brilhante carreira à sua espera, terá muitos anos para alcançar o posto de general e, se não o fizer, se sentirá um fracassado.

— Caso você não saiba, existem inúmeras opções satisfatórias além da carreira militar, querida. Pretendo assumir o controle das propriedades da família e talvez me torne um membro do Parlamento.

— Mas foi justamente dessa vida que você fugiu para ingressar no Exército! Era sua razão de viver!

— Realmente... mas, como muitos amantes desiludidos, comecei a ver os defeitos do que há pouco tempo havia sido amor cego. Pode imaginar como me senti ao perceber que meus superiores tinham esperado até ganharmos a guerra, quando já não havia mais necessidade de meus serviços, para me prenderem? Ou minha raiva quando soube que Gregson a havia convencido a partir sem sequer se despedir de mim? Ah! A desilusão foi definitiva!

Ajoelhando-se diante da lareira, Catrina ficou de costas para Dominic, decidida a evitar que ele cometesse um erro doloroso.

— Gregson mencionou vários outros problemas além de sua posição no regimento, Dominic. Sua família é muito unida e me recuso a causar um rompimento entre vocês. Por mais que tente dourar os acontecimentos, minha má reputação seguirá sempre comigo e seus pais logo saberão de tudo!

— Eles já sabem e não precisei “dourar” nada! — Dominic ajoelhou-se ao lado de Catrina. — Conte-lhes tudo, querida. Era muito importante para nós dois que minha família a aceitasse de braços abertos. Um dia, você me disse que seria bom pertencer a uma família grande e unida, e quis certificar-me de que todos a receberiam com amor.

— Mas... como podem me aceitar se contou tudo?

— Comecei falando-lhes sobre meu casamento infeliz com Millicent. Então contei como você tratava de Lucy e como assumiu todos os encargos da casa depois da fuga dos criados.

— Mesmo assim, deve ter suprimido alguns detalhes, ou eles jamais me receberiam.

— A família inteira está ansiosa por conhecê-la, querida. Meu pai quer saber como você conseguiu criar verduras e legumes em condições tão desfavoráveis. Minha mãe não escondeu sua admiração por uma jovem capaz de cortar um boi em pedaços para vender as peças de carne no mercado. Ah! Também quer a sua receita de sopa feita com folhas de dente-de-leão. E as minhas irmãs mal podem esperar a hora de apresentar uma jovem de passado romântico como o seu à sociedade provinciana de Sussex.

— Acharam romântica a minha degradação nas mãos de Jake Farraday? — Catrina perguntou com amargura.

— Quanto a esse detalhe... meu pai acusou-me de covarde por não ter me

arriscado a uma corte marcial desafiando Jake para um duelo.

— Deus do céu! Você realmente tem lábia, Dominic! Como conseguiu tornar aceitável o fato de minha ilegitimidade? Ou as origens humildes de meu pai?

— Ah! Ainda bem que você mencionou esse assunto. Antes de partir Alice contou-me tudo e eu fiz uma pesquisa discreta entre os oficiais de famílias irlandesas. Você não tem motivos para sentir vergonha de seu pai, Catrina. Ele é um poeta de renome em Dublin.

— Oh! Verdade? — Ela ficou eufórica. Há semanas tentava encontrar um modo de descobrir o destino do pai.

Mas, como se adivinhasse os pensamentos dela, Dominic continuou sua explicação.

— Patrick Fogarty alcançou a fama e vive muito bem... casado e com quatro filhos. Segundo Alice, ele nunca soube de sua existência e seria bastante perturbador para todos se você se apresentasse como filha dele!

— É, você tem razão. Não irei procurá-lo. Mas o problema continua o mesmo... sou filha ilegítima.

— Problema? Minha família jamais poderia censurar essa situação, sabe? Todos se orgulham em contar que a avó do meu pai era o fruto de uma união entre um dos herdeiros do trono da Inglaterra e uma belíssima cigana!

Subitamente, Catrina sentiu-se envolvida pelos braços de Dominic e abandonou-se aos beijos ávidos.

— Você não pode recusar meu pedido de casamento, Catrina. — Ele parou de beijá-la, mas não a soltou de seus braços. — A família toda está à sua espera!

— Bem... é uma decisão difícil demais. — Catrina deu um sorriso emocionado. — Ou eu aceito ou fico sozinha neste mausoléu lúgubre, tornando-me uma velha maníaca como Lady Prudence, contando centavos...

Dominic a interrompeu com um novo beijo. Dominado pelo desejo, ele desabotoou o corpete do vestido.

— O que acha de verificarmos se a magia existente entre nós é real ou só existiu enquanto era uma paixão proibida? — brincou ele. — Agora já não estamos mais cometendo um crime!

A magia, porém se tornou ainda mais envolvente. Não existia mais o medo de serem descobertos, a necessidade de controlar as emoções intensas por causa de uma sociedade puritana. Estavam livres para se abandonar à paixão!

